OS FANTAMAS SÃO REAIS E MORAM DENTRO DE NÓS

RILEY SAGER



A CASA DA ESCURIDÃO ETERNA

DARKSIDE

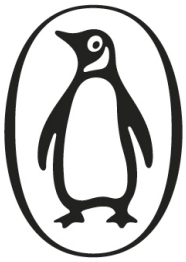
TAMBÉM POR RILEY SAGER

Garotas Finais

A última vez que menti

Tranque todas as portas

Uma marca da Penguin Random House LLC
penguinrandomhouse. com



Copyright © 2020 por Todd Ritter
Penguin suporta direitos autorais. Os direitos autorais estimulam a criatividade, incentivam diversas vozes, promovem a liberdade de expressão e criam uma cultura vibrante. Obrigado por adquirir uma edição autorizada deste livro e por cumprir as leis de direitos autorais ao não reproduzir, digitalizar ou distribuir qualquer parte dele, de qualquer forma, sem permissão. Você está apoiando escritores e permitindo que a Penguin continue a publicar livros para todos os leitores.
DUTTON e o colofão D são marcas registradas da Penguin Random House LLC.
“Sixteen Going on Seventeen”, de A Noviça Rebelde. Letra de Oscar Hammerstein II. Música de Richard Rodgers. Copyright © 1959 Williamson Music Company a/c Concord Music Publishing. Direitos autorais renovados. Todos os direitos reservados. Usado com permissão. Reimpresso com permissão de Hal Leonard LLC.
BIBLIOTECA DE DADOS DE CATALOGAÇÃO EM PUBLICAÇÃO DO CONGRESSO
Nomes: Sager, Riley, autor.
Título: Casa antes de escurecer: um romance / Riley Sager.
Identificadores: LCCN 2019059645 | ISBN 9781524745172 (capa dura) | ISBN 9781524745189 (e-book)
Disciplinas: LCSH: Ficção psicológica. | GSAFD: Ficção de suspense. | Ficção de terror.
Classificação: LCC PS3618.I79 H66 2020 | DDC813/.6—dc23
Registro LC disponível em https://lccn.loc.gov/2019059645
Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produto da imaginação do autor ou são usados de forma fictícia, e qualquer

semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, negócios, empresas, eventos ou locais é mera coincidência.
pid_prh_5.5.0_c0_r0

Para quem conta histórias de fantasmas. . . e aqueles que acreditam neles.

CONTEÚDO

Cobrir
Também por Riley Sager
Folha de rosto
direito autoral
Dedicação
A Casa dos Horrores, de Ewan Holt
Prólogo: 1º de julho
Um
20 de maio: o passeio
Dois
25 de junho: o encerramento
Três
26 de junho: Dia 1
Quatro
27 de junho: dia 2
Cinco
28 de junho: dia 3
Seis
29 de junho: Dia 4
Sete
30 de junho: dia 5
Oito
1º de julho: dia 6
Nove
2 de julho: dia 7
Dez
3 de julho: dia 8
Onze
4 de julho: Dia 9
Doze
5 de julho: dia 10
Treze
6 de julho: dia 11
Quatorze
7 de julho: dia 12

Quinze
8 de julho: dia 13
Dezesseis
9 de julho: dia 14
Dezessete
10 de julho: dia 15
Dezoito
11 de julho: dia 16
Dezenove
12 de julho: dia 17
Vinte
13 de julho: dia 18
Vinte e um
14 de julho: dia 19
Vinte e dois
15 de julho: dia 20 – antes de escurecer
Vinte e três
15 de julho: dia 20 – depois do anoitecer
Vinte e quatro
Vinte e cinco
Vinte e seis
Epílogo
Casa dos Segredos de Maggie Holt
Agradecimentos
Sobre o autor

Cada casa tem uma história para contar e um segredo para partilhar.

O papel de parede da sala de jantar pode esconder marcas de lápis que mostram o crescimento das crianças que viveram lá décadas antes. Sob aquele linóleo desbotado pelo sol poderia haver madeira que já foi pisada por soldados da Guerra Revolucionária.

As casas estão sempre mudando. Camadas de tinta. Fileiras de laminado. Rolos de carpete. Eles encobrem as histórias e segredos de uma casa, silenciando-os até que alguém apareça para revelá-los.

Isto é o que eu faço.

Meu nome é Maggie Holt. Sou designer e, em muitos aspectos, historiador. Procuro a história de cada casa e tento convencê-la. Tenho orgulho do trabalho que faço. Eu sou bom nisso.

Eu escuto.

Eu aprendo.

Utilizo esse conhecimento para projetar um interior que, embora totalmente moderno, sempre fale com o passado da casa.

Cada casa tem uma história.

A nossa é uma história de fantasmas.

Também é mentira.

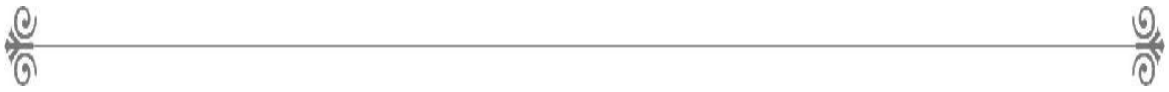
E agora que mais uma pessoa morreu dentro destas paredes, finalmente chegou a hora de dizer a verdade.

HOUSE DEHERROS

UMA HISTÓRIA VERDADEIRA

Ewan Holt

MURRAY-HAMILTON, INC.,
NOVA IORQUE, NY



PRÓLOGO
1º DE JULHO

“Papai, você precisa verificar se há fantasmas.”

Parei na porta do quarto da minha filha, assustado daquele jeito que todos os pais ficam quando o filho diz algo realmente confuso. Como Maggie tinha cinco anos, suponho que deveria estar acostumada. Eu não estava. Especialmente com um pedido tão inesperadamente estranho.

"Eu faço?"

“Sim,” Maggie disse, insistente. “Eu não os quero no meu quarto.”

Até aquele momento, eu não tinha ideia de que minha filha sabia o que era um fantasma, muito menos temia que alguém estivesse ocupando seu quarto. Mais de um, aparentemente. Notei sua escolha de palavras.

Eles.

Eu culpei a casa por esse novo desenvolvimento. Já estávamos em Baneberry Hall há quase uma semana — tempo suficiente para notar suas excentricidades, mas não o suficiente para nos acostumarmos com elas. A mudança repentina das paredes. Os barulhos da noite. Um ventilador de teto que, quando girava a toda velocidade, soava como um estalar de dentes.

Maggie, tão sensível quanto qualquer garota da sua idade, estava claramente tendo problemas para se adaptar a tudo isso. Na noite anterior, na hora de dormir, ela me perguntou quando voltaríamos para nossa antiga casa, um apartamento triste e escuro de dois quartos em Burlington. Agora havia fantasmas com os quais enfrentar.

“Suponho que não pode doer”, eu disse, fazendo a vontade dela. “Onde devo procurar primeiro?”

“Debaixo da cama.”

Nenhuma surpresa aí. Eu tive o mesmo medo quando tinha a idade de Maggie, certo de que algo terrível se escondia na escuridão, centímetros abaixo de onde eu dormia. Caí de joelhos e dei uma rápida olhada debaixo da cama. Tudo o que havia ali era uma fina camada de poeira e uma única meia rosa.

“Tudo limpo”, anunciei. “Onde será o próximo?”

“O armário”, disse Maggie.

Eu presumi isso e já estava indo até o armário do quarto. Esta seção da casa – apelidada de “ala de Maggie” porque continha não apenas o quarto dela, mas também uma sala de jogos adjacente – estava localizada no segundo andar, sob o beiral do telhado inclinado. Por causa do teto inclinado do quarto, metade da velha porta de carvalho do armário também estava inclinada. Abri-lo me fez

pensar em um chalé de contos de fadas, o que foi um dos motivos pelos quais decidimos que o espaço deveria pertencer a Maggie.

“Nada no armário”, eu disse, fazendo uma demonstração de puxar a corrente pendurada na única lâmpada do armário e espiar entre os cabides cobertos com roupas. “Em algum outro lugar?”

Maggie apontou um dedo indicador trêmulo para o enorme armário que ficava de sentinela a poucos metros do armário. Era uma relíquia do passado da casa. Um estranho. Mais de dois metros e meio de altura. Sua base estreita gradualmente se alargou para uma seção central formidável antes de diminuir repentinamente novamente no topo. Coroando-a havia esculturas de querubins, pássaros e ramos de hera que subiam pelos cantos. Achei que, assim como a porta do armário, dava ao quarto de Maggie um toque de magia literária. Isso me trouxe à mente viagens a Nárnia.

Mas quando abri as portas duplas do armário, Maggie respirou fundo, preparando-se para qualquer terror que ela pensava estar esperando lá dentro.

“Tem certeza que quer que eu abra?” Perguntei.

"Não." Maggie fez uma pausa e depois mudou de ideia. "Sim."

Abri as portas do armário, expondo um espaço ocupado apenas por alguns vestidos com babados que minha esposa havia comprado com a esperança de que nossa filha moleca algum dia pudesse usá-los.

“Está vazio”, eu disse. "Ver?"

Do seu lugar na cama, Maggie espiou dentro do armário antes de soltar um suspiro de alívio.

“Você sabe que não existem fantasmas, certo?” Eu disse.

"Você está errado." Maggie deslizou mais fundo sob as cobertas. “Eu os vi.”

Olhei para minha filha, tentando não parecer assustada, embora estivesse. Eu sabia que ela tinha uma imaginação ativa, mas não achei que fosse tão vívida. Tão vívido que ela viu coisas que não existiam e acreditou que eram reais.

E ela acreditou. Eu poderia dizer pela maneira como ela olhou para mim, lágrimas acumulando nos cantos de seus olhos arregalados. Ela acreditou, e isso a aterrorizou.

Sentei-me na beira da cama dela. “Fantasmas não são reais, Mags. Se você não acredita em mim, pergunte à sua mãe. Ela lhe dirá a mesma coisa.

“Mas eles são,” Maggie insistiu. “Eu os vejo o tempo todo. E um deles fala comigo. Senhor Sombra.”

Um arrepio percorreu minha espinha. “Senhor Sombra?”

Maggie deu um único e temeroso aceno de cabeça.

“O que o senhor Shadow diz?”

“Ele diz...” Maggie engoliu em seco, tentando conter as lágrimas. “Ele diz que vamos morrer aqui.”



Um

Desde o momento em que entro no escritório, sei como as coisas vão correr. Já aconteceu antes. Muitas vezes para contar. E embora cada incidente tenha pequenas variações, o resultado é sempre o mesmo. Não espero nada menos que isso, especialmente quando a recepcionista me oferece um sorriso conhecedor enquanto o reconhecimento brilha em seus olhos. Está claro que ela conhece bem o Livro.

A maior bênção da minha família.

Também nossa maior maldição.

“Tenho um encontro marcado com Arthur Rosenfeld”, digo. “O nome é Maggie Holt.”

“Claro, senhorita Holt.” A recepcionista me dá uma rápida olhada, comparando e contrastando a garotinha sobre a qual ela leu com a mulher parada diante dela com botas surradas, calças cargo verdes e uma camisa de flanela salpicada de serragem. "Senhor. Rosenfeld está em uma ligação agora. Ele estará com você em apenas um minuto.”

A recepcionista – identificada como Wendy Davenport pela placa em sua mesa – aponta para uma cadeira perto da parede. Sento-me enquanto ela continua a olhar em minha direção. Presumo que ela esteja verificando a cicatriz na minha bochecha esquerda – um corte claro com cerca de dois centímetros de comprimento. É bastante famoso, no que diz respeito às cicatrizes.

“Eu li o seu livro”, diz ela, afirmando o óbvio.

Não posso deixar de corrigi-la. “Você quer dizer o livro do meu pai.”

É um equívoco comum. Embora meu pai seja considerado o único autor, todos presumem que todos nós tivemos algo a ver com isso. E embora isso possa ser verdade para minha mãe, não desempenhei absolutamente nenhum papel no Livro, apesar de ser um de seus personagens principais.

“Eu adorei”, continua Wendy. “Quando eu não estava morrendo de medo, é claro.”

Ela faz uma pausa e eu me encolho internamente, sabendo o que está por vir. Sempre acontece. Toda maldita vez.

“Como foi?” Wendy se inclina para frente até que seu amplo peito fique pressionado contra a mesa. “Morando naquela casa?”

A pergunta que inevitavelmente se faz sempre que alguém me conecta ao Livro. Até agora, tenho uma resposta padrão pronta. Aprendi desde cedo que isso é necessário e por isso sempre o mantenho à mão, como algo que carrego na minha caixa de ferramentas.

“Eu realmente não me lembro de nada daquela época.”

A recepcionista arqueia uma sobrancelha exagerada. "Nada mesmo?"

“Eu tinha cinco anos”, eu digo. “Quanto você se lembra daquela idade?”

Na minha experiência, isso encerra a conversa cerca de 50% das vezes. Os meramente curiosos entendem a dica e seguem em frente. Os interessados mórbidos não desistem tão facilmente. Achei que Wendy Davenport, com suas bochechas de maçã e roupa da Banana Republic, seria a primeira opção. Acontece que estou errado.

“Mas a experiência foi tão assustadora para sua família”, diz ela. “Eu certamente me lembraria de pelo menos algo sobre isso.”

Existem várias maneiras de fazer isso, dependendo do meu humor. Se eu estivesse em uma festa, relaxado e generoso depois de alguns drinques, provavelmente a agradaria e diria: “Lembro-me de sentir medo o tempo todo, mas sem saber por quê”.

Ou “Suponho que foi tão assustador que bloqueei tudo”.

Ou, um eterno favorito: “Algumas coisas são assustadoras demais para serem lembradas”.

Mas não estou em uma festa. Nem sou relaxado e generoso. Estou em um escritório de advocacia, prestes a receber o espólio de meu pai recentemente falecido. Minha única opção é ser franco.

“Nada disso aconteceu”, digo a Wendy. “Meu pai inventou tudo. E quando digo tudo isso, quero dizer tudo. Tudo naquele livro é mentira.

A expressão de Wendy muda de curiosidade arregalada para algo mais duro e sombrio. Eu a desapontei, embora ela devesse se sentir grata por eu estar sendo honesto com ela. É algo que meu pai nunca achou necessário.

Sua versão da verdade diferia muito da minha, embora ele também tivesse uma resposta pronta, cujo roteiro nunca vacilou, não importa com quem ele estivesse falando.

“Eu menti sobre muitas coisas na minha vida”, ele teria dito a Wendy Davenport, exalando charme. “Mas o que aconteceu em Baneberry Hall não é um deles. Cada palavra desse livro é verdadeira. Juro pelo Grande Todo-Poderoso.”

Isso está de acordo com a versão pública dos acontecimentos, que é mais ou menos assim: Há vinte e cinco anos, a minha família vivia numa casa chamada Baneberry Hall, situada nos arredores da aldeia de Bartleby, Vermont.

Mudamos em 26 de junho.

Fugimos na calada da noite de 15 de julho.

Vinte dias.

Esse foi o tempo que vivemos naquela casa antes de ficarmos com muito medo de ficar mais um minuto.

Não era seguro, meu pai disse à polícia. Algo estava errado com Baneberry Hall. Coisas inexplicáveis aconteceram lá. Coisas perigosas.

A casa estava, admitiu ele com relutância, assombrada por um espírito malévolo.

Juramos nunca mais voltar.

Sempre.

Esta admissão – detalhada no relatório oficial da polícia – foi notada por um repórter do jornal local, um panfleto glorificado conhecido como Bartleby Gazette. O artigo que se seguiu, incluindo muitas citações de meu pai, logo foi divulgado pela agência de notícias do estado e chegou aos jornais maiores das cidades maiores. Burlington e Essex e Colchester. A partir daí, espalhou-se como um resfriado pernicioso, saltando de cidade em cidade, de cidade em cidade, de estado em estado. Aproximadamente duas semanas depois do nosso retiro, um editor em Nova Iorque telefonou-nos com uma oferta para contar a nossa história em forma de livro.

Como estávamos morando em um quarto de motel que cheirava a fumaça velha e ambientador de limão, meu pai aceitou a oferta. Ele escreveu o livro em um mês, transformando o minúsculo banheiro do quarto do motel em um escritório improvisado. Uma das minhas primeiras lembranças é dele sentado de lado no vaso sanitário, martelando uma máquina de escrever em cima da penteadeira do banheiro.

O resto é história de publicação.

Best-seller instantâneo.

Fenômeno mundial.

O relato mais popular da “vida real” sobre o paranormal desde The Amityville Horror.

Por um tempo, Baneberry Hall foi a casa mais famosa da América. As revistas escreveram sobre isso. Os noticiários fizeram reportagens sobre isso. Os turistas se reuniam do lado de fora do portão de ferro forjado da propriedade, buscando vislumbrar o telhado ou ver o brilho da luz do sol refletindo nas janelas. Chegou até ao The New Yorker, em um desenho animado que foi veiculado dois meses depois que o livro chegou às lojas. Mostra um casal parado com seu corretor de imóveis do lado de fora de uma casa em ruínas. “Adoramos”, diz a esposa. “Mas é assombrado o suficiente para um contrato de livro?”

Quanto a mim e minha família, bem, estávamos em todos os lugares. Na revista People, nós três com um ar sombrio em frente a uma casa onde nos recusamos a entrar. Em Time, meu pai estava sentado em um véu de sombra, dando-lhe uma aparência distintamente sinistra. Na TV, meus pais sendo mimados ou interrogados, dependendo do entrevistador.

No momento, qualquer pessoa pode ir ao YouTube e assistir a um clipe nosso sendo entrevistado no 60 Minutes. Lá estamos nós, uma família perfeita. Meu pai, desgrenhado, mas bonito, ostentando o tipo de barba que só voltaria à moda uma década depois. Minha mãe, bonita, mas com uma aparência um pouco severa, o aperto nos cantos da boca indica que ela não está totalmente de acordo com a situação. Então sou eu. Vestido azul com babados. Sapatos de couro envernizado. Uma faixa preta e uma franja muito lamentável.

Não falei muito durante a entrevista. Eu apenas balancei a cabeça ou balancei a cabeça ou agi de forma tímida ao me aproximar de minha mãe. Acho que minhas únicas palavras durante todo o segmento foram “Fiquei com medo”, embora não me lembre de ter sentido medo. Não consigo me lembrar de nada sobre nossos vinte dias em Baneberry Hall. O que me lembro é colorido pelo que está no Livro. Em vez de memórias, tenho trechos. É como olhar para a fotografia de uma fotografia. O enquadramento está desativado. As cores estão opacas. A imagem está ligeiramente escura.

Obscuro.

Essa é a palavra perfeita para descrever nosso tempo no Baneberry Hall.

Não deveria ser surpresa que muitas pessoas duvidem da história do meu pai. Sim, existem pessoas como Wendy Davenport que pensam que o Livro é real. Eles acreditam — ou querem acreditar — que nosso tempo em Baneberry Hall se desenrolou exatamente como meu pai descreveu. Mas milhares de pessoas acreditam veementemente que tudo foi uma farsa.

Eu vi todos os sites e tópicos do Reddit desmascarando o livro. Eu li todas as teorias. A maioria deles supõe que meus pais rapidamente perceberam que haviam comprado mais casa do que podiam pagar e precisavam de uma desculpa para sair dela. Outros sugerem que eram vigaristas que compraram propositalmente uma casa onde algo trágico aconteceu para explorá-la.

A teoria em que estou ainda menos inclinado a acreditar é que os meus pais, sabendo que tinham muito dinheiro nas mãos, queriam alguma forma de aumentar o valor da casa quando chegasse a altura de vendê-la. Em vez de gastar uma fortuna em reformas, eles decidiram dar ao Baneberry Hall outra coisa: uma reputação. Não é tão fácil. As casas consideradas mal-assombradas diminuem de valor, seja porque os potenciais compradores têm medo de morar lá ou porque simplesmente não querem lidar com a notoriedade.

Ainda não sei o verdadeiro motivo de termos saído tão de repente. Meus pais se recusaram a me contar. Talvez eles realmente estivessem com medo de ficar. Talvez eles temessem verdadeira e completamente por suas vidas. Mas sei que não foi porque Baneberry Hall era assombrado. A grande razão, claro, é que fantasmas não existem.

Claro, muitas pessoas acreditam neles, mas as pessoas acreditarão em qualquer coisa. Esse Papai Noel é real. Que não pousamos na lua. Que Michael Jackson está vivo e bem e negociando blackjack em Las Vegas.

Acredito na ciência, que concluiu que quando morremos, morremos. Nossas almas não ficam para trás, permanecendo como gatos vadios até que alguém nos perceba. Não nos tornamos versões sombrias de nós mesmos. Nós não assombramos.

Minha total falta de lembranças sobre Baneberry Hall é outra razão pela qual considero o Livro uma besteira. Wendy Davenport estava certa ao presumir que uma experiência tão aterrorizante deixaria alguma marca sombria em minha memória. Acho que teria me lembrado de ter sido arrastado até o teto por uma força invisível, como afirma o Livro. Eu teria

me lembrado de ter sido sufocado com tanta força por alguma coisa que deixou marcas de mãos em meu pescoço.

Eu teria me lembrado do senhor Shadow.

O fato de não me lembrar de nada disso significa apenas uma coisa: nada disso aconteceu.

No entanto, o Livro me acompanhou durante a maior parte da minha vida. Sempre fui a garota esquisita que viveu em uma casa mal-assombrada. Na escola primária, eu era um pária e, portanto, precisava ser evitado a todo custo. No ensino médio, eu ainda era uma pária, só que naquela época tudo era legal, o que me tornava a garota mais relutantemente popular da minha turma. Depois veio a faculdade, quando pensei que as coisas iriam mudar, como se ficar longe dos meus pais fosse de alguma forma me livrar do Livro. Em vez disso, fui tratado como uma curiosidade. Não exatamente evitado, mas fez amizade com cautela ou estudou à distância.

Namorar era uma droga. A maioria dos meninos não chegaria perto de mim. A maioria dos que o fizeram eram fanboys de House of Horrors, mais interessados em Baneberry Hall do que em mim. Se um namorado em potencial demonstrasse um pingo de entusiasmo em conhecer meu pai, eu sabia o que estava acontecendo.

Agora trato qualquer amigo ou amante em potencial com uma forte dose de ceticismo. Depois de muitas festas do pijama tendo um tabuleiro Ouija empurrado para mim ou “encontros” que terminaram em um cemitério e me perguntaram se vi algum fantasma entre os túmulos, não posso deixar de duvidar das intenções das pessoas. A maioria dos meus amigos já existe há muito tempo. Na maioria das vezes, fingem que o Livro não existe. E se alguns deles estão curiosos sobre o tempo que minha família passou em Baneberry Hall, eles sabem o suficiente para não me perguntar sobre isso.

Depois de todos esses anos, minha reputação ainda me precede, embora eu não me considere famoso. Eu sou famoso. Recebo e-mails de estranhos chamando meu pai de mentiroso ou dizendo que vão orar por mim ou procurando maneiras de se livrar do fantasma que eles têm certeza de que está preso em seu porão. Ocasionalmente serei contatado por um podcast paranormal ou um daqueles programas de caçadores de fantasmas, pedindo uma entrevista. Recentemente, uma convenção de terror me convidou para um encontro com uma das crianças da casa de Amityville. Eu recusei. Espero que o garoto de Amityville também tenha feito isso.

Agora aqui estou, enfiado em uma cadeira que range em um escritório de advocacia em Beacon Hill, ainda sofrendo com a chicotada emocional semanas após a morte de meu pai. Meu humor atual é uma parte de irritação (Obrigada, Wendy Davenport.) e duas partes de tristeza. Do outro lado da mesa, um advogado imobiliário detalha as muitas maneiras pelas quais meu pai continuou a lucrar com o Livro. As vendas continuaram a um ritmo agradavelmente modesto, com um pico anual nas semanas que antecederam o Halloween. Hollywood continuou a telefonar semi-regularmente, mais recentemente com uma opção que meu pai nunca se preocupou em me contar, de transformá-la em uma série de TV.

"Seu pai era muito inteligente com o dinheiro", diz Arthur Rosenfeld.

Seu uso do pretérito traz uma pontada de tristeza. É mais um lembrete de que meu pai realmente se foi e não apenas está em uma longa viagem para algum lugar. O luto é complicado assim. Ele pode permanecer oculto por horas, tempo suficiente para que o pensamento mágico se estabeleça. Então, quando você estiver bem e vulnerável, ele saltará sobre você como um esqueleto de uma casa de diversões, e toda a dor que você pensava ter desaparecido voltará com força total. Ontem estava ouvindo a banda preferida do meu pai no rádio. Hoje dizem que, como único beneficiário do meu pai, receberei cerca de quatrocentos mil dólares.

O valor não é uma surpresa. Meu pai me contou isso nas semanas anteriores à sua morte. Uma conversa estranha, mas necessária, ainda mais desconfortável pelo fato de minha mãe ter optado por não buscar participação nos lucros do Livro quando se divorciaram. Meu pai implorou que ela mudasse de ideia, dizendo que ela merecia metade de tudo. Minha mãe discordou.

"Eu não quero participar disso", ela dizia durante uma de suas muitas discussões sobre o assunto. "Nunca fiz isso, desde o início."

Então eu entendo tudo. O dinheiro. Os direitos do livro. A infâmia. Assim como minha mãe, me pergunto se ficaria melhor sem nada disso.

"Depois, há a questão da casa", diz Arthur Rosenfeld.

"Que casa? Meu pai tinha um apartamento.

"Baneberry Hall, é claro."

A surpresa sacode meu corpo. A cadeira em que estou range.

"Meu pai era dono do Baneberry Hall?"

"Ele fez", diz o advogado.

“Ele comprou de novo? Quando?"

Arthur coloca a mão na mesa, os dedos entrelaçados. “Até onde eu sei, ele nunca vendeu.”

Permaneço imóvel, paralisado pelo choque, deixando tudo penetrar. Baneberry Hall, o lugar que supostamente aterrorizou tanto minha família que não tivemos escolha a não ser ir embora, está em posse de meu pai há vinte e cinco anos.

Presumo que ou ele não conseguiu se livrar dela — o que é possível, considerando a reputação da casa — ou não quis vendê-la. O que pode significar uma série de coisas, nenhuma das quais faz sentido. Tudo o que sei com certeza é que meu pai nunca me disse que ainda era o dono.

"Tem certeza?" — digo, esperando que Arthur tenha cometido algum erro terrível.

"Positivo. Baneberry Hall pertencia ao seu pai. O que significa que agora é seu. Bloqueie, estoque e barril, como se costuma dizer. Suponho que deveria lhe dar isso.

Arthur coloca um molho de chaves sobre a mesa e as empurra em minha direção. Há dois deles, ambos presos a um chaveiro simples.

“Um abre o portão da frente e o outro a porta da frente”, diz ele.

Olho para as chaves, hesitante em pegá-las. Não tenho certeza sobre aceitar esta parte da minha herança. Fui criado para temer Baneberry Hall, por razões que ainda não são claras para mim. Embora eu não acredite na história oficial do meu pai, ser dono da casa não me agrada.

Depois, há a questão do que meu pai disse em seu leito de morte, quando deliberadamente optou por não me dizer que ainda era dono de Baneberry Hall. O que ele disse agora ecoa na minha memória, me fazendo estremecer.

Não é seguro lá. Não para você.

Quando finalmente pego as chaves, elas ficam quentes em minha mão, como se Arthur as tivesse colocado em cima de um aquecedor. Eu enrolo meus dedos em torno deles, seus dentes mordendo minha palma.

É quando sou atingido por outra onda de tristeza. Desta vez está tingido de frustração e mais do que um pouco de descrença.

Meu pai está morto.

Ele escondeu a verdade sobre Baneberry Hall durante toda a minha vida.

Agora sou dono do lugar. O que significa que todos os seus fantasmas, sejam reais ou imaginários, também são meus.

20 DE MAIO

O passeio

Sabíamos no que estávamos nos metendo. Afirmar o contrário seria uma mentira descarada. Antes de decidirmos comprar o Baneberry Hall, já nos contaram sua história.

“A propriedade tem um grande passado, acredite”, disse nossa corretora de imóveis, uma mulher parecida com um pássaro em um terno preto chamada Janie June Jones. “Há muita história lá.”

Estávamos no Cadillac prateado de Janie June, que ela dirigia com a agressividade de quem dirige um tanque. À mercê de sua direção, tudo o que Jess, Maggie e eu podíamos fazer era aguentar firme e torcer pelo melhor.

"Bom ou mal?" Eu disse enquanto puxava meu cinto de segurança, certificando-me de que estava seguro.

“Um pouco dos dois. O terreno era propriedade de William Garson. Um madeireiro. O homem mais rico da cidade. Foi ele quem construiu o Baneberry Hall em 1875.

Jess saltou do banco de trás, onde estava sentada com os braços protetoramente em volta de nossa filha. “Salão Baneberry. Esse é um nome incomum.

“Suponho que sim”, disse Janie June enquanto dirigia o carro para fora da cidade de uma maneira brusca que fazia o Cadillac desviar constantemente de um lado para o outro da pista. "Senhor. Garson deu-lhe o nome da planta. Reza a história que quando comprou o terreno, a encosta estava coberta de frutos vermelhos. Os moradores da cidade disseram que parecia que toda a colina estava inundada de sangue.”

Olhei para Janie June do meu lugar no banco do passageiro da frente, verificando se ela realmente conseguia ver por cima do volante. “O baneberry não é venenoso?”

"Isso é. Tanto o tipo vermelho quanto o branco.

“Então, não é um lugar ideal para uma criança”, eu disse, imaginando Maggie, loucamente curiosa e vorazmente faminta, colocando punhados de frutas vermelhas na boca quando não estávamos olhando.

“Muitas crianças viveram felizes lá ao longo dos anos”, disse Janie June. “Todo o clã Garson viveu naquela casa até a Grande Depressão, quando perderam dinheiro como todo mundo. A propriedade foi comprada por um produtor de

Hollywood que a usou como casa de férias para ele e seus amigos astros de cinema. Clark Gable ficou lá. Carole Lombard também.

Janie June desviou o carro da estrada principal e entrou em um caminho de cascalho que cortava entre duas casas situadas à beira de um imponente bosque de Vermont. Compactos e arrumados, ambos tinham tamanho e formato semelhantes. A casa à esquerda tinha paredes amarelas, venezianas vermelhas e cortinas azuis nas janelas. O da direita era marrom escuro e mais rústico, com revestimento de cedro fazendo com que se misturasse com a floresta.

“Essas também foram construídas pelo Sr. Garson”, Janie June nos informou. “Ele fez isso cerca de um ano após a construção da casa principal. Um chalé para a governanta de Baneberry Hall e outro para o zelador. Isso ainda acontece hoje, embora nenhum deles trabalhe exclusivamente para a propriedade. Mas eles estão disponíveis conforme a necessidade, caso você fique sobrecarregado.”

Ela nos levou mais fundo na floresta de pinheiros, bordos e carvalhos imponentes, não diminuindo a velocidade até que um portão de ferro forjado bloqueando a estrada apareceu à frente. Ao ver isso, Janie June pisou no freio. O Cadillac parou.

“Aqui estamos”, disse ela.

O portão erguia-se diante de nós, alto e imponente. Flanqueando-a havia um muro de pedra de três metros de altura que se estendia pela floresta em ambas as direções. Jess observou tudo do banco de trás com uma preocupação mal disfarçada.

“Isso é um pouco demais, você não acha?” ela disse. “Esse muro circunda toda a propriedade?”

“Sim”, Janie June disse enquanto estacionava o carro. “Confie em mim, você ficará grato por estar lá.”

"Por que?"

Janie June ignorou a pergunta, optando por vasculhar sua bolsa e acabou encontrando um molho de chaves. Virando-se para mim, ela disse: “Importa-se de ajudar uma senhora idosa, Sr. Holt?”

Juntos, saímos do carro e abrimos o portão, Janie June cuidando da fechadura enquanto eu abria o portão com um gemido alto e enferrujado. Logo estávamos novamente no carro, passando pelo portão e iniciando uma longa viagem que serpenteava como um saca-rolhas por uma colina inesperadamente íngreme. À medida que subíamos mais alto, tive vislumbres de um prédio por entre as árvores. Uma janela alta aqui. Uma fatia de telhado ornamentado ali.

Salão Baneberry.

“Depois que as estrelas de cinema chegaram e partiram, o lugar se tornou uma pousada”, disse Janie June. “Quando isso faliu depois de três décadas, mudou de mãos algumas vezes. Os proprietários anteriores moravam aqui há menos de um ano.”

“Por que tão pouco tempo?” Eu disse.

Novamente, a pergunta foi ignorada. Eu teria pressionado Janie June para obter uma resposta se naquele momento não tivéssemos chegado ao topo da colina, dando-me a primeira visão completa de Baneberry Hall.

Com três andares de altura, ficava pesado e agourento no centro do topo da colina. Era uma bela estrutura. Com paredes de pedra e majestoso. O tipo de casa que nos deixa boquiabertos, e foi exatamente o que fiz enquanto espiava pelo para-brisa cheio de insetos do Cadillac de Janie June.

Era muita casa. Muito maior do que realmente precisávamos ou, em circunstâncias normais, poderíamos pagar. Passei os últimos dez anos em revistas, primeiro como freelancer numa época em que o salário era bom, depois como editor colaborador em uma publicação que faliu após dezenove edições, o que me forçou a voltar a trabalhar como freelancer numa época em que o salário era nojento. A cada dia que passava, Maggie crescia enquanto nosso apartamento parecia menor. Jess e eu lidamos com isso discutindo muito. Sobre dinheiro, principalmente.

E o futuro.

E qual de nós estava transmitindo as características mais negativas para nossa filha.

Precisávamos de espaço. Precisávamos de uma mudança.

A mudança chegou a todo vapor, com dois incidentes que alteraram vidas ocorrendo no espaço de semanas. Primeiro, o avô de Jess, um banqueiro da velha escola que fumava charutos em sua mesa e chamava sua secretária de “Querida”, morreu, deixando-lhe US$ 250 mil. Então Jess conseguiu um emprego como professora em uma escola particular nos arredores de Bartleby.

Nosso plano era usar o dinheiro do avô dela para comprar uma casa. Depois ela iria trabalhar enquanto eu ficava em casa para cuidar de Maggie e me concentrar em escrever. Artigos freelance, claro, mas também contos e, espero, minha versão do Grande Romance Americano.

Uma casa como Baneberry Hall não era exatamente o que tínhamos em mente. Jess e eu concordamos em procurar algo bom, mas acessível. Uma casa que seria fácil de administrar. Um lugar onde poderíamos crescer.

Quando Janie June sugeriu o Baneberry Hall, eu recusei a ideia. Então ela nos informou o preço pedido, que era metade do valor avaliado da propriedade.

“Por que o preço é tão baixo?” eu tinha perguntado.

“É um conserto”, respondeu Janie June. “Não que haja grandes problemas. O lugar só precisa de um pouco de TLC.”

Pessoalmente, Baneberry Hall parecia menos um consertador e mais uma vítima de negligência. A casa em si parecia estar em bom estado, embora um pouco excêntrica. Cada nível era ligeiramente menor que o anterior, dando à casa a aparência de um bolo de casamento sofisticado. As janelas do primeiro andar eram altas, estreitas e arredondadas no topo. Devido à natureza encolhida do segundo andar, as janelas eram menos altas, mas não menos majestosas. O terceiro andar, com seu telhado fortemente inclinado, tinha janelas reduzidas a ponto de parecerem um par de olhos olhando para nós.

Dois terços da casa foram construídos de forma rígida como uma grade, com paredes retas e linhas limpas. O outro terço era completamente diferente, quase como se o arquiteto tivesse ficado entediado no meio da construção. Em vez da eficiência de uma caixa, aquele canto do Baneberry Hall se projetava para fora em uma torre circular que fazia parecer que um farol atarracado havia sido transportado da costa do Maine e anexado à casa. As janelas eram quadrados bem organizados que pontilhavam o exterior em intervalos irregulares. No topo havia um telhado pontiagudo que lembrava um chapéu de bruxa.

No entanto, eu podia sentir a inquietação da casa. O silêncio parecia envolver o lugar, dando-lhe a sensação de um lar subitamente desocupado. Um ar de abandono agarrava-se às paredes como hera.

“Por que você disse que ficaríamos gratos por aquele portão?” — disse Jess, que já havia se inclinado entre os dois bancos da frente para ter uma visão melhor da casa. “Houve muito crime aqui?”

“De jeito nenhum”, disse Janie June, parecendo nada convincente. “A casa recebe muitos olhares, só isso. Sua história atrai curiosos como moscas. Não são moradores da cidade, veja bem. Eles estão acostumados com o lugar. Mas pessoas de fora da cidade. Adolescentes, especialmente. Eles são conhecidos por pular o muro de vez em quando.”

"E fazer o que?" Jess perguntou.

“Coisas típicas de criança. Tomando algumas cervejas na floresta. Talvez algum lenço. Nada criminoso. E nada com que se preocupar, eu juro. Agora vamos levá-lo para dentro. Garanto que você vai gostar do que vê.”

Nós nos reunimos na varanda da frente enquanto Janie June tirava as chaves do cofre pendurado na maçaneta da porta. Ela então respirou fundo, seus ombros acolchoados subindo e descendo. Pouco antes de abrir a porta, ela fez o sinal da cruz.

Nós a seguimos para dentro de casa. Ao passar pela soleira, um arrepio de ar me percorreu, quase como se tivéssemos passado repentinamente de um clima para outro. Na época, considerei isso um rascunho. Uma daquelas coisas estranhas e inexplicáveis que sempre parecem ocorrer em lares de uma certa idade.

O frio não durou muito. Apenas alguns passos, enquanto passávamos do vestíbulo arrumado para uma espécie de grande sala que se estendia da frente até os fundos da casa. Com um teto de pelo menos seis metros de altura e sustentado por vigas expostas, lembrava-me o lobby de um grande hotel. Uma escadaria igualmente grandiosa subia até o segundo andar em uma curva graciosa.

Acima de nós, um enorme lustre de latão pendia do teto, seus dois decks de braços enrolados como tentáculos de polvo e cristais pingando. Na ponta de cada braço havia um globo de vidro fumê. Enquanto estávamos embaixo dele, notei o lustre balançando levemente, quase como se alguém estivesse pisando forte no chão acima dele.

“Tem mais alguém na casa?” Eu disse.

“Claro que não”, respondeu Janie June. "Porque você pensaria isso?"

Apontei para o lustre ornamentado acima de nossas cabeças, ainda balançando suavemente.

Janie June encolheu os ombros em resposta. “Provavelmente é apenas uma lufada de ar desde quando abrimos a porta da frente.”

Com uma mão firme nas minhas costas e nas de Jess, ela nos guiou mais fundo na sala grande. Dominando a parede à direita havia uma enorme lareira de pedra. Um bônus durante os invernos brutais de Vermont.

“Há um correspondente do outro lado da parede”, disse Janie June. “Na Sala Índigo.”

Eu estava mais interessado no retrato acima da lareira – a imagem de um homem com trajes da virada do século. Suas feições eram duras. Nariz estreito e pontudo. Maçãs do rosto tão afiadas quanto canivetes. Olhos escuros espiavam por baixo de pálpebras pesadas e sobrancelhas tão brancas e espessas quanto a barba do homem.

“William Garson”, disse Janie June. “O homem que construiu este lugar.”

Olhei para a pintura, fascinado pela forma como o artista foi capaz de retratar o Sr. Garson com detalhes tão vívidos. Notei as leves rugas de diversão ao redor de seus olhos, os pelos finos de sua sobrancelha arqueada, o ligeiro arrepio nos cantos de sua boca. Em vez de algo reverencial, o retrato retratava alguém arrogante, quase desdenhoso. Como se o Sr. Garson estivesse rindo do artista

enquanto posava para ele, o que por sua vez fazia parecer que ele também estava rindo de mim.

Maggie, que segurou minha mão durante todo o passeio, ficou na ponta dos pés para ter uma visão melhor do retrato.

“Ele é assustador”, ela sussurrou.

Eu tive que concordar. William Garson, pelo menos nas mãos deste artista, parecia capaz de grande crueldade.

Ao nosso lado, Jess estudava o retrato, esfregando a mão no queixo. “Se comprarmos esta casa, aquela pintura será um caso perdido.”

“Não tenho certeza se isso é possível”, disse Janie June enquanto esticava um braço para bater no canto inferior da moldura – a única área que ela conseguia alcançar. “Está pintado diretamente na pedra.”

Olhei mais de perto, vendo que ela estava certa. Uma seção retangular da lareira foi construída com tijolos em vez de pedra, dando ao pintor uma superfície mais lisa para trabalhar.

“Então é realmente um mural”, eu disse.

Janie June assentiu. “A moldura é apenas para exibição.”

"Por que alguém faria isso?"

“Acho que sim, o Sr. Garson sempre faria parte do Baneberry Hall. Ele era, segundo todos os relatos, um homem possessivo. Suponho que você poderia remover o retrato, embora o custo fosse proibitivo.

“Isso é permitido, você acha?” Jess disse. “Certamente uma casa tão antiga e importante para a cidade foi considerada um marco histórico.”

“Acredite em mim”, disse Janie June, “a sociedade histórica não quer nada com este lugar”.

"Por que?" Eu disse.

“Você teria que perguntar a eles.”

Nos fundos da casa, a grande sala dava para uma sala de jantar formal destinada a uma família muito maior do que apenas nós três. Depois foi para a cozinha, acessada por uma escada entre a sala de jantar e a sala grande. Muito mais comprida do que larga, a cozinha ficava num subnível que se estendia por toda a largura do Baneberry Hall. Não é exatamente uma casa, nem um porão. Sua decoração refletia esse limbo inquieto. Mais perto da escada, era bastante elegante, com armários altos, paredes verdes e uma pia grande o suficiente para Maggie tomar banho.

Montados na parede havia pequenos sinos presos a espirais de metal. Contei vinte e quatro ao todo, dispostos em duas fileiras de doze. Acima de cada um havia uma etiqueta indicando uma parte diferente da casa. Alguns deles eram

apenas números, provavelmente remanescentes de quando Baneberry Hall era uma pousada. Outros ostentavam títulos mais elevados. Salão. Suíte Master. Sala Índigo.

“Esses sinos provavelmente não tocam há décadas”, disse-nos Janie June.

Mais para dentro da cozinha, a decoração começou a mudar, tornando-se mais escura e mais utilitária. Havia uma longa mesa de madeira, com a superfície cortada por lâminas de faca e escurecida por manchas feitas há muito tempo. Os armários terminavam, dando lugar a trechos de parede nua. Quando chegamos ao outro lado, todos os vestígios da cozinha haviam desaparecido, substituídos por um arco de pedra e uma série de degraus frágeis que levavam mais fundo no chão.

“É como uma caverna”, disse Jess.

“Tecnicamente, é o porão”, respondeu Janie June. “Embora seja definitivamente um pouco rústico, você pode transformá-lo em um espaço muito útil. Daria uma excelente adega.

“Eu não bebo”, disse Jess.

“E eu prefiro cerveja”, acrescentei.

Janie June sorriu ainda mais. “Que bom que há tantas outras coisas incríveis que você pode fazer com isso.”

Seu alegre desespero me disse que esta não era a primeira visita ao Baneberry Hall que ela fazia. Imaginei jovens casais como Jess e eu chegando com expectativas brilhantes que escurecevam a cada quarto que viam.

Eu era o oposto. Cada estranheza que a casa oferecia apenas aumentava meu interesse. Durante toda a minha vida, fui atraído pela excentricidade. Quando eu tinha seis anos e meus pais finalmente me permitiram comprar um cachorro, evitei os cães de raça pura de pelagem brilhante da loja de animais e fui direto para um vira-lata desalinhado. E depois de ficar enfiado em um apartamento tão indefinido que poderia muito bem ser invisível, eu estava ansioso por algo diferente. Algo com caráter.

Terminada a visita à cozinha, voltamos escada acima e para a frente da casa, onde o lustre dentro da grande sala agora brilhava.

"Isso não estava acontecendo antes, não é?" Perguntei.

Um sorriso nervoso cruzou o rosto de Janie June. "Eu acho que foi."

“E tenho certeza de que não foi”, eu disse. “Esta casa tem problemas elétricos?”

“Acho que não, mas vou verificar.”

Lançando mais um olhar ansioso para o lustre, Janie June rapidamente nos guiou para uma sala imediatamente à direita do vestíbulo.

“Sala de estar”, ela disse quando entramos na sala circular. Estava abafado por dentro, literal e figurativamente. Papel rosa desbotado cobria as paredes e panos cobertos de poeira pendiam sobre os móveis. Um dos panos havia caído, revelando uma imponente escrivaninha de cerejeira.

Jess, cujo pai trabalhava no comércio de antiguidades, correu para lá. “Isso deve ter pelo menos cem anos.”

“Provavelmente mais velha”, disse Janie June. “Muitos dos móveis pertenciam à família Garson. Ficou com a casa ao longo dos anos. Qual é o momento perfeito para lhe dizer que o Baneberry Hall está sendo vendido como está. Isso inclui os móveis. Você pode ficar com o que quiser e se livrar do resto.”

Jess acariciou distraidamente a madeira da mesa. “O vendedor não quer nada disso?”

“Nada”, Janie June disse balançando a cabeça tristemente. “Não posso dizer que a culpo.”

Ela então nos levou para o que ela chamava de Sala Índigo, que era, na verdade, pintada de verde.

“Uma surpresa, eu sei”, disse ela. “As paredes podem ter sido índigo outrora, mas duvido. Na verdade, o quarto recebeu o nome da filha de William Garson e não da cor.

Janie June apontou para a lareira, que combinava com a da sala grande em tamanho e extensão. Acima dele, também pintado sobre um retângulo de tijolos lisos, havia o retrato de uma jovem com um vestido roxo rendado. Sentado em seu colo, apoiado nas mãos enluvadas, estava um coelho branco.

“Indigo Garson”, disse Janie June.

A pintura era claramente obra do mesmo artista que fez o retrato de William Garson. Ambos tinham estilos idênticos – as pinceladas delicadas, a atenção meticulosa aos detalhes. Mas embora o Sr. Garson parecesse arrogante e cruel, o retrato de sua filha era uma visão de beleza juvenil. Toda pele luminosa e curvas suaves. Radiante a tal ponto que um leve halo circundava sua coroa de cachos dourados. Não teria me surpreendido saber que o artista, quem quer que fosse, se apaixonou um pouco por Indigo enquanto a pintava.

“Os Garsons eram uma grande família”, continuou Janie June. “William e sua esposa tiveram quatro filhos, que mais tarde formaram suas próprias grandes famílias. Indigo era a única filha. Ela tinha dezesseis anos quando morreu.

Dei um passo mais perto da pintura, meu olhar se concentrando no coelho nas mãos de Indigo Garson. A tinta estava levemente lascada – uma mancha faltando diretamente sobre o olho esquerdo do coelho que o fazia parecer uma órbita vazia.

"Como ela morreu?" Perguntei.

“Eu realmente não sei”, disse Janie June de uma forma que me fez pensar que sim.

Completamente desinteressada por mais uma pintura que não conseguimos remover, Jess atravessou a sala, fascinada por outra imagem: uma fotografia emoldurada que aparecia debaixo de um pano torto. Ela o pegou, revelando a foto de uma família parada em frente ao Baneberry Hall. Assim como nós, havia três deles. Pai, mãe, filha.

A menina parecia ter cerca de seis anos e era a cara de sua mãe. Ajudou o fato de ambos terem o mesmo penteado - longo nas costas e preso por bandanas - e usarem vestidos brancos semelhantes. Lado a lado, eles apertaram as mãos e olharam para a câmera com rostos abertos e brilhantes.

O pai manteve distância deles, como se tivesse recebido ordem de não ficar muito perto. Ele usava um terno amassado, alguns tamanhos maiores para seu corpo e uma expressão no rosto que lembrava uma carranca.

Deixando de lado a expressão desagradável, ele permaneceu inegavelmente bonito. Bonito como uma estrela de cinema, o que a princípio me fez pensar que essas pessoas tinham sido visitantes durante os anos de Hollywood do Baneberry Hall. Então percebi como eles pareciam modernos, com roupas que poderiam ser vistas nas ruas de qualquer cidade dos Estados Unidos. A única coisa antiquada neles eram os óculos da mulher – um par de óculos com armação redonda que a fazia parecer um pouco com Ben Franklin.

"Quem são eles?" Jess perguntou.

Janie June semicerrou os olhos para a foto, mais uma vez tentando agir como se não soubesse, quando estava claro que sim. Depois de mais alguns segundos de olhar semicerrado, ela disse: “Acredito que esses sejam os proprietários anteriores. Os Escultores.

Ela acenou com a cabeça em direção à foto, sinalizando para Jess colocá-la de volta onde a havia encontrado. Continuamos, a turnê acelerando, me fazendo pensar que Janie June não queria que fizéssemos mais perguntas. Rapidamente nos mostraram a sala de música, repleta de um piano de cauda com uma perna bamba e um conservatório repleto de plantas em vários estágios de decomposição.

“Espero que um de vocês tenha um dedo verde”, disse Janie June alegremente.

Ela nos levou para cima através de uma escada despretensiosa de criados entre a sala de jantar e o jardim de inverno. O segundo andar era dedicado a vários quartos e a uma espaçosa casa de banho no final do corredor.

Jess, que durante anos lamentou a falta de espaço em nosso apartamento em Burlington, ficou na suíte master, que ocupava a curva do segundo andar da torre e ostentava uma sala de estar e um banheiro adjacente.

Fiquei mais impressionado com uma área do outro lado do corredor. O quarto com teto inclinado e armário imponente parecia perfeito para Maggie. Suponho que foi a cama com dossel que me fez pensar isso. Era do tamanho certo para uma garota da idade dela.

“O armário é único”, disse Janie June. “William Garson fez um presente especial para sua filha. Este era o quarto dela.

Jess examinou-o com o olhar de avaliadora que herdou do pai. “Isso tudo é esculpido à mão?” ela disse enquanto passava a mão pelos querubins e pela hera que escalavam os cantos do armário.

“Claro”, disse Janie June. “Muito raro e, provavelmente, muito valioso.”

Maggie ficou na porta, espiando lá dentro.

“Este poderia ser o seu quarto, Mags,” eu disse a ela. "O que você acha daquilo?"

Maggie balançou a cabeça. “Eu não gosto disso.”

"Por que não?"

"Está frio."

Levantei a mão, tentando detectar um calafrio. A temperatura da sala parecia normal para mim. Na verdade, parecia um pouco quente.

“Tenho certeza de que você vai gostar disso”, eu disse.

O terceiro andar, para onde Janie June nos levou em seguida, tinha metade do tamanho do segundo. Em vez de um sótão, entramos em um escritório aberto e arejado com estantes embutidas cobrindo duas paredes e dois pares de janelas redondas que davam para a frente e para trás da propriedade. Eram, percebi, as janelinhas que eu vira quando chegamos. Aqueles que pareciam olhos.

“Este foi originalmente o estudo de William Garson”, disse Janie June.

E agora poderia ser meu. Imaginei-me diante da grande escrivaninha de carvalho no centro da sala. Adorei a ideia de interpretar o escritor torturado, martelando minha máquina de escrever até altas horas da noite, alimentado por café, inspiração e estresse. Pensar nisso fez com que um sorriso surgisse em meu rosto. Eu segurei, preocupada que Janie June notasse e pensasse que ela tinha a promoção na bolsa. Eu já temia ter expressado muito entusiasmo, daí o ritmo cada vez mais acelerado da turnê.

Os sentimentos da minha esposa eram mais difíceis de decifrar. Eu não tinha ideia do que Jess pensava do lugar. Durante todo o passeio, ela pareceu curiosa, embora cautelosa.

“Não é ruim”, Jess sussurrou enquanto descíamos para o segundo andar.

"Nada mal?" Eu disse. "Está perfeito."

“Admito que há muito o que amar nisso”, disse Jess, sendo cuidadosa como sempre. “Mas é antigo. E enorme.

“Estou menos preocupado com o tamanho do que com o preço.”

“Você acha que é muito alto?”

“Acho que é muito baixo”, eu disse. “Um lugar como este? Deve haver uma razão pela qual está listado tão baixo, além dos móveis.

Na verdade, havia, sobre o qual não soubemos até o final da turnê e Janie June nos conduzir de volta à varanda.

"Há alguma pergunta?" ela disse.

“Há algo errado com a casa?”

Eu deixei escapar sem preâmbulos, deixando Janie June parecendo um pouco chocada enquanto trancava a porta atrás de nós.

Enrijecendo os ombros, ela disse: — O que faz você pensar que algo está errado?

“Nenhuma casa deste tamanho tem um preço tão baixo, a menos que tenha grandes problemas.”

“Problemas? Não. Uma reputação? Essa é outra história.” Janie June suspirou e encostou-se na grade da varanda. “Serei franco com você, embora a lei estadual não exija que eu diga nada. Estou lhe contando porque, convenhamos, Bartleby é uma cidade pequena e as pessoas falam. Você ouvirá sobre isso de uma forma ou de outra se comprar este lugar. Poderia muito bem vir de mim. Esta casa é o que chamamos de propriedade estigmatizada.”

"O que isso significa?" Jess perguntou.

“Que algo ruim aconteceu aqui”, eu digo.

Janie June assentiu lentamente. “Para os proprietários anteriores, sim.”

“Aqueles daquela foto?” Jess disse. "O que aconteceu?"

"Eles morreram. Pelo menos dois deles fizeram isso.

"Na casa?"

“Sim”, respondeu Janie June.

Fiz Maggie ir brincar no gramado da frente, dentro do campo de visão, mas fora do alcance da voz, antes de perguntar: "Como?"

“Assassinato-suicídio.”

“Meu Deus”, disse Jess, com o rosto empalidecendo. "Isso é horrível."

Isso provocou outro aceno de Janie June. “Foi realmente horrível, Sra. Holt. Chocante também. Curtis Carver, o homem daquela foto que você encontrou,

matou a filha e depois a si mesmo. Sua pobre esposa encontrou os dois. Ela não voltou desde então.

Pensei na família da fotografia. Como a menina parecia feliz e inocente. Então me lembrei do pai parado à distância com aquela carranca no rosto.

“Ele era mentalmente instável?” Perguntei.

“Claramente”, disse Janie June. “Embora não de uma forma externa. Ninguém previu isso, se é isso que você está perguntando. Do lado de fora, a família parecia muito feliz. Curtis era querido e respeitado. A mesma coisa com Marta Carver, dona de uma padaria no centro da cidade. E aquela garotinha era simplesmente a coisa mais fofa. Cátia. Esse era o nome dela. A pequena Katie Carver. Ficamos todos chocados quando isso aconteceu.”

“Pobre Sra. Carver”, disse Jess. “Não consigo imaginar o que ela deve estar passando.”

Ela quis dizer cada palavra, tenho certeza. Jess era muito empática, especialmente com as dificuldades de outras mulheres. Mas também senti alívio em sua voz. Do tipo que vinha de uma certeza profunda de que ela nunca passaria por algo tão terrível quanto perder o marido e a filha no mesmo dia.

O que ela não sabia – o que ela não poderia saber até muito mais tarde – era o quão perto ela esteve de ver esse cenário acontecer com ela. Mas naquela tarde de maio, a única coisa que pensávamos era encontrar o lar perfeito para nossa família. Quando Janie June levou Maggie para passear pelo terreno para que Jess e eu pudéssemos conversar na varanda, eu imediatamente disse a ela que deveríamos comprar o lugar.

“Não é engraçado”, ela disse com uma fungada irônica.

"Estou falando sério."

“Depois de aprender isso? Pessoas morreram aqui, Ewan.

“Pessoas morreram em muitos lugares.”

“Estou bem ciente desse fato. Eu preferiria que nossa casa não fosse uma delas.”

Essa não era uma opção no que dizia respeito a Baneberry Hall. Sua história era sua história e não tínhamos controle sobre ela. Isso deixava uma de duas opções: procurar outro lugar ou tentar torná-lo um lugar tão feliz que todos os momentos ruins do passado não importassem mais.

“Vamos ser racionais sobre isso”, eu disse. “Eu amo a casa. Você ama a casa.

Jess me parou com o dedo indicador levantado. “Eu disse que havia muito o que amar. Não que eu me sentisse assim.”

“Pelo menos admita que é uma ótima casa.”

“É”, ela disse. “E em qualquer outra circunstância, eu já teria dito a Janie June que vamos comprá-lo. Só tenho medo de que, se vivermos aqui, o que aconteceu sempre pairará sobre nós. Eu sei que parece supersticioso, mas estou preocupado que isso se infiltre em nossas vidas de alguma forma.”

Coloquei meu braço em volta dos ombros dela e puxei-a para perto. “Não vai.”

"Como você pode ter tanta certeza?"

“Porque não vamos deixar. Aquele homem, aquele Curtis Carver, não estava bem. Somente um homem doente seria capaz de fazer o que fez. Mas não podemos permitir que as ações de uma pessoa perturbada nos afastem da casa dos nossos sonhos.”

Jess não disse nada. Ela simplesmente passou os braços em volta da minha cintura e pressionou a cabeça contra meu peito. Por fim, ela disse: “Você não vai aceitar um não como resposta, vai?”

“Digamos apenas que sei que todas as outras casas que olhamos ficarão empalidecidas em comparação.”

Isso provocou um suspiro de Jess. “Tem certeza de que é isso que você realmente quer?”

Era. Passamos anos confinados em um pequeno apartamento. Eu não conseguia me livrar da ideia de que um novo começo em uma casa tão grande e excêntrica como Baneberry Hall era exatamente o que precisávamos.

"Eu sou."

“Então acho que estamos fazendo isso”, disse ela.

Um sorriso se espalhou pelo meu rosto, mais amplo do que eu pensava ser possível. “Acho que sim.”

Um minuto depois, estávamos de volta ao carro de Janie June, eu tonto e sem fôlego enquanto dizia: “Nós aceitamos!”

Dois

Deixo o escritório de Arthur Rosenfeld atordoado, com as pernas instáveis enquanto desço a calçada de tijolos até o restaurante onde minha mãe está esperando. Apesar de ser um lindo dia de maio, o suor frio gruda na minha pele.

Embora eu esperasse uma onda de emoções durante a reunião de hoje – tristeza, culpa, muito arrependimento – a ansiedade não era uma delas. No entanto, um medo intenso e de acelerar o coração sobre a posse de Baneberry Hall é minha emoção predominante no momento. Se eu possuísse um pingo de superstição, estaria me preocupando com fantasmas e maldições e com os perigos que poderiam estar escondidos dentro dessas paredes. Ser a pessoa lógica que sou evoca um pensamento diferente. Um muito mais desesperador do que o sobrenatural.

O que exatamente vou fazer com o lugar?

Fora o que está no Livro, não sei nada sobre Baneberry Hall. Não é a sua condição. Não se alguém viveu lá nos últimos vinte e cinco anos. Eu nem sei quanto vale, o que me dá vontade de me culpar por estar atordoada demais para perguntar a Arthur.

Meu telefone toca no bolso quando viro a esquina na Beacon Street. Eu verifico, esperando com culpa que seja minha mãe cancelando o almoço no último minuto. Não tive essa sorte. Em vez disso, vejo uma mensagem de Allie me atualizando sobre o duplex em Telegraph Hill que estamos reformando. Duas unidades significam o dobro do trabalho, o dobro do custo e o dobro das dores de cabeça. Significa também o dobro do lucro, que foi o que nos atraiu para a propriedade.

Ladrilho em ambos os banheiros master. As banheiras com pés são as próximas.

Posso ajudar, respondo, procurando um bom motivo para cancelar.

Allie responde que está tudo bem sem mim. Outra decepção.

Como foi? ela escreve.

Surpreendentemente, escrevo de volta, sabendo que os acontecimentos da manhã são demais para serem discutidos por mensagem de texto. Conto tudo para vocês depois do almoço.

Diga a Jessica que ainda estou disponível para adoção, Allie acrescenta com um emoji de piscadela. Uma das muitas piadas entre nós é que minha mãe ficaria mais feliz se Allie, com seu cinto de ferramentas BeDazzled e sorriso pronto para HGTV, fosse sua filha.

Seria mais engraçado se não fosse verdade.

Guardo meu telefone no bolso e sigo em direção ao restaurante, um local sofisticado para almoçar, com janelas do chão ao teto que oferecem vista para Boston Common. Através do vidro, posso ver minha mãe já enfiada em uma cabine dos fundos. Pontual como sempre. Eu, por outro lado, estou cinco minutos atrasado. Como sei que minha mãe certamente mencionará isso, espero para entrar, observando enquanto ela toma um gole de seu martini, verifica o relógio e depois bebe novamente.

Embora ela tenha nascido e sido criada em Boston, morar em Palm Springs há uma década a faz parecer uma pessoa de fora da cidade. Quando eu era criança, ela tinha um estilo mais casual. Tons terrosos, vestidos fluidos, suéteres tricotados. Hoje, seu conjunto só pode ser descrito como estrela de cinema em final de carreira. Capris brancos. Uma blusa Lilly Pulitzer. Cabelo louro-claro preso em um rabo de cavalo severo. Completando o visual estão óculos de sol grandes que cobrem um terço do rosto. Ela raramente os tira, forçando sua boca com batom coral a fazer a emoção. Atualmente, ele fica franzido em desaprovação quando entro no restaurante e vou até a mesa.

“Quase pedi sem você”, ela diz, as palavras entrecortadas, como se as tivesse ensaiado.

Olho para sua taça de martini meio vazia. “Parece que você já fez isso.”

“Não seja fresco. Trouxe para você um gim-tônica. Ela abaixa os óculos escuros para estudar melhor minha roupa. "Foi isso que você usou para conhecer Arthur?"

“Eu estava em um local de trabalho antes. Não tive tempo de mudar.”

Minha mãe dá de ombros, indiferente à minha desculpa. “Vestir-se bem teria sido a coisa mais respeitosa a fazer.”

“Foi uma reunião”, eu digo. “Não é um serviço memorial.”

Isso havia acontecido um mês antes, em uma funerária a poucos quarteirões de onde estamos agora. Poucas pessoas compareceram. Nos últimos anos, meu pai se tornou um pouco eremita, isolando-se de quase todo mundo. Embora estivessem divorciados há vinte e dois anos — e como meu pai nunca se casou novamente —, minha mãe obedientemente sentou-se comigo na primeira fila. Atrás de nós estavam Allie e meu padrasto, um incorporador imobiliário gentil, mas chato, chamado Carl.

Minha mãe voltou no fim de semana para, nas palavras dela, oferecer apoio emocional. Isso significa um gin tônico, com muito peso no primeiro. Quando chega, o primeiro gole me deixa tonto. Mas funciona. A batida do gin e a efervescência da tônica são um bálsamo contra as surpresas de hoje.

"Então, como foi?" minha mãe pergunta. “A última vez que falei com seu pai, ele disse que estava deixando tudo para você.”

"E ele fez." Eu me inclino para frente, acusadoramente. “Incluindo Baneberry Hall.”

"Oh?" minha mãe diz, fazendo um péssimo trabalho fingindo surpresa. Ela tenta disfarçar levando o martini aos lábios e tomando um gole forte.

“Por que papai não me disse que ele ainda era o dono? Aliás, por que você não fez isso?

“Não achei que fosse minha função”, diz minha mãe, como se isso já a tivesse impedido antes. “Era a casa do seu pai, não minha.”

“Ao mesmo tempo, pertenceu a vocês dois. Por que você não vendeu então?

Minha mãe evita a pergunta fazendo uma própria.

"Você está dormindo?"

O que ela realmente está perguntando é se ainda tenho os terrores noturnos que me atormentam desde a infância. Sonhos horríveis com figuras escuras me observando dormir, sentadas na beira da cama, tocando minhas costas. Minha infância foi repleta de noites em que eu acordava ofegante ou gritando. Era outro jogo que aquelas vadias em treinamento gostavam de fazer durante a festa do pijama da escola primária: ver Maggie dormir e gritar.

Embora os terrores noturnos não fossem tão frequentes depois que cheguei à adolescência, eles nunca desapareceram completamente. Ainda os tomo uma vez por semana, o que me rendeu uma prescrição vitalícia de Valium.

“Principalmente,” eu digo, deixando de fora como eu tomei um na noite anterior. Um braço longo e escuro saiu de baixo da minha cama para agarrar meu tornozelo.

O Dr. Harris, meu ex-terapeuta, me disse que elas são causadas por sentimentos não resolvidos em relação ao Livro. Foi por isso que parei de fazer terapia. Não precisei de duas sessões por mês para ouvir o óbvio.

Minha mãe atribui uma causa diferente aos terrores noturnos, que ela afirma toda vez que nos vemos, inclusive agora.

“É estresse”, diz ela. “Você está trabalhando demais.”

"Eu gosto assim."

"Você está vendo alguém?"

“Estou vendo o duplex que estamos reformando”, digo. "Isso conta?"

“Você é muito jovem para trabalhar tanto. Eu me preocupo com vocês, meninas.

Não posso deixar de notar o modo como minha mãe coloca Allie e eu juntas, como se fôssemos irmãs e não colegas de trabalho que se tornaram parceiras de negócios. Eu projeto. Allie constrói. Juntos, reviramos quatro casas e reformamos três.

“Estamos desenvolvendo um negócio”, digo à minha mãe. “Isso não acontece sem—”

Paro, percebendo que fiz exatamente o que ela planejou e me desviei totalmente do caminho. Tomo um bom gole de gim-tônica, em parte por aborrecimento — com minha mãe, comigo mesmo — e em parte para me preparar para o que vem a seguir.

Questões.

Muitos deles.

Coisas que minha mãe não vai querer ouvir e tentará não responder. Eu não vou deixá-la escapar impune. Não dessa vez.

“Mãe”, eu digo, “por que realmente saímos de Baneberry Hall?”

“Você sabe que não falamos sobre isso.”

Sua voz contém um tom de advertência. A última vez que ouvi isso eu tinha treze anos e estava passando por uma série de fases propositadamente planejadas para testar a paciência de minha mãe. Fase de maquiagem inadequada. Fase sarcástica. Fase do mentiroso habitual, durante a qual passei três meses contando uma série de invenções escandalosas com a

esperança de que meus pais cedessem e finalmente admitissem que eles também haviam mentido.

Naquele dia, minha mãe tinha acabado de descobrir que eu matava aula para passar o dia perambulando pelo Museu de Belas Artes. Saí da aula dizendo à secretária da escola que contraí E. coli ao comer alface romana contaminada. Minha mãe estava, obviamente, furiosa.

“Você, mocinha, está com sérios problemas”, disse ela no caminho da sala do diretor para casa. “Você está de castigo por um mês.”

Virei-me no banco do passageiro, atordoado. "Um mês?"

“E se você fizer uma façanha como essa novamente, serão seis meses. Você não pode continuar mentindo assim.

“Você e papai mentem o tempo todo”, eu disse, irritado com a injustiça de tudo isso. “Você fez disso uma carreira. Falando sobre aquele livro idiota sempre que puder.

A menção do Livro fez minha mãe estremecer. “Você sabe que não gosto de discutir isso.”

"Por que?"

“Porque isso era diferente.”

"Como? Como as coisas que você disse são diferentes do que estou fazendo? Pelo menos minhas mentiras não estão machucando ninguém.”

Um rubor de raiva subiu pelas bochechas de minha mãe. “Porque eu não disse coisas só para me vingar dos meus pais. Eu não disse isso com a única intenção de ser uma vadia mentirosa.”

“É preciso conhecer alguém”, eu disse.

A mão direita da minha mãe voou do volante e bateu na minha bochecha esquerda — um golpe tão repentino e doloroso que tirou o ar dos meus pulmões.

“Nunca mais me chame de mentirosa”, disse ela. “E nunca, em hipótese alguma, me pergunte sobre esse livro. Você entende?"

Balancei a cabeça, minha mão pressionada em minha bochecha, a pele ali mais quente que uma queimadura de sol. Foi a única vez que me lembro de um dos meus pais me batendo. Provavelmente porque deixou uma marca. Durante dois dias, o hematoma da bofetada da minha mãe eclipsou a minha cicatriz. Até hoje, nunca mais mencionei o Livro para ela.

Pensar naquele dia sempre traz uma dor de memória. Coloco meu gim-tônica na bochecha e digo: — Precisamos começar a conversar sobre isso,

mãe.

“Você leu o livro”, diz minha mãe. “Você sabe o que aconteceu.”

“Não estou falando sobre o relato ficcional de papai. Estou falando sobre a verdade.

Minha mãe engole o resto do martini. “Se você queria isso, deveria ter perguntado ao seu pai quando teve a chance.”

Ah, eu fiz. Muitas vezes. Como meu pai nunca havia me agredido, continuei tentando fazê-lo admitir a verdade sobre Baneberry Hall. Eu gostava de fazer a pergunta quando ele estava distraído, esperando que ele cometesse um deslize e me desse uma resposta honesta. No café da manhã, pouco antes de ele colocar a torrada francesa no meu prato. No cinema, assim que as luzes diminuíram. Uma vez, tentei enquanto estávamos no primeiro jogo da World Series e o home run de três corridas de Big Papi estava zunindo em direção ao nosso canto do campo externo.

Cada vez, obtive a mesma resposta. “O que aconteceu, aconteceu, Mags. Eu não mentiria sobre algo assim.”

Mas ele fez. Em público. Na TV nacional.

Embora amasse meu pai incondicionalmente, também o considerava o homem mais desonesto que já conheci. Isso foi difícil para eu, adolescente, entender. Ainda é difícil na idade adulta.

Eventualmente, parei de perguntar a ele sobre o Livro. Meu final da adolescência e meus vinte anos passaram sem nenhuma pergunta. Mais de uma década de coisas não ditas. Era mais fácil desse jeito. A essa altura, eu sabia que minha família preferia um silêncio tenso a falar com o elefante em forma de livro na sala.

Só quando faltava uma semana para completar meus trinta anos é que tentei novamente. E mesmo assim foi apenas porque eu sabia que era minha última e melhor chance de obter respostas.

O fim do meu pai estava à vista há dias – tempo suficiente para eu ter a ideia de que sua morte seria marcada por um clima condizente com nosso relacionamento tempestuoso. Nuvens escuras no céu e relâmpagos. No entanto, o seu último suspiro surgiu num dia brilhante de Abril, com o sol a nascer alto num céu impecável, o seu brilho amarelo acompanhado pelo florescimento da forsítia do lado de fora da janela do hospício.

Não falei muito nas últimas horas de vida do meu pai. Eu não sabia o que dizer e duvidava que meu pai fosse entender, mesmo que eu o fizesse.

Ele estava quase inconsciente no final, e certamente não estava lúcido depois que o gotejamento de morfina o levou a um estado de confusão onírica. Seu único momento de clareza ocorreu menos de uma hora antes de sua morte — uma mudança tão inesperada que me fez pensar se eu também estava sonhando.

“Maggie”, disse ele, olhando para mim com olhos subitamente livres de confusão e dor. “Prometa-me que você nunca mais voltará lá. Jamais."

Não havia necessidade de perguntar do que ele estava falando. Eu já sabia.

"Por que não?"

“Isso... não é seguro lá. Não para você."

Meu pai estremeceu diante de uma onda de dor, deixando claro que logo perderia a consciência, provavelmente para sempre.

“Eu nunca vou voltar. Eu prometo."

Eu disse isso rapidamente, preocupado que fosse tarde demais e que meu pai já tivesse morrido. Mas ele ainda estava comigo. Ele até conseguiu dar um sorriso enfraquecido pela dor e disse: “Essa é minha boa menina”.

Coloquei minha mão na dele, chocada com o quão pequena ela era. Quando eu era menina, suas mãos pareciam tão grandes, tão fortes. Agora o meu cabe perfeitamente em cima do dele.

“Está na hora, pai”, eu disse. “Você ficou em silêncio por tempo suficiente. Você pode me dizer por que realmente partimos. Eu sei que nada disso é verdade. Eu sei que você inventou tudo. Sobre a casa. Sobre o que aconteceu lá. Não há problema em admitir isso. Eu não vou culpar você. Eu não vou julgar você. Eu só preciso saber por que você fez isso.

Eu comecei a chorar, dominado pela emoção. Meu pai estava fugindo e eu já sentia falta dele, embora ele ainda estivesse ali, e eu estava tão perto de descobrir a verdade que todo o meu corpo zumbia.

“Diga-me,” eu sussurrei. "Por favor."

A boca do meu pai se abriu, duas palavras se formando entre suas respirações difíceis. Ele os empurrou um por um, cada um soando como um silvo na sala silenciosa.

"Então. Desculpe."

Depois disso, toda a luz deixou meu pai. Mesmo que ele tecnicamente permanecesse vivo por mais cinquenta minutos, considero esse o momento

de sua morte. Ele estava na terra das sombras, um reino do qual eu sabia que ele nunca mais retornaria.

Nos dias que se seguiram, não me detive nessa conversa final. Eu estava muito entorpecido pela dor e muito ocupado com os preparativos para o funeral para pensar nisso. Só depois que aquela provação exaustiva terminou é que me dei conta de que ele nunca me deu uma resposta adequada.

“Perguntar ao papai não é mais uma opção”, digo à minha mãe. “Você é tudo que me resta. E é hora de conversarmos sobre isso.

“Não vejo por quê.” Minha mãe olha por cima do meu ombro, procurando desesperadamente nosso garçom para pegar outra bebida. “Tudo isso é história antiga.”

Uma bolha de frustração se forma em meu peito. Uma que vem sendo construída desde a noite em que saímos de Baneberry Hall, inflada um pouco mais a cada dia. Pelo divórcio deles, que tenho certeza que foi causado pelo sucesso do Livro. Por cada pergunta desviada pelo meu pai. Pelas provocações implacáveis dos colegas. Por cada encontro estranho com alguém como Wendy Davenport. Durante vinte e cinco anos, cresceu inabalavelmente, ficando cada vez maior, quase explodindo.

“São as nossas vidas”, eu digo. "Minha vida. Estou associado a esse livro desde os cinco anos. As pessoas lêem e pensam que me conhecem, mas o que leram é mentira. A percepção que eles têm de mim é uma mentira. E eu nunca soube como lidar com isso porque você e papai nunca quiseram falar sobre o Livro. Mas estou te implorando, por favor, fale sobre isso.”

Bebo o resto do gim-tônica, segurando o copo com as duas mãos porque eles começaram a tremer. Quando nosso garçom passa, também peço outro.

“Eu nem saberia por onde começar”, diz minha mãe.

“Você pode começar com as últimas palavras do papai. ‘Sinto muito.’ Foi o que ele disse, mãe. E preciso saber por quê.

“Como você sabe que ele estava falando sobre o livro?”

Porque ele estava. Tenho certeza disso. Essa conversa final teve a sensação de uma confissão. Agora, a única pessoa que sabe o que meu pai estava confessando está sentada bem na minha frente, aguardando ansiosamente outra dose de vodca.

“Diga-me o que ele quis dizer”, eu digo.

Minha mãe tira os óculos escuros, revelando uma suavidade nos olhos que raramente vi na idade adulta. Acho que é porque ela sente pena de mim. Também acho que significa que estou prestes a aprender a verdade.

“Seu pai era um escritor muito bom”, diz ela. “Mas ele teve suas lutas. Com bloqueio de escritor. Com dúvidas. Ele teve muitas decepções antes de nos mudarmos para Baneberry Hall. Essa foi uma das razões pelas quais compramos. Para começar de novo em um novo lugar. Ele pensou que isso o inspiraria. E, por um tempo, aconteceu. Aquela casa e todos os seus problemas e peculiaridades — era um tesouro de novas ideias para o seu pai. Ele teve a ideia de um livro sobre uma casa mal-assombrada. Um romance."

“Mas papai escreveu não-ficção”, digo, pensando nas capas de revistas que estavam penduradas em seu apartamento, emolduradas com orgulho. Escudeiro. Pedra rolando. O Nova-iorquino. Durante seu apogeu, ele contribuiu para todos eles.

“É por isso que ele era conhecido, sim. E essa era a única coisa que seus contatos no mundo editorial queriam dele. Fatos, não ficção. Verdade, não mentiras.

Entendo implicitamente para onde essa história está indo. Como meu pai não conseguiu fechar um contrato para um romance típico, ele decidiu seguir um caminho diferente. Faz-de-conta mascarado de algo verdadeiro.

“Seu pai percebeu que para que isso funcionasse, precisaríamos fazer com que parecesse autêntico. O que significava deixar Baneberry Hall e contar à polícia por que partimos. Minha mãe faz uma pausa tímida. “Eu sei que tudo parece tão ridículo agora. Mas parecia algo que poderia ser realizado se feito com cuidado. Concordei porque, bem, eu amava seu pai. Eu acreditei nele. E, para ser sincero, odiei aquela casa.

“Então, nada disso era real?”

“Há alguma verdade por trás disso. A história de Baneberry. As coisas sobre a família Carver. E o teto da cozinha, infelizmente. Embora isso tenha sido causado por um cano estourado e não, bem, você sabe. Quanto aos fantasmas que seu pai disse que você viu, não passavam de seus pesadelos.

“Eu já tinha terrores noturnos naquela época?”

“Foi quando eles começaram”, diz minha mãe. “Seu pai se inspirou em tudo, embora o resultado final tenha sido principalmente ficção.”

Eu estava certo – o Livro é uma mentira. Não tudo disso. Mas as partes importantes. Aqueles que nos envolvem.

E senhor Sombra.

Sempre pensei que, se algum dia me contassem a verdade, seria como se um peso fosse tirado dos meus ombros. Isso não acontece. Qualquer alívio que eu possa sentir é temperado pela frustração com todo aquele segredo inútil. Quando eu era criança, o Livro me tornou objeto de curiosidade para alguns e excluído para outros. Ser contado a verdade pode não ter mudado isso, mas eu com certeza teria sido capaz de lidar melhor com isso. Perceber que algumas dessas dores de crescimento poderiam ter sido evitadas enche meu coração de uma dor intensa e lancinante.

"Por que você nunca me contou?"

“Nós queríamos”, diz minha mãe com um suspiro. “Quando chegasse a hora certa. Isso é o que sempre dissemos. ‘Quando chegar a hora certa, contaremos a verdade a Maggie.’ Mas a hora certa parecia nunca chegar. Especialmente quando o livro teve mais sucesso do que imaginávamos.”

"Você estava preocupado que eu contasse a alguém?"

“Estávamos preocupados que você ficasse desapontado conosco”, diz ela. "Seu pai especialmente."

Ela está presumindo que eu já não estava decepcionado com anos de mentiras e todas as coisas que não foram ditas. Mas eu estava. Poucas coisas na vida são mais decepcionantes do que saber que seus pais não estão sendo honestos com você.

“Nada disso importa.” Minha voz falha e percebo que estou contendo as lágrimas. "Você deveria ter me contado."

“Tudo o que você tem é por causa desse livro”, diz minha mãe. “Colocava comida na mesa e roupas nas costas. A House of Horrors pagou por toda a sua educação. Sem falar na herança que você acabou de receber. Não sabíamos como você reagiria se descobrisse que tudo foi por causa de uma mentira.”

“Foi por isso que você e papai se divorciaram?”

Outra coisa sobre a qual não falamos. Quando eles se separaram, a única coisa que meus pais me disseram, aos oito anos, foi que eu moraria em dois apartamentos em vez de um. Esqueceram de mencionar que minha mãe ficaria em um dos apartamentos e meu pai no outro, nunca mais morando sob o mesmo teto. Levei semanas para descobrir isso sozinho. E

levei anos para parar de pensar que o divórcio foi de alguma forma minha culpa. Mais um trauma juvenil que poderia facilmente ter sido evitado.

“Principalmente”, diz minha mãe. “Tivemos problemas antes disso, é claro. Não éramos um casal perfeito de forma alguma. Mas depois que o livro foi publicado, cansei de mentir constantemente. E temendo que a verdade fosse revelada. E me sentindo culpado por tudo isso.”

“É por isso que você se recusou a aceitar dinheiro do papai”, digo.

“Eu só queria me livrar de tudo. Em troca, prometi ao seu pai que nunca lhe contaria a verdade. Minha mãe suspira novamente. Mais triste desta vez. Uma exalação suave de derrota. “Acho que algumas promessas precisam ser quebradas.”

Os óculos escuros voltam a ser colocados, um sinal de que ouvi tudo o que ela está preparada para dizer sobre o assunto. É tudo? Provavelmente não. Mas é o suficiente para finalmente trazer aquela sensação de alívio que eu esperava. Finalmente a verdade, que acabou sendo exatamente o que eu suspeitava.

O almoço progride normalmente depois disso. Chegam nossas novas bebidas. Minha mãe me julga por trás dos óculos escuros quando peço um hambúrguer com bacon extra. Ela pega uma salada. Conto a ela sobre o duplex que Allie e eu estamos tentando mudar. Ela me conta como ela e Carl vão passar todo o mês de junho em Capri. Quando o almoço termina, minha mãe me surpreende com uma última menção ao Baneberry Hall. Cai casualmente enquanto ela paga a conta. Como uma reflexão tardia.

“A propósito, Carl e eu conversamos sobre isso e gostaríamos de comprar o Baneberry Hall de você. Pelo valor integral, é claro.

"Seriamente?"

“Se não estivéssemos falando sério, eu não teria tocado no assunto.”

“Isso é muito gentil da sua parte.” Faço uma pausa, agradecida, mas também subitamente apreensiva. Há algo mais acontecendo aqui. “Mas não posso simplesmente deixar você me dar dinheiro.”

“Não estamos”, minha mãe insiste. “Estamos comprando um imóvel. É isso que Carl faz.”

“Mas nenhum de nós sabe em que condições se encontra”, digo. “Ou quanto vale.”

“Basta avaliar a casa enquanto estivermos fora e lhe daremos o valor total quando voltarmos. Rápido e simples. Nós reembolsaremos você pela

avaliação. Você nem precisará colocar os pés dentro do Baneberry Hall.”

Eu congelo, minha sensação de alívio desaparece em um instante. Porque embora as palavras deles sejam diferentes, a mensagem dos meus pais é a mesma.

Nunca volte lá.
Não é seguro lá.
Não para você.

O que significa que ainda não sei a verdade sobre Baneberry Hall. Talvez parte do que minha mãe acabou de me contar seja real, mas duvido. Se fosse esse o caso, por que ela e meu pai seriam tão inflexíveis quanto à minha não volta? Eles ainda estão, depois de todos esses anos, escondendo alguma coisa. A dor no meu coração volta, desta vez mais aguda, como se minha mãe tivesse acabado de enfiar o garfo que está segurando no meu peito.

“Você tem que admitir que é uma oferta muito generosa”, diz ela.

“É”, respondo, minha voz fraca.

“Diga-me que você pelo menos considerará isso.”

Olho para as lentes escurecidas de seus óculos de sol, desejando poder ver seus olhos e, portanto, possivelmente ler seus pensamentos. Ela pode dizer que eu sei que mentiram para mim mais uma vez? Ela consegue ver a dor e a decepção que estou usando toda a minha força de vontade para esconder?

“Eu vou”, digo, embora o que eu realmente queira fazer seja continuar implorando pela verdade.

Não, porque já sei que ela não vai fornecer. Não depois de todas as súplicas e súplicas do mundo. Se meu pai se recusou a fazer isso no leito de morte, não vejo razão para que minha mãe fizesse isso agora.

Isso me faz sentir como uma criança novamente. Não a garota estranha e assustada do livro, uma caracterização com a qual nunca me identifiquei. E não a minha versão tímida e muda naquela entrevista do 60 Minutes no YouTube. Sinto-me como quando tinha nove anos e, depois de ler o Livro pela primeira vez, tinha sede de respostas. A única diferença entre nós é que agora tenho algo que eu, aos nove anos, não tinha: acesso ao Baneberry Hall.

Enfio a mão no bolso, procurando as chaves que coloquei lá depois de sair do escritório de Arthur Rosenfeld.

Há uma frase que gosto de dizer aos potenciais compradores antes de visitarem uma propriedade renovada. Cada casa tem uma história para contar. Baneberry Hall não é diferente. A sua história – a verdadeira – ainda pode estar lá. Por que saímos. Por que meu pai se sentiu obrigado a mentir sobre isso. O que eu realmente experimentei lá. Tudo isso pode estar escondido dentro de suas paredes, esperando que eu o encontre.

“Estou feliz”, diz minha mãe. “Você está tão ocupado. A última coisa que quero é que você fique sobrecarregado com uma casa velha que não quer.

“Não vou nem pensar naquele lugar até que você e Carl voltem”, digo a ela. "Eu prometo."

Bebo meu gim-tônica e dou um sorriso falso para minha mãe, percebendo que ela me contou pelo menos um trecho da verdade durante o almoço.

Algumas promessas realmente precisam ser quebradas.

25 DE JUNHO
O encerramento

“Preciso que você faça uma promessa”, disse Jess enquanto dirigíamos para Baneberry Hall imediatamente após fechar o local.

“Eu prometo a você a lua”, respondi.

“Eu preciso de mais do que isso. Essa promessa tem a ver com a casa.”

Claro que sim. Acabamos usando a maior parte da herança de Jess para comprar Baneberry Hall de uma vez. Isso parecia mais sensato do que ficar sobrecarregado com uma hipoteca que, entre o salário de professor de Jess e meus escassos ganhos como freelancer, um dia poderíamos não conseguir pagar. E embora tenhamos comprado a casa muito barato, minhas mãos tremiam enquanto eu preenchia um cheque visado no valor total.

Eles ainda tremiam quando saí da estrada principal, a caminho de nossa nova casa. Embora só iríamos nos mudar no dia seguinte, Jess e eu queríamos passar por lá, principalmente para deixar claro que agora era realmente nosso.

“E daí?” Eu disse.

“Agora que estamos fazendo isso – de verdade, de verdade, sem volta atrás – preciso que você prometa que deixará o passado ficar no passado.”

Jess fez uma pausa, esperando que eu reconhecesse que entendi o que ela queria dizer. Como jornalista, era da minha natureza bisbilhotar, em busca das histórias que nos cercavam. E certamente passou pela minha cabeça que mudar para uma propriedade enorme onde um homem havia assassinado sua filha era uma história e tanto. Mas eu poderia dizer, pela expressão séria no rosto de Jess, que era um assunto que ela não queria que eu abordasse.

“Eu prometo”, eu disse.

“Estou falando sério, Ewan. Esse homem – e o que ele fez – é uma história que você não precisa investigar. Quando nos mudarmos para aquela casa amanhã, quero que finjamos que seu passado não existe.”

“Caso contrário, sempre estará pairando sobre nós”, concordei.

“Exatamente”, disse Jess com um aceno firme. “Além disso, há Maggie a considerar.”

Já havíamos concordado em não contar à nossa filha sobre o destino dos antigos residentes de Baneberry Hall. Embora soubéssemos que chegaria o dia em que Maggie precisaria saber o que aconteceu, isso poderia esperar alguns anos. Jess e eu evitamos conversar sobre o assunto até Maggie dormir profundamente ou, como aconteceu naquela tarde, ficar com a mãe de Jess.

“Juro para você que nunca pronunciarei o nome Curtis Carver na presença dela”, eu disse. “Assim como juro que não tenho intenção de tentar descobrir o que o fez explodir daquele jeito. Concordo com você: o passado está no passado.”

Nesse ponto, estávamos parando no portão da frente do Baneberry Hall, que já estava aberto. À nossa espera estava o zelador, um homem que parecia um espantalho, vestindo o uniforme do estado de Vermont: calças de veludo cotelê e camisa de flanela.

“Vocês devem ser os Holts”, disse ele quando saímos do carro. “Janie June disse que você passaria por aqui hoje. O nome é Hibbets. Walt Hibbets. Mas você pode me chamar de Hibbs. Todo mundo faz.

Ele sorriu, expondo um dente de ouro honesto. Em boa forma, forte e com quase setenta anos, ele me lembrou um personagem de um romance de Stephen King. Mesmo assim, fiquei encantado com seu jeito alegre e sua personalidade descomunal.

“Eu limpei todo o terreno para você”, disse ele. “E Elsa Ditmer deu uma boa esfregada na própria casa. Então você deve estar tudo pronto. Sabemos o que estamos fazendo, Elsa e eu. Nós crescemos aqui, nós dois. Nossas famílias trabalham no Baneberry Hall há décadas. Eu só queria alertá-lo caso precise de ajuda em tempo integral.

Honestamente, estávamos. Baneberry Hall era grande demais para cuidarmos adequadamente por conta própria. Mas a compra da casa significava que não sobrava muito dinheiro para mais nada. Isso incluía ajuda contratada.

“Sobre isso”, eu disse. “De vez em quando, podemos precisar dos seus serviços ou da Sra. Ditmer. Mas por enquanto...

“Você é um jovem vigoroso que pode fazer as coisas sozinho”, disse Hibbs com uma graciosidade inesperada. “Eu respeito e admiro isso. Eu também invejo isso. Como você pode ver, não sou nenhuma galinha da primavera.

“Mas com certeza ligarei para você se acontecer alguma coisa”, eu disse.

"Por favor faça." Ele apontou a cabeça na direção dos dois chalés pelos quais havíamos passado quando saímos da estrada principal. “Eu moro logo ali. Me avise se precisar de ajuda com alguma coisa. Mesmo no meio da noite.”

“Isso é muito gentil, mas não pretendo incomodar muito você.”

“Só estou avisando você.” Hibbs fez uma pausa de uma forma que só posso descrever como ameaçadora. “Você pode precisar da minha ajuda durante a hora das bruxas.”

Eu estava voltando para o carro, mas ouvir isso me deixou paralisado.

"O que você quer dizer com isso?"

Hibbs colocou um braço fino em volta do meu ombro e me puxou até que Jess estivesse fora do alcance da voz. Então, em voz baixa, ele disse: — Só quero ter certeza de que Janie June lhe contou tudo o que você precisa saber sobre aquela casa.

“Ela fez isso”, eu disse.

"Bom. É bom que você saiba no que está se metendo. Os Carver não estavam preparados para o lugar e, bem, quanto menos se falar sobre eles, melhor, suponho. Hibbs me deu um tapinha cordial nas costas. “Eu mantive você por tempo suficiente. Vá com a patroa e dê outra olhada em sua nova casa.

Então ele se foi, virando as costas para nós enquanto caminhava para sua cabana. Só quando estávamos de volta ao carro e navegando pelo caminho sinuoso de uma garagem é que fiquei impressionado com a estranheza da conversa.

“Hibbs perguntou se sabíamos no que estávamos nos metendo”, contei a Jess quando Baneberry Hall apareceu, tão grandioso quanto eu me lembrava. “No começo, pensei que ele estava falando sobre a família Carver.”

“Tenho certeza que sim”, disse Jess. "O que mais poderia ser?"

"Isso foi o que eu pensei. Mas então ele me disse que os Carvers não estavam preparados para o lugar, e agora estou me perguntando o que ele quis dizer com isso. Parei o carro em frente à casa e olhei para cima, para o par de janelas em forma de olhos no terceiro andar. Eles olharam de volta. “Você acha que algo mais aconteceu aqui? Algo antes dos Carvers se mudarem?

Jess me lançou um olhar que era inconfundivelmente um aviso para desistir.

“O passado está no passado, lembra?” ela disse. “A partir de agora, nos concentramos apenas no futuro.”

Com esse futuro em mente, saí do carro, pulei na varanda e destranquei a porta da frente. Então, com um floreio, ajudei Jess a sair do carro, peguei-a nos braços e carreguei-a até a porta. Um gesto romântico que nunca tive oportunidade de fazer quando nos casamos.

Nosso namoro foi um turbilhão. Fui professor adjunto dando uma aula sobre Novo Jornalismo na Universidade de Vermont. Jess estava lá fazendo mestrado em ensino fundamental. Nos conhecemos em uma festa organizada por um amigo em comum e passamos a noite discutindo In Cold Blood, de Truman Capote. Eu nunca conheci alguém como ela – tão despreocupada, brilhante e viva. Seu rosto se iluminava quando ela sorria, o que acontecia com frequência, e seus olhos eram como janelas para seus pensamentos. No final daquela noite, eu sabia que Jess era a mulher com quem eu queria passar o resto da minha vida.

Nos casamos seis meses depois. Seis meses depois disso, Maggie nasceu.

“Você quer batizar oficialmente este lugar agora ou amanhã?” Eu perguntei enquanto a colocava no vestíbulo.

“Agora,” Jess disse com uma piscadela. “Definitivamente agora.”

De mãos dadas, nos aprofundamos na casa. Parei um segundo depois, surpreendido pela visão do lustre pendurado no teto.

Estava ligado, brilhando intensamente.

Jess também percebeu e disse: “Talvez Hibbs tenha deixado ligado para nós”.

Eu esperava que fosse esse o caso. Caso contrário, isso significava que o problema de fiação que Janie June prometera investigar havia passado despercebido. Não me preocupei muito, porque a essa altura Jess estava me puxando em direção à escada curva, com um sorriso travesso e os olhos brilhando de travessura.

“Tantos quartos”, disse ela. “Talvez precisemos batizar todos eles.”

Eu a segui escada acima de bom grado, o lustre de repente esquecido. Tudo o que me importava era minha esposa, minha filha e a nova vida maravilhosa que teríamos dentro daquela casa.

Eu não tinha ideia do que Baneberry Hall realmente tinha reservado para nós. Como, apesar dos nossos melhores esforços, a sua história acabaria por ameaçar-nos sufocar. Como vinte dias dentro de suas paredes se tornariam um pesadelo.

Se soubéssemos disso, teríamos dado meia-volta, deixado Baneberry Hall e nunca mais voltado.

Três

Está quase escuro quando paro minha caminhonete em frente ao portão de ferro forjado. O céu tem a mesma tonalidade preto-púrpura de um hematoma. Do outro lado do portão, consigo distinguir vagamente a subida da estrada de cascalho que começa a subir pela floresta. No topo da colina, pouco visível através das árvores, há um pedaço de telhado escuro e uma lasca de vidro refletindo a luz pálida da lua nascente.

Salão Baneberry.

A própria casa dos horrores.

O aviso do meu pai ecoa em meus pensamentos.

Não é seguro lá. Não para você.

Eu o afasto ligando para Allie, anunciando que consegui chegar são e salvo.

“Como é o lugar?” ela diz.

"Não sei. Ainda não destranquei o portão.

Allie hesita um pouco antes de responder. “É normal ter dúvidas.”

"Eu sei."

“E não é tarde demais para mudar de ideia.”

Eu também sei disso. Eu poderia dar meia volta, voltar para Boston e aceitar a oferta da minha mãe de comprar o Baneberry Hall sem ser visto. Eu poderia tentar ficar bem sem nunca saber o verdadeiro motivo pelo qual partimos naquela noite de julho, há muito tempo atrás. Eu poderia fingir que meus pais não mentiram para mim durante a maior parte da minha vida e que essas mentiras não se tornaram parte de quem eu sou.

Mas não posso.

É inútil até tentar.

“Você sabe que preciso fazer isso”, digo.

“Eu sei que você acha que precisa fazer isso”, responde Allie. “Mas não vai ser fácil.”

O plano é passar o verão preparando o Baneberry Hall para ser vendido, com sorte, com lucro. Não será uma renovação completa. Certamente não tão extenso quanto o que Allie e eu fazemos regularmente. Eu penso nisso como uma grande renovação. Nova pintura e papel de parede. Polir a madeira e colocar ladrilhos novos. Restaure o que é utilizável e substitua o que não é. O mais ambicioso que conseguirei são os quartos que realmente vendem uma casa. Banheiros. Cozinha. Suíte master.

“Você faz parecer que eu nunca consertei uma casa velha antes.”

Isso provoca um suspiro em Allie. “Não é disso que estou falando.”

Ela está se referindo à outra parte do meu plano: procurar fragmentos de verdade que possam estar escondidos em cada canto e recanto. É a principal razão pela qual ela não vai se juntar a mim na reforma. Desta vez, como dizem nos filmes, é pessoal.

“Eu vou ficar bem”, digo a ela.

“Diz a mulher que ainda não saiu da caminhonete”, responde Allie, afirmando um fato que não posso negar. “Tem certeza de que está pronto para isso? E não amostras de tecido e caminhão cheio de equipamentos prontos. Emocionalmente pronto.”

"Eu penso que sim." É a resposta mais honesta que posso dar.

“E se a verdade que você procura não estiver lá?”

“Cada casa tem uma história”, digo.

“E Baneberry Hall já tem um”, responde Allie.

“Que foi escrito pelo meu pai. Eu não tinha absolutamente nada a dizer sobre isso, mas isso me afeta até hoje. E preciso pelo menos tentar aprender o verdadeiro enquanto ainda tenho chance.”

“Tem certeza de que não precisa de mim lá?” Allie diz gentilmente. “Se não for pelo apoio moral, será apenas pelo fato de que casas antigas podem ser complicadas. Eu me sentiria melhor sabendo que você teve alguma ajuda.

“Vou ligar se precisar de algum conselho”, digo.

“Não”, diz Allie. “Você ligará ou enviará mensagens de texto pelo menos uma vez por dia. Caso contrário, pensarei que você morreu em um acidente épico com uma serra de mesa.

Quando a ligação termina, saio da caminhonete e me aproximo do portão, que me deixa menor em pelo menos um metro e meio. É o tipo de portão que você provavelmente verá em um hospital psiquiátrico ou prisão.

Algo projetado não para manter as pessoas do lado de fora, mas para mantê-las dentro. Encontro a chave da fechadura, insiro-a e giro. Ele destrava com um barulho metálico.

Quase imediatamente, uma voz masculina — tão rouca quanto inesperada — surge na escuridão atrás de mim.

“Se você está procurando problemas, acabou de encontrar. Agora afaste-se daquele portão.”

Eu giro, minhas mãos levantadas como um ladrão pego no meio do trabalho. "Desculpe. Eu morava aqui.

Os faróis do caminhão, apontados para o centro do portão para me ajudar a enxergar melhor, agora acabam me cegando. Examino a escuridão atrás do caminhão até que a fonte da voz aparece na luz. Ele é alto e sólido – um copo de água gelada derramado em jeans e uma camiseta preta. Embora ele pudesse se passar por mais jovem, imagino que ele tenha pouco mais de quarenta anos, especialmente quando ele se aproxima e posso ver a barba por fazer em seu queixo.

“Você é namorada de Ewan Holt?” ele diz.

Uma pontada de irritação se forma na minha nuca. Posso ser filha de Ewan Holt, mas não sou namorada de ninguém. Deixei passar apenas porque esse homem parece ter conhecido meu pai.

"Sim. Maggie.”

O homem caminha em minha direção com a mão estendida. De perto, ele é muito bonito. Definitivamente na casa dos quarenta, mas compacto e musculoso de um modo que me faz pensar que ele ganha a vida fazendo trabalho manual. Eu trabalho com caras parecidos o tempo todo. Antebraços tensos com veias proeminentes que atingem os bíceps salientes. Por baixo da camiseta há um peito largo e uma cintura invejavelmente estreita.

“Eu sou o zelador”, diz ele, confirmando minha primeira impressão. “Meu nome é Dane. Dane Hibbets.

Meu pai mencionou um Hibbets no livro. Walt. Não Dane.

“Garoto do Hibbs?”

— O neto dele, na verdade — diz Dane, ou não entendendo minha escolha de palavras ou decidindo ignorá-las. “Walt morreu há alguns anos. Eu meio que entrei e assumi. O que significa que provavelmente deveria parar de ficar aqui e ajudá-lo com este portão.”

Ele passa para me ajudar a abri-la, ele puxando de um lado e eu empurrando o outro.

“A propósito, fiquei muito triste ao saber do falecimento do seu pai”, diz ele. “Outras pessoas nesta cidade podem ter coisas desagradáveis a dizer sobre ele. Seu livro não é muito popular por aqui. Nada muito popular. Mas ele era um bom homem, e lembro isso às pessoas regularmente. “Poucas pessoas teriam continuado a nos pagar”, digo-lhes. ‘Especialmente vinte e cinco anos depois de deixar o lugar.’”

Um soluço de surpresa surge em meu peito. "Meu pai ainda estava pagando você?"

“Ele com certeza estava. Primeiro meu avô, depois eu. Ah, e Sra. Ditmer. Corto a grama, faço o paisagismo e apareço uma vez por semana para ter certeza de que não há nada de errado com a casa. Elsa – essa é a Sra. Ditmer – vinha todos os meses para fazer uma boa limpeza. A filha dela faz isso agora que Elsa está doente, para dizer o mínimo.

"Ela está doente?"

“Só na cabeça.” Dane usa o dedo indicador para bater na têmpora. “Alzheimer. A pobre mulher. Eu não desejaria isso ao meu pior inimigo. Mas seu pai manteve todos nós ligados e sempre fazia questão de me verificar sempre que estava aqui.

Outra surpresa. Um que me faz soltar minha metade do portão, deixando-o fechar novamente. "Meu pai veio aqui?"

"Ele fez."

"Bastante?"

“Nem sempre, não”, diz Dane. “Apenas uma vez por ano.”

Permaneço completamente imóvel, consciente do olhar torto que Dane está me dando, mas incapaz de fazer qualquer coisa a respeito. O choque me deixou imóvel.

Meu pai voltava aqui uma vez por ano.

Apesar de jurar nunca mais voltar.

Apesar de me implorar em seu leito de morte para fazer o mesmo.

Estas visitas vão contra tudo o que me disseram sobre Baneberry Hall. Que estava fora dos limites da minha família. Que era um lugar onde nada de bom sobrevivia. Que eu precisava ficar longe.

Não é seguro lá. Não para você.

Por que meu pai achou que era seguro ele voltar e eu não? Por que ele não mencionou – nem uma vez – que ainda era dono do Baneberry Hall e voltava aqui regularmente?

Dane continua me dando aquele olhar engraçado. Parte curiosidade, parte preocupação. Consigo superar meu choque por tempo suficiente para fazer uma pergunta complementar.

“Quando foi a última vez que ele esteve aqui?”

“No verão passado”, diz Dane. “Ele sempre vinha na mesma data: 15 de julho.”

Mais um choque. Um golpe gigante que me empurra de volta para os calcanhares. Agarro o portão em busca de apoio, meus dedos dormentes serpenteando pelos arabescos de ferro forjado.

"Você está bem aí, Maggie?" Dane diz.

“Sim”, murmuro, embora não tenha certeza se estou. 15 de julho foi a noite em que minha família deixou Baneberry Hall. Isso não pode ser coincidência, embora eu não tenha ideia do que isso significa. Tento pensar em uma razão lógica pela qual meu pai voltaria apenas naquela data infame, mas não consigo.

“Quanto tempo ele ficaria?” Eu digo.

“Apenas uma noite”, diz Dane. “Ele chegava tarde e saía cedo no dia seguinte. Depois dos primeiros anos, eu conhecia a rotina como um relógio. Eu deixaria o portão aberto e esperando por ele quando ele chegasse aqui, e então o fecharia novamente quando o carro dele passasse na manhã seguinte.”

— Ele alguma vez lhe contou o que estava fazendo aqui?

“Ele nunca se ofereceu e eu nunca perguntei”, diz Dane. “Não parecia ser da minha conta. E não que o seu também seja, mas preciso perguntar...

“O que diabos estou fazendo aqui?”

“Eu ia formular isso com um pouco mais de delicadeza, mas já que você colocou dessa forma, por que diabos você está aqui?”

Dane lança um olhar para a traseira da minha picape. Escondidos sob uma lona estão caixas de suprimentos, vários kits de ferramentas e ferramentas elétricas suficientes para abastecer um pequeno canteiro de obras. Serra de mesa. Serra elétrica. Furar. Sander. Só falta uma britadeira, embora eu saiba onde conseguir uma se for necessário.

“Estou aqui para dar uma olhada na casa, reformar as peças que precisam dela e prepará-la para venda.”

“A casa está em ótimo estado”, diz Dane. “A fundação é sólida e a estrutura sólida. Tem ossos bons, como dizem. Precisaria de alguns enfeites, é claro. Então, novamente, eu também poderia.

Ele me dá um sorriso malicioso e autodepreciativo, deixando claro que sabe o quão bonito ele é. Aposto que ele está acostumado a fazer as mulheres de Bartleby desmaiarem. Infelizmente para ele, não sou daqui.

“Você acha que a casa pode ser vendida?” Eu respondo, todos os negócios.

“Um lugar como esse? Com um pouco de mistério em torno disso? Ah, vai vender. Embora você possa querer ter cuidado com quem o vende. A maioria das pessoas aqui não ficaria muito satisfeita em ver isso transformado em atração turística.”

“Os cidadãos de Bartleby odeiam tanto o livro do meu pai, não é?”

— Eles desprezam isso — diz Dane, sibilando a palavra como se fosse um gosto ruim que ele quer tirar da língua. “A maioria das pessoas gostaria que nunca tivesse sido escrito.”

Não posso dizer que os culpo. Certa vez, disse a Allie que viver à sombra do Livro era como ter um pai que cometeu um assassinato. Sou culpado por associação. Agora imagine o que esse tipo de atenção poderia fazer a uma cidade inteira, à sua reputação, aos seus valores imobiliários. House of Horrors colocou Bartleby, Vermont, no mapa pelos motivos errados.

"E você?" — pergunto a Dane. “Qual a sua opinião sobre o livro do meu pai?”

“Não tenho um. Eu nunca li.”

“Então você é o único”, eu digo. “Prazer em finalmente conhecer você.”

Dane sorri novamente. Desta vez é genuíno, o que o torna muito mais agradável do que o esforço anterior. Ele mostra uma covinha na bochecha direita, logo acima da borda da barba por fazer.

“Não sou um fã, presumo”, diz ele.

“Digamos apenas que tenho baixa tolerância a besteiras. Especialmente quando sou um dos personagens principais.”

Dane se apoia no pedaço de parede de pedra próximo ao portão, com os braços cruzados e a cabeça inclinada na direção de Baneberry Hall. “Então

acho que você não tem medo de ficar sozinho naquela casa grande lá em cima.”

“Você esteve lá dentro mais do que eu”, digo. "Eu deveria ser?"

“Só se você tiver medo de coelhinhos de poeira”, diz Dane. “Você disse que planeja consertar o lugar. Você tem alguma experiência com isso?

O formigamento irritado retorna, coçando minha nuca. "Sim. Um pouco."

“Esse é um trabalho muito grande.”

Há mais na frase, a parte não dita deixada pendurada como uma folha de outono. Eu sei o que é, no entanto. Algo vagamente sexista e paternalista. Eu entendo isso o tempo todo. Perguntas constantes que nunca seriam feitas a um homem. Sou qualificado o suficiente? Suficientemente forte? Capaz o suficiente?

O resto da frase de Dane, quando finalmente termina, revela-se apenas um pouco mais igualitário.

“Para apenas uma pessoa, quero dizer”, diz ele.

"Eu dou conta disso."

Dane coça o queixo. “Há muito o que fazer lá dentro. Especialmente se você realmente pretende fazer isso para revenda.”

É quando percebo que ele não está sendo completamente um idiota sexista. Ele também está, de forma indireta, pedindo um emprego.

“Você tem experiência em reforma de casas?” Eu pergunto.

“Sim”, diz Dane. "Um pouco."

Ouvir minha própria resposta sendo jogada de volta para mim é mais divertido do que irritante. Claramente, Dane Hibbets e eu subestimamos um ao outro.

“É meu show principal”, diz ele. “Contratação geral. Reparação doméstica. Coisas assim. Mas os negócios ultimamente não têm estado exatamente crescendo.”

Paro um momento para avaliá-lo, me perguntando se contratar Dane será mais problemático do que valerá a pena. Mas Allie estava certa: apesar do meu conhecimento e habilidade, precisarei de ajuda. Dane esteve dentro do Baneberry Hall. Ele conhece o lugar melhor do que eu. E se meu pai o achava bom o suficiente para continuar pagando, então talvez fosse sensato fazer o mesmo.

“Você está contratado”, eu digo. “Vou pagar a você um salário justo por trabalhar na casa. Quando eu vender, você poderá reivindicar a maior parte do trabalho. Pode ajudar você a conseguir alguns novos clientes. Negócio?"

“Feito”, diz Dane.

Nós agitamos isso.

"Bom. Começamos amanhã. Oito da manhã.”

Dane me dá uma saudação curta. “Claro, chefe.”

O trajeto do portão até a própria casa é uma série de expectativas atendidas ou subvertidas. Eu presumi que a subida em espiral seria como subir a colina de uma montanha-russa - com medo crescente e pontadas de arrependimento. Em vez disso, é apenas um passeio tranquilo pela floresta. Sem intercorrências. Tranquilo, até mesmo, com o crepúsculo adicionando uma suavidade nebulosa à floresta circundante.

A única coisa que me faz pensar é a abundância de plantas com folhas pontiagudas ao longo da estrada. Brotando deles estão aglomerados vermelhos tão brilhantes quanto sangue de palco sob o brilho dos faróis do caminhão.

Amoras.

Eles estão por toda parte.

Espalhando-se profundamente na floresta. Enxameando em torno de troncos de árvores. Correndo até a encosta. O único lugar onde não crescem é no topo da colina, quase como se estivessem intimidados pela presença de Baneberry Hall.

Mais uma vez, eu me preparei para o momento em que ele apareceu. Como não tenho lembranças reais dela, esperava um medo profundo de uma casa que só conhecia através dos escritos de meu pai. As imagens do livro fazem Baneberry Hall parecer algo saído de um filme de terror da Hammer. Todas as janelas escuras e nuvens de tempestade passando pelo telhado pontiagudo.

Mas, à primeira vista, Baneberry Hall não parece um lugar que devamos temer. É apenas uma casa grande que precisa de algumas obras. Mesmo no crepúsculo cada vez mais intenso, fica claro que o exterior foi negligenciado. Tiras de tinta pendem dos parapeitos das janelas e musgo

pontilhado no telhado. Uma das janelas do segundo andar tem uma rachadura inclinada de canto a canto. Outro foi totalmente quebrado e agora está coberto com madeira compensada.

No entanto, o lugar tem apelo. Parece bastante sólido. Não parece haver quaisquer problemas estruturais imediatamente perceptíveis. Os degraus da varanda não cedem e não aparecem rachaduras na fundação.

Dane estava certo. Tem bons ossos.

Antes de sair de Boston, certifiquei-me de verificar se a casa ainda estava conectada às linhas de serviços públicos necessárias. Foi, o que, pensando bem, deveria ter me avisado que meu pai estava fazendo mais do que apenas manter a casa em segurança. Baneberry Hall tem todas as utilidades de uma casa comum. Água corrente. Gás. Eletricidade. A única coisa que não tem é linha telefônica, por isso continuo na caminhonete e uso o celular para ligar para minha mãe. Esperei deliberadamente para vir aqui até que ela e meu padrasto partissem para Capri. Quando minha mãe ouvir esta mensagem de voz, ela estará a meio mundo de distância.

"Ei mãe. Sou eu. Só queria que você soubesse que, embora eu realmente aprecie sua oferta de comprar o Baneberry Hall, decidi consertá-lo e vendê-lo por conta própria. A hesitação engrossa minha voz enquanto vou na ponta dos pés para a parte que ela realmente não vai gostar. “Na verdade, estou aqui agora. Só queria que você soubesse. Aproveite sua viagem."

Encerro a ligação, enfio o telefone no bolso e pego minha bagagem atrás do banco do passageiro da picape. Com duas malas em minhas mãos e uma grande mochila amarrada nas costas, vou até a porta da frente de Baneberry Hall. Depois de um momento brincando com as chaves, a porta é destrancada e aberta com um ranger agitado das dobradiças.

Olho para dentro e vejo um interior escuro pintado de cinza pelo crepúsculo. Um cheiro estranho faz cócegas em minhas narinas – uma combinação de ar viciado, poeira e algo mais. Algo mais desagradável.

Decair.

Enquanto fico ali respirando o odor desagradável de Baneberry Hall, me ocorre que talvez eu devesse estar com medo. Os fãs do livro seriam. Wendy Davenport e dezenas de milhares de outras pessoas. Eles estariam aterrorizados agora, preocupados com todos os horrores que os aguardam logo além desta porta.

Eu não sou.

Qualquer apreensão que sinto está relacionada a assuntos mais mundanos. Principalmente o que está causando aquele cheiro de decomposição. É podridão de madeira? Danos por cupins? Algum animal da floresta que entrou durante o inverno e morreu aqui?

Ou talvez seja minha imaginação. Um resquício da minha expectativa de encontrar uma casa em péssimo estado de conservação. Não é um lugar que ainda tenha um zelador e uma faxineira. Definitivamente não era um lugar que meu pai continuasse a ocupar uma noite por ano.

Entro no vestíbulo, largo minhas malas e aperto um botão perto da porta. A luminária acima da minha cabeça ilumina. Dentro dele está uma mariposa presa. Asas em silhueta batiam contra o vidro.

Não tenho certeza do que espero ver quando me aprofundo na casa. Miséria, suponho. Vinte e cinco anos de negligência. Teias de aranha penduradas nos cantos como bandeiras de festa. Buracos no teto. Cocô de passarinho no chão. Mas o lugar é arrumado, embora não impecável. Uma fina camada de poeira cobre o chão do vestíbulo. Quando me viro, vejo pegadas deixadas em meu rastro.

Continuo andando, puxado pela curiosidade. Eu pensei que estar aqui novamente iria despertar pelo menos algumas lembranças, não importa quão fracas fossem. Lembranças desbotadas de mim na varanda da frente, sentado na cozinha, subindo as escadas antes de dormir.

Não há nada.

Todas as minhas lembranças são de ler sobre essas coisas no Livro.

Eu traço o caminho que meus pais percorreram durante sua primeira turnê. Aquele sobre o qual meu pai havia escrito em detalhes. Depois da escada. Sob o lustre, que tem alguns ziguezagues de teias de aranha amarradas nos braços. Para a grande sala. Faça uma pausa perto da lareira, onde o semblante sombrio de William Garson deveria estar olhando para mim.

Mas a pintura não está lá. Tudo o que há acima da lareira é uma extensão de pedra pintada de cinza. O que significa que ou o retrato do Sr. Garson nunca existiu ou meu pai o encobriu durante uma de suas visitas não mencionadas.

Depois disso, vamos para a sala de jantar e para a cozinha subterrânea, com sua parede de sinos que antes devia ter brilhado, mas agora está opaca

por causa da mancha. Toco em um deles – a etiqueta acima diz PARLOR – e ele emite um som metálico e triste.

Vou até o outro lado da cozinha, olhando para o teto enquanto caminho. Sobre a mesa de açougueiro há uma área retangular que não faz parte do teto original. A pintura não combina com o resto da cozinha e há uma costura visível ao redor do remendo que foi substituído. No centro há um oval acinzentado onde o teto começou a inchar.

Uma mancha de água.

Embora pareça ter décadas, a mancha significa que algo no teto vazou em algum momento. Definitivamente não é o ideal.

No outro extremo da cozinha, não me preocupo em descer até o porão com paredes de pedra. O sussurro de um frio e o forte cheiro de mofo vindo da porta me dizem que é um lugar melhor explorado durante o dia e com equipamento de proteção.

Então voltamos ao primeiro andar e entramos na sala circular, que é menor do que eu imaginava. A casa inteira é. As descrições do Baneberry Hall feitas por meu pai faziam com que ele parecesse maior – um lugar cavernoso normalmente encontrado apenas na ficção gótica. Manderley com esteróides. A realidade é menos grandiosa. Sim, é grande, no que diz respeito às casas, mas apertado de uma forma que eu não esperava, ainda mais apertado pelos acabamentos em madeira escura e pelo papel de parede empoeirado.

A sala está cheia de móveis cobertos por panos, fazendo com que pareça uma sala cheia de fantasmas. Eu os arranco, criando nuvens de poeira que, quando removidas, revelam peças tão finamente feitas que pertencem a um museu.

Provavelmente móveis da família Garson. Itens como esse estariam bem acima do que meus pais poderiam pagar na época. Principalmente a escrivaninha de cerejeira situada perto da parede curva de janelas na frente da sala.

Mais alta que eu e duas vezes mais larga, a metade inferior da escrivaninha consiste em uma prateleira que pode ser baixada para formar uma superfície de escrita e vários conjuntos de gavetas. A metade superior contém um par de portas que, quando abertas como asas, revelam gavetas de boticário para potes de tinta e canetas, um pequeno espelho oval e ranhuras de madeira para correspondência – um recurso que não foi

utilizado por meu pai. Ele simplesmente empilhou a correspondência sobre a superfície de escrita abaixada. Examinando a pilha empoeirada, vejo notas não abertas, panfletos antigos e circulares desbotadas de supermercado, algumas datadas de uma década atrás.

Ao lado deles há uma moldura dourada. Pego-o e vejo uma fotografia minha e dos meus pais. Presumo que tenha sido antes de virmos para Baneberry Hall, porque todos parecemos felizes. Especialmente meus pais. Eles eram um casal bonito. Minha mãe, esbelta e atrevida, contrastava perfeitamente com a beleza desleixada de meu pai. Na foto, meu pai está com o braço enrolado na cintura da minha mãe, puxando-a para perto. Ela está olhando para ele em vez de para a câmera, exibindo o tipo de sorriso que eu não via nela há anos.

Uma família não tão grande e feliz.

Até que não estávamos.

Na foto, estou na frente dos meus pais, usando tranças e faltando um dente da frente que estraga meu sorriso largo. Pareço tão jovem e tão despreocupado que mal me reconheço. Levanto o olhar para o espelho oval da mesa e passo um momento comparando a mulher que sou com a garota que costumava ser. Meu cabelo, um pouco mais escuro agora, está solto em volta dos ombros. Quando sorrio amplamente, copiando meu visual na foto, parece forçado e antinatural. Meus olhos castanhos são basicamente os mesmos, embora agora haja uma dureza neles que não existia na minha juventude.

Pousei a moldura, virando-a para que a imagem não ficasse mais visível. Não gosto de olhar para esta versão mais jovem e feliz de mim mesmo. Isso me lembra quem eu fui um dia — e quem eu poderia ser agora se o Livro não tivesse acontecido.

Talvez Allie estivesse certa. Talvez eu não esteja pronto para isso.

Eu afasto o pensamento. Estou aqui e há muito o que fazer, inclusive retomar meu exame da mesa. Entre as pilhas de correspondência está um abridor de cartas prateado que parece tão antigo e ornamentado quanto a própria mesa. Isso é confirmado quando eu o pego e vejo um conjunto de iniciais gravadas com detalhes no cabo.

W.G.

Sr. William Garson, presumo.

Coloco o abridor de cartas de volta na mesa, minha mão movendo-se para uma folha de papel ao lado dele. Depois de dobrado ao meio, ele agora fica voltado para baixo na área de trabalho. Virando-o, vejo uma única palavra escrita a tinta, as letras largas, maiúsculas, enfáticas.

ONDE??

Uma questão tão concisa, que levanta várias outras. Onde está o quê? Por que alguém está procurando por isso? E, acima de tudo, quem escreveu isso? Porque certamente não é a caligrafia do meu pai.

Seguro a página perto do rosto, como se isso me ajudasse a entendê-la melhor. Ainda estou olhando para aqueles pontos de interrogação enfáticos quando ouço um barulho.

Um rangido.

Vindo do quarto ao lado.

A Sala Índigo.

Viro-me até a porta que a separa da sala e, por uma fração de segundo, espero ver o Senhor Shadow parado ali. Estúpido, eu sei. Mas crescer com o Livro me treinou para pensar que ele é real, mesmo que não seja. Ele não pode ser.

O senhor Shadow não está lá, é claro. Nada é. Logo além da porta, a Sala Índigo fica escura, silenciosa e imóvel.

Só quando volto para a mesa é que ouço outro rangido.

Mais alto que o primeiro.

Dou uma olhada no espelho oval da mesa. Refletida no vidro, logo acima do meu ombro, está a porta da Sala Indigo. Lá dentro ainda está escuro, ainda silencioso.

Então algo se move.

Um borrão pálido passando pela porta.

Lá e desapareceu em um instante.

Corro para a Sala Índigo, tentando não pensar no Senhor Shadow, quando tudo que consigo fazer é pensar no Senhor Shadow, mesmo que três palavras ecoem na minha cabeça.

Ele. Não. Existir.

O que significa que é outra coisa. Um animal, provavelmente. Algo que sabe que este lugar fica desocupado 364 dias por ano. Algo que eu definitivamente não quero ficar por aqui agora que estou aqui.

Dentro da Sala Indigo, acendi o interruptor de luz ao lado da porta. Nada acontece com o lustre pendurado no teto. Ou a fiação está danificada ou as lâmpadas estão todas queimadas. Ainda assim, a luz que entra pela sala me permite ver alguns detalhes do ambiente. Noto paredes verdes, piso em parquet, mais móveis vestidos como fantasmas.

O que não vejo é o retrato de Indigo Garson sobre a lareira. Assim como na grande sala, a pedra é pintada de cinza.

Afasto-me da lareira e algo se aproxima de mim vindo de um canto escuro da sala.

Não é um animal.

Não o Senhor Sombra.

Uma velha, surpreendentemente pálida à meia-luz.

Um grito salta da minha garganta quando a mulher se aproxima. Ela cambaleia em minha direção, com os braços estendidos, os pés com chinelos ameaçando pisotear a barra da camisola. Logo ela está em cima de mim, com as mãos no meu rosto, as palmas pressionando com força minhas bochechas, meu nariz, minha boca. No começo, acho que ela está tentando me sufocar, mas depois suas mãos caem sobre meus ombros enquanto ela me puxa para um abraço desesperado.

“Petra, meu bebê”, ela diz. “Você voltou para mim.”

26 DE JUNHO

Dia 1

Mudar-me do apartamento em Burlington para Baneberry Hall foi fácil, principalmente porque não havia muito para mover além dos meus muitos livros, nossas roupas e algumas bugigangas variadas que acumulamos ao longo dos anos. Decidimos usar a maior parte dos móveis que acompanhavam a casa – mais por questões orçamentárias do que qualquer outra coisa. Os únicos móveis que não guardamos foram os jogos do quarto.

“Não vou forçar minha filha a dormir na cama de uma garota morta”, insistiu Jess. “E definitivamente não vou dormir na cama do homem que a matou.”

Outra coisa em que ela insistiu foi queimar um maço de sálvia, que deveria limpar a casa de energias negativas. Então, enquanto Jess andava por aí com um punhado de ervas fumegantes, deixando um rastro de fumaça como uma bengala de incenso, eu fiquei na cozinha e desempacotei o extenso conjunto de pratos que ela também herdara do avô.

Ajudando-me estava Elsa Ditmer, que morava no chalé em frente ao portão da frente, não ocupado por Hibbs e sua esposa. Como sua mãe e sua avó antes dela, ela ganhava a vida limpando casas, incluindo Baneberry Hall. E embora Jess e eu não pudéssemos pagar uma faxineira em tempo integral, ficamos todos muito felizes em contratá-la por alguns dias para nos ajudar na mudança.

Uma mulher corpulenta de quarenta e poucos anos, Elsa tinha um comportamento de fala mansa e um rosto largo e amigável. Ela chegou trazendo um presente de inauguração: um pão e uma caixinha de madeira com sal.

“É tradição”, explicou ela. “Isso significa que você nunca passará fome em sua nova casa.”

Ela disse pouco mais enquanto trabalhávamos, falando apenas quando falavam com ela. Depois que Jess passou pela cozinha em meio a uma nuvem de fumaça de sálvia, eu disse: “Garanto que nem sempre somos tão estranhos. Você deve pensar que somos as pessoas mais supersticiosas do mundo.”

"De jeito nenhum. De onde vem minha família, todo mundo é supersticioso.” Elsa ergueu um prato de sobremesa que tinha sido recentemente retirado do embrulho de jornal. “Na Alemanha, seria costume eu quebrar isso. Fragmentos trazem sorte. É assim que diz o ditado.

“E eles fazem?”

“Essa não foi minha experiência.” Ela deu um sorriso melancólico. “Talvez eu ainda não tenha quebrado pratos suficientes.”

Elsa colocou o prato delicadamente de volta na mesa. Ao fazê-lo, notei a aliança em seu dedo anular direito. Quase na casa dos quarenta e já viúva.

“Pegue-o de volta”, eu disse, antes de desembrulhar rapidamente um prato correspondente e tilintar contra o de Elsa. "Devemos nós?"

“Eu não poderia”, disse ela, corando ligeiramente. “Pratos tão lindos.”

Eles eram realmente bonitos. E abundante. Dois quebrados não fariam falta.

“O sacrifício valerá a pena se trouxer um pouco de sorte a este lugar.”

Elsa Ditmer concordou de má vontade. Juntos, jogamos os pratos no chão, onde eles se despedaçaram.

“Já me sinto com sorte”, eu disse enquanto pegava uma escova e uma pá de lixo e começava a varrer os cacos. “Pelo menos mais sorte do que Curtis Carver.”

O sorriso no rosto de Elsa diminuiu.

“Sinto muito”, eu disse. “Isso foi cruel da minha parte. Você provavelmente os conhecia.

“Um pouco, sim”, disse Elsa com um aceno de cabeça. “Fiz uma limpeza aqui quando eles precisaram.”

"Como eram eles?"

“Eles pareciam felizes, no início. Amigável."

“E Curtis Carver? Foi ele-"

Fiz uma pausa, escolhendo minhas palavras com cuidado. Elsa Ditmer conhecia o homem. Ela poderia até ter gostado dele, e eu não queria ofendê-la se ela gostasse. Foi uma surpresa quando ela terminou minha frase para mim.

"Um monstro?" ela disse com veneno indisfarçável. “O que mais ele poderia ser? Um homem que pudesse fazer tal coisa com seu próprio filho — com qualquer criança — teria que ser um monstro. Mas ele era muito bom em esconder isso. Pelo menos no começo."

O marido zeloso que eu estava tentando ser quis ignorar o comentário. Afinal, prometi a Jess que não arrastaria o passado para o nosso presente. Mas o jornalista que há em mim venceu.

"O que aconteceu?" — perguntei, mantendo a voz baixa para o caso de Jess estar se aproximando em meio a uma nuvem de fumaça de sálvia.

“Ele mudou”, disse Elsa. “Ou talvez ele sempre tenha sido assim e levei algum tempo para perceber isso. Mas no começo ele era muito legal. Encantador. Então, nas últimas vezes que o vi, ele parecia nervoso. Ansioso. Ele parecia diferente também. Cansado e muito pálido. Na época, pensei que tinha algo a ver com a filha dele. Ela estava doente."

“Foi sério?”

“Tudo que sei é o que o Sr. Carver disse. Que ela estava doente e precisava ficar no quarto. Minhas meninas ficaram arrasadas. Eles gostavam de vir aqui para brincar.”

“Você tem filhas?”

"Sim. Dois. Petra tem dezesseis anos e Hannah tem seis.” Os olhos de Elsa brilharam quando ela disse seus nomes. “Elas são boas meninas. Estou muito orgulhoso.”

Terminei de varrer os pratos quebrados e joguei os cacos em uma lata de lixo próxima. “Deve ter sido difícil para eles perder um amigo de uma forma tão terrível.”

“Não acho que Hannah entenda muito bem o que aconteceu. Ela é tão jovem. Ela sabe que Katie se foi, mas não sabe por quê. Ou como. Mas Petra conhece todos os detalhes. Ela ainda está abalada com isso. Ela é muito protetora. Forte, como seu pai era. Acho que ela pensava em Katie como outra irmã mais nova. E dói saber que não poderia protegê-la.

Arrisquei outra pergunta, sabendo que Jess ficaria brava se descobrisse. Decidi que não importa o que descobrisse, não contaria a ela.

“O que exatamente Curtis Carver fez? Não fomos informados de nenhum detalhe.”

Elsa hesitou, preferindo concentrar-se em empilhar cuidadosamente os pratos restantes.

“Por favor”, eu disse. “Agora é nossa casa e gostaria de saber o que aconteceu aqui.”

“Foi ruim”, disse Elsa com grande relutância. “Ele sufocou Katie com um travesseiro enquanto ela dormia. Rezo para que ela tenha permanecido dormindo durante todo o processo. Que ela nunca acordou e percebeu o que seu pai estava fazendo com ela.”

Ela tocou o crucifixo pendurado em seu pescoço, quase como se estivesse se assegurando de que um cenário tão improvável havia realmente acontecido.

“Depois disso, Curtis – Sr. Carver – foi até o escritório, colocou um saco de lixo na cabeça e fechou-o com um cinto em volta do pescoço. Ele morreu de asfixia.”

Deixei isso afundar por um momento, incapaz de entender nada disso. Francamente, era incompreensível para mim como um homem poderia ser capaz de ambos os atos. Não o aperto de um cinto em volta do pescoço até que ele não conseguisse respirar, e certamente não o sufocamento da filha enquanto ela dormia. Para mim, a loucura era a provável culpada. Algo quebrou dentro do cérebro de Curtis Carver, levando-o ao assassinato e ao suicídio.

Ou isso ou Elsa Ditmer estava certa – ele tinha sido um monstro.

“Isso é muito triste”, eu disse, simplesmente porque precisava dizer alguma coisa.

“É”, disse Elsa enquanto dava outro toque suave em seu crucifixo. “É um pequeno consolo saber que a doce Katie está agora em um lugar melhor. ‘Mas Jesus disse: Deixai as criancinhas e não as impeçais de vir a mim, porque dos tais é o reino dos céus.’”

Atrás de nós, um dos sinos na parede tocou. Uma surpresa, considerando a idade e a falta de manutenção. Achei que nenhum ainda funcionava. Elsa também pareceu surpresa. Ela continuou a acariciar o crucifixo enquanto uma expressão preocupada cruzava seu rosto. Essa expressão ficou mais pronunciada quando a campainha tocou novamente. Desta vez, ele continuou tocando — um tilintar fraco e oscilante que, mesmo assim, encheu a cozinha silenciosa.

“Provavelmente é Maggie”, eu disse. “Eu sabia que era apenas uma questão de tempo até que ela descobrisse aqueles sinos. Vou subir e dizer a ela para parar.

Verifiquei a etiqueta de latão sobre o sino que ainda tocava — a Sala Índigo — e subi correndo os degraus. O ar no primeiro andar estava carregado com o cheiro de sálvia queimada, me dizendo que Jess tinha acabado de passar. Talvez eu tenha sido rápido demais em culpar minha filha e tenha sido minha esposa a responsável pelo toque da campainha.

Fui para a frente da casa, esperando encontrar Jess vagando pela sala e pela Sala Indigo, puxando sinos aleatoriamente enquanto nuvens de fumaça de sálvia se reuniam ao seu redor. Mas a sala estava vazia. Assim como a Sala Indigo.

Tudo o que vi foram móveis que ainda não tinham sido retirados dos panos de lona e a linda pintura de Indigo Garson sobre a lareira. A única explicação lógica para o toque que consegui pensar foi o vento, embora até isso parecesse improvável, visto que a sala não continha nenhuma corrente de ar detectável.

Eu estava prestes a sair da sala quando vi um movimento no fundo da lareira.

Um segundo depois, algo surgiu.

Uma cobra.

Cinza com listras paralelas cor de ferrugem descendo pelas costas, ele deslizou da lareira, ondulando rapidamente pelo chão.

Pensando rápido, peguei o pano do móvel mais próximo e joguei em cima da cobra. Uma protuberância sibilante e contorcida se formou no tecido. Com o coração na garganta, agarrei as pontas do pano, juntando-as até formar um saco improvisado. Lá dentro, a cobra se agitava e se contorcia. Segurei-o com o braço esticado, a lona balançando descontroladamente enquanto eu corria para a porta da frente.

Assim que saí da varanda da frente, joguei o pano na entrada da garagem. O tecido se abriu, revelando a cobra. Ele estava de costas, exibindo um pouco de barriga vermelho-sangue antes de virar e disparar para a floresta próxima. A última vez que o vi foi o movimento de sua cauda enquanto desaparecia na vegetação rasteira.

Voltando para casa, encontrei Elsa Ditmer na varanda da frente, uma mão trêmula sobre o coração.

“Havia uma cobra na casa?” ela disse com alarme palpável.

"Sim." Estudei seu rosto, que manteve a expressão tensa que notei na cozinha. “Isso é azar?”

“Talvez eu seja muito supersticiosa, Sr. Holt”, disse ela. “Mas se eu fosse você, quebraria mais alguns pratos.”



Quatro

A mulher é Elsa Ditmer, o que só fica claro para mim quando a polícia e sua filha chegam com uma diferença de um minuto.

O primeiro é a polícia, convocada por uma ligação frenética para o 911 que fiz cinco minutos antes. Em vez de um policial novato, recebo a chefe de polícia, uma mulher chamada Tess Alcott, que não parece muito satisfeita por estar aqui.

Ela entra em casa com uma carranca no rosto e o andar arrogante de um cowboy de cinema. Suspeito que ambos sejam afetações. Coisas que ela precisa fazer para serem levadas a sério. Eu faço o mesmo quando estou no trabalho. No meu caso, porém, é um comportamento e roupas práticos que chocam minha mãe.

“Acho que já sei qual de vocês é o intruso”, diz o chefe Alcott.

Ela não tem chance de dizer mais nada, porque é nesse momento que a filha da Sra. Ditmer entra correndo pela porta ainda aberta. Assim como a mãe, ela usa roupa de dormir. Calça de pijama de flanela e camiseta oversize da Old Navy. Ignorando o chefe Alcott e a mim, ela vai direto até a mãe, que está sentada na sala, afundada em uma cadeira ainda coberta por um pano.

“Mamãe, o que você está fazendo aqui?”

A velha estende a mão para mim, com os dedos esticados, como se isso pudesse preencher a distância de sessenta centímetros entre nós. “Petra”, ela diz.

É quando eu entendo quem ela é. Quem são todos eles. Elsa Ditmer, sua filha, Chefe Alcott – todas são personagens do Livro. Só que eles não são personagens. Eles estão vivendo e respirando pessoas. Além dos meus pais, nunca conheci ninguém mencionado no Livro e, portanto, devo me lembrar da existência deles na vida real.

“Essa não é Petra, mamãe”, diz a filha. “Esse é um estranho.”

O rosto da Sra. Ditmer, que continha uma espécie de esperança beatífica, desaba repentinamente. Uma compreensão sombria toma conta de suas feições, escurecendo seus olhos e fazendo seu lábio inferior tremer. Ver isso dói tanto em meu coração que preciso me afastar.

“Como você pode ver, a Sra. Ditmer às vezes fica confusa”, diz o chefe Alcott. “Tem tendência a se afastar.”

“Disseram-me que ela não estava bem”, digo.

“Ela tem Alzheimer.” Isto é falado pela filha dela, que de repente está ao nosso lado. “Às vezes ela está bem. Quase como se nada estivesse errado. E outras vezes sua mente fica turva. Ela esquece em que ano estamos ou então se afasta. Achei que ela estava dormindo. Mas quando vi a chefe passar, soube que ela tinha vindo para cá.

“Ela faz muito isso?”

“Não”, ela diz. “Normalmente o portão está fechado.”

“Bem, agora está tudo acabado”, diz o chefe Alcott. “Nenhum dano pretendido e nenhum dano causado. Acho que é melhor Elsa chegar em casa e voltar para a cama.

A filha da Sra. Ditmer não se mexe. “Você é Maggie Holt”, diz ela, de uma forma que soa como uma acusação.

"Eu sou."

Quando ofereço minha mão, ela se recusa a apertá-la.

“Hannah”, ela diz, embora eu já tivesse inferido isso. “Já nos conhecemos.”

Eu sei, apenas porque estava no Livro. Embora meu pai tenha escrito que Hannah tinha seis anos na época, ela parece uma boa década mais velha que eu. Ela tem uma aparência crua. Uma mulher cujas arestas suaves foram raspadas pela vida. Os últimos vinte e cinco anos devem ter sido uma merda.

“Sinto muito pela sua mãe”, eu digo.

Hanna dá de ombros. Um gesto que parece dizer: Sim, você e eu.

“Petra é sua irmã, certo?”

“Era minha irmã”, diz Hannah. “Desculpe se minha mãe assustou você. Isso não vai acontecer de novo.”

Ela ajuda a mãe a se levantar da cadeira e a guia com cuidado até a porta. Na saída, Elsa Ditmer se vira e me lança uma última olhada, para o caso de eu ter me transformado magicamente na outra filha dela. Mas ainda

sou eu, um fato que gerou outra expressão desanimada no rosto da Sra. Ditmer.

Depois que eles vão embora, o chefe Alcott permanece no vestíbulo. Acima dela, a mariposa na luminária ficou imóvel. Talvez só por um momento. Talvez para sempre.

“Maggie Holt.” A chefe balança a cabeça, incrédula. “Acho que não deveria ficar surpreso que você esteja aqui. Não com o falecimento do seu pai e tudo mais. A propósito, minhas condolências.”

Ela nota minhas malas, ainda no chão do vestíbulo.

“Parece que você pretende ficar um pouco.”

“Apenas o tempo suficiente para consertar este lugar e vendê-lo.”

“Ambicioso”, diz o chefe Alcott. “Você planeja transformá-la em uma casa de férias para algum tipo de Wall Street? Ou talvez uma pousada? Algo parecido?"

“Ainda não decidi.”

Ela suspira. "Isso é uma vergonha. Eu esperava que você viesse demolir o lugar. Baneberry Hall merece ser nada além de escombros.”

A pausa que se segue sugere que ela espera que eu fique ofendido. Eu não sou.

“Presumo que o livro do meu pai tenha sido um problema”, digo.

"Era. Durante mais ou menos um ano, tivemos que colocar policiais do lado de fora do portão da frente. Isso foi uma piada. Alguns desses caras não foram tão durões quando perceberam que teriam que passar um turno fora da casa dos horrores. Eu não me importei, no entanto. Alguém tinha que manter os ghouls afastados.”

“Carniçais?”

“Turistas fantasmas. Esse era o nosso nome para eles. Toda aquela gente passando, tentando escalar o portão ou pular o muro e entrar furtivamente na casa. Não vou mentir: alguns deles chegaram bem longe.”

Minhas costas e ombros ficam tensos de desconforto. "Eles entraram?"

“Alguns”, diz o chefe com indiferença, como se não houvesse nada com que se preocupar. "Mas aqueles dias já se foram faz tempo. Claro, algumas crianças bêbadas tentam entrar furtivamente na propriedade de vez em quando. Nunca é grande coisa. Dane Hibbets ou Hannah Ditmer geralmente os veem chegando e me ligam. Está quase tudo quieto agora, que é exatamente o jeito que eu gosto.”

O chefe Alcott me encara com um olhar duro. Parece um aviso.

“Como eu disse, meu tempo aqui é temporário. Mas eu tenho uma pergunta. O que aconteceu com Petra Ditmer?”

“Ela fugiu”, diz o chefe. “Essa é a teoria, pelo menos. Ninguém foi capaz de localizá-la para confirmar isso.

"Quando?"

“Vinte e cinco anos atrás.” A chefe Alcott estreita os olhos em fendas suspeitas. “Lembro-me porque foi mais ou menos na mesma época em que seu pai me disse que este lugar era mal-assombrado.”

Então ela é a única. O policial que fez o relatório que deu início a todo o fenômeno da Casa dos Horrores. Não sei se devo agradecê-la ou amaldiçoá-la. A única coisa que sei é que uma das fontes originais do Livro está parada no vestíbulo, e seria um tolo se não a pressionasse para obter informações.

“Já que você está aqui, chefe”, eu digo, “gostaria de uma xícara de café?”

—

Acontece que, apesar das muitas coisas que ainda restam no Baneberry Hall, o café não está entre elas. Temos que nos contentar com o chá feito com saquinhos tão velhos que suspeito que eles já estavam aqui antes de meus pais comprarem a casa. O chá é terrível — aquelas folhas já perderam o efeito há muito tempo —, mas o chefe Alcott não parece se importar. Enquanto ela está sentada na cozinha, seu aborrecimento anterior se transforma em um estado de paciência confusa. Eu até a pego sorrindo quando me vê fazendo uma careta depois de provar meu chá.

“Tenho que admitir que quando comecei meu turno, nunca imaginei que acabaria aqui”, diz ela. “Mas quando recebi a ligação dizendo que algo estava acontecendo no Baneberry Hall, eu sabia que precisava ser o único a verificar.”

Arqueio uma sobrancelha. "Pelos bons tempos?"

“Velhos tempos, de fato.” Ela tira o chapéu e o coloca sobre a mesa. Seu cabelo é prateado e cortado rente ao couro cabeludo. “Deus, parece que foi há muito tempo. Foi há muito tempo. É difícil acreditar que já fui tão jovem e ingênuo.”

“Em seu livro, meu pai se referiu a você como oficial Alcott. Você era novo na força naquela época?

“Um novato total. Verde em todos os sentidos. Tão verde que quando um homem começou a falar sobre como sua casa era mal-assombrada, eu escrevi cada palavra.”

“Presumo que você não acreditou nele.”

“Uma história como essa?” A chefe Alcott leva a caneca aos lábios, pensa melhor e a coloca ao lado do chapéu. “Claro que não, eu não acreditei nele. Mas aceitei o depoimento dele, porque esse era o meu trabalho. Além disso, imaginei que algo estranho tivesse acontecido aqui se todos vocês estivessem hospedados em Two Pines.

The Two Pines era o motel nos arredores da cidade. Eu passei por ele no caminho para cá, as árvores gêmeas no letreiro de néon na frente brilhando enquanto eu passava. Lembro-me de pensar que era um lugarzinho triste, com sua fileira de portas em forma de L desbotadas pelo sol e um estacionamento que continha mais ervas daninhas do que carros. Tenho dificuldade em imaginar minha família e o chefe Alcott amontoados dentro de uma daquelas salas que parecem caixas, conversando sobre fantasmas.

“O que exatamente meu pai lhe disse naquela noite?”

“Praticamente o que está naquele livro dele.”

"Você leu isso?"

“Claro”, diz o chefe. “É Bartleby. Todo mundo aqui já leu. Se alguém disser que não, está mentindo.”

Enquanto ouço o cacique, olho para a parede oposta aos sinos. Está parcialmente pintado, com listras de primer cinza cobrindo o verde.

Sou atingido por uma lembrança tão repentina quanto surpreendente.

Eu e meu pai. Lado a lado naquela mesma parede. Mergulhando nossos rolos em uma panela cinza pegajosa e usando-a para apagar o verde. Posso até me lembrar de colocar acidentalmente minha mão na cartilha e de meu pai me dizer para fazer uma impressão de mão na parede.

Assim você sempre fará parte deste lugar, disse ele.

Eu sei que é uma lembrança real e não algo do Livro porque meu pai nunca escreveu tal cena. Também é vívido. Tanto é verdade que quase espero que meu pai entre na cozinha, empunhando um pincel e dizendo: — Você está pronta para terminar isso, Mags?

Outra fissura de tristeza se forma em meu coração.

"Você está bem aí, Maggie?"

Desvio o olhar da parede e volto-me para o chefe Alcott, que me olha com preocupação.

“Sim”, eu digo, embora agora esteja tonto e um pouco desamparado. Não apenas pela lembrança e pela tristeza que a acompanha, mas pelo fato de que sou capaz de me lembrar de qualquer coisa sobre esse lugar. Não pensei que isso fosse possível, e isso me deixa imaginando – em partes iguais de expectativa e pavor – o que poderia me lembrar a seguir. Porque essa memória do meu pai não é totalmente calorosa e confusa. Está contaminado por todos os anos de engano que se seguiram.

“Você já...” Viro a caneca de chá em minhas mãos, tentando pensar na melhor maneira de fazer minha pergunta ao chefe Alcott. “Você já se perguntou por que meu pai lhe contou essas coisas naquela noite? Você mesmo disse que não acreditou nele. Então, por que você acha que ele fez isso?

O chefe dá ampla consideração à questão. Com a cabeça inclinada para trás e um dedo indicador batendo no queixo anguloso, ela lembra um participante de um programa de perguntas e respostas buscando uma resposta que está além de seu alcance.

“Acho que foi um golpe longo”, ela finalmente diz. “Que seu pai – talvez sua mãe também – estava preparando as bases para o que estava por vir. E eu, o ingênuo, era o bode expiatório deles. Não estou dizendo que eles sabiam que isso se tornaria tão popular quanto se tornou. Ninguém poderia ter previsto isso. Mas acho que eles esperavam que aquela história exagerada fosse notada. Se eu os tivesse ignorado, eles provavelmente teriam ido direto para o Bartleby Gazette. Graças a mim, aquele trapo foi direto para eles.”

“Depois que você conversou com meus pais, você veio aqui para investigar?”

“Claro que sim. O portão estava aberto e a porta da frente destrancada.”

“Você viu algo estranho?”

“Você quer dizer fantasmas?” A chefe solta uma risada baixa, deixando claro que acha a ideia ridícula. “Tudo que vi foi uma casa sem ninguém dentro. Suas coisas ainda estavam aqui, deixando claro que você saiu com pressa. Mas não havia sinais de luta. Nada que sugira que algo tenha atacado você ou seus pais. Você se cortaria, no entanto. Havia um band-aid

na sua bochecha, logo abaixo do olho. Lembro porque disse que fazia você parecer um jogador de futebol."

Toco distraidamente minha bochecha esquerda, meu dedo indicador deslizando ao longo da pele saliente ali.

"O que aconteceu depois que você verificou a casa?"

"Voltei para Two Pines e disse aos seus pais que estava tudo em ordem", diz o chefe Alcott. "Eu disse que o que havia sobrado e que todos vocês estavam livres para retornar. Foi quando seu pai me disse que não tinha intenção de voltar para cá. Liguei para Walt Hibbets, pedi que trancasse o lugar e me despedi.

"E foi isso?"

"Você está fazendo muitas perguntas para alguém que passou por isso", diz o chefe. "Importa-se de me dizer por quê?"

Tomo um gole de chá com gosto horrível e conto tudo a ela. Não, não me lembro do meu tempo aqui. Não, não acho que Baneberry Hall seja mal-assombrado. Sim, acho que meus pais estavam mentindo. Não, não sei por quê. Sim, definitivamente acho que eles têm escondido algo de mim nos últimos vinte e cinco anos. E, sim, pretendo descobrir o que é.

A única coisa que deixo de fora são as últimas palavras de meu pai. Eles são muito pessoais para serem compartilhados.

Quando termino, a chefe Alcott passa a mão pelos cabelos grisalhos e diz: "Então é por isso que você queria sentar e conversar".

"É", eu admito. "Quero conversar com o maior número possível de pessoas mencionadas no livro do meu pai. Quero ouvir a versão deles das coisas, não a dele. Talvez então eu tenha uma ideia melhor de por que meus pais fizeram isso e o que eles estão escondendo."

"Chame-me de louco", diz o chefe, "mas você perguntou aos seus pais?"

"Tentei. Não foi útil."

"Bem, trazer as pessoas aqui para contar suas histórias não vai ser fácil, vendo como alguns deles estão mortos."

"Já ouvi falar de Walt Hibbets", digo.

"E Janie June", acrescenta o chefe Alcott. "Mas Brian Prince ainda está por aí."

Eu conheço esse nome. É difícil esquecer o homem que escreveu o artigo que mudou o curso da vida da sua família.

“Ele ainda escreve para o Bartleby Gazette?”

"Ele faz. Só que agora ele é o proprietário, editor e único repórter. Tenho a sensação de que você terá notícias dele no momento em que souber que você está de volta aqui.

“Há mais alguma coisa que você possa lembrar daquela noite?” Eu digo. “Alguma coisa que você acha que eu deveria saber?”

“Receio que isso seja tudo que tenho.” Chefe Alcott pega seu chapéu. “Às vezes, porém, penso naquela noite. Como era seu pai. Como todos vocês pareciam. Você conhece essa frase? ‘Parece que você acabou de ver um fantasma’? Isso se aplica a vocês três. E de vez em quando me pergunto se há um fundo de verdade naquele livro dele.”

Minhas mãos ficam dormentes de surpresa, me forçando a colocar minha caneca na mesa. “Você acha que Baneberry Hall é realmente mal-assombrado?”

“Eu não iria tão longe”, diz ela. “Não sei o que aconteceu nesta casa naquela noite. Mas seja lá o que for, isso te assustou pra caralho.

Com isso, o chefe Alcott se despede. Eu a levo até a porta e a tranco atrás dela. Entre a aparição surpresa de Elsa Ditmer e a notícia de que os fanáticos da Casa dos Horrores realmente entraram, parece uma boa ideia.

Sozinho novamente, retomo o passeio tão repentinamente interrompido. Percebo algo estranho assim que volto para a sala. As portas em formato de asas na metade superior da mesa da secretária estão fechadas, embora eu tenha quase certeza de que as deixei abertas.

Mas essa não é a única coisa estranha.

O abridor de cartas — aquele com as iniciais de William Garson que eu havia deixado em cima da mesa — desapareceu.

27 DE JUNHO

Dia 2

Nosso primeiro dia inteiro no Baneberry Hall começou bem cedo, principalmente porque nenhum de nós dormiu bem na noite anterior. Eu atribuí isso a estar em um lugar novo com seu próprio conjunto de ruídos noturnos. O clique do ventilador de teto. O estranho arranhar de um galho de árvore na janela do quarto. Um coro interminável de mudanças e rangidos enquanto uma tempestade de verão abalava a casa.

Eu até ouvi barulhos em meus sonhos. Estranhos que pareciam vir de cima e de baixo. Sonhei com portas batendo, gavetas sendo abertas, armários fechando e abrindo e fechando novamente. Eu sabia que eram sonhos porque toda vez que acordava com a certeza de que havia um intruso na casa, os barulhos cessavam.

Maggie também os tinha, embora eu suspeite que tenha sido mais imaginação dela do que sonhos reais. Ela entrou em nosso quarto um pouco depois da meia-noite, agarrando o travesseiro como se fosse um querido ursinho de pelúcia.

“Eu ouvi algo”, disse ela.

“Eu também, querido”, eu disse. “É só a casa. Lembra como eu disse que o apartamento canta uma música à noite? Esta casa também. É apenas uma música diferente daquela que estamos acostumados.”

“Eu não gosto dessa música”, disse Maggie. “Posso dormir aqui esta noite?”

Jess e eu já havíamos discutido a provável possibilidade de Maggie não querer dormir no quarto dela. Ela era jovem e não estava acostumada a mudar.

“Vamos permitir uma noite em nossa cama”, Jess disse. “Eu sei que parece um pouco duro, mas ela precisará aprender a dormir em seu próprio quarto.”

Como Jess estava dormindo profundamente – minha esposa poderia dormir durante um terremoto e uma invasão alienígena acontecendo ao mesmo tempo – a decisão foi minha. Esta noite seria a noite.

“Claro que você pode”, eu disse. “Mas só por esta noite. Amanhã você terá que ficar no seu próprio quarto.

Maggie se aninhou ao meu lado e tentei dormir mais uma vez. Mas os sonhos voltaram. Todos esses barulhos. Eu não sabia de onde eles vinham. E eles sempre teriam ido embora quando eu acordasse.

O único caso em que o barulho parecia ser mais do que um sonho aconteceu quando o amanhecer começava a nascer. Eu estava dormindo profundamente quando ouvi isso.

Baque.

Veio do andar de cima. Tão alto que o teto tremeu. E forte. Como algo pesado caindo no chão.

Despertado do sono, sentei-me, ofegante. Inclinei a cabeça, meu ouvido voltado para o teto, tentando ouvir qualquer som adicional. Tudo ficou em silêncio. Afinal, tinha sido um sonho, assim como os outros.

Só para ter certeza, olhei para Maggie e Jess, me perguntando se elas também tinham ouvido. Ambos ainda dormiam profundamente, Jess enrolada em nossa filha, os cabelos entrelaçados.

Olhei para o relógio. Eram 4h54 da manhã.

Tentei voltar a dormir, mas os sonhos me deixaram nervoso e com medo de que, assim que fechasse os olhos, os ruídos recomeçassem. Quando chegou às cinco da manhã, desisti e desci.

Ao descer a escada para o primeiro andar, vi que o lustre havia sido deixado aceso durante a noite e brilhava opressivamente no leve cinza do início da manhã. Então houve um problema de fiação. Fiz uma nota mental para perguntar a Hibbs se ele poderia dar uma olhada.

Chegando ao primeiro andar, fui até o interruptor de luz próximo ao vestíbulo e desliguei-o.

Isso foi melhor.

Continuei meu caminho até a cozinha, onde fiz café. Jess acordou uma hora depois, me beijando grogue na bochecha antes de ir direto para a panela de java.

“Você não acreditaria nos sonhos estranhos que tive ontem à noite”, disse ela.

“Eu faria”, eu disse. “Eu também os tive.”

“E Maggie? Presumo que haja um bom motivo para ela ainda estar na nossa cama.

"Ela estava assustada."

“Não podemos permitir que ela crie o hábito disso”, Jess me lembrou.

"Eu sei eu sei. Mas esta é uma grande mudança para ela. Pense nisso: aquele apartamento apertado é tudo o que ela conhece. Agora trazemos ela aqui, para um lugar com dez vezes mais espaço. Pense em como isso deve ser intimidante para ela. Até eu estou intimidado. A noite toda sonhei que estava ouvindo coisas.”

Jess ergueu os olhos da caneca, subitamente inquieta. "Que tipo de coisas?"

“Apenas ruídos aleatórios. Portas. Armários. Gavetas.

“Foi com isso que sonhei também”, disse Jess. "Você acha que-"

“Esses sons eram reais?”

Ela respondeu com um pequeno aceno nervoso.

“Eles não estavam”, eu disse. "Estou certo disso."

“Então por que nós dois os ouvimos? Maggie provavelmente também. É por isso que ela estava com medo. Um olhar chocado cruza o rosto de Jess. "Merda. E se houvesse um intruso? Alguém poderia estar dentro da nossa casa, Ewan. Você verificou se falta alguma coisa?

“Metade das nossas coisas ainda está em caixas. Quanto a tudo que veio com a casa, eu não saberia o que falta e o que não falta. Além disso, o portão da frente estava fechado e a porta trancada. Ninguém conseguiu entrar.”

“Mas esses barulhos—”

Puxei Jess para um abraço, seu corpo rígido de tensão e sua caneca de café quente contra minhas costelas. "Não foi nada. Simplesmente não estamos acostumados com tanta casa, e isso permitiu que nossa imaginação enlouquecesse.”

Foi uma explicação sólida. Um lógico. Ou assim pensamos. Embora os temores de Jess mais tarde se tornassem plenamente justificados, na época eu acreditei no que estava dizendo.

Mais um indício de que estava errado, de que algo estava errado com o lugar, ocorreu algumas horas depois, quando Elsa Ditmer chegou para um segundo dia de desfazer as malas. Desta vez, ela trouxe as filhas.

“Achei que Maggie gostaria de fazer novos amigos”, disse ela.

Ambas as meninas eram a cara de sua mãe. O mesmo rosto aberto e expressivo. Os mesmos olhos amigáveis. Era na personalidade que eles diferiam.

A mais nova, Hannah, não possuía nenhuma das reticências da mãe. Quando Maggie desceu, Hannah a avaliou de uma forma que só os muito jovens conseguem fazer. Aparentemente achando minha filha aceitável, ela disse: “Meu nome é Hannah. Tenho seis anos. Você gosta de esconde-esconde? Porque é isso que vamos tocar. Há muitos lugares bons para se esconder aqui, e eu conheço todos eles. Só estou avisando agora, para que você não fique surpreso quando eu ganhar.”

Petra, a garota mais velha do Ditmer, era mais quieta. Ao contrário da mãe, não detectei nenhuma timidez nela. Ela estava mais distante. Avaliando tudo — eu, Jess, a casa — com um distanciamento tranquilo.

“Vou ficar de olho neles”, disse Petra enquanto Maggie e Hannah saíam para brincar de esconde-esconde. “Para garantir que eles não caiam em um poço ou algo assim.”

Aos dezesseis anos, ela já era mais alta que a mãe e magra como um poste de feijão. Suas roupas – uma regata rosa e shorts cáqui – faziam seus membros parecerem ainda mais longos. Ela me lembrou um cervo, desengonçado, mas

rápido. Seu cabelo estava preso em um rabo de cavalo, revelando um crucifixo dourado semelhante ao que sua mãe usava.

“Eles ficarão bem com Petra”, disse Elsa. “Ela é uma boa babá.”

Enquanto observava Petra apressar-se para alcançar Maggie e Hannah, não pude deixar de me lembrar do que Elsa me dissera no dia anterior sobre a sua filha ser forte e protetora. Após uma primeira noite desconfortável em nossa nova casa, isso me fez sentir melhor.

O mesmo aconteceu com a ideia de Maggie, esperançosamente, encontrar uma nova amiga em Hannah. No ano passado, Jess e eu ficamos cada vez mais preocupados com a falta de amigos de nossa filha. Ela estava, suspeitávamos, mais solitária do que deixava transparecer. Maggie era uma garota quieta. Não é tímido, exatamente. Observante era mais parecido. Contente em sentar e assistir, assim como Petra parecia estar.

Com as meninas sozinhas, nós, adultos, nos separamos. Jess e Elsa foram para a Sala Indigo, que depois do dia anterior estava livre de cobras. Voltei para a cozinha, onde organizei todos os pratos, utensílios e utensílios que os Carvers haviam deixado para trás. Apesar do que aconteceu aqui, ainda era difícil para mim entender por que a Sra. Carver não queria ficar com nada. Talvez ela estivesse com medo de que cada item da casa guardasse memórias que ela preferiria esquecer. Se fosse esse o caso, eu ficaria muito feliz em separar as xícaras lascadas e os talheres manchados, guardando algumas e guardando outras.

No meio da tarefa, um dos sinos da parede tocou. Um diferente de ontem. Desta vez era um dos sinos numerados que indicavam antigos quartos de hóspedes da época das pousadas. A campainha pertencia ao número 4. Também conhecido como quarto de Maggie.

No começo ignorei, pensando que eram só as meninas brincando. Preparei-me para um coro de toques enquanto as meninas exploravam vários cômodos, experimentando os toques dos sinos em cada um. Mas o quarto de Maggie foi o único que tocou.

E tocou.

E tocou.

Eles também eram anéis frenéticos. Forte. Este não era um grupo de garotas puxando levemente uma corda. Este foi um puxão total.

Curioso, saí da cozinha e fui até o segundo andar. Lá em cima, não ouvi mais a campainha. Apenas o deslizamento irregular da corda enquanto ela era puxada da parede.

Maggie foi quem puxou, o que aprendi quando entrei no quarto dela, pegando-a no meio do puxão.

“Havia uma garota aqui”, disse ela, com os olhos brilhando de medo.

“Tem certeza de que não foi apenas Hannah?” Perguntei. “Você deveria estar brincando de esconde-esconde, lembra?”

Elsa Ditmer já havia se juntado a nós, atraída pela confusão. Ela permaneceu no corredor, aparentemente sem vontade de entrar na sala.

“Poderia ter sido Petra”, disse ela.

“Não”, Maggie nos disse. “Eles estão se escondendo.”

Ao ouvir seus nomes, Hannah e Petra saíram de seus esconderijos em algum outro lugar do segundo andar. Ambos ficaram com a mãe na porta.

“Estamos bem aqui”, disse Hannah.

Petra espiou dentro da sala. "O que está acontecendo?"

“Maggie disse que havia alguém no quarto dela”, eu disse.

“Havia,” Maggie disse, batendo o pé.

"Então para onde ela foi?"

Maggie apontou para o armário, aquele grande animal de madeira caído diretamente em frente à cama. As portas estavam fechadas. Abri-os, revelando o interior vazio do armário. Maggie, embora claramente apanhada numa mentira, dobrou a aposta.

"Mas eu a vi!" ela chorou.

A essa altura, Jess já havia entrado em cena. Com a paciência esgotada que só uma mãe pode possuir, ela conduziu Maggie para fora da sala. “Vamos almoçar para você e depois tirar uma soneca. Depois da noite passada, você provavelmente está exausto.”

Eu os segui para fora da sala, apenas para ser parado no corredor por Elsa, que disse: “Sua filha. Ela é sensível, certo?

“Não são todas as meninas dessa idade?”

“Alguns mais do que outros”, respondeu Elsa. “Katie também era sensível.”

“A garota Carver?”

Elsa assentiu rapidamente. “Garotas assim podem sentir coisas que o resto de nós sente falta. Quando isso acontecer, talvez seja sensato acreditar neles.”

Ela saiu então, recuando silenciosamente pelo corredor.

No início, rejeitei o que ela me disse. Maggie era minha filha, não dela. E eu não pretendia fingir que acreditava em coisas inventadas só para acalmá-la. Mas naquela noite, não consegui parar de repetir as palavras de Elsa na minha cabeça.

Principalmente quando os ruídos voltaram.

Não apenas os sons habituais de uma casa se preparando para uma longa noite de verão, mas também os sonhos. Os solavancos e batidas de portas, armários,

armários abrindo e fechando. A cacofonia preencheu meu sono, silenciando-se apenas quando acordei alguns minutos antes da meia-noite.

Sentando-me na cama, olhei para a porta do quarto, tentando ouvir o menor indício de que os ruídos eram reais. Tudo o que ouvi foram a respiração pesada de Jess e um coro de grilos na floresta lá fora.

Imediatamente pensei em Maggie e em como Elsa Ditmer a classificou - com razão - como sensível. Ocorreu-me que o conselho dela sobre acreditar em Maggie na realidade significava ver as coisas através dos olhos da minha filha. Para entender isso, mesmo sabendo que esses eram os sons de uma casa se acomodando, eles poderiam parecer bastante ameaçadores para alguém tão jovem. E se eles estavam me mantendo acordado, então era possível que Maggie também não conseguisse dormir. É por isso que decidi que não faria mal nenhum ver como ela estava.

Deslizando para fora da cama, saí do quarto e segui pelo corredor até o quarto de Maggie. Ao me aproximar, vi a porta – que, por insistência de Maggie, havia sido deixada aberta depois de lhe darmos um beijo de boa noite – fechar de repente com um clique suave.

Então ela estava acordada.

Abri uma fresta da porta, esperando ver Maggie voltando para a cama, preparando-se para ler um de seus livros ilustrados ao luar. Em vez disso, vi que ela já estava na cama, coberta pelos lençóis dos pés aos ombros. Ela também estava, ao que parecia, dormindo profundamente. A essa altura, Jess e eu pudemos reconhecer quando ela estava fingindo dormir. As respirações superficiais. As pálpebras trêmulas. A imobilidade exagerada e pesada de seus membros. Essa era a verdade, o que suscitou uma pergunta única e preocupante: quem acabara de fechar a porta do quarto?

A garota. Aquele que Maggie disse que viu.

Esse foi meu primeiro pensamento. Uma ideia maluca, imediatamente descartada. Não havia nenhuma garota. Quanto à porta do quarto, ela fechou sozinha, seja por uma corrente de ar, por dobradiças soltas ou pelo simples fato de ter sido pendurada errada quando foi instalada, décadas atrás.

Mas então olhei para o armário. O lugar onde Maggie disse que essa garota imaginária havia desaparecido.

Ambas as portas estavam abertas.

Cinco

As portas do armário estão fechadas.

Nenhuma surpresa aí. Provavelmente não é inaugurado há vinte e cinco anos.

O que me surpreende é que alguém — meu pai, presumo — tenha pregado as portas com um par de tábuas. As tábuas cruzam a divisão entre as portas, dando-lhe uma aparência distintamente proibida. Como uma casa mal-assombrada num saco de doces ou travessuras.

Apropriado, eu acho.

Também ridículo.

Por outro lado, o mesmo poderia ser dito da minha escolha de dormir no meu antigo quarto. Há muitos outros lugares onde eu poderia acampar enquanto estiver aqui. O antigo quarto dos meus pais era o maior e, provavelmente, o mais confortável.

Mas é este quarto que fala comigo depois que levo minha bagagem para cima. Nº 4 na parede de sinos da cozinha. Eu gostaria de pensar que isso se deve à familiaridade. Na verdade, suspeito que seja simplesmente porque o quarto é agradável. Posso ver por que meu pai escolheu esse lugar para ser meu quarto. É espaçoso. Encantador.

Exceto o armário, que é o oposto de charmoso. Uma coisa pesada e desajeitada que domina a sala ao mesmo tempo que parece pertencer a outro lugar. A sala. A Sala Índigo. Qualquer lugar exceto aqui.

A forma como foi fechado não ajuda em nada. Só posso imaginar por que meu pai sentiu a necessidade de fazer isso. É por isso que volto para fora, pego um pé-de-cabra do caminhão e retiro as duas tábuas com quatro puxões rápidos.

A madeira cai no chão e as portas do armário se abrem.

Quando os abro completamente, vejo vestidos.

Eles são pequenos. Vestidos de menina em uma variedade de cores de ovo de Páscoa. Com babados e babados e amarrados na cintura com fitas de

cetim. Merda que nenhuma criança que se preze deveria ser forçada a usar. Eu os vasculho, o tecido um pouco rígido, a poeira acumulada nos ombros. Em um deles, um fio de teia de aranha vai da manga até a saia. É quando percebo que esses vestidos são meus, feitos para uma pessoa muito mais jovem. De acordo com o Livro, minha mãe os pendurou aqui com a esperança de que um dia eu quisesse me vestir como uma esposa de Stepford. Que eu saiba, nunca usei um único. Provavelmente é por isso que foram deixados no armário, sem uso e sem amor.

Mas quando vou até o armário sob o beiral e abro a porta inclinada, encontro mais roupas minhas lá dentro. Roupas que tenho certeza que usei. Eles são exatamente o meu estilo. Jeans elegantes e camisetas listradas e um par de tênis com um chiclete preso na sola esquerda. São muitas roupas. Parece que todo o meu guarda-roupa de cinco anos atrás está contido neste quarto.

Na entrevista do 60 Minutes – a mesma com a minha pequena tímida e minha franja horrível – meus pais alegaram que havíamos fugido de Baneberry Hall apenas com as roupas que usávamos. Já assisti tantas vezes que a troca ficou permanentemente gravada em minha memória.

“É verdade que você nunca voltou àquela casa?” disse o entrevistador.

“Nunca”, disse meu pai.

“Sempre”, minha mãe acrescentou para garantir.

“Mas e as suas coisas?” o entrevistador perguntou. "Sua roupas? Seus pertences?

“Ainda está tudo lá”, respondeu meu pai.

Tal como acontece com a maioria das coisas relacionadas ao Livro, nunca acreditei. Não poderíamos ter deixado tudo para trás.

No entanto, ao olhar para um armário cheio de minhas roupas velhas, começo a pensar que talvez meus pais estivessem dizendo a verdade. Essa suspeita aumenta ainda mais quando vou do quarto para a sala de jogos adjacente. O chão está cheio de brinquedos. Blocos de madeira. Tijolos Duplo robustos. Uma Barbie nua está deitada de bruços no tapete como uma vítima de assassinato. Parece que uma menina saiu repentinamente da sala no meio da brincadeira, para nunca mais voltar.

Tento pensar por que meus pais teriam feito tal coisa. Por que negar roupas à filha única? Seus brinquedos? Certamente, devo ter amado alguns deles. Uma camisa favorita. Um querido bichinho de pelúcia. Um livro que

fiz meus pais lerem para mim repetidas vezes. Por que tirar isso de mim sem um bom motivo?

A melhor resposta que posso dar é que foi por verossimilhança. Que ninguém teria acreditado nos meus pais se eles tivessem voltado para pegar aquela Barbie, por exemplo, ou aqueles tênis estragados. Que, para que esse longo golpe de que o chefe Alcott falou funcionasse, eles precisavam abandonar tudo de boa vontade.

Acho que meus pais pensaram que era um sacrifício que valia a pena fazer. Um que eles mais tarde compensaram, esbanjando-me com coisas após o sucesso do Livro. Meu pai gostava especialmente de me mimar. Fui a primeira menina da minha escola a ter um DVD player. E uma TV de tela plana. E um iPhone. Quando completei dezesseis anos, ele me deu um carro novo. Quando fiz dezessete anos, ele me deu um segundo. Na época, atribuí os presentes à culpa pós-divórcio. Agora acho que foi uma forma de expiação por me fazer viver com o Livro.

Chame-me de ingrato, mas eu teria preferido a verdade.

Saio da sala de jogos e sigo pelo corredor, espiando os outros cômodos do segundo andar. A maioria deles eram quartos de hóspedes durante o período em que Baneberry Hall funcionava como pousada. Eles são pequenos e, na maior parte, vazios. Um deles, presumivelmente um remanescente da época do B&B, contém uma cama de solteiro sem lençóis e uma mesa de cabeceira inclinada, com a luminária sem abajur em cima dela inclinada como um homem bêbado. Na sala ao lado há uma velha máquina de costura e carretéis de linha empilhados em pirâmides organizadas. No chão há uma caixa de papelão cheia de revistas Life dos anos cinquenta.

Como a maior parte dessas coisas veio com a casa, faz sentido que meus pais deixem muitas delas para trás. Nada disso parece ter valor real, e não consigo imaginar que houvesse qualquer ligação emocional com uma mesa de cabeceira quebrada ou uma máquina de costura Singer de meados do século.

A história é diferente no antigo quarto dos meus pais, no final do corredor. Embora eu presuma que foi aqui que meu pai dormiu durante suas pernoites anuais aqui, parece que o quarto não é tocado há vinte e cinco anos. Assim como minha sala de jogos, ela ficou congelada no tempo. As joias da minha mãe daquela época – muito mais discretas do que as que ela

usa agora – estão espalhadas por cima da cômoda. Perto está uma gravata listrada enrolada como uma cobra. Um vestido está em uma poça no canto. O salto de uma bomba preta aparece por baixo do tecido.

A sala, na verdade, está cheia de roupas. A cômoda, arrumada com um lado Dele e um lado dela, está recheada. Cada gaveta revela meias e roupas íntimas e coisas que meus pais nunca quiseram que eu visse. Uma caixa de preservativos. Um saquinho de maconha escondido dentro de uma lata velha de Band-Aid.

Mais roupas da minha mãe estão penduradas no armário, inclusive um vestido de verão floral do qual só me lembro porque ela o está usando em um porta-retratos que meu pai guardava no apartamento dele. Ela parece feliz naquela foto, com meu pai ao lado dela e meu bebê em seus braços.

Pensando naquela foto agora, me pergunto como ela foi parar na casa do meu pai. Alguma vez ele enfeitou Baneberry Hall? Se sim, meu pai o levou consigo quando partimos? Ou ele o roubou anos depois, durante uma de suas muitas visitas secretas aqui?

Depois surge a grande questão: por que tirar apenas aquela fotografia?

Porque todo o resto ficou para trás. Os ternos, jeans e roupas íntimas do meu pai. Um relógio que ainda está na mesa de cabeceira. O vestido de noiva da minha mãe, que encontro no fundo do armário, fechado com zíper em uma sacola plástica.

Ainda está tudo aqui. Meu pai não estava mentindo sobre isso. Isso me faz pensar que outros aspectos do Livro são verdadeiros.

Tudo isso.

O pensamento atinge meu cérebro, espontaneamente e indesejável. Fecho os olhos, balanço a cabeça, vou embora. Só porque deixamos tudo para trás não significa que este lugar seja mal-assombrado. Tudo o que significa é que o meu pai estava disposto a sacrificar tudo – a sua casa, os seus bens, a sua família – pelo Livro.

De volta ao meu quarto, desfiz as malas e guardo meu guarda-roupa de adulto ao lado do de infância. Tiro a calça jeans e a camisa de trabalho, substituindo-as por shorts de flanela e uma camiseta desbotada dos Caça-Fantasmas roubada de um antigo namorado da faculdade. A ironia disso era engraçada demais para resistir.

Em seguida, subo em uma cama que era um pouco grande demais para mim, aos cinco anos, e pequena demais para mim, hoje. Meus pés se

esticam além da borda, e um bom giro em qualquer direção provavelmente me fará cair no chão. Mas servirá por enquanto.

Em vez de dormir, passo a hora seguinte acordado na escuridão e fazendo o que faço em todas as casas em que trabalho.

Eu escuto.

E Baneberry Hall, ao que parece, tem muito a dizer. Do zumbido do ventilador de teto ao rangido do colchão embaixo de mim, a casa está cheia de barulho. Lá fora, uma rajada de ar quente de verão faz ranger o canto do telhado. O som se junta ao coro de grilos, sapos e pássaros noturnos que habitam a mata que cerca a casa.

Estou quase dormindo, embalado pelo ruído branco da natureza, quando outro som surge lá fora.

Um galho.

Quebrando ao meio com um forte estalo.

Seu aparecimento repentino silencia o resto da floresta. Nesse silêncio recém-descoberto, sinto uma perturbação no quintal.

Algo está lá fora.

Deslizo para fora da cama e vou até a janela, que oferece uma vista em ângulo agudo do pátio coberto pela noite abaixo. Examino a área mais próxima da casa, vendo apenas grama enluarada e os galhos superiores de um carvalho. Movo meu olhar para a periferia do quintal, onde a floresta substitui o gramado, esperando ver um cervo pisando cautelosamente na grama.

Em vez disso, vejo alguém parado logo além da linha das árvores.

Não consigo distinguir muitos detalhes. Está muito escuro e quem quer que seja está em muita sombra. Na verdade, se eles tivessem ficado alguns metros mais fundo na floresta, eu nem saberia que eles estavam lá.

Mas eu sei. Eu posso ve-lo. Ou ela.

Parado em uma quietude de estátua.

Não fazendo nada além de olhar para a casa.

Até aqui.

Lembro-me do que o chefe Alcott disse sobre as pessoas tentando entrar. Ghouls, ela os chamava. E alguns deles tiveram sucesso.

Não enquanto eu estiver aqui.

Afastando-me da janela, corro para fora do quarto, desço as escadas e vou até a porta da frente. Uma vez lá fora, corro pela lateral da casa, com a

grama encharcada de orvalho e escorregadia sob meus pés descalços. Logo estou no quintal, indo direto para o local onde a figura estava.

Agora está vazio. Assim como toda a linha das árvores.

Procuro ouvir o som de passos se afastando na floresta, mas agora os grilos, os sapos e os pássaros noturnos já começaram a subir novamente, tornando difícil ouvir qualquer outra coisa.

Permaneço lá por mais alguns minutos, me perguntando se realmente vi alguém espreitando lá fora. Há uma chance de ter sido apenas a sombra de uma árvore. Ou um truque do luar. Ou minha imaginação, presa no modo paranóico depois da minha conversa com o chefe Alcott.

Todos são possíveis. Nenhum é provável.

Porque eu sei o que vi. Uma pessoa. Parado exatamente onde estou agora.

O que significa que preciso investir em um sistema de segurança e instalar um holofote no quintal como medida dissuasora. Porque apesar do portão da frente, da floresta e do muro de pedra que cerca tudo, Baneberry Hall não é tão isolado quanto parece.

E não estou tão sozinho aqui como pensei inicialmente.

28 DE JUNHO

Dia 3

Depois de dois dias desfazendo as malas e arrumando nossos próprios móveis com o que havia diante de nós, finalmente chegou a hora de abordar o escritório do terceiro andar – uma perspectiva emocionante. Sempre quis meu próprio escritório. Toda a minha carreira de escritor ocorreu em cubículos de paredes brancas, em mesas frágeis de quartos de motel, na mesa da sala de jantar do apartamento de Burlington. Eu esperava que ter um espaço próprio me fizesse sentir mais uma vez um escritor sério.

O único problema era que aquele quarto também fora o local do suicídio de Curtis Carver, fato que pesava em meus pensamentos enquanto subia os degraus estreitos até o terceiro andar. Eu temia que sua morte ainda fosse sentida no escritório. Que sua culpa, desespero e loucura de alguma forma se infiltraram no espaço, girando no ar como poeira.

Meus medos foram dissipados quando finalmente entrei no escritório. Era tão encantador quanto eu me lembrava. Todos os tetos altos e estantes robustas e aquela enorme mesa de carvalho, que eu não tinha dúvidas de que pertenceu a William Garson. Como o próprio Baneberry Hall, tinha uma grandeza que só poderia ser conjurada por um homem rico e de status. A sala inteira fez isso. Em vez de Curtis Carver, foi a presença do Sr. Garson que se destacou dentro do escritório.

Mas eu não podia ignorar o fato brutal de um homem ter tirado a própria vida dentro destas paredes. Para tornar este espaço verdadeiramente meu, precisava livrá-lo de quaisquer vestígios de Curtis Carver.

Comecei pelo primeiro dos dois armários, ambos com portas inclinadas, como o do quarto de Maggie. Dentro havia prateleiras repletas de jogos de tabuleiro antigos, alguns dos anos trinta. Monopólio e pista e cobras e escadas. Havia até um tabuleiro Ouija, com a caixa branca desgastada nos cantos. Lembrei-me do que Janie June dissera sobre Gable e Lombard ficarem ali e sorri ao pensar neles usando o tabuleiro Ouija na sala à luz de velas.

Abaixo dos jogos, no chão, havia duas malas quadradas, com a superfície coberta de poeira. Tirei os dois do armário, descobrindo que não eram desprovidos de peso.

Algo estava dentro de cada um deles.

A primeira mala, descobri ao abri-la, não era uma mala. Era um toca-discos antigo dentro de um estojo de couro. Apropriadamente, a outra caixa continha

LPs mantidos em suas capas originais de papelão. Eu os examinei, decepcionado com a coleção de músicas de Big Band e trilhas sonoras de filmes.

Oklahoma. Pacífico Sul. O rei e eu.

Alguém era fã de Rodgers e Hammerstein, e eu estava bastante confiante de que não era Curtis Carver.

Levei o toca-discos até a mesa e liguei-o, curioso para ver se ainda funcionava. Peguei o primeiro disco da caixa – The Sound of Music – e deixei-o rodar. A música encheu a sala.

Enquanto Julie Andrews cantava sobre as colinas estarem vivas, fui até o segundo armário, passando por um par de janelas em forma de olhos, semelhantes às que davam para a frente da casa. Os dois olhavam para o quintal, além do qual havia um bosque que descia acentuadamente a encosta. Olhando para fora, vi Maggie e Jess na esquina da casa, de mãos dadas. Sabendo que eu estava aqui, Jess lançou um olhar para a janela e acenou.

Acenei de volta, sorrindo. Foram alguns dias difíceis. Eu estava dolorido por causa de todas aquelas mudanças e desfazer as malas, cansado por causa das noites agitadas e preocupado com os problemas de adaptação de Maggie. Naquela manhã, no café da manhã, quando perguntei por que ela havia aberto as portas do armário no meio da noite, ela jurou que não tinha feito isso. Mas meu estresse desapareceu enquanto observava minha esposa e filha aproveitando nosso novo quintal. Ambos pareciam felizes enquanto exploravam a orla da floresta, e percebi que comprar este lugar era a melhor decisão que poderíamos ter tomado.

Continuei até o segundo armário, que estava quase vazio. As únicas coisas dentro dela eram uma caixa de sapatos na prateleira de cima e, ao lado dela, quase uma dúzia de pacotes verdes e brancos de filme Polaroid. A caixa de sapatos era azul com um logotipo revelador da Nike nas laterais. Dentro estava o motivo de todo aquele filme: uma câmera Polaroid e uma pilha de fotos.

Primeiro, examinei a câmera, quadrada e pesada. Pressionar um botão lateral levantou a lente e o flash da câmera. Um botão na parte superior acionou o obturador. Na parte de trás havia um balcão me dizendo que ainda havia filme suficiente para mais duas fotos.

Assim como aconteceu com o toca-discos, resolvi testar a câmera. Fui até a janela dos fundos e vi que Maggie e Jess ainda estavam do lado de fora, indo em direção à floresta. Maggie estava correndo. Jess foi atrás dela, pedindo que ela diminuísse a velocidade.

Cliquei na veneziana quando ambos entraram na floresta. Um segundo depois, em meio a muito zumbido, uma fotografia quadrada emergiu lentamente de uma fenda na frente da câmera. A própria imagem estava apenas começando a se

formar. Formas nebulosas emergindo da brancura leitosa. Deixei a foto de lado para ser revelada e voltei para as fotos guardadas na caixa de sapatos.

Pegando a de cima, vi que era uma foto de Curtis Carver. Ele olhou diretamente para a câmera com uma expressão vazia no rosto, a luz do flash deixando sua pele com um branco doentio. A julgar pelo estiramento dos braços na parte inferior da imagem, ele mesmo havia tirado a foto. Mas o enquadramento estava errado, capturando apenas dois terços do rosto e todo o ombro esquerdo. Atrás dele estava o escritório, muito parecido com o que era agora. Vazio. Escuro. Sombras reunidas no canto do teto abobadado.

Uma data havia sido escrita com marcador na faixa branca de alguns centímetros de altura que corria na parte inferior da foto.

2 de julho.

Voltei para a caixa e peguei outra foto. O tema era o mesmo – um autorretrato descentralizado de Curtis Carver tirado no estudo – mas os detalhes eram diferentes. Uma camiseta vermelha em vez da branca que ele usava na foto anterior. Seu cabelo estava despenteado e a barba por fazer escurecia suas bochechas.

A data rabiscada abaixo da imagem era 3 de julho.

Peguei mais três fotos, com as datas 5 de julho, 6 de julho e 7 de julho.

Eles eram iguais aos outros. Assim como mais quatro que estavam abaixo deles, datados de 8 de julho, 9 de julho, 10 de julho e 11 de julho.

Folhá-los foi como assistir a um vídeo com lapso de tempo. Do tipo que nos mostraram na escola primária, com flores desabrochando e folhas desabrochando. Só que esta era uma crónica de Curtis Carver e, em vez de crescer, parecia estar a recuar. A cada foto, seu rosto ficava mais fino, sua barba ficava mais longa, sua expressão mais abatida.

A única constante eram seus olhos.

Olhando para eles, não vi nada. Sem emoção. Nenhuma humanidade. Em todas as fotografias, os olhos de Curtis Carver eram espaços escuros que nada revelavam.

Um ditado que ouvi há muito tempo me veio à mente: quando você olha para o abismo, o abismo também olha para você.

Coloquei as fotos de volta na caixa. Embora houvesse mais lá dentro, não tive estômago para olhar para eles. Já tinha feito o suficiente olhando para o abismo por uma manhã.

Em vez disso, peguei a foto que tirei, que agora estava totalmente revelada. Eu gostei do que vi. Consegui capturar Maggie e Jess prestes a desaparecer na floresta.

Maggie mal estava visível – apenas um borrão de cabelos castanhos no fundo, a sola branca de um tênis indicando que ela estava correndo. Jess foi mais clara. De costas voltadas para a câmera, cabeça inclinada, braço direito estendido enquanto ela empurrava um galho baixo para fora de seu caminho.

Eu estava tão focado nos dois que levei um momento para notar algo mais na foto. Quando vi, todo o meu corpo estremeceu de surpresa. Meu cotovelo bateu no toca-discos, encerrando a música que estava tocando – “Sixteen Going on Seventeen” – com um grito de arranhar um álbum.

Ignorei e continuei olhando para a foto.

Ali, parado na borda da moldura, estava uma figura envolta em sombras.

Achei que fosse um homem, embora não tivesse certeza. Os detalhes eram escassos. Tudo o que consegui distinguir foi uma forma distintamente humana parada na floresta, a poucos metros da linha das árvores.

Quem — ou o que — era, eu não fazia ideia. Tudo que eu sabia era que vê-lo fez com que uma onda gelada de medo percorresse minhas veias.

Eu ainda estava olhando para a figura na foto quando um grito percorreu a floresta, tão alto que ecoou pelos fundos da casa.

Estridente e aterrorizado, eu soube imediatamente que pertencia a Jess.

Num instante, saí do escritório e desci dois lances de escada até o primeiro andar. Lá fora, dei a volta na casa e corri para o quintal, onde mais gritos podiam ser ouvidos.

Desta vez, Maggie. Soltando um gemido alto e contínuo de dor.

Acelerei o passo quando entrei na floresta, saltando pela vegetação rasteira e desviando das árvores até onde Jess e Maggie estavam localizadas. Ambas estavam no chão — Jess de joelhos e Maggie deitada de bruços ao lado dela, ainda gritando como uma sirene.

"O que aconteceu?" Eu chamei enquanto corria em direção a eles.

“Ela caiu”, disse Jess, tentando parecer calma, mas falhando miseravelmente. Suas palavras saíram em uma confusão frenética. “Ela estava correndo e então tropeçou, caiu e bateu em uma pedra ou algo assim. Ah, meu Deus, Ewan, isso parece ruim.

Ao alcançá-los, vi uma pequena poça de sangue no chão próximo à cabeça de Maggie. A visão daquilo – vermelho brilhante contra o verde musgoso do chão da floresta – me deixou em pânico. Ofegante, eu gentilmente rolei Maggie. Ela tinha uma mão pressionada contra a bochecha esquerda, sangue escorrendo por entre os dedos.

“Fique quieto, querido,” eu sussurrei. “Deixe-me ver o quão ruim é.”

Afastei a mão de Maggie, revelando um corte abaixo do olho esquerdo. Embora não fosse muito longo, parecia profundo o suficiente para exigir pontos. Tirei minha camiseta e pressionei-a contra o corte, na esperança de estancar o sangramento. Maggie gritou novamente em resposta.

“Precisamos levá-la ao pronto-socorro”, eu disse.

Jess, com seus instintos maternais agindo de forma feroz, recusou-se a me deixar carregar Maggie. “Eu consigo”, disse ela, erguendo nossa filha por cima do ombro enquanto o sangue jorrava em sua camisa. “Te encontro no carro.”

Ela foi embora, com Maggie ainda choramingando nos braços. Fiquei para trás apenas o tempo suficiente para examinar o local onde Maggie bateu no rosto. Foi fácil de encontrar. Uma mancha úmida de sangue brilhava no topo de uma rocha retangular que se projetava cerca de dois centímetros do chão.

Só que não era uma pedra.

Sua forma era ordenada demais para ser causada pela natureza.

Foi, para meu choque total e absoluto, uma lápide.

Caí de joelhos diante dele e limpei décadas de sujeira. Um nome familiar apareceu, a terra nas letras esculpidas fazendo-as contrastar fortemente com o mármore claro.

WILLIAM GARSON
Amado pai
1843–1912



Seis

Depois de ver aquela pessoa lá fora, levei duas horas e um Valium até que eu estivesse calmo o suficiente para voltar para a cama e muito menos para adormecer. Mesmo assim, um terror noturno invadiu meu sono. Eu, na cama, a figura da floresta agora pairando de repente sobre mim, com as costas apoiadas no teto.

Acordei ofegante, minha pele coberta por uma fina camada de suor que brilhava à luz da lua que entrava pela janela. Tomei um segundo Valium. Funcionou.

Agora são seis da manhã e, embora tudo que eu queira fazer seja ficar na cama, não posso. Há trabalho a ser feito.

Como não há café em casa, uso um banho frio como um pobre substituto da cafeína. Saio bem acordado, mas de um jeito dolorido e arrependido. Parece que acabei de levar um tapa, minha pele fica rosada e pulsante. Quando olho no espelho do banheiro, vejo como minha cicatriz se destaca na luz fraca do amanhecer. Uma pequena faixa branca na minha bochecha rosada. Eu toco nele, a pele ao redor está inchada e sensível pela falta de sono.

No café da manhã, tomo uma barra de proteína – literalmente o único alimento que pensei em levar comigo – acompanhada de outra caneca de chá horrível e uma promessa de chegar ao supermercado no final do dia.

Verifico meu telefone enquanto como e vejo uma mensagem de minha mãe. O tom e o assunto me dizem que ela ouviu minha mensagem de voz.

Tão desapontado. Não fique aí. Por favor

Minha resposta é uma aula magistral de maturidade.

Tente e me pare

Apertei enviar e subi para percorrer a sala e a sala Indigo, procurando o abridor de cartas que tenho certeza que perdi ontem à noite durante o drama inesperado com Elsa Ditmer e sua filha. É a única explicação. Os abridores

de cartas não desaparecem sozinhos. Mas depois de vários minutos de busca infrutífera, desisto.

Digo a mim mesmo que está aqui em algum lugar, provavelmente enterrado sob anos de lixo eletrônico. Isso vai aparecer em algum momento. E se isso não acontecer, que assim seja.

Às sete, estou lá fora e descarregando minha caminhonete antes que Dane chegue, mesmo sabendo que seria mais fácil com a ajuda dele. Eu mesmo faço isso porque, primeiro, já estou aqui e não tenho vontade de perder tempo e, segundo, quero que ele veja que posso fazer sozinho. Que ele está aqui para ajudar, não para carregar a maior parte da carga.

Quando Dane chega pontualmente às oito, metade do caminhão já foi esvaziado e o equipamento está espalhado pelo gramado da frente. Ele olha para a furadeira ao lado da escada, que está apoiada na serra para azulejos. Acho que ele está impressionado.

Ele me ajuda a terminar de descarregar o caminhão enquanto repasso o plano. Limpe a casa, guarde tudo o que possa valer a pena guardar e jogue fora o resto. Começaremos no topo, no antigo escritório do meu pai, e desceremos, cômodo por cômodo. Ainda não sei o que vou fazer com tudo isso. Preciso de mais tempo em casa antes de poder fazer um projeto adequado. Mas já estou inclinado a seguir uma sugestão do que já está aqui. Madeiras ricas, padrões ornamentados, tons de joias. Se eu tivesse que colocar um rótulo nisso, eu chamaria de glamour vitoriano.

Com o caminhão descarregado, pegamos algumas caixas de papelão vazias e entramos. A casa parece maior à luz da manhã. Mais quente e mais brilhante. A maioria das pessoas, se não conhecessem a sua história, descreveriam o lugar como acolhedor. Mas o passado pesa sobre Baneberry Hall. O suficiente para eu sentir um arrepio quando passamos por uma janela dos fundos e vejo o local onde o invasor da noite passada estava parado.

“Você tem a chave do portão, certo?” — pergunto a Dane enquanto subimos os degraus para o terceiro andar.

“Eu não seria um bom zelador se não o fizesse.”

“Você não estava passeando pelo terreno ontem à noite? Por volta das onze?

“Naquela hora, eu estava dormindo antes do jogo do Red Sox. Por que?"

“Eu vi alguém na floresta. A poucos metros do quintal.

Dane se vira nos degraus para me dar um olhar preocupado. “Eles fizeram alguma coisa?”

“Até onde eu sei, eles ficaram parados olhando a casa antes de desaparecerem na floresta.”

“Provavelmente era um ghoul”, diz Dane.

“Acho que esse termo não é apenas conversa policial.”

“Todos nós os chamamos assim. Eles são principalmente crianças locais. Ouvi dizer que eles gostam de desafiar um ao outro a entrar furtivamente na propriedade e chegar perto da infame Casa dos Horrores. Eles são inofensivos. Mas você pode querer parar de facilitar as coisas para eles. O portão da frente estava aberto esta manhã. Isso é como enviar-lhes um convite para invadir.”

Deixando de lado as reclamações de Dane, sei que ele está certo. Eu tinha esquecido do portão ontem à noite. Minha lição aprendida, não pretendo fazer isso novamente.

“Devidamente anotado”, digo enquanto abro a porta do escritório. Está quente lá dentro, embora ainda não sejam nove horas e o sol ainda esteja nascendo atrás da floresta nos fundos. Também está empoeirado. Enormes partículas dele giram ao nosso redor quando entramos, praticamente brilhando na luz que brilha através das janelas circulares.

Dane olha ao redor da sala, impressionado. “Este é um ótimo espaço. O que você planeja fazer com isso?

“Eu estava pensando no quarto de hóspedes”, digo. “Ou talvez uma suíte de sogros.”

“Você precisaria instalar um banheiro.”

Eu faço uma careta, porque ele está certo. “O encanamento será uma merda.”

“O custo também”, diz Dane. “Eu sei que isso parece loucura, mas se você quisesse, você poderia se livrar do chão...”

“E transforme o quarto abaixo em uma suíte master com teto de catedral...”

“E uma clarabóia!”

Paramos de conversar, ambos ligeiramente sem fôlego. Falamos a mesma língua. Bom saber.

Dane se concentra nas estantes ao longo da parede. Vou até a mesa do meu pai e tenho lembranças desconfortáveis de quando Allie e eu esvaziamos o apartamento do meu pai, uma semana depois de sua morte. Foi difícil. Todo o lugar cheirava a ele – uma combinação calmante de lã, loção pós-barba e livros antigos. Cada item colocado em uma caixa de papelão parecia como se uma parte de sua existência estivesse sendo trancada onde ninguém pudesse ver. Cada cardigã esfarrapado. Cada livro desgastado. Eu estava apagando meu pai pedaço por pedaço e isso me destruiu.

Pior ainda foi encontrar uma caixa de manuscritos no armário do escritório, ao lado de sua velha máquina de escrever e um conjunto de tacos de golfe raramente usados. Acontece que ele havia escrito cinco livros depois de House of Horrors. Todos eles ficção. Todos inéditos. Uma delas incluía uma carta de seu agente de longa data, dizendo que ninguém queria outra coisa senão outra história de fantasmas.

Agora abro lentamente a gaveta de cima da mesa do meu pai, preparando-me para sinais semelhantes de seu fracasso. Não há nada nele além de canetas, clipes de papel e uma lupa.

A próxima gaveta, porém, guarda uma surpresa.

Uma cópia do Livro.

Eu o pego e sopro a poeira da capa. É uma capa dura. Primeira edição. Posso dizer porque é o único que não traz as palavras que todos os escritores sonham em ter na capa do livro: Best-seller do New York Times. Cada edição depois desta os usava como uma medalha de honra.

A capa é boa, o que muitos dizem ser atribuída ao sucesso inicial do livro. É uma ilustração de Baneberry Hall visto de um ângulo não alcançável na vida real. Uma vista panorâmica de uma casa alta e torta em uma colina. Há uma luz acesa no terceiro andar – o mesmo andar em que Dane e eu estamos agora – o brilho esverdeado vazando pelas janelas redondas, fazendo parecer que Baneberry Hall está observando você. A floresta invade a casa por todas as direções, as árvores curvando-se em sua direção, como se esperassem para cumprir suas ordens.

Esta é a edição que li quando tinha nove anos. Eu sabia que meu pai havia escrito um livro. Eu sabia que era um grande negócio. Lembrei-me das entrevistas, das equipes de TV e das luzes do estúdio que machucavam meus olhos.

O que eu não entendia – na verdade não – era sobre o que tratava o livro e por que as pessoas tratavam minha família de maneira diferente de todas as outras pessoas. Acabei descobrindo por meio de uma colega de classe chamada Kelly, que me disse que precisava me desconvidar de sua próxima festa de aniversário. “Minha mãe disse que seu pai escreveu um livro maligno e que eu não deveria ser sua amiga”, disse ela.

Naquele fim de semana, entrei furtivamente no escritório do meu pai e tirei o exemplar da primeira edição da estante. Durante o mês seguinte, consumi-o em segredo, como se fosse uma revista suja. Com uma lanterna debaixo das cobertas. Depois da escola, antes de meu pai chegar da aula de redação, ele dava aulas apenas para se manter ocupado. Certa vez, quando enfiei descaradamente o livro na mochila e o levei para a escola, faltei ao terceiro período para lê-lo no banheiro feminino.

Foi emocionante ler algo proibido. Finalmente entendi por que meus colegas ficaram tão entusiasmados com o roubo dos exemplares de Flowers in the Attic de suas irmãs mais velhas. Mas também foi profundamente perturbador ver os nomes dos meus pais — ver o meu nome — num livro sobre coisas das quais não me lembrava.

Ainda mais desconcertante foi como meu pai me transformou em um personagem que em nada se parecia com meu verdadeiro eu, embora apenas quatro anos nos separassem. Não vi nada de mim mesmo na Maggie do Livro. Eu pensei que era inteligente, capaz e destemido. Peguei aranhas e subi até o topo do trepa-trepa. A Maggie do Livro era tímida e estranha. Um estranho solitário. E doeu saber que foi meu próprio pai quem me retratou dessa forma. Era assim que ele pensava que eu era? Quando ele olhou para mim, ele viu apenas uma garotinha assustada? Todos fizeram isso?

Terminar o livro me fez sentir um pouco abusado. Eu havia sido explorado, embora não entendesse muito bem isso na época. Tudo o que eu sabia era que me sentia confuso, humilhado e deturpado.

Sem mencionar raiva.

Tão furioso que meu eu mais jovem não sabia o que fazer com isso. Levei semanas para finalmente confrontar meus pais sobre isso, durante uma de suas trocas de custódia, na qual fui entregue como um bastão de revezamento.

"Você mentiu sobre mim!" Eu gritei enquanto agitava o Livro na frente deles. "Por que você faria isso?"

Minha mãe me disse que o Livro era algo que não discutimos. Meu pai me deu sua resposta escrita pela primeira vez.

“O que aconteceu, aconteceu, Mags. Eu não mentiria sobre algo assim.”

"Mas você fez!" Chorei. “A garota deste livro não sou eu.”

“Claro que é você”, disse minha mãe, tentando encerrar a conversa.

“Mas eu não sou nada parecido com ela!” Comecei a chorar então, o que me deixou ainda mais humilhada. Eu queria ser mais forte diante da resistência deles. “Ou sou a garota deste livro ou sou eu. Entao, qual é?"

Meus pais se recusaram a dar uma resposta. Minha mãe me deixou com um beijo na bochecha e meu pai me levou para tomar sorvete. Derrotado, engoli minha raiva, engolindo-a como uma pílula amarga, definindo assim o rumo para o resto da minha adolescência. Silêncio da minha mãe, negação do meu pai e eu iniciando uma busca secreta de anos por mais informações.

Um pouco da raiva daquela criança de nove anos retorna enquanto folheio o Livro, examinando passagens que há muito guardei na memória.

“Eu realmente odeio esse livro”, eu digo.

Dane me dá um olhar curioso. “Ouvi dizer que é bom.”

"Não é. Na verdade."

Esse é outro aspecto do Livro que considero tão frustrante: seu sucesso inexplicável. Os críticos não foram gentis, chamando a escrita de pedestre e derivada da trama. Com críticas como essa, não deveria ter se tornado tão grande quanto antes. Mas era algo diferente num cenário de não-ficção que, na altura, era dominado por livros sobre como enriquecer através da oração, assassinatos em Savannah e mal continha surtos de Ébola. Como resultado, tornou-se uma daquelas coisas que as pessoas lêem porque todo mundo estava lendo.

Continuo folheando o Livro, parando quando uma passagem de duas frases chama minha atenção.

"Maggie, não há ninguém aqui."

"Há!" ela chorou. “Eles estão todos aqui! Eu disse que eles ficariam bravos!

Fecho o livro com força e o coloco sobre a mesa.

“Você pode ficar com isso, se quiser”, digo a Dane. “Na verdade, você pode levar praticamente qualquer coisa nesta sala. Não que isso valha alguma coisa. Não tenho certeza se há mercado para lixo doméstico encontrado em falsas casas mal-assombradas.”

Há dois armários, um de cada lado da sala, com portas inclinadas para acomodar o teto abobadado. Cada um de nós pega um, Dane abre com um rangido enferrujado.

“Nada aqui além de malas”, diz ele.

Atravesso a sala e espio por cima do ombro dele. No chão do armário estão duas caixas quadradas. Nós os arrastamos para fora do armário e cada um abre um. Dentro do Dane's há um toca-discos. Dentro do meu há uma coleção de álbuns. O disco no topo é um título familiar: The Sound of Music.

Vê-los me dá a mesma sensação arrepiante de desconforto que senti na noite passada, quando percebi que meu pai não havia mentido sobre deixar tudo para trás. Eu faço um movimento involuntário, tentando me livrar disso. Só porque eles existem não significa que o que meu pai escreveu seja verdade. Eu preciso me lembrar disso. Baneberry Hall provavelmente está repleto de coisas mencionadas no livro.

Escreva o que você sabe. O conselho favorito do meu pai.

“É lixo”, digo enquanto volto para o meu armário. “Devíamos jogá-lo fora.”

Dane faz o oposto e coloca o toca-discos sobre a mesa. O caso dos registros logo segue. “Devíamos dar uma olhada”, diz ele enquanto examina os álbuns. “Showtunes ou, hum, showtunes?”

“Eu prefiro o silêncio”, eu digo, com um tom áspero na minha voz.

Dane entende a dica e se afasta da mesa, juntando-se a mim no segundo armário enquanto eu abro a porta.

Dentro há um ursinho de pelúcia.

Ele está sentado no chão, encostado na parede como um refém, seu pelo antes marrom ficou pálido devido a anos de poeira. Um de seus olhos de botão preto caiu, deixando um rabisco de linha saindo de seu pelo como um nervo óptico exposto. Em volta do pescoço do urso há uma gravata-borboleta vermelha, com as pontas amassadas, como se tivesse sido abraçada com muita força por muito tempo.

“Isso era seu?” Dane diz. Ele dá um aperto no urso e uma nuvem de poeira sobe de seus ombros.

“Não”, eu digo. “Pelo menos, acho que não. Não me lembro disso.

Um pensamento me ocorre. Um triste. É possível que este urso já tenha pertencido a Katie Carver e tenha sido deixado para trás, como muitos

pertences da família. Meu pai, sem saber o que fazer com ele, pode tê-lo enfiado no armário e esquecido.

Pego o urso de Dane, coloco-o na mesa ao lado do toca-discos e volto para o armário. Há mais alguma coisa lá dentro, empoleirada na prateleira de cima.

Uma caixa de sapatos azul.

Exatamente como aquele que meu pai afirmou ter encontrado no Livro. Cheio de fotos estranhas do pai de Katie.

Meu desconforto retorna. Mais forte agora e mais insidioso. Com as mãos trêmulas, levo a caixa até a mesa e abro, já sabendo o que encontrarei dentro: uma câmera Polaroid e uma pilha de fotos.

Estou certo em ambos os aspectos.

A câmera ocupa uma extremidade da caixa, desajeitada e pesada. As fotos – cinco ao todo – estão espalhadas ao lado dele. Mas em vez do olhar vago de Curtis Carver, a primeira foto que vejo é, surpreendentemente, minha. Como aquele na sala, tem apenas uma leve semelhança comigo.

Estou vestindo jeans e uma camiseta do Batman na foto, que foi tirada em frente ao Baneberry Hall, com a casa espreitando ao fundo como um bisbilhoteiro. Sua presença significa que eu tinha cinco anos na época. Como não há nenhuma cicatriz na minha bochecha, também presumo que ela tenha sido tirada nos primeiros três dias da nossa estadia. Não há nem curativo.

Também está faltando na próxima foto, que me mostra de pé com outras duas meninas, uma mais ou menos da minha idade e outra muito mais velha. Estamos no meu quarto, alinhados em frente ao armário, nossos olhos brilhando vermelhos com o flash e nos dando a aparência de crianças demônios.

A garota mais nova que reconheço. Vi as mesmas feições no rosto da mulher que conheci ontem à noite. A única diferença é uma dureza atual que não é evidente nesta versão mais jovem dela mesma.

Hannah Ditmer.

O que significa que a garota mais velha da foto é Petra.

Ela é tão bonita que me tira o fôlego. Membros longos, pele cremosa, cabelos loiros presos no topo da cabeça. Ao contrário de Hannah e eu, que ficamos com as costas rígidas e os braços ao lado do corpo, Petra faz uma

pose divertida. Mão no quadril dela. Uma perna dobrada em um chute para trás. Flash de pés descalços, unhas pintadas de vermelho.

Estamos vestidos para dormir, Hannah e eu de pijama, Petra com uma grande camiseta branca e shorts Umbro. Ela também usa um colar – um pequeno crucifixo pendurado em uma fina corrente de ouro.

Eu me lembro daquela noite. Ou pelo menos a versão do Livro. A festa do pijama deu terrivelmente errado. Foi uma das primeiras coisas que me deixou obcecado aos nove anos de idade - como eu não tinha absolutamente nenhuma lembrança daquela noite horrível. Passei noites acordado, com medo de que o que li fosse verdade. Porque foi realmente assustador. Uma espécie de cenário de pesadelo em um filme de terror que ninguém gostaria de experimentar. Mas eu tinha e não conseguia me lembrar de nada disso, o que significava que algo devia estar terrivelmente errado comigo.

Depois de várias noites sem dormir olhando para o teto dos meus quartos, nas casas separadas dos meus pais, comecei a perceber que a razão pela qual não conseguia me lembrar dos acontecimentos do Livro era porque eles nunca aconteceram.

Eu presumi que isso incluía a festa do pijama.

Mas de acordo com esta Polaroid, eu estava errado. Houve, em algum momento dos nossos vinte dias em Baneberry Hall, um momento em que Hannah e Petra passaram a noite.

Pelo menos parte disso.

Petra também está na foto seguinte, na cozinha com minha mãe. Os dois olham para um buraco gigante no teto numa pose de sincronicidade involuntária. Ambas de perfil, com a cabeça inclinada para trás e a garganta exposta, podiam passar por mãe e filha. Isso me faz pensar se minha mãe já viu essa fotografia e, em caso afirmativo, qual foi a sensação de se ver retratada com uma mulher mais jovem de natureza semelhante. Uma garota feminina. O tipo de filha que ela nunca teria.

Há outras duas pessoas na foto, sobrepostas ao fundo. Na frente está um homem mais velho, de flanela e jeans, subindo uma escada. Atrás dele está alguém mais jovem, quase invisível. Tudo o que consigo distinguir é um rosto em forma de lua crescente, um cotovelo dobrado, metade de uma camiseta preta e um pedaço de jeans.

Walt Hibbets e meu pai. Dois dias após o incidente na cozinha.

Assim como a festa do pijama, é uma das passagens mais famosas do Livro. E, se quisermos acreditar nesta foto, também está igualmente enraizada na verdade.

Seguro as duas Polaroids lado a lado, estudando-as, meu estômago se enchendo lentamente de um mal-estar que começou no momento em que encontrei a caixa de sapatos. É o sentimento de tristeza que vem com más notícias, esperanças frustradas, desgosto repentino.

É a sensação de perceber que o que você pensava ser mentira pode ser verdade.

Parte de mim sabe que isso é completamente ridículo. O Livro é ficção, apesar de ter as palavras Uma História Verdadeira estampadas na capa, logo abaixo do título. Minha mãe disse isso. No entanto, uma vozinha no fundo da minha cabeça sussurra que talvez, apenas talvez, eu possa estar errado. É a mesma voz que ontem à noite, pouco antes de Elsa Ditmer dar a conhecer a sua presença, sugeriu que a pessoa dentro da Sala Indigo poderia ter sido o Senhor Shadow.

Eu ouço agora, sibilando em meu ouvido.

Você sabe que é verdade. Você sempre soube.

O que torna tudo tão enervante é que reconheço aquele sussurro insistente.

É meu pai. Soando exatamente como ele fez antes de morrer.

Ouço de novo quando tiro as duas últimas fotos da caixa. A primeira é uma foto do meu pai fazendo uma selfie prototípica. Braço estendido. Queixo abaixado. Amostra de parede nua ao fundo, sobre o ombro esquerdo. Ele olha diretamente para a câmera, o que faz parecer que ele está olhando além dela, para o futuro, seus olhos fixos nos meus através de uma distância de vinte e cinco anos.

Nunca volte lá, diz sua voz. Não é seguro lá. Não para você.

Esperando que o sussurro do meu pai desapareça se eu não estiver mais olhando para o rosto dele, vou para a última Polaroid. Foi tirada num ângulo vertiginoso de uma das janelas que dão para o quintal. No chão estão duas pessoas entrando na mata.

Uma delas é minha mãe.

O outro sou eu aos cinco anos.

É exatamente como a foto que meu pai descreveu no Livro. Aquela que ele tirou quando encontrou a câmera Polaroid. Meu olhar vagueia contra a

minha vontade, movendo-se para a esquerda do quadro, ao mesmo tempo sabendo e temendo o que encontrarei lá.

Com certeza, abraçando a borda da moldura há uma forma escura escondida entre as árvores.

Poderia ser um tronco de árvore escurecido pela sombra.

Também poderia ser uma pessoa.

Não consigo dizer porque a qualidade da imagem é muito ruim. É granulado e ligeiramente fora de foco, dando a tudo um borrão instável. Apesar disso, a forma escura tem uma forma humana distinta.

Mas a pior parte da figura é que ela está perto do mesmo lugar da pessoa que vi ontem à noite. Isso pode ser uma coincidência. Mas o desconforto em meu estômago me diz que não.

O sussurro imaginário do meu pai soa novamente.

É o Senhor Sombra. Você sabe que é ele.

Mas o senhor Shadow não é real. Assim como o Livro não é real.

Continuo olhando para a foto, pensando no que aconteceu momentos depois de ela ter sido tirada. Minha mão voa para minha bochecha, as pontas dos dedos tocando a faixa de pele lisa sob meu olho. Percebo que a cicatriz é mais uma prova de que o Livro – por mais fantástico que seja – contém traços de verdade.

Deixo as fotos sobre a mesa, onde elas se espalham pela superfície. A que está em cima é a selfie do meu pai, seus olhos olhando diretamente nos meus, como se ele já soubesse o que vou fazer a seguir.

Saia do escritório, deixando Dane sozinho.

Vá para fora, passe pelo caminhão, passe pelo equipamento no gramado e vá até a parte de trás da casa.

Passe pela parede externa tomada por hera, suas gavinhas subindo até uma janela do segundo andar.

Entre na floresta envolta em sombras em uma recriação de uma mulher da fotografia do meu pai e desça a encosta, passando por ervas daninhas, passando por faixas vermelhas brilhantes de amoras, tropeçando nas raízes das árvores.

Finalmente, paro diante de um aglomerado de blocos de mármore que se projetam da terra como dentes podres.

O cemitério.

Mais uma coisa sobre a qual meu pai não estava mentindo.

Atrás de mim, Dane chama meu nome. Ele também está na floresta agora, me alcançando. Ele congela ao ver as lápides.

“Uau”, ele diz.

“Exatamente meus pensamentos.”

Ajoelho-me diante da pedra mais próxima, limpo a sujeira e vejo um nome gravado no mármore.

Então começo a rir.

Não posso acreditar que pensei – mesmo que por um momento – que o Livro fosse verdadeiro. Isso mostra o quão bom mentiroso meu pai era e o quanto eu subestimei seu talento. É claro que ele polvilhou House of Horrors com eventos e lugares da vida real. Se houver um cemitério honesto em sua propriedade, é natural mencioná-lo. Quando você acrescenta fatos suficientes à sua ficção, emaranhando-os como um ninho de cobras, algumas pessoas são obrigadas a acreditar. Os políticos fazem isso o tempo todo.

E por um segundo, eu acreditei. Foi difícil não fazer isso depois de encontrar tantas coisas mencionadas no Livro. O toca-discos. A fotografia minha e da minha mãe. A festa do pijama, o teto da cozinha e o cemitério. Tudo isso me fez pensar que o Livro era real.

Mas agora olho para o nome na lápide e percebo que estava certo o tempo todo — o Livro é uma besteira.

ANDARILHO

Ele era um bom cachorro

Dane, agora ao meu lado, olha para a pedra e diz: — Este é um maldito cemitério de animais de estimação?

“Parece que sim”, eu digo. “Se não, os Garsons eram uma família seriamente confusa.”

Passeamos pelo resto do cemitério. Embora certamente antigo e assustador, não é nada comparado ao lugar sobre o qual meu pai escreveu. Existem pedras para vários cães, muitos gatos para contar e até um pônei chamado Windy.

Apontando para o túmulo, Dane diz: “Talvez tenha sido um cavalo fantasma que sua família encontrou”.

“Fantasmas não existem”, respondo. “Equino ou não.”

“Ei, agora. Não seja tão rápido em descartar fantasmas.”

“Você não acredita em tudo isso, não é?”

A expressão de Dane fica contemplativa. “Eu acredito em fantasmas? Na verdade. Pelo menos, não naquilo que as pessoas consideram sobrenatural. Mas acredito que as coisas acontecem. Coisas que não podemos explicar, não importa o quanto tentemos. O estranho. Foi assim que minha avó materna chamou.”

“Ela era uma crente?”

"Oh sim. Ela era irlandesa da velha escola. Cresci ouvindo histórias de sprites e banshees. Sempre achei bobagem como ela acreditava nessas coisas. Sua voz fica baixa agora. Não mais do que um sussurro. “Mas então eu vi um quando tinha dez anos. Talvez não seja um fantasma. Mas algo."

“Algo estranho?” Eu digo.

Ele cora um pouco e coça a nuca. Um gesto infantil que é estranhamente cativante. Das muitas versões de Dane Hibbets que encontrei nas últimas vinte e quatro horas — zelador arrogante e bonito, funcionário ansioso, fonte de informações —, esta é a que mais gosto.

“Estávamos morando em uma casa antiga a algumas cidades de distância”, diz ele. “Era alto e estreito. Meu quarto ficava no último andar, meio isolado do resto da casa. Eu não me importei muito. Eu tinha dez anos. Eu queria privacidade. Mas então, numa noite de outubro, acordei com o som da porta do meu quarto sendo aberta. Sentei-me na cama e vi minha avó enfiar a cabeça no quarto. “Eu só queria dizer boa noite, Boy-O”, disse ela. Esse era o apelido dela para mim. Garoto-O. Então ela saiu, fechando a porta atrás dela. Antes de voltar a dormir, verifiquei o relógio na mesa de cabeceira. Era uma e meia da manhã.

“De manhã, desci e encontrei meus pais sentados à mesa da cozinha. Minha mãe estava chorando. Meu pai parecia atordoado. Perguntei-lhes onde Nana estava e por que ninguém me contou que ela estava me visitando. Foi quando eles me contaram. Minha avó morreu durante a noite. Exatamente à uma e meia da manhã.

Ficamos em silêncio depois disso. Falar seria quebrar a conexão repentina e estranha entre nós. É semelhante à nossa conversa no escritório, embora desta vez pareça mais potente porque é pessoal. Nesse silêncio, penso na história de Dane e em como ela é mais doce do que assustadora. Isso me faz desejar que meu pai tivesse dito algo semelhante antes de morrer. Em vez disso, recebi um aviso vago sobre Baneberry Hall e um

pedido de desculpas por algo que ele nunca chegou a admitir, o que me trouxe até aqui.

“Tenho uma confissão a fazer”, acabo dizendo.

“Deixe-me adivinhar”, diz Dane, inexpressivo. “Seu nome verdadeiro é Windy.”

"Fechar. Não voltei apenas para reformar o Baneberry Hall. Minha verdadeira razão para retornar é tentar descobrir por que deixamos este lugar daquele jeito.”

“Você acha que há mais nessa história?”

“Eu sei que existe.”

Eu conto tudo a ele. Minha história conturbada com o Livro. As últimas palavras enigmáticas do meu pai. Minha certeza de que meus pais têm escondido de mim a verdade há vinte e cinco anos.

“Eu sei que meu pai era um mentiroso”, digo, acenando com a cabeça em direção ao túmulo de Rover. “Agora quero saber o quanto ele mentiu. E porque."

“Mas você já sabe que não era verdade”, diz Dane. “Por que se dar ao trabalho todo só para aprender os detalhes?”

“Porque...” Faço uma pausa, tentando encontrar uma maneira de articular um pressentimento que não pode ser expresso em palavras. “Porque durante a maior parte da minha vida, fui definido por esse livro. Mesmo assim, meus pais se recusaram a me contar qualquer coisa sobre isso. Então, cresci sozinho, confuso e me sentindo uma aberração porque todos pensavam que eu era vítima de algo estranho.”

Dane acena com aprovação ao uso do termo de sua avó. “É uma boa palavra.”

“É mesmo,” eu digo, sorrindo, embora as lágrimas estejam se acumulando em meus olhos. Eu os limpo com as costas da mão antes que alguém possa escapar. “Mas eu nunca experimentei isso. Isso nunca aconteceu. Agora só quero saber a verdadeira história. Aí está a sua resposta desconexa e embaraçosamente pessoal.

“Obrigado pela sua honestidade”, Dane me diz. “Isso não poderia ter sido fácil.”

“Não foi”, eu digo. “Mas Baneberry Hall tem sido alvo de tantas mentiras que achei que era hora de alguém começar a dizer a verdade.”

29 DE JUNHO

Dia 4

No dia seguinte, estava de volta à floresta, desta vez com Hibbs. Jess estava lá dentro com Maggie, tentando aliviar a dor de nossa filha com aspirinas infantis e desenhos animados. Nossa ida ao pronto-socorro acabou sendo melhor do que eu esperava. Ainda era lento – mais de três horas desde a chegada até a partida – e ainda caro. Mas Maggie não precisou de pontos, o que era uma boa notícia para todos.

A má notícia era que tínhamos um cemitério em nossa propriedade, e foi por isso que pedi a Hibbs para me acompanhar. Eu precisava de alguém para me ajudar a contar as lápides.

“Eu ouvi rumores de que eles estavam aqui, mas nunca acreditei neles”, disse Hibbs enquanto escaneávamos o terreno em busca de mais sepulturas. Até agora, encontrei três. Dois provavelmente para o filho mais velho e neto de William Garson - William Jr. e William III, respectivamente - e um desgastado demais para ler.

“Ninguém sabia sobre este lugar?” Eu disse.

“Alguém fez isso, era uma vez”, respondeu Hibbs. “Mas o tempo passou, o lugar mudou de dono e a floresta continuou crescendo. É triste quando você pensa sobre isso. O local de descanso final de uma grande família agora fica em uma floresta, esquecido. A propósito, aqui está outro.

Ele apontou para uma quarta pedra semelhante a um tijolo que se erguia da terra. Esculpidos no topo havia um nome e uma data.

INDIGO GARSON

Filha amada

1873-1889

“Ela era uma beleza, aquela”, disse Hibbs. “Aquele retrato dela lá em casa? Isso é verdade para a vida, ou pelo menos foi o que me disseram.

“Você sabe muito sobre os Garsons?”

“Oh, ouvi muito ao longo dos anos.”

“Você sabe o que aconteceu com Indigo? Ela morreu tão jovem.

“Eu ouvi a história dela”, disse Hibbs. “Meu avô a conhecia. Quando ele era apenas um menino. Disse-me que ela era a cara daquele retrato. Portanto, não deveria ser surpresa que o artista que o pintou tenha se apaixonado perdidamente por ela.”

Essa foi minha primeira impressão ao vê-lo. Que a única razão pela qual um artista teria representado Indigo Garson de uma forma tão angelical seria porque ele estava apaixonado por ela.

"Ela o amava em troca?" Perguntei.

“Ela fez isso”, disse Hibbs. “A história diz que os dois planejavam fugir e se casar. William Garson ficou furioso quando descobriu. Ele disse a Indigo que ela era muito jovem para se casar, embora naquela época ser noiva aos dezesseis anos fosse bastante comum. Ele proibiu Indigo de ver o artista novamente. Desanimada com seu amor perdido, Indigo se matou.”

Estremeci ao perceber que outro ex-residente de Baneberry Hall havia cometido suicídio.

"Como?"

"Envenenou-se." Hibbs apontou mais abaixo na colina, onde havia um cacho de plantas, com seus galhos finos cobertos de frutos vermelhos. "Com aqueles."

"Ela comeu amoras?" Eu disse.

Hibbs assentiu solenemente. “Uma verdadeira tragédia. O Velho Garson ficou com o coração partido por isso. Corre o boato de que ele contratou o mesmo artista para voltar e pintar seu retrato do outro lado da lareira. Dessa forma ele e Indigo estariam sempre juntos em Baneberry Hall. O pintor não queria, mas estava falido e, portanto, tinha pouca escolha.”

Agora eu entendia por que o retrato de William Garson na sala grande era tão pouco lisonjeiro. O pintor o desprezava, e isso era evidente.

Caminhei até a lápide do Sr. Garson, a mancha de sangue de Maggie ainda lá, agora seca até ficar vermelha escura.

“Quão conhecida é essa história?” Perguntei. “O resto da cidade sabe disso?”

“Suponho que a maioria sim.” Hibbs me deu um sorriso com dentes de ouro. “Pelo menos todos nós, veteranos, fazemos.”

“O que mais você sabe sobre este lugar?”

“Mais do que a maioria, eu diria”, disse Hibbs com notável orgulho.

“No dia em que nos conhecemos, você perguntou se Janie June tinha nos contado toda a história”, eu disse. “Na época, pensei que ela tivesse. Mas agora-"

“Agora você suspeita que Janie June estava escondendo algo de você.”

“Sim”, admiti. “E eu apreciaria se você preenchesse os espaços em branco para mim.”

“Não tenho certeza se você quer isso, Ewan”, disse Hibbs enquanto fingia vasculhar o chão em busca de mais sepulturas. “Você pode pensar que sim, mas às vezes é melhor não saber.”

A raiva cresceu em meu peito, quente, repentina e forte. Só piorou quando olhei para baixo e vi o sangue da minha filha manchando o túmulo de William Garson. Fiquei tão furioso que atravessei o cemitério arborizado e agarrei Hibbs pelo colarinho.

“Você me disse que eu precisava estar preparado para este lugar”, eu disse. "Mas eu não sou. E agora minha filha está ferida. Ela poderia ter sido morta, Hibbs. Então, se há algo que você não está me contando, você precisa cuspir agora mesmo.”

Hibbs não me afastou dele, o que não duvido que ele pudesse ter feito. Apesar da idade, ele parecia tão forte quanto um buldogue. Em vez disso, ele gentilmente tirou meus dedos do colarinho da camisa e disse: “Você quer a verdade? Eu vou dar a você. Coisas aconteceram naquela casa. Coisas trágicas. Indigo Garson e a família Carver, sim. Mas outras coisas também. E todas essas coisas, bem, elas. . . permanecer."

A palavra enviou um arrepio nas minhas costas. Provavelmente por causa da maneira como Hibbs disse isso – lentamente, prolongando a palavra como se fosse um elástico prestes a quebrar.

“Você está me dizendo que Baneberry Hall é mal-assombrado?”

“Estou dizendo que Baneberry Hall se lembra”, disse Hibbs. “Ele lembra tudo o que aconteceu desde que Indigo Garson engoliu aquelas frutas. E às vezes a história consegue se repetir.”

Demorou um pouco para que essa informação fosse absorvida. Era tão absurdo que tive dificuldade em compreendê-la. Quando tudo finalmente se acalmou, fiquei tão tonto que pensei que também iria cair e bater a cabeça no túmulo de William Garson.

“Não estou dizendo que isso vai acontecer com você”, disse Hibbs. “Só estou dizendo que é uma possibilidade. Assim como sua casa ser atingida por um raio é uma possibilidade. Meu conselho? Seja o mais feliz que puder naquela casa. AME sua família. Abrace sua filha. Beije sua esposa. Pelo que ouvi, aquela casa não testemunhou muito amor. Ele se lembra daquela dor. O que você precisa fazer é esquecer.

• • •

Voltei da floresta e encontrei Maggie no sofá da sala, com a cabeça apoiada no colo de Jess. Metade de sua bochecha estava coberta por um grande curativo. A pele ao redor estava colorida de um vermelho furioso que eu já sabia que iria escurecer e se transformar em um hematoma feio.

“Quantos são?” Jess disse.

“Cerca de uma dúzia. Isso poderíamos encontrar, de qualquer maneira. Eu não ficaria surpreso se houvesse mais sepulturas por aí, com suas pedras completamente desintegradas ou enterradas por plantas.”

“Eu quero estrangular aquela Janie June. Ela deveria ter nos contado que havia um maldito cemitério no nosso quintal.

“Talvez ela não soubesse”, eu disse. “Eles estão bem escondidos.”

“Ela é corretora de imóveis”, Jess retrucou. “É trabalho dela saber o que há na propriedade. Acho que ela sabia que nos contar sobre isso nos assustaria e então ela teria que encontrar outro casal crédulo para enganar.

“Não fomos enganados”, eu disse, embora estivesse começando a pensar que sim. Se não for enganado, pelo menos enganado. Porque Jess estava certa: certamente um corretor de imóveis saberia da existência de um cemitério na propriedade.

“O que Hibbs tem a dizer sobre isso?”

No caminho de volta para casa, decidi não contar a Jess sobre a trágica morte de Indigo Garson. Ela já estava nervosa ao saber de duas mortes dentro de Baneberry Hall. Um terceiro provavelmente a faria fugir de casa, para nunca mais voltar. E, para ser brutalmente honesto, não podíamos permitir que isso acontecesse. Comprar a casa nos custou quase tudo o que tínhamos. Não sobrou nada para o pagamento de uma nova casa ou aluguel.

Estávamos, para o bem ou para o mal, presos ali.

O que significava que eu precisava seguir o conselho de Hibbs e tornar nossa estada lá o mais feliz possível. Mesmo que isso significasse não ser honesto com minha esposa. Na minha opinião, não havia outra escolha.

“Nada demais,” eu disse antes de tirar Maggie do sofá. “Agora vamos tomar um sorvete. Três colheres para todos. Acho que todos nós merecemos.”

• • •

Considerando tudo o que Hibbs me contou naquela tarde, fiquei surpreso com o quão exausto me senti quando chegou a hora de dormir. Presumi que ficaria acordado metade da noite, preocupado com tudo o que tinha ouvido sobre o cemitério, Indigo Garson, como Baneberry Hall se lembra. Em vez disso, adormeci no momento em que minha cabeça bateu no travesseiro.

Não durou muito.

Faltando cinco minutos para a meia-noite, acordei com um som estranho.

Música.

Alguém, em algum lugar, estava cantando.

Um homem. Sua voz suave e melodiosa. À deriva de uma parte distante da casa.

Olhei para o outro lado da cama para ver se Jess também havia sido acordada pela música, mas ela continuou dormindo. Esperando que ela continuasse assim, deslizei para fora da cama e saí do quarto.

A música estava um pouco mais alta no corredor. Alto o suficiente para eu reconhecer a música.

“Você tem dezesseis anos, quase dezessete...”

A música vinha do andar de cima, fato que percebi quando cheguei ao outro lado do corredor. Eu podia ouvi-lo ecoando pelos degraus que levavam ao meu escritório. Acompanhando a música havia um arrepio forte o suficiente para me fazer estremecer.

“Querido, é hora de pensar.”

Comecei a subir as escadas lentamente, nervosamente. A cada passo a música ficava mais alta e o frio piorava. No topo da escada estava tão frio que, se houvesse mais luz, tenho certeza de que teria visto minha respiração.

“É melhor tomar cuidado—”

Quando abri a porta do escritório, a música praticamente explodiu na sala. Lá dentro estava escuro como breu. O tipo de escuridão que fazia uma pausa. E frio. Tão gelado que arrepios se formaram na minha pele nua.

“—seja astuto—”

Entrei no escritório, abraçando-me para me aquecer. Apertei o interruptor ao lado da porta e a luz inundou a sala.

“—e cuidadoso—”

Em cima da mesa, exatamente onde eu o havia deixado, estava o toca-discos. O álbum em cima dele girava a toda velocidade e no volume máximo.

“Querido, você está no—”

Tirei a agulha do disco e o silêncio caiu sobre a casa como um cobertor de lã. O frio também passou – um aquecimento instantâneo que varreu a sala. Ou assim pensei. Enquanto eu estava naquele silêncio e calor recém-descobertos, ocorreu-me que poderia ter sido minha imaginação.

Não a música.

Isso foi muito real.

O álbum ainda girava no toca-discos, suas ranhuras refletindo a luz do aparelho acima. Desliguei-o, sem desviar o olhar até que o disco parou completamente. Presumi que fosse obra de Jess. Que num ataque de insônia ela veio até aqui e ouviu música antes de se cansar.

A única desculpa para o frio foi que, de alguma forma, eu o imaginei. Qualquer outra explicação — uma corrente de ar, uma lufada de ar gelado vinda da janela aberta — parecia improvável, se não totalmente impossível. Portanto, deve ter sido minha imaginação, motivada pelo que Hibbs me dissera anteriormente. Aqui estava o medo irracional que eu esperava, chegando algumas horas atrasado.

E foi exatamente isso: irracional.

As casas não se lembravam das coisas. O sobrenatural não existia. Eu não tinha motivos para temer esse lugar.

Quando voltei para a cama, já estava convencido de que tudo estava na minha cabeça.

Que tudo estava normal.

Que nada de estranho estava acontecendo em Baneberry Hall.

Acontece que eu estava errado.

Tão totalmente errado.



Sete

Mando Dane para casa no dia seguinte à nossa conversa no cemitério. Parece a coisa certa a fazer, apesar de não termos conseguido quase nada. Depois de revisitar nosso passado possivelmente assombrado, nós dois merecemos uma tarde de folga.

Para mim, isso envolve ir à cidade para comprar mantimentos tão necessários.

Meu caminho até a loja me leva à avenida principal de Bartleby. Rua Maple, é claro. Passo por casas de madeira tão robustas e inflexíveis quanto as pessoas que certamente moram dentro delas, vitrines com grandes janelas e cartazes anunciando o autêntico xarope de bordo, a igreja obrigatória com seu campanário de marfim estendendo-se em direção ao céu. Há até uma praça na cidade – um pequeno pedaço de verde com um mirante e um mastro de bandeira.

Embora pitoresco, há um leve aspecto sombrio em Bartleby, que não está presente em cidades semelhantes. Uma sensação de que o tempo passou. Mesmo assim, noto pequenas tentativas de modernização. Um restaurante de sushi. Um bistrô vegetariano. Uma loja de consignação especializada em grifes com um vestido diáfano da Gucci em destaque na vitrine.

E vejo uma padaria, o que me faz pisar no freio no meio da Maple Street. Na minha experiência, onde há assados, também há café. Geralmente um bom café. Considerando meu estado de falta de cafeína, vale a pena pisar no freio.

Estaciono na rua e entro em um espaço decorado de maneira moderna e atemporal. Luminárias de cobre. Mesas com tampo de azulejo e cadeiras incompatíveis. Paredes azul meia-noite repletas de ilustrações vintage de pássaros dentro de molduras ornamentadas. Nos fundos da loja, uma vitrine antiquada se estende de parede a parede, repleta de bolos lindamente decorados, doces delicados e tortas com crostas elaboradas dignas do

Instagram. No que diz respeito ao visual, a proprietária certamente sabe o que está fazendo.

Vou até a vitrine, pronta para dizer à mulher que ajusta os doces dentro dela o quanto gostei do design. O elogio morre em meus lábios quando a mulher sai de trás do balcão e vejo quem ela é.

Marta Carver.

Eu a reconheço pelas fotos que vi quando era uma adolescente obcecada pela Casa dos Horrores que esperava que o Google ajudasse a preencher as lacunas em meu conhecimento. Ela está mais velha e mais suave agora. Cinquenta anos, cabelos castanhos grisalhos na raiz, um pouco matronal em sua blusa amarela e avental branco. Os óculos dela não ajudam – os mesmos óculos nada lisonjeiros que ela usou em todas aquelas fotos.

Aparentemente, não sou o único que pesquisou no Google, porque está claro que ela sabe quem eu sou. Seus olhos se arregalam apenas o suficiente para registrar sua surpresa, e sua mandíbula aperta. Ela limpa a garganta e eu me preparo para um discurso raivoso sobre meu pai. Seria justificado. Das muitas pessoas em Bartleby que odeiam o Livro, Marta Carver tem o maior motivo para fazê-lo.

Em vez disso, ela força os lábios em um sorriso educado e diz: — O que posso oferecer para você, Srta. Holt?

"EU-"

Desculpe. Isso é o que eu quero dizer. Lamento que meu pai tenha explorado sua tragédia em seu livro. Lamento que por causa dele o mundo inteiro saiba o que seu marido fez.

“Café, por favor”, é o que acabo dizendo, com as palavras presas na garganta. "Ir."

Marta não diz mais nada enquanto serve meu café e me entrega. Reúno um fraco “obrigado” e pago com uma nota de dez dólares. O troco vai para um pote de gorjetas em cima do balcão, como se esses sete dólares pudessem compensar vinte e cinco anos de dor.

Digo a mim mesmo que não há necessidade de me desculpar. Que foi meu pai, e não eu, quem a ofendeu. Que sou tão vítima quanto ela.

Mas ao sair daquela padaria, sei de duas coisas.

Primeiro, que sou um covarde.

E, segundo, que espero nunca mais ver Marta Carver enquanto viver.

Volto do supermercado com uma dúzia de sacolas de papel na traseira da minha caminhonete. Como a cozinha do Baneberry Hall deixa muito a desejar, estocei comida fácil de preparar. Sopas enlatadas, cereais frios, jantares congelados que podem ser preparados no antigo micro-ondas.

Quando chego em casa, encontro um Toyota Camry também estacionado na entrada circular. Logo um homem aparece na lateral da casa, como se estivesse vagando pelo terreno. Ele tem cinquenta e poucos anos, é elegante, tem uma barba bem cuidada, um paletó esporte xadrez e uma gravata-borboleta combinando. A roupa faz com que ele pareça um vendedor antigo. Só falta um chapéu de palha e uma garrafa de óleo de cobra. Quando ele se aproxima com uma mão estendida e a outra segurando um caderno de repórter, percebo exatamente quem ele é.

Brian Príncipe.

Não posso dizer que não fui avisado.

“É bom ver você, Maggie”, diz ele, como se fôssemos velhos amigos.

Eu pulo para fora da caminhonete, carrancudo. "Você está invadindo, Sr. Príncipe."

“Minhas desculpas”, diz ele, fazendo uma meia reverência de desgaste. “Ouvi dizer que você estava de volta à cidade, então decidi vir até aqui e ver com meus próprios olhos. Quando vi o portão da frente aberto, percebi que os rumores eram verdadeiros. Espero que você não se importe com a intrusão.

Pego uma sacola de compras na caminhonete e levo-a para a varanda. “Você irá embora se eu disser sim?”

“A contragosto”, diz ele. “Mas eu pretendo voltar, então é melhor você acabar com isso agora.”

“Acabar com o quê?”

“Nossa entrevista, é claro”, diz ele.

Volto para a caminhonete e pego mais duas malas. “Receio não ser muito interessante, Sr. Prince.”

“Oh, eu discordo. Acho que a comunidade ficaria muito interessada em saber que um membro da família Holt voltou para Baneberry Hall.”

“Não vou me mudar”, digo. “Na verdade, estou me mudando. Aí está o seu artigo em duas frases.

“Quais são seus planos para a casa?”

“Conserte, venda e, com sorte, saia com lucro”, digo, apontando para o equipamento no gramado enquanto caminho para a varanda. Primeiro a mesa viu. Depois a lixadeira elétrica. Depois a marreta.

“O fato de Baneberry Hall estar de volta ao mercado em breve já é digno de nota”, diz Brian.

No fundo, sei que Brian Prince é inocente. Ele ouviu uma história interessante sobre uma casa mal-assombrada, entrevistou meu pai e escreveu o que ele disse. Ele simplesmente fez o seu trabalho, tal como Tess Alcott fez o dela. As únicas duas pessoas responsáveis são meus pais, e mesmo eles não tinham ideia de que a história de Baneberry Hall se transformaria no fenômeno indisciplinado que se tornou. Isso ainda não me impede de querer pegar a marreta e expulsar Brian Prince da minha propriedade.

“Digno de notícia ou não, não quero falar com você”, digo.

“Seu pai fez isso”, diz ele. “Infelizmente, ele nunca teve a chance.”

Deixo as malas na varanda, com as pernas bambas de surpresa. "Você se comunicou com meu pai?"

“Não é frequente”, diz Brian. “Mas continuamos a nos corresponder intermitentemente ao longo dos anos. E uma das coisas que discutimos pouco antes de sua doença piorar foi ele voltar aqui para fazer uma entrevista comigo.”

“Sua ideia, eu suponho.”

“Na verdade, foi seu pai quem sugeriu isso. Ele apresentou isso como uma entrevista exclusiva. Ele e eu conversando dentro desta casa, vinte e cinco anos depois.”

É mais uma coisa que meu pai nunca mencionou, provavelmente porque sabia que eu teria tentado dissuadi-lo.

“Ele lhe contou qual teria sido a essência desta conversa?” — digo, brincando com a possibilidade de ter sido uma tentativa de finalmente confessar tudo depois de todos esses anos. Uma espécie de confissão, ocorrendo na cena do crime.

Essa ideia é imediatamente rejeitada por Brian Prince.

“Seu pai disse que queria reafirmar o que havia escrito em seu livro.”

“E você simplesmente iria concordar com isso?” Eu digo, minha opinião sobre Brian Prince mudando rapidamente. Talvez ele não seja tão

inocente quanto pensei inicialmente. “Ouvir meu pai contar um monte de mentiras e anotá-las como fatos?”

“Eu não estava planejando pegar leve com ele”, Brian diz enquanto ajusta sua gravata borboleta com cuidado. “Eu ia fazer algumas perguntas difíceis. Tente descobrir a verdade sobre o assunto.

“A verdade é que ele inventou tudo”, digo. "Todo mundo sabe disso."

“Não acho que seja tão simples assim”, diz ele.

Como Brian Prince não dá sinais de ir embora tão cedo, sento-me nos degraus da varanda. Quando Brian se senta ao meu lado, estou cansada demais para afastá-lo. Sem mencionar que está um pouco curioso sobre o que ele acha ser o verdadeiro motivo pelo qual abandonamos Baneberry Hall.

“Você investigou as alegações dele?” Eu pergunto.

“Naquela época não”, admite Brian. “Eu não tinha acesso a esta casa, para começar. Além disso, havia outras novidades para tratar.

Reviro os olhos. “Não deve ter sido muito importante. The Gazette colocou a história idiota do meu pai na primeira página.”

Que, eu queria acrescentar, foi a razão pela qual outros meios de comunicação prestaram tanta atenção a isso. Se o artigo de Brian estivesse enterrado no jornal, ninguém teria notado. Mas ao publicá-lo na primeira página, juntamente com uma fotografia particularmente sinistra de Baneberry Hall, o Gazette forneceu uma validação para as mentiras do meu pai.

“Se o nosso prazo fosse um dia depois, a história da sua família provavelmente nem teria chegado ao jornal. Mas só ouvi falar do desaparecimento da garota Ditmer na manhã seguinte à publicação da edição.

Meu corpo fica rígido com a menção de Petra. “Achei que ela tivesse fugido.”

“Vejo que você já conversou com o chefe Alcott”, diz Brian, lançando-me um sorriso untuoso. “A propósito, essa é a linha oficial da polícia. Aquela Petra Ditmer fugiu. Acho que soa melhor do que dizer que uma garota de dezesseis anos desapareceu em circunstâncias misteriosas e que eles foram muito ineptos para descobrir o que realmente aconteceu com ela.

"O que você acha que aconteceu?"

“Essa é uma das coisas que eu queria perguntar ao seu pai.”

Uma sensação desconfortável inunda meu intestino. Embora eu não tenha certeza de onde Brian quer chegar com isso, seu tom de voz já sugere que não vou gostar.

“Por que perguntar a ele?” Eu digo. “Meu pai não fez Petra fugir...”

“Vanish,” Brian interrompe.

"Desaparecer. Desaparecer. Qualquer que seja." Levanto-me, voltando para a caminhonete, não querendo mais ouvir o que mais Brian tem a dizer. “Meu pai não estava envolvido em nada disso.”

“Eu também pensei isso”, diz Brian, ainda nos degraus da varanda, ainda sorrindo, ainda agindo como se esta fosse apenas uma visita amigável, quando claramente não é. “Só mais tarde, muito depois do lançamento do livro de seu pai, é que comecei a suspeitar que eles poderiam estar relacionados.”

"Como?"

“Para começar, Petra Ditmer foi vista pela última vez em 15 de julho, na mesma noite em que você e sua família deixaram este lugar. Isso é um pouco estranho para ser uma coincidência, você não acha?

A notícia me atinge com força. Há um momento vertiginoso em que penso que vou desmaiar. Ele surge do nada, me forçando a me apoiar no caminhão para não cair.

Petra Ditmer desapareceu na mesma noite em que fugimos de Baneberry Hall.

Brian está certo – isso parece mais do que apenas uma coincidência. Mas não sei o que mais poderia ser. Petra certamente não fugiu com minha família. Isso é algo que eu teria lembrado. Além disso, o chefe Alcott estava dentro do nosso quarto de hotel em Two Pines naquela noite. Certamente ela teria notado se uma garota de dezesseis anos também estivesse lá.

“Acho que você está exagerando”, digo.

“Eu sou? Já li o livro do seu pai muitas vezes. Nele, ele tinha muito a dizer sobre Petra Ditmer. Considerando a diferença de idade, eles pareciam bem próximos.”

Ele dá um toque lascivo à palavra que faz meu sangue ferver. Sim, Petra foi mencionada frequentemente no Livro, muitas vezes em momentos-chave. Isso não pode ser negado, especialmente quando agora tenho as fotos para provar isso. Mas isso não significa que ela e meu pai fossem, para usar o eufemismo de Brian, próximos.

Eu conhecia meu pai melhor do que ele. Ewan Holt era muitas coisas. Um mentiroso. Um encantador. Mas ele não era um canalha ou um mulherengo. Sei disso tão certo quanto sei que minha mãe, se tivesse sido traída, teria aceitado meu pai por cada centavo que ele valia. Como ela não o fez, tenho de acreditar que saímos de Baneberry Hall por outros motivos.

“A maior parte do que está no livro do meu pai é comprovadamente falso. Você não pode confiar em nada do que ele escreveu. Incluindo quanto tempo ele passou com Petra Ditmer. Meu pai não era um homem estúpido, Sr. Prince. Ele certamente não teria escrito tanto sobre Petra – em um livro que centenas de milhares de pessoas leram – se fosse ele quem causou seu desaparecimento.”

“Agora é você quem está exagerando. Eu nunca disse que ele causou o desaparecimento dela. O que estou sugerindo é que eles estão relacionados. A sua família fugiu de Baneberry Hall quase ao mesmo tempo que Petra Ditmer desapareceu sem deixar vestígios. Isso não é normal, Maggie. Não aqui em Bartleby. Brian se levanta e finge limpar as calças, como se o simples fato de estar sentado nos degraus da varanda de Baneberry Hall o tivesse sujado de alguma forma. “Algo estranho aconteceu na noite em que sua família foi embora e pretendo descobrir o que foi. Agora, você pode me ajudar ou me atrapalhar...”

“Tenho certeza que não vou ajudar você”, digo.

Embora Brian Prince e eu compartilhemos o mesmo objetivo, está claro que cada um de nós busca resultados diferentes.

“Embora essa não seja a resposta que eu queria ouvir, eu a respeito mesmo assim”, diz Brian. “Mas só para você saber, vou descobrir a verdade sobre aquela noite.”

“Você vai ter que fazer isso fora da minha propriedade”, eu digo. “O que significa que você precisa ir embora. Agora."

Brian faz um último ajuste na gravata borboleta antes de entrar no carro e ir embora. Sigo atrás dele, caminhando pela estrada longa e curva que desce a encosta até o portão da frente. Depois de ter certeza de que ele se foi, fecho o portão e tranco-o.

Depois volto para casa, onde finalmente posso levar minhas compras para dentro. Sobrecarregado com sacolas pesadas em ambos os braços, passo pelo vestíbulo antes de perceber algo errado.

Está claro aqui.

Muito brilhante.
Olho para o teto e vejo o lustre queimando com brilho total.
Mas aqui está o estranho: quando saí de casa, estava escuro.
Enquanto eu estava fora, de alguma forma ele foi ativado.

30 DE JUNHO
Dia 5

Baque.

Assim como três noites antes, o som sacudiu a casa e me despertou do sono. Virando-me, olhei para o relógio digital na mesa de cabeceira, os números brilhando em verde na escuridão da madrugada: 4h54.

Exatamente na mesma hora em que ouvi o barulho anteriormente.

Foi enervante, sim, mas também útil, porque me fez saber que não tinha sido um sonho. Esse som era real e vinha do terceiro andar.

Apesar de ser tão cedo, saí da cama e fui até o escritório no andar de cima. Lá dentro, nada parecia errado. As portas dos dois armários estavam fechadas e o toca-discos ficou em silêncio.

Quanto ao barulho, eu não tinha ideia do que era. Suspeitei que a casa fosse a responsável. Provavelmente algo a ver com o sistema de aquecimento se reiniciando em um horário designado. É verdade que pouco antes das cinco da manhã era um horário estranho para isso, mas não vi outras possibilidades do que poderia ser aquele barulho.

Em vez de voltar para a cama, desci antes do amanhecer pela segunda vez desde que nos mudamos. Mais uma vez, o lustre estava aceso. Eu teria continuado a pensar que era a fiação se não tivesse ouvido o toca-discos na noite anterior. Claramente, ambos foram obra de minha esposa incomumente insone.

Quando Jess se juntou a mim na cozinha depois das seis, eu a cumprimentei dizendo: “Nunca soube que você era fã de Música no Coração”.

“Não estou”, disse ela, a segunda palavra se transformando em um bocejo.

“Bem, você estava ontem à noite. Não me importo que você vá para o escritório. Apenas lembre-se de desligar o toca-discos quando sair.”

Minha esposa me lançou um olhar sonolento e confuso. “Que toca-discos?”

“Aquele que está na minha mesa”, eu disse. “Estava tocando ontem à noite. Imaginei que você tivesse tido problemas para dormir, foi até lá e ouviu música.

“Não tenho ideia do que você está falando”, disse Jess enquanto se dirigia à cafeteira. “Eu dormi a noite toda.”

Foi a minha vez de parecer confuso. "Você não estava no meu escritório?"

"Não."

“E você não ligou o toca-discos?”

Jess serviu-se de uma xícara de café. “Se eu tivesse, certamente não teria escolhido The Sound of Music. Você perguntou a Maggie? Ela gosta desse filme.

Talvez ela estivesse explorando?

"À meia-noite?"

“Não sei o que te dizer, Ewan”, Jess disse enquanto se sentava à mesa da cozinha. “Você colocou isso em algum momento?”

“Sim”, eu disse. “Mas isso foi há dois dias. Pouco antes de Maggie se machucar.

“Você desligou?”

Eu não sabia. Tudo o que conseguia lembrar era de ouvir gritos na floresta e de esbarrar no toca-discos antes de sair correndo do escritório. Entre levar Maggie ao pronto-socorro e explorar o cemitério na floresta, só tive tempo de voltar lá na noite anterior.

“Agora que você mencionou isso, acho que não.”

"Ai está." Jess bebeu com vontade de sua caneca, orgulhosa de si mesma. “Você deixou o player ligado e algo bateu a agulha de volta no disco. Então a casa ficou viva com o som da música.”

“Mas o que poderia ter atrapalhado?”

"Um rato?" Jess sugeriu. “Talvez um morcego? É uma casa velha. Tenho certeza de que há algo correndo dentro destas paredes.”

Eu estremeci. “Eu nem quero pensar nisso.”

Mas pense nisso, eu fiz. Era possível que um animal estivesse vivendo no estudo. Afinal, havia uma cobra na Sala Índigo. Embora eu achasse altamente improvável que algum animal pudesse acidentalmente tocar um disco.

Depois do café da manhã, voltei ao terceiro andar e examinei o toca-discos. Tudo parecia normal. Desligado, grava no toca-discos, nenhum sinal de que um roedor esteve perto dele. Bati no braço, só para ver se ele poderia ser movido facilmente por um homem ou um rato.

Não poderia.

Chega da teoria de Jess. Isso significava que a culpada tinha que ser Maggie.

Antes de sair, desliguei o toca-discos. Apenas no caso de. Então fui até a ala de Maggie, preparado para dizer que ela precisava pedir permissão antes de entrar no meu escritório. Pareceu-me ser a única maneira de evitar que isso acontecesse novamente.

Encontrei Maggie sozinha na sala de jogos ao lado do quarto dela. Só que ela não agiu como se estivesse sozinha. Sentada no chão com uma série de brinquedos à sua frente, ela parecia estar conversando com uma pessoa imaginária à sua frente.

“Você pode olhar, mas não pode tocar”, disse ela, repetindo algo que Jess lhe dizia quase sempre que íamos às compras. “Se você quiser brincar, precisará

encontrar seus próprios brinquedos.”

"Com quem você está falando?" Eu perguntei da porta. Em Burlington, Maggie não deu sinais de ter um amigo imaginário. O fato de ela ter um agora me fez pensar se não seria um subproduto de ter as filhas de Elsa Ditmer aqui três dias antes. Agora que ela finalmente experimentou alguma companhia, talvez Maggie desejasse mais.

“Só uma menina”, disse ela.

"Ela é uma nova amiga sua?"

Maggie encolheu os ombros. "Na verdade."

Entrei na sala, concentrando-me no chão onde seu não-amigo imaginário estaria sentado. Mesmo que não houvesse ninguém lá, Maggie abriu espaço para ela.

"Ela tem um nome?"

“Eu não sei”, disse Maggie. “Ela não consegue falar.”

Juntei-me a ela no chão, tomando cuidado para não invadir o espaço de sua amiga imaginária. Ainda me sentia culpado por ter acusado Maggie de mentir sobre a garota no armário. Ela não estava mentindo. Ela estava fingindo.

“Entendo”, eu digo. “Então, qual de vocês esteve no meu escritório ontem à noite?”

Maggie me lançou o mesmo olhar confuso que recebi de Jess na cozinha. Uma ligeira inclinação da cabeça. Sobrancelha direita levantada. Uma careta no rosto. Os dois eram tão parecidos que era estranho. A única diferença era o curativo na bochecha de Maggie, que enrugava quando ela se contorcia.

"Que estudo?" ela disse.

“O quarto no terceiro andar. Você não esteve lá, não é?

“Não”, disse Maggie, de uma forma que me fez pensar que ela estava dizendo a verdade. Sua voz geralmente continha um tom vazio quando ela estava mentindo. Permaneceu convincente quando ela se virou para o espaço vazio à sua frente e disse: “Você não estava lá em cima, estava?”

Ela fez uma pausa, absorvendo uma resposta silenciosa que só ela conseguia ouvir.

“Ela não estava,” Maggie me informou. “Ela passou a noite passada na caixa de madeira.”

Essas duas palavras, inócuas por si só, assumiram um novo significado sinistro quando usadas em conjunto. Isso me fez pensar em um caixão e uma menina deitada dentro dele. Sorri para Maggie, tentando esconder meu desconforto repentino.

“Que caixa de madeira, querido?”

“Aquele no meu quarto. Onde a mamãe pendura as coisas.”

O armário. De novo. Achei estranho como ela parecia estar fixada em um simples móvel. Disse a mim mesmo que Maggie tinha cinco anos e só fazia coisas que todas as crianças da idade dela faziam. Jogando. Fingindo. Não estou mentindo.

Mas então me lembrei dos sons que ouvia em meus sonhos. E o baque que definitivamente não foi um sonho. Isso me fez pensar no que Hibbs disse sobre a lembrança da casa. E a forma como a porta de Maggie se fechou na outra noite, quase como se fosse puxada por uma força invisível. Uma sensação de pavor tomou conta de mim e, de repente, não tive mais vontade de satisfazer a imaginação de minha filha. Na verdade, tudo que eu queria era sair da sala.

"Eu tenho uma ideia. Vamos lá fora brincar. Fiz uma pausa, optando por fazer uma pequena concessão à imaginação de Maggie. “Seu novo amigo também pode vir.”

“Ela não tem permissão para sair”, Maggie disse enquanto pegava minha mão. Antes de sairmos da sala de jogos, ela voltou para o local onde seu amigo imaginário provavelmente ainda estava sentado. "Você pode ficar. Mas diga aos outros que não os quero aqui.

Fiz uma pausa então, impressionado com uma palavra que minha filha havia usado.

Outros.

A garota invisível com quem Maggie estava conversando e brincando – ela não era sua única amiga imaginária.

• • •

“Estou preocupado com Maggie”, disse a Jess naquela noite, enquanto nos preparávamos para dormir. “Acho que ela está muito isolada. Você sabia que ela tem amigos imaginários?

Jess colocou a cabeça para fora do banheiro principal, escova de dente na mão e boca espumando como Cujo. “Eu tinha uma amiga imaginária quando tinha a idade dela.”

"Mais de um?"

"Não." Jess desapareceu de volta no banheiro. “Só Minnie.”

Esperei até que ela terminasse de escovar os dentes e saísse do banheiro antes de fazer minha pergunta complementar. “Quando você diz que tinha uma amiga imaginária chamada Minnie, você está falando da Minnie Mouse?”

“Não, Minnie era diferente.”

“Ela era um rato?”

“Sim”, disse Jess, corando tanto que até seus ombros ficaram rosados. “Mas eles eram diferentes, eu juro. Minha Minnie era da minha altura. E peludo. Como um rato, honestamente, só que maior.”

Aproximei-me de Jess por trás, peguei-a nos braços, beijei seu ombro bem próximo à alça de sua camisola, a pele ainda quente. “Acho que você está mentindo”, sussurrei.

“Tudo bem”, Jess admitiu. “Minha amiga imaginária era Minnie Mouse. Eu tenho uma imaginação de merda. Eu admito. Feliz agora?"

“Sempre, quando estou com você.” Nós nos deitamos na cama, Jess se aconchegando em mim. “Nossa filha, eu suspeito, não é. Acho que ela está sozinha.

“Ela irá para o jardim de infância no outono”, disse Jess. "Ela fará amigos então."

“E o resto do verão? Não podemos esperar que ela passe o tempo enfiada nesta casa com amigos imaginários.”

“Qual é a alternativa?”

Eu vi apenas um. E eles moravam do lado de fora do portão da frente do Baneberry Hall.

“Acho que deveríamos convidar as meninas Ditmer”, eu disse.

“Gosta de brincar?”

Esse teria sido o curso de ação adequado, se o encontro anterior tivesse corrido bem. Mas com Hannah sendo tão mandona e Maggie tão tímida, elas não se deram tanto quanto deveriam – ou poderiam – ter. Para realmente se unirem, eles precisavam de algo mais do que outro jogo indiferente de esconde-esconde.

“Eu estava pensando mais em uma festa do pijama”, eu disse.

"Ambas as meninas?" Jess disse. “Você não acha que Petra está um pouco velha para isso?”

“Não se pagarmos para ela ser babá. Ela poderia cuidar de Maggie e Hannah, e nós, minha querida, poderíamos ter um encontro noturno de verdade.

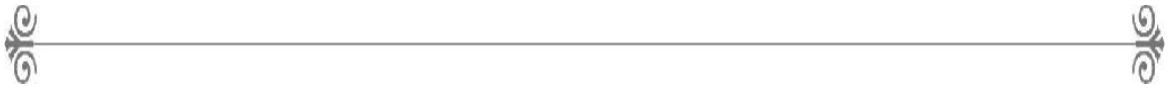
Beijei seu ombro novamente. Depois, a nuca.

Jess derreteu contra mim. “Quando você coloca dessa maneira, como uma garota pode dizer não?”

“Ótimo,” eu disse, puxando-a para mais perto de mim. “Vou ligar para Elsa amanhã.”

O assunto foi resolvido. Maggie teria sua primeira festa do pijama.

Acabou sendo uma decisão que todos nós três nos arrependeríamos mais tarde.



Oito

À noite, recebo uma mensagem de Allie.

Só estou fazendo check-in. Como está a casa?

Tem potencial, escrevo de volta.

Allie responde com um emoji de positivo e nada de fantasmas, presumo.

Nenhum.

Mas há muitas coisas sobre o lugar que não me agradam. A pessoa que estava atrás da casa ontem à noite, por exemplo. Ou o lustre que se acendeu magicamente. Aquele me deixou tão assustado que liguei para Dane para perguntar se ele esteve na casa enquanto eu estava fora. Ele jurou que não.

Depois, há tudo o que Brian Prince me contou, o que me levou a sentar na cozinha com um exemplar do Livro e as Polaroids do meu pai alinhadas sobre a mesa como talheres. Folheio o livro, procurando pistas de que Brian possa estar no caminho certo, embora sua insinuação de que meu pai estava envolvido em algum tipo de relacionamento impróprio com Petra seja errada e, francamente, grosseira.

Pouco depois de minha mãe se casar com Carl, meu pai e eu viajamos para Paris. Eu não queria ir. Eu tinha acabado de completar quatorze anos, uma idade em que nenhuma garota quer ser vista com um dos pais. Mas eu sabia que meu pai não reagira bem à decisão de minha mãe de se casar novamente e que ele precisava mais da viagem do que eu.

Partimos alguns meses antes de eu finalmente parar de fazer perguntas sobre o Livro, sabendo que nunca receberia uma resposta direta. Perguntei sobre isso apenas uma vez durante a viagem – outro de meus ataques furtivos, desta vez na frente da Mona Lisa – e recebi a resposta pronta de meu pai. É por isso que uma das coisas de que mais me lembro da viagem, além dos croque monsieurs e de um garçom de café sonhador e sedutor chamado Jean-Paul, foi um raro momento de honestidade durante um piquenique noturno à sombra da Torre Eiffel.

“Você acha que algum dia vai se casar novamente como mamãe?” Perguntei.

Meu pai mastigou pensativamente um pedaço de baguete. "Provavelmente não."

"Por que?"

“Porque sua mãe é a única mulher que já amei.”

"Você ainda ama ela?"

“Na verdade, sim”, disse meu pai.

"Então por que você se divorciou?"

“Às vezes, Mags, um casal pode passar por algo tão terrível que nem mesmo o amor pode consertar.”

Ele ficou quieto depois disso, estendendo-se na grama e observando o sol se pôr atrás da Torre Eiffel. Mesmo sabendo que ele estava se referindo ao Livro, não ousei perguntar a ele sobre isso. Ele já havia baixado a guarda. Eu não queria forçar.

Talvez se tivesse, finalmente teria recebido uma resposta honesta.

Largo o Livro e pego as Polaroids, prestando atenção extra nas que mostram Petra. À primeira vista, eles são inocentes. Apenas uma adolescente sendo ela mesma. Mas tons mais assustadores surgem quanto mais eu olho para eles. Na foto tirada na cozinha, nem Petra nem minha mãe percebem a presença do fotógrafo, dando à imagem uma sensação desconfortável e voyeurística. Uma foto tirada antes que o sujeito percebesse que alguém estava lá.

Pior ainda é a imagem da festa do pijama. Petra está na frente e no centro. Tanto que Hannah e eu poderíamos nem ter estado lá. Ao contrário da foto na cozinha, Petra sabe que está sendo fotografada – e gosta disso. Sua pose com as mãos no quadril e uma perna dobrada é algo que uma pin-up dos anos quarenta faria. Quase parece que ela estava flertando com o fotógrafo, que neste caso devia ser meu pai.

Coloco as fotos viradas para baixo na mesa, decepcionada comigo mesma por ter cedido à fofoca.

Atrás de mim, um dos sinos na parede toca.

Um único e retumbante pedágio.

O som me sacode da cadeira, que tomba e cai no chão. Eu me empurro contra a mesa, sua borda pressionando minhas costas enquanto examino os

sinos. A cozinha está silenciosa, exceto pelo som do meu coração – um rufar de tambores audível vindo do fundo do meu peito.

Quero acreditar que não ouvi nada. Que foi um daqueles sinais auditivos estranhos que todo mundo experimenta. Como um zumbido nos ouvidos. Ou quando você pensa que ouve seu nome sendo chamado no meio de uma multidão e acaba sendo apenas um ruído aleatório.

Mas meu coração acelerado me diz que não estou imaginando coisas.

Um daqueles sinos acabou de tocar.

O que me leva a um fato único e inegável: há outra pessoa dentro da casa.

Dou a volta na mesa, sem tirar os olhos dos sinos, só para o caso de um deles tocar novamente. Movendo-me para trás, chego ao balcão, minhas mãos deslizando cegamente ao longo de sua superfície até encontrar o que procuro.

Um bloco contendo seis facas.

Pego a maior delas: uma faca de trinchar com lâmina de dezoito centímetros. Meu reflexo treme no aço brilhante.

Eu pareço assustado.

Estou assustado.

Segurando a faca na minha frente, saio da cozinha e subo os degraus até a parte principal da casa. Só quando estou na sala grande é que ouço a música. Uma melodia nítida, quase sonhadora, que eu teria reconhecido mesmo sem a letra flutuando de algum lugar acima.

“Você tem dezesseis anos, quase dezessete...”

Meu coração, que ainda batia descontroladamente há apenas um segundo, para, fazendo a música soar ainda mais alta.

“Querido, é hora de pensar.”

Atravesso a grande sala com as pernas tão dormentes de medo que parece que estou flutuando. Quando chego à frente da casa, percebo que o lustre está tilintando. Quase como se alguém estivesse batendo no chão diretamente acima dele.

“É melhor tomar cuidado—”

Tenho duas opções aqui: fugir ou enfrentar quem estiver dentro de casa. Eu quero correr. Meu corpo me implora, se contorcendo insistentemente. Opto pelo confronto, embora não seja a escolha mais sábia. Correr só leva a mais perguntas. Enfrentá-lo de frente só pode levar a respostas.

“—seja astuto—”

Decidida, começo a correr, não dando ao meu corpo a chance de protestar. Subo correndo as escadas, atravesso o corredor do segundo andar e subo outro lance de escadas. Ainda estou correndo quando chego ao terceiro andar, a porta do escritório fechada e aparecendo diante de mim.

“—e cuidadoso—”

Corro em direção à porta segurando a faca com força, soltando um grito enquanto ando. Parte disso é legítima defesa. Tentando pegar quem está lá dentro desprevenido. O resto é medo, saindo de mim da mesma forma que estou entrando na sala.

“Querido, você está no limite.”

O escritório está vazio, embora todas as luzes estejam acesas e o toca-discos sobre a mesa esteja tocando no volume máximo.

"Você tem dezesseis anos..."

Afasto a agulha do toca-discos e, com o pulso ainda acelerado, examino a sala, apenas para confirmar que está realmente vazia. Quem esteve aqui deve ter saído assim que ligou o toca-discos, tocando a campainha na saída.

O que significa que era um ghoul. Algum garoto idiota que leu o Livro, soube que eu estava de volta aqui e agora queria reconstituir parte dele.

A única falha na minha teoria é que fechei e tranquei o portão depois que Brian Prince saiu. Também fechei e tranquei a porta da frente quando voltei para casa. Se era um brincalhão da Casa dos Horrores, como ele entrou?

Essa pergunta desaparece quando olho novamente para a mesa e percebo algo estranho.

Assim como o abridor de cartas na sala, o ursinho de pelúcia que Dane e eu encontramos no armário desapareceu.

1º DE JULHO

Dia 6

“Ele diz que vamos morrer aqui.”

Até então, o dia tinha sido notável por não ser notável. Nada de sinos tocando, cobras rebeldes ou descobertas novas e enervantes. Se houvesse um baque às 4h54 da manhã, eu dormiria o tempo todo. Foi simplesmente um dia normal. Nosso primeiro no Baneberry Hall.

Então minha filha pronunciou essas palavras e tudo virou uma merda.

Imediatamente chamei Jess, sabendo que esse era um trabalho que seria melhor feito por nós dois. Mesmo assim, eu não tinha certeza do que deveríamos fazer. Um dos amigos imaginários da minha filha estava lhe dizendo que ela iria morrer. Isso não foi abordado em nenhum manual para pais.

“Senhor Shadow não é real”, disse Jess enquanto subia na cama e pegava Maggie nos braços. “E ele não é um fantasma. Ele é apenas um pedaço da sua imaginação com uma voz maldosa dizendo coisas que não são verdade.”

Maggie permaneceu não convencida.

“Mas ele é real”, disse ela. “Ele sai à noite e diz que vamos morrer.”

“Seus outros amigos dizem coisas assim?”

“Eles não são meus amigos”, disse Maggie de uma forma que partiu um pouco meu coração. Basicamente, ela estava nos dizendo que não tinha amigos. Nem mesmo os imaginários. “São apenas pessoas que entram no meu quarto.”

“Quantas pessoas você conheceu?” Jess disse.

"Três." Maggie contou-os nos dedos. “Lá está o senhor Shadow. E a garota sem nome. E a senhorita Pennyface.

Jess e eu trocamos olhares preocupados. Seja o que for, não era normal.

"Senhorita Pennyface?" Eu disse. "Por que você a chama assim?"

“Porque ela tem moedas sobre os olhos. Mas ela ainda pode ver. Ela está nos observando agora.

Maggie apontou para o canto do armário com a porta inclinada. Não vi nada além de um espaço vazio onde o teto inclinado começava a descer abruptamente. Jess também não viu nada porque disse: “Não tem ninguém aí, querido”.

"Há!" Maggie chorou, mais uma vez à beira das lágrimas. “Ela está olhando diretamente para nós!”

Ela foi tão convincente em sua certeza que continuei olhando para o canto, procurando nas sombras ali, procurando em vão por algo que eu não conseguia ver, mas que minha filha conseguia, mesmo que fosse apenas em sua mente.

Então ouvi um barulho.

Tocar.

Veio de algum lugar no corredor. Uma única batida no chão de madeira.

"Que raio foi aquilo?" Jess disse.

"Não sei."

Tocar.

O barulho foi mais alto daquela vez. Como se o que quer que estivesse causando isso tivesse se movido alguns metros pelo corredor, mais perto do quarto de Maggie.

Toque-toque.

Estes eram ainda mais altos, o segundo soando mais próximo que o primeiro.

“Você acha que são os canos?” Jess perguntou.

“Se for, por que não ouvimos até agora?”

Toque-toque-toque.

Três dessa vez, crescendo em volume até chegarem do lado de fora.

Maggie pressionou-se contra a mãe, os olhos arregalados sem piscar.

“É o senhor Shadow”, disse ela.

Jess a silenciou. “Maggie, pare com isso. Ele não é real.

O senhor Shadow pode não ter sido real, mas a batida certamente foi. A única explicação que consegui pensar foi a mais óbvia: um intruso havia entrado em Baneberry Hall.

“Alguém está dentro de casa,” eu sussurrei.

O barulho era agora um fluxo ininterrupto, tão alto e tão próximo. Parecia passar bem perto da porta do quarto, embora nenhum movimento o acompanhasse.

Toque-toque-toque-toque-toque-toque.

O som começou a diminuir à medida que continuava pelo corredor, aparentemente indo para os degraus que levavam ao terceiro andar.

Saí correndo da cama, determinado a segui-lo. “Você e Maggie fiquem aqui.”

Jess protestou. “Ewan, espere...”

Se ela disse mais alguma coisa, eu não ouvi. A essa altura eu já estava correndo pelo corredor, tentando localizar a origem do...

Toque-toque-toque-toque-toque.

Olhei para cima e para baixo no corredor. Não havia nada lá. Certamente nada que pudesse ter causado algo tão estranho quanto isso...

Toque-toque-toque-toque.

O som ficou mais baixo, quase como se tivesse mudado para outra seção da casa. Ouvi uma última batida antes de desaparecer completamente, deixando-me

parada em um corredor silencioso.

Não durou muito.

Em segundos, ouvi outra coisa.

Música.

Vindo diretamente acima de mim.

“Você tem dezesseis anos, quase dezessete...”

Subi os degraus até o terceiro andar, subindo dois degraus de cada vez. Quando a porta do meu escritório apareceu, vi que estava fechada, com uma fina faixa de luz visível logo abaixo dela.

“Querido, é hora de pensar.”

Eu sabia que deveria ter voltado, mas já era tarde demais. Quem quer que estivesse atrás daquela porta me ouviu chegando. Além disso, o impulso me manteve em movimento. Suba o resto dos degraus, passe pela porta e entre no escritório.

“É melhor tomar cuidado—”

Assim como na outra noite, o escritório estava vazio. Éramos só eu, o toca-discos e o maldito álbum girando, girando e girando.

“—seja astuto—”

Desliguei, a música sofreu uma mutação enquanto o toca-discos diminuía a velocidade até parar. Examinei então o escritório, perguntando-me para onde teria ido o intruso.

E como ele causou aquelas batidas.

E se isso iria acontecer novamente.

Porque isso já havia acontecido uma vez antes. Duas noites atrás, quando ouvi o toca-discos pela primeira vez. Não tinha sido Jess, Maggie ou um maldito rato.

A constatação de que nossa casa havia sido invadida duas vezes agora me abalou. Com as mãos trêmulas, retirei o disco do toca-discos e enfiei-o na capa de papelão. Não vi necessidade de dar ao intruso a chance de jogar uma terceira vez. Em seguida, desconectei o toca-discos e coloquei-o de volta no estojo. Ambas as caixas foram então colocadas de volta no armário onde as encontrei.

Então desci para chamar a polícia.

• • •

A policial que veio à nossa casa, a policial Tess Alcott, era tão jovem que a princípio não acreditei que ela fosse policial. Parecia que ela mal tinha terminado as escoteiras, muito menos uma academia de polícia. A policial Alcott provavelmente entendia muito isso, pois se apresentava com uma aspereza que parecia forçada.

“Alguma coisa foi levada?” ela perguntou, sua caneta pressionada contra o pequeno caderno em suas mãos. “Algum objeto de valor faltando? Algum dinheiro desaparecido?

“Não que saibamos”, eu disse. “Mas muitas dessas coisas não eram nossas. Herdamos quando compramos a casa. Portanto, pode estar faltando algo que não sabíamos.”

Nós três estávamos na sala, eu e Jess empoleirados na beira do sofá, nervosos demais para relaxar. O oficial Alcott estava sentado à nossa frente, examinando a sala.

“Curtis Carver e sua esposa eram donos deste lugar antes de você, não eram?” ela disse.

“Sim”, disse Jess. “Você acha que isso pode ter algo a ver com a invasão?”

“Não vejo nenhuma razão para que isso aconteça.”

Eu olhei para ela, curioso. "Então por que você perguntou?"

“Para que eu possa vasculhar nossos registros e ver se houve alguma invasão quando eles moravam aqui. Como o intruso entrou? Presumo que a porta da frente estava destrancada.

“Não foi”, eu disse. “Eu tranquei antes de subir para colocar minha filha na cama, e ainda estava trancado depois que o intruso saiu.”

“Então, eles entraram por uma janela?”

“Eles estavam todos fechados”, disse Jess.

A policial Alcott, que estava anotando tudo isso em seu caderno, de repente ergueu os olhos, a caneta parada no papel. “Você tem certeza de que houve um intruso?”

“Ouvimos barulhos”, eu disse, entendendo naquele momento o quão ridículo eu parecia. Como uma criança. Alguém tão assustado e imaginativo quanto Maggie.

“Muitas casas fazem barulho”, disse o oficial Alcott.

“Não esse tipo de barulho.” Tentei descrever o som de batidas que se espalhava pelo corredor, chegando ao ponto de bater no chão da sala na tentativa de reproduzi-lo. Quando o oficial não pareceu convencido, acrescentei: “Também havia música. Alguém ligou o toca-discos do meu escritório. Isso já aconteceu duas vezes.”

O oficial Alcott virou-se para Jess. “Você ouviu o toca-discos?”

"Eu não fiz." Jess me lançou um olhar de desculpas. “Em nenhuma das vezes isso aconteceu.”

O caderno e a caneta voltaram para o bolso da frente do uniforme do policial Alcott. “Ouçam, pessoal”, disse ela. “Se nada foi levado e não há sinais de

arrombamento e apenas um de vocês ouviu coisas...”

“Nós dois ouvimos as batidas”, interrompi.

O oficial Alcott levantou a mão, tentando me acalmar. “Não tenho certeza do que você quer que eu faça aqui.”

“Você pode acreditar em nós”, eu disse, irritado.

“Senhor, eu acredito em você. Acredito que você ouviu algo e pensou que era um intruso. Mas isso me parece que tudo o que você ouviu não foi o que você pensou que tinha ouvido.”

Entendi então um pouco da frustração de Maggie sempre que falávamos sobre seus amigos imaginários. Não ser acreditado era enlouquecedor. Só que no meu caso o que eu estava dizendo era real. Essas coisas aconteceram.

“Então devemos deixar isso acontecer de novo?”

“Não”, disse o oficial Alcott. “Você deveria ser inteligente e vigilante e nos ligar na próxima vez que vir algo suspeito.”

Sua escolha de palavras não passou despercebida.

Veja qualquer coisa suspeita. Não ouço.

A policial Alcott partiu com um aceno de cabeça e um aceno de cabeça, deixando Jess e eu sozinhos. Fiz isso da única maneira que conhecia: invadindo a casa em busca de suprimentos para criar um sistema de segurança improvisado.

Um pacote de fichas.

Vários carretéis de linha.

Uma caixa de giz.

“Para que é tudo isso mesmo?” Jess perguntou enquanto eu arrancava um pedaço de ficha.

“Para ver se alguém está entrando furtivamente na casa.” Enfiei a tira de papel entre a porta e o batente para que caísse se a porta fosse aberta. “Se estiverem, isso nos dirá onde ele está entrando.”

Usei o giz para desenhar uma linha fina no chão em frente à porta. Depois disso, estiquei o fio pela porta, mantendo-o na altura do tornozelo. Se alguém entrasse, eu saberia. A linha se quebraria e o giz ficaria manchado.

“Em quantos lugares você vai fazer isso?” Jess perguntou.

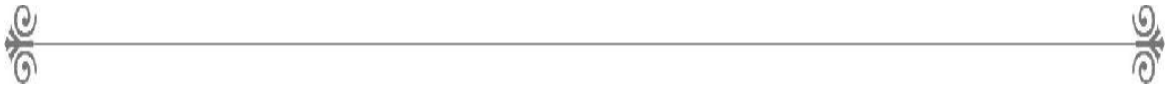
“A porta da frente e todas as janelas”, respondi.

Quando fui para a cama, todas as janelas que podiam ser abertas na casa tinham um pedaço de linha atravessada e um pequeno pedaço de ficha preso sob o parapeito.

Quem quer que fosse o intruso, eu estava preparado para a sua próxima visita.

Ou assim pensei.

Acontece que eu não estava preparado para nada que nos aguardasse.



Nove

Ainda estou olhando para aquele pedaço vazio da mesa quando algo mais chama minha atenção. No extremo da minha visão, detecto movimento fora de uma das janelas do escritório. Correndo para o vidro, vejo uma figura escura desaparecendo na floresta atrás da casa.

Em um instante, estou fugindo novamente, invertendo minha rota até aqui. Descendo os degraus, atravessando o corredor, descendo mais degraus. No caminho para a porta da frente, paro o tempo suficiente para pegar uma lanterna em uma caixa de suprimentos na sala grande.

Então estou lá fora, correndo pela casa e caindo na floresta. Está escuro como breu aqui, o luar eclipsado pelas árvores. Ligo a lanterna. A viga treme pelo chão diante de mim, pegando cachos aleatórios de amoras.

“Eu sei que você está aqui!” Eu grito na escuridão. "Eu vi você!"

Não há resposta. Não que eu esteja esperando um. Só quero que quem quer que seja saiba que os vi. Esperançosamente, isso por si só impedirá uma visita de retorno.

Continuo a me mover pela floresta, a descida da colina me faz andar mais rápido. Logo estou no cemitério de animais de estimação, as lápides irregulares ficam borradas em branco sob o facho da lanterna. Depois passo pelos túmulos e me aproximo do muro de pedra na base da colina. É intimidante na escuridão – três metros de altura e tão grosso quanto a muralha de um castelo.

Isso me deixa anã quando estou ao lado dele, o que deveria ser reconfortante. Ninguém está superando aquele bebê. Não sem uma escada. Mas essa constatação levanta uma questão incômoda: como esse ghoul entrou na propriedade?

A resposta chega um minuto depois, quando decido sair da floresta seguindo o muro até o portão da frente. Ando apenas cerca de cinquenta metros antes de ver uma seção de parede que desmoronou. Não é uma grande lacuna. Apenas um espaço de trinta centímetros de largura cortado

na parede, como alguém usando o dedo para fatiar um pedaço de manteiga. Para passar por ele, preciso virar e desviar para atravessar. Quando estou do outro lado – e não mais oficialmente na propriedade de Baneberry Hall – vislumbrei os fundos de uma casa de campo por entre as árvores. Seu exterior, amarelo durante o dia, parece esbranquiçado ao luar. Uma janela está acesa. Mais além, pisca a tela verde-azulada de um aparelho de televisão.

A casa pertence a Dane ou aos Ditmers. Não tenho certeza de quem mora em ambos os lados da estrada. Suponho que seja algo que eu deveria descobrir, já que uma entrada lateral acidental da minha propriedade fica não muito longe do quintal deles.

Não que Dane ou Hannah Ditmer precisassem entrar furtivamente na propriedade. Cada um tem as chaves do portão e da porta da frente. Eles poderiam entrar quando quisessem.

O que sugere que quem quer que estivesse na casa tinha ido e vindo por aqui. Tudo o que precisavam fazer era passar pela abertura na parede. A parte mais difícil, pelo que sei, é saber disso. E não me surpreenderia se muitas pessoas em Bartleby e além tivessem esse conhecimento.

Volto para casa, meu passo acelerado, de repente convencido de que há mais ghouls no caminho e que preciso afastá-los na passagem. De volta para dentro, pego a faca e faço uma busca em Baneberry Hall. É uma tarefa estressante. Abrindo cada porta, sem saber o que encontrarei por trás delas. Apertando cada botão e antecipando o pior naquele nanossegundo de escuridão antes que as luzes se acendam.

Baneberry Hall acaba ficando vazio.

Por quanto tempo, não tenho ideia.

É por isso que pego uma página do livro do meu pai.

Literalmente.

Arranco a página da cópia que está sobre a mesa da cozinha e rasgo-a em pequenos pedaços. Isso é bom. Nunca desfigurei uma cópia do Livro antes, e a satisfação que tenho ao fazê-lo agora me faz desejar ter começado anos atrás.

Penso em meu pai enquanto coloco um pedaço de papel na fresta da porta da frente, me perguntando se ele acharia graça se me visse fazendo algo sobre o qual escreveu no Livro. Provavelmente não. Na verdade,

suspeito que ele ficaria desapontado por eu ter quebrado minha promessa de nunca mais voltar a Baneberry Hall.

Tentei ao máximo não decepcioná-lo. Embora aos nove anos eu o considerasse um mentiroso, ainda buscava sua aprovação a cada passo. Talvez tenha resultado da sensação de que, se eu provasse o suficiente, ele acabaria por me considerar digno de saber a verdade sobre o Livro. Ou talvez fosse apenas uma típica rebelião de uma família desfeita. Como eu sabia que nunca viveria de acordo com os elevados padrões de minha mãe, busquei o padrão muito mais baixo estabelecido por meu pai.

Isso não significa que ele não era um bom pai. Ele era, em muitos aspectos, um pai incrível, e não apenas porque me mimava muito. Ele foi atencioso e gentil. Ele nunca falou comigo, como minha mãe fez. E ele nunca, jamais me subestimou.

Enquanto crescia, recebi listas de livros para ler, filmes para ver, álbuns para ouvir. Coisas que ninguém sugeriria para um adolescente. Filmes de Bergmann. Registros de Miles Davis. Tolstoi, Joyce e Pynchon. Cada um deles foi um sinal de que ele achava que eu era capaz de abrir minha mente e expandir meus horizontes. E mesmo que eu não tivesse nenhum interesse em jazz ou Gravity’s Rainbow, tentei o meu melhor para apreciar seus gostos. Meu pai acreditou em mim e eu não queria decepcioná-lo.

Eu o decepcionei de qualquer maneira. Quando fui para a faculdade e decidi estudar design e não jornalismo ou literatura inglesa, frustrou seu sonho de ter outro escritor na família. Quando larguei o trabalho chato, mas estável, de design que tinha desde a formatura para abrir a empresa com Allie.

Aquele deu início a um período de altos e baixos que durou até a morte do meu pai. Certa vez, ele me disse que nosso relacionamento era como uma rosa. Bonito, sim, mas veio com espinhos. Eu comparo isso ao clima. Estava sempre mudando. Estações geladas. Feitiços de calor. Meses em que conversávamos quase todos os dias e longos períodos de silêncio no rádio.

A maior parte foi obra minha, cada fase ditada pela minha relação com o Livro. Se eu sobrevivesse alguns meses sem ser associado à Casa dos Horrores, trataria meu pai como se ele fosse meu melhor amigo. Mas no momento em que o Livro e eu seríamos inevitavelmente reunidos novamente – como na vez em que fui emboscado por um repórter de tablóide no seu vigésimo aniversário – eu ficaria frio, até mesmo amargo.

Entretanto, o meu pai começou a sua retirada do mundo, enclausurando-se no seu apartamento com os seus adorados livros e filmes clássicos. Outrora um entrevistado onipresente, disposto a ser citado sobre qualquer coisa, desde o sobrenatural até a indústria editorial, ele se isolou de todos os meios de comunicação. Por muito tempo pensei que ele estava cansado de conviver com a mentira que havia criado e não queria mais ter nada a ver com isso. Sua correspondência com Brian Prince sugere o contrário.

Nosso relacionamento mudou quando ele ficou doente. Seu câncer era agressivo, cravando os dentes nele rapidamente e sem trégua. Não havia tempo para mais mesquinharias da minha parte. Eu precisava estar lá para ajudá-lo, e estive até o fim.

À meia-noite, há um pedaço do Livro enfiado na porta da frente e em todas as janelas.

Vou para o meu quarto.

Eu tranco a porta.

Coloquei a faca que estava carregando na mesa de cabeceira ao lado da cama.

Meu último ato da noite é tomar um Valium, rastejar para debaixo das cobertas e tentar dormir, mesmo sabendo que não vai chegar facilmente, se é que vai chegar.

2 DE JULHO

Dia 7

Não dormi a noite toda. À medida que os minutos passavam, acumulando-se em horas, fiquei acordado, olhando para o teto, imaginando se, quando, como alguém poderia entrar. A noite estava cheia de barulhos, todos inocentes. No entanto, isso não me impediu de pensar que cada um deles era o intruso que voltava para outra rodada. Pensei no muro de pedra e no portão de ferro forjado no final da entrada e em como certa vez zombei de sua existência. Agora eu queria que eles fossem mais altos.

Quando a escuridão da noite começou a se transformar no amanhecer, meus pensamentos se voltaram para outra coisa.

Baque.

Lá estava.

Olhei para o relógio: 4h54 da manhã. Bem na hora.

Abandonando a ideia de dormir, saí da cama - silenciosamente, para não acordar Jess e Maggie, que haviam passado mais uma noite conosco. Desci as escadas e fui imediatamente saudado pelo lustre a todo brilho, um fato que parecia impossível. Fiz questão de me certificar de que estava desligado antes de ir para a cama na noite anterior.

Temendo que um intruso estivesse novamente dentro da casa, corri para a porta da frente. O fio permaneceu esticado nele. A linha de giz no chão não foi perturbada. O pedaço de ficha ainda estava preso entre a porta e o batente.

Seguro de que a porta não havia sido arrombada, desci até a cozinha, preparei um bule de café extraforte e coloquei-o em uma caneca mais ou menos do tamanho de uma tigela de sopa. Depois de tomar alguns goles reveladores, voltei para o resto da casa e verifiquei metodicamente todas as janelas. Eles eram iguais à porta – completamente intactos.

Ninguém estava lá.

Ninguém além de nós, galinhas.

Minha avó usava essa frase quando eu era menino e meus primos brincavam de esconde-esconde no enorme celeiro atrás da casa dela. Como eu era o mais novo e o menor, era Vovó quem se escondia comigo, me puxando para seus braços e encolhendo seu corpo surpreendentemente ágil atrás de fardos de feno ou em cubículos escuros que sempre cheiravam a couro e óleo de motor. Quando um dos meus primos vinha olhar e chamava para ver se havia alguém lá, vovó sempre respondia: “Ninguém além de nós, galinhas!”

Verificação de segurança concluída, voltei para a cozinha e peguei minha caneca de café. Ao tomar um gole, notei uma poeira branca espalhando-se pela mesa. Entre eles havia pequenos pedaços de entulho cinzento.

Então eu senti isso.

Algo dentro da caneca.

Pequeno e fino como um chicote.

Ele bateu em meu lábio superior antes de raspar meus dentes da frente, viscoso e com gosto ruim.

Afastei a caneca da boca. O café que não consegui engolir escorreu pelo meu queixo. O líquido que engoli voltou em uma tosse gorgolejante e sufocante.

Olhei dentro da caneca. Uma ondulação circular se espalhou pela superfície do café e atingiu a borda da caneca. Inclinei a caneca e a coisa dentro dela rompeu a superfície – um brilho escorregadio de cinza subindo e descendo no líquido marrom-lama.

Deixei cair a caneca e me afastei da mesa enquanto o café corria pela sua superfície. Cavalgando a onda, como uma pequena serpente marinha chegando à praia, estava um bebê cobra.

Ele se contorceu ao longo da mesa, traçando um caminho sinuoso através do café derramado. Eu olhei para ele, estupefato e enojado. Meu estômago embrulhou tanto que tive que tapar a boca com a mão.

Olhando para cima, vi um buraco no gesso do teto que era aproximadamente do tamanho de um copo. Mais duas cobras bebês escaparam e caíram sobre a mesa. A aterrissagem deles soou como duas grossas gotas de chuva atingindo o para-brisa.

Eu me esforcei para encontrar algo para contê-los. Uma tigela. Tupperware. Qualquer coisa. Eu estava vasculhando um armário, de costas para a mesa, quando outra coisa caiu com um barulho nauseante.

Virei-me lentamente, temendo ver o que já sabia que encontraria ali.

Uma quarta cobra.

Não é um bebê.

Totalmente crescido e com mais de trinta centímetros de comprimento, ele caiu de costas, expondo uma barriga vermelha como amoras silvestres. Ele virou e vi listras gêmeas cor de ferrugem escorrendo por suas costas, exatamente como a cobra que encontrei na Sala Índigo no dia em que nos mudamos.

A cobra maior passou pelos bebês e foi direto para a caneca de café virada para cima, tentando se enrolar lá dentro. Ele sibilou. Com raiva ou medo, eu não sabia dizer.

Eu ainda estava olhando para ele, paralisado de horror, quando mais dois bebês cobras caíram sobre a mesa.

Olhei para o buraco no teto, onde uma sétima cobra – outra adulta – estava abrindo caminho para fora, de cabeça. Ele tentou reverter o curso curvando o corpo em direção ao teto, o que apenas acelerou seu deslizamento para fora do buraco.

Quando pousou – outro barulho, como um balão de água atingindo o alvo – a mesa tremeu. Pedaços de gesso do teto flutuavam como confetes. A essa altura, a maioria dos bebês cobras já havia caído da beirada da mesa e deslizava em todas as direções. Um veio direto em minha direção, me fazendo subir no balcão.

Acima, um poderoso som de rasgo emanou do teto. Rachaduras se espalharam pela superfície, ziguezagueando como raios. De pé no balcão, me joguei contra a fileira de armários quando um pedaço enorme do teto bateu na mesa.

Uma nuvem ondulante de poeira encheu a cozinha. Fechei os olhos e cobri novamente a boca, bloqueando o grito que se formou na minha garganta. A onda de poeira me atingiu. Era arenoso, como areia. Pequenos grânulos grudaram na minha pele e cobriram meu cabelo.

Quando abri os olhos novamente, a poeira ainda estava baixando, revelando os danos aos poucos. O buraco retangular no teto. O pedaço correspondente na mesa, agora quebrado em vários pedaços menores.

E mais cobras.

Uma dúzia. Talvez mais.

Eles haviam pousado como uma única unidade – um nó de cobras se contorcendo e sibilando, tão grande que tive medo de que a mesa desabasse sob seu peso. Em segundos, eles estavam desembaraçados e escorrendo para fora.

Do outro lado da mesa.

Em direção ao chão.

Mais alguns retardatários caíram do teto, levantando suas próprias nuvens de poeira.

O grito que eu estava segurando finalmente se libertou e ecoou pela cozinha.

Gritei por Jess.

Gritei por socorro.

Gritei sons que não sabia que era capaz só porque não havia outra maneira de expressar meu pânico, repulsa e medo.

Quando eles cessaram — assentando tão seguramente quanto a poeira do teto — percebi que nenhuma quantidade de gritos poderia ajudar nesta situação. Tive que pular do balcão e correr. Não havia outra escolha.

Soltando outro grito, pulei. Meus pés descalços batendo no chão fizeram as cobras ao meu redor se levantarem. Um me atingiu. Suas presas prenderam a bainha da calça do meu pijama, ficaram presas no tecido e puxaram até serem liberadas.

Outro foi para o meu pé direito. Eu saltei bem a tempo, errando a mordida, apenas para ver uma terceira cobra mirar meu pé esquerdo. Também errou.

Atravessei a cozinha por ali, saltitando pelo chão. A certa altura, pisei em uma cobra ao pousar. Um bebê. Seu corpo se contorce nauseantemente contra a sola do meu pé.

Então eu estava na escada, subindo no mesmo momento em que Jess e Maggie desciam. Eles ouviram meus gritos e vieram correndo.

Eu gostaria que eles não tivessem feito isso.

Porque isso significava que eles também tiveram um vislumbre do horror na cozinha.

Maggie gritou quando viu as cobras, fazendo sons semelhantes aos meus. Jess soltou um gorgolejo horrorizado. Achei que ela iria passar mal, então peguei seu braço e arrastei-a escada acima antes que ela tivesse chance. Usei minha outra mão para agarrar Maggie, que estava alguns passos atrás dela.

Juntos, subimos os degraus e corremos pela sala de jantar. Jess e Maggie esperaram na varanda da frente enquanto eu fui até o quarto principal pegar minhas chaves, carteira e um par de tênis.

Então nós três fugimos de casa, sem saber para onde íamos, mas sabendo que não poderíamos ficar lá dentro.

Duas semanas depois, fizemos a mesma coisa.

Dessa vez, porém, não voltamos.

Dez

É madrugada e estou na cama, não totalmente adormecido, mas também não totalmente acordado.

Meu pai tinha uma frase para isso.

No cinza.

Aquele submundo entre o sono profundo e a plena vigília.

Então estou no cinza.

Ou pelo menos acho que estou.

Posso estar sonhando, porque naquela escuridão difusa ouço as portas do armário se abrindo.

Abro os olhos, levanto a cabeça do travesseiro e olho para o armário que se ergue contra a parede oposta à cama.

As portas estão realmente abertas. Apenas um centímetro. Uma fenda escura através da qual posso ver o próprio armário.

Dentro está um homem.

Olhando fixamente.

Olhos sem piscar.

Lábios planos.

Senhor Sombra.

Isso não é real. Repito isso na minha cabeça como um canto. Isso não é real. Isso não é real.

Mas o Senhor Shadow ainda está lá, espreitando lá dentro. Parado. Apenas olhando.

Então as portas do armário se abrem e de repente ele está ao lado da cama, inclinando-se sobre mim, segurando meus braços e sibilando: “Você vai morrer aqui”.

Meus olhos se abrem – de verdade desta vez. Sento-me na cama, um grito aterrorizado saltando da minha garganta. Lancei um olhar de pânico para o armário. Suas portas estão fechadas. Não existe senhor Shadow. Foi tudo apenas um sonho.

Não, não é um sonho.

Um terror noturno.

Um que fica comigo quando saio da cama e vou na ponta dos pés até o armário. Mesmo sabendo que estou sendo paranóico e ridículo, pressiono meu ouvido em uma das portas, tentando ouvir algum ruído vindo de dentro.

Não há nada dentro.

Eu sei que.

Pensar de outra forma me tornaria tão crédulo quanto Wendy Davenport e qualquer outra pessoa que acredita no Livro.

No entanto, o medo aperta meu peito enquanto eu abro as portas apenas uma fresta. Digo a mim mesmo que é a vigilância que me faz olhar para dentro. Alguém invadiu a casa ontem à noite e faz sentido garantir que quem quer que tenha sido não voltou.

Mas eu sei o placar.

Estou procurando pelo senhor Shadow.

Dentro do armário, não vejo nada além dos vestidos que ainda estão pendurados ali, envoltos na escuridão. Eles brilham quando eu abro as portas completamente, permitindo que sejam atingidas pela luz cinza que entra pelas janelas do quarto.

O armário está vazio. Claro que é.

Mesmo assim, o pesadelo persiste. O suficiente para eu decidir começar o dia, mesmo que ainda amanheça. No chuveiro, cada gemido dos canos rangentes parece sinalizar a aproximação do Senhor Shadow. Cada vez que fecho os olhos contra os jatos de água, espero abri-los e encontrá-lo aqui.

O que me incomoda tanto no pesadelo é que não parecia um. Tinha a sensação de algo experimentado. Algo real.

Uma memoria.

Igual àquela que eu e meu pai pintamos na cozinha.

Mas não pode ser.

Não consigo me lembrar de algo que nunca aconteceu.

O que significa que é o Livro que estou lembrando. Uma teoria sólida, se meu pai não a tivesse escrito na primeira pessoa. O leitor vê tudo apenas através dos olhos, e já li Casa dos Horrores muitas vezes para saber que meu pai nunca escreveu tal cena.

Sobrevivo ileso ao banho, é claro, e desço as escadas. O pedaço de papel ainda está preso na porta da frente. É o mesmo com todas as janelas.

Nada foi perturbado.

Eu estou sozinho.

Ninguém aqui além de nós, galinhas.

Quando Dane chega às oito, já estou tomando minha terceira xícara de café e nervosa por causa da cafeína. E suspeito. No fundo, sei que Dane não teve nenhum papel nos acontecimentos da noite passada. No entanto, vê-lo entrar em Baneberry Hall sem que eu tenha destrancado o portão ou a porta da frente me faz lembrar da parte da parede que falta e da cabana logo além dela. Há também o toca-discos a considerar. Ninguém mais sabia que o tínhamos encontrado ontem. Somente eu e Dane, que insistimos em arrastá-lo até a mesa.

“Qual chalé é o seu?” Pergunto-lhe. “O amarelo ou o marrom?”

"Marrom."

O que significa que aquele que vi ontem à noite pertence aos Ditmers. Dane’s fica do outro lado da estrada.

“Agora tenho uma pergunta”, diz ele, olhando para a caneca de café em minha mão. “Há mais disso e posso ficar com ele?”

“Há meio pote com o seu nome.”

Quando descemos para a cozinha, sirvo uma caneca gigante e entrego para Dane.

Ele toma um gole e diz: “Por que você perguntou sobre minha casa? Você estava planejando me fazer uma visita?

Noto o flerte em sua voz. É impossível perder. Desta vez, ao contrário da noite da minha chegada, não é totalmente surpreendente. Ou indesejado. Mas seu timing definitivamente poderia ser melhor. Tenho questões mais urgentes.

“Alguém invadiu ontem à noite,” eu digo.

"Seriamente?"

"Seriamente."

Relato os acontecimentos da noite passada, sem poupar detalhes. Ele ouve tudo: o sino, a música, o urso desaparecido, eu gritando com quem quer que seja enquanto eles fogem pela floresta.

"E você pensou que era eu?" ele diz.

“Claro que não”, digo, massageando a verdade para não ofendê-lo. “Eu só estava me perguntando se você viu algo suspeito ontem à noite.”

"Nada. Você perguntou a Hannah se ela fez isso?

“Não tive oportunidade. Mas você sabe sobre a brecha na parede? Há um lugar onde tudo desmoronou.”

“Isso existe há décadas, eu acho. Escrevi para seu pai no ano passado perguntando se ele queria que eu consertasse, mas ele nunca me respondeu.

Isso porque ele estava enfrentando rodadas agressivas de quimioterapia, embora nenhum de nós tivesse muita esperança de que isso ajudaria. Foi apenas uma tática de protelação. Uma maneira de prolongar a vida do meu pai por mais alguns meses.

“Bem, alguém usou para entrar na propriedade”, eu digo. “Eles entraram furtivamente na casa, embora eu não saiba como.”

Dane pega uma cadeira e se senta de costas, com as pernas escarranchadas no encosto da cadeira. “Você tem certeza disso? O urso poderia simplesmente ter caído atrás da mesa. Nós empilhamos um pouco de coisas lá.”

“Isso não explica o toca-discos. Não poderia ter ligado sozinho.”

“Não, a menos que haja algo estranho acontecendo com a fiação. Você notou mais alguma coisa estranha?

“Sim”, eu digo, relembrando a noite da minha chegada. “O interruptor de luz da Sala Indigo não funciona. Sem falar que o lustre estava aceso quando cheguei em casa ontem.

“Que tal aqui embaixo?” Dane olha para o teto da cozinha e estuda a luminária, um retângulo robusto de vidro fumê e detalhes dourados que, como o resto da cozinha, cheira a anos oitenta. Seu olhar logo se move para a faixa saliente e manchada do teto situada diretamente sobre a mesa.

“Parece danos causados pela água”, diz ele.

“Já adicionei isso à longa lista de coisas que precisam ser feitas nesta cozinha.”

Dane sobe na mesa e fica embaixo da protuberância, tentando olhar mais de perto.

"O que você está fazendo?"

“Verificar se o teto está comprometido”, diz ele. “Talvez você precise consertar isso mais cedo ou mais tarde.”

Ele cutuca a protuberância com o dedo indicador. Então, usando toda a mão, ele empurra. Ver o teto ceder ligeiramente sob seus dedos desbloqueia outra memória que só conheço do Livro. Meu estômago se aperta quando imagino o gesso se abrindo e as cobras saindo.

—Dane, não. Minha voz está mais ansiosa do que eu gostaria. “Apenas deixe isso como está por enquanto.”

“Este gesso é muito fraco”, diz ele enquanto continua empurrando. O teto se expande e contrai ligeiramente – como o subir e descer do peito de um homem adormecido.

São cobras, diz a voz sussurrante que ouvi ontem. A voz do meu pai. Você sabe que eles estão lá, Maggie.

Se houver cobras enroladas naquele teto, quero fingir que não estão lá, assim como meus pais fingiram que o Livro não destruiu nossa família.

“Dane, estou falando sério,” eu digo, com raiva agora. "Pare de fazer isso."

"Eu estou apenas-"

A mão de Dane atravessa o teto, perfurando o gesso até o pulso. Ele xinga e arranca o punho.

O teto treme quando pequenos pedaços de gesso caem ao seu redor.

As costuras do remendo escurecem, ficando mais pronunciadas. Nuvens de pó de gesso saltam das fendas recém-formadas e espiralam até a mesa.

Segue-se um pequeno gemido.

O som do teto cedendo.

Então cai.

Uma seção retangular cai como um alçapão. Ele se vira em direção a Dane, que tenta sair de seu caminho. O teto o atinge de qualquer maneira, derrubando-o.

Ele cai com força e recua, errando por pouco a faixa de gesso que se solta totalmente do teto e se quebra contra o tampo da mesa. A poeira brota dos escombros – uma nuvem fétida que rola pela cozinha.

Fecho os olhos e me pressiono contra o balcão da cozinha, minhas mãos agarrando a borda, me preparando para as cobras que tenho certeza que começarão a chover a qualquer momento.

Não fico surpreso quando algo cai do teto.

Eu estava esperando por isso.

Eu nem estremeço quando ouço ele cair na mesa com um baque abafado.

Quando a poeira baixa, Dane e eu abrimos os olhos e vemos uma bolha informe sobre a mesa como uma peça central.

Dane pisca em descrença. "O que. O. Porra."

Ele salta da mesa e recua. Eu faço o oposto, indo em direção a ele.

É um saco. Serapilheira, eu acho. Ou talvez tela. A poeira que cobre torna difícil dizer. Eu cutuco com o dedo indicador, e o que quer que esteja dentro muda, criando um som que só consigo igualar aos blocos de Scrabble dentro da bolsa de tecido.

— Talvez seja um tesouro escondido — diz Dane, com a voz tão confusa que não consigo dizer se ele está sendo bobo ou sério.

Sem dizer nada, levanto o saco e inclino-o. O que está dentro jorra em um riacho empoeirado e cai sobre a mesa em uma pilha cinza opaca.

Eles são ossos.

Humanos.

Eu sei porque a última coisa que sai do saco é uma caveira, que rola sobre a pilha. Pedaços de tecido coriáceo aderem ao osso, de onde brotam fios de cabelo duros. Suas órbitas oculares lembram buracos negros gêmeos.

Paralisada e aterrorizada, eu olho para eles, sabendo no fundo - em um lugar onde residem apenas meus pensamentos e medos mais sombrios - que foi por isso que minha família deixou Baneberry Hall.

3 DE JULHO
Dia 8

“Diga-nos, neste maldito instante, que outros problemas estão escondidos dentro daquela casa, ou juro por Deus que vou garantir que você perca sua licença de corretor de imóveis.”

A voz de Jess, já alta sempre que ela ficava com raiva, crescia tanto em raiva quanto em volume enquanto ela falava ao telefone com Janie June.

"Você está certo, estou falando sério!" Jess gritou em resposta a algo que Janie June disse. “Assim como estou falando sério sobre processar você por tudo o que você vale.”

Todas eram ameaças vazias. Não havia nada que pudéssemos fazer legalmente. Quando concordamos em comprar o Baneberry Hall como está, todos os seus problemas se tornaram nossos problemas. Também mandamos inspecionar a casa, que não encontrou nada que indicasse que havia uma família de cobras morando no teto. Este foi simplesmente um caso de a Mãe Natureza ser uma vadia total.

Mesmo assim, Jess continuou a gritar com Janie June por mais quinze minutos, sua voz ecoando nas paredes revestidas de madeira do nosso quarto.

Mesmo para um motel barato à beira da estrada, o Two Pines Motor Lodge já tinha visto dias melhores. Os quartos eram minúsculos, a iluminação era fraca e uma combinação desagradável de fumaça de cigarro e limpador industrial grudava em todas as superfícies. Se houvesse algum outro lugar em Bartleby para onde passar a noite em casa, teríamos ido para lá. Mas o Two Pines era o único jogo da cidade. E como nossa casa estava infestada de cobras, não podíamos ser exigentes.

Mesmo assim, tentamos tirar o melhor proveito de uma situação ruim. Depois de fazer o check-in no dia anterior, Jess saiu para invadir as máquinas de venda automática. Ela voltou com uma braçada de biscoitos velhos, barras de chocolate e refrigerantes mornos. Comemos sentados no chão, Maggie muito feliz por ter doces no almoço. Depois do jantar em uma lanchonete a oitocentos metros daqui, passamos a noite amontoados em uma das camas de solteiro, assistindo a uma TV que tremeluzia com estática, independentemente do canal em que pousassemos.

Agora era de manhã e todas as tentativas de tirar o melhor proveito das coisas foram completamente jogadas fora. Não que as janelas do Two Pines pudessem ser abertas. Eles foram selados, tornando a sala abafada e barulhenta enquanto Jess continuava seu discurso.

Fiquei aliviado quando o policial Alcott bateu à nossa porta pouco antes do check-out, dizendo que todas as cobras haviam sido eliminadas e que poderíamos voltar para casa.

“Que tipo de cobras eram elas?” Jess perguntou depois de desligar na cara de Janie June.

“Só um bando de barrigas vermelhas”, disse o policial Alcott. “Completamente inofensivo.”

“Você não tinha nada nadando em seu café”, respondi.

“Bem, eles se foram agora. O controle de animais reuniu todos eles. Mas devo avisá-lo: sua cozinha agora parece uma área de desastre. Achei que deveria avisá-lo antes de retornar, só para que você esteja preparado.

“Eu aprecio isso”, eu disse.

Depois que o oficial Alcott foi embora, nos despedimos de Two Pines e voltamos, cansados, para uma casa para a qual não tínhamos certeza se queríamos voltar. Levei-nos para casa em silêncio, sentindo-me estúpido por nunca considerar como a realidade de possuir Baneberry Hall seria muito diferente da fantasia que criei na minha cabeça. Mas agora não estávamos diante de nada além da realidade. Demorou pouco mais de uma semana para que o sonho de Baneberry Hall se transformasse em pesadelo.

E realmente pareceu um pesadelo quando Jess e eu descemos os degraus até a cozinha.

O oficial Alcott estava errado. O lugar não parecia uma área de desastre. Parecia mais uma zona de guerra. Londres durante a Blitz. As cobras desapareceram, mas os destroços permaneceram. Pedaços de teto. Lascas de madeira. Pedaços de isolamento de algodão que provavelmente continham amianto. Cobri o nariz e a boca e disse a Jess para fazer o mesmo antes de entrarmos no meio daquela bagunça.

Descobriu-se que era uma boa ideia, pois um odor forte e desagradável enchia o ar. Cheirava a poeira e podridão e a algo vagamente sulfuroso que não estava lá no dia anterior.

Caminhei pelos escombros com uma sensação de aperto no estômago. Esta seria uma grande limpeza. Um custo caro. Queria agarrar Jess pelo braço, virar à direita e abandonar Baneberry Hall para sempre. Era muito grande, com muitos problemas e muita história.

Mas não conseguimos. Nós investimos praticamente todo o nosso dinheiro neste lugar. E mesmo que não tivéssemos que lidar com o peso de uma hipoteca, eu sabia que não conseguiríamos vendê-lo. Não tão rapidamente e certamente não nesta condição.

Estávamos presos no Baneberry Hall.

No entanto, isso não significava que tínhamos que gostar.

Jess resumiu meus sentimentos perfeitamente enquanto olhava para o buraco que costumava ser o teto da nossa cozinha.

“Foda-se esta casa”, disse ela.



Onze

Sento-me na varanda da frente, sem saber se posso voltar para dentro do Baneberry Hall. Mesmo que eu possa, não quero, apesar de precisar desesperadamente de uma limpeza. Meu cabelo está coberto de pó e meu rosto está uma bagunça suja. Eu também cheiro. Como suor. Como drywall. Como vômito, porque foi o que fiz alguns minutos depois de ver o que escorregou daquele saco. A propósito, que era tela. Aprendi isso há algumas horas. Uma mochila de lona onde o corpo foi enfiado.

Aprendi muitas coisas nas seis horas que passei nesta varanda. Eu sei, por exemplo, que Baneberry Hall é agora considerado uma cena de crime, com fita amarela esticada na porta da frente e uma van técnica da polícia estadual estacionada na garagem.

Eu sei que quando um esqueleto cai do teto sobre a mesa da cozinha, você receberá muitas perguntas. Algumas você poderá responder. Tipo, “O que causou o colapso do teto?” Ou “Depois de encontrar o esqueleto, você fez alguma coisa com os ossos?” Outros – como “Como é que um esqueleto entrou no seu teto?” – vão deixar você perplexo.

E eu sei que se dois de vocês estiverem presentes quando ossos caírem inexplicavelmente do seu teto, vocês serão interrogados separadamente para ver se suas histórias coincidem. Foi o que aconteceu comigo e com Dane, que foi levado para os fundos da casa para interrogatório.

Agora Dane se foi, tendo sido mandado para casa pelo Chefe Alcott. Eu permaneço porque esta é tecnicamente minha casa. E quando restos humanos são encontrados dentro de uma casa, a polícia garante que o proprietário fique por perto um pouco.

A chefe Alcott, que entra e sai de casa há horas, surge usando luvas de borracha nas mãos e botas de papel sobre os sapatos. Ela se junta a mim na varanda, tirando as luvas e enxugando as mãos na frente do uniforme.

“Você pode querer começar a pensar em encontrar um lugar para passar a noite”, diz ela. “Vai demorar um pouco. Os caras da cena do crime

terminaram de reunir todos os restos mortais, mas ainda há salas a serem examinadas, provas a serem coletadas, relatórios a serem arquivados. A burocracia habitual. Esperançosamente, depois de tudo isso, poderemos descobrir quem é."

"É Petra Ditmer", eu digo.

Ela é a única pessoa que poderia ser. A garota que está desaparecida há vinte e cinco anos. A garota que nunca voltou para casa na mesma noite em que minha família deixou a nossa.

A garota que definitivamente não fugiu.

"Não estou tirando conclusões precipitadas", diz o chefe. "Nem você deveria. Não saberemos de nada por um ou dois dias. Os restos mortais irão para o laboratório forense em Waterbury. Eles vão analisar tudo, verificar os registros dentários, tentar fazer uma identificação positiva."

Seria bom pensar que posso estar errado. Que aqueles ossos pertenciam a outra pessoa e não a uma garota de dezesseis anos. Um membro particularmente repugnante da família Garson, talvez. Uma vítima desconhecida de Curtis Carver.

Mas tenho certeza de que é Petra.

"Você conseguiu dizer como o corpo foi parar no teto?" Eu digo.

"De cima", diz o chefe Alcott. "Encontramos uma seção de tábuas soltas no primeiro andar. Quatro pés por três pés. Eles poderiam ser levantados e colocados de volta no lugar sem que ninguém percebesse. Adicione o tapete que o cobria e você terá um esconderijo perfeito.

Eu sei. Meu pai havia mencionado isso no Livro. Até agora, pensei que ele tivesse inventado.

Tantos pensamentos passam pela minha cabeça. Todos eles horríveis. Que havia restos humanos dentro da casa durante todo o tempo que estive aqui. Que esses restos mortais costumavam ser Petra Ditmer, dane-se a abordagem de esperar para ver do Chefe Alcott. Que o corpo dela havia sido enfiado em uma mochila e enfiado sob as tábuas do piso. Que provavelmente passei por cima dela dezenas de vezes sem nem perceber.

"Em que quarto foi isso?" Eu digo.

"O segundo da frente. Com as paredes verdes e a lareira."

A Sala Índigo.

O mesmo lugar que Elsa Ditmer estava vagando quando voltei para Baneberry Hall. Talvez ela não esteja tão confusa quanto todos pensamos. É

possível que, apesar da doença, ela saiba mais do que todos os outros e esteja lutando para encontrar a maneira certa de nos contar.

“Escute, Maggie”, diz o chefe Alcott. “Vou ser honesto com você aqui. Se for Petra Ditmer...

"Isso é."

“Se for ela, bem, não vai parecer muito bom para o seu pai.”

Ela diz isso gentilmente, como se eu não tivesse pensado a mesma coisa nas últimas seis horas. Como se as últimas palavras do meu pai não estivessem se repetindo na minha cabeça o tempo todo, como um eco que se recusa a terminar.

Então. Desculpe.

“Eu entendo isso”, eu digo.

“Vou precisar te perguntar isso mais cedo ou mais tarde, então é melhor fazer isso agora. Você acha que seu pai foi capaz de matar alguém?

"Não sei."

É uma resposta terrível, e não apenas por ser evasiva. É terrível porque me faz sentir uma filha de merda. Quero ser como aqueles filhos de supostos assassinos sobre os quais li nos tablóides e vi no Dateline. Pessoas que têm certeza da inocência dos pais.

Meu pai não machucaria uma mosca.

Ele é uma alma gentil.

Eu saberia se ele fosse capaz de matar.

Ninguém nunca acredita neles. Eu nunca acredito neles.

Não consigo ser tão inflexível quanto à inocência do meu pai. Havia um corpo no nosso teto, pelo amor de Deus. Depois, há suas últimas palavras, que são tão contundentes que estou feliz por nunca tê-las mencionado ao chefe Alcott. Não quero que ela condene mentalmente meu pai antes de sabermos todos os fatos. Especialmente quando os fatos que conhecemos o fazem parecer culpado como pecado.

Mas então penso na minha conversa com Brian Prince, quando ele praticamente acusou meu pai de causar o desaparecimento de Petra. Naquele momento eu estava mais seguro e mais rápido na defesa. O que eu disse então ainda é válido. Saímos juntos de Baneberry Hall. Isso é um fato indiscutível. Meu pai não poderia ter matado Petra e escondido seu corpo enquanto minha mãe e eu estávamos dentro de casa com ele, e ele não teria tido a chance de retornar quando estivéssemos abrigados em Two Pines.

Mas ele voltou. Talvez não naquele momento, mas mais tarde, voltando no mesmo dia, ano após ano.

15 de julho.

Na noite em que partimos e Petra desapareceu.

Não tenho ideia do que fazer com isso.

Estou prestes a contar à chefe Alcott sobre essas visitas, esperando que ela tenha uma teoria sobre elas, quando a porta da frente se abre e os investigadores da polícia estadual emergem com o corpo. Mesmo que não tenha sobrado nada de sua forma humana, o esqueleto é removido da casa como qualquer outra vítima de assassinato – em um saco para cadáveres colocado em uma maca.

Eles estão carregando-o pelos degraus da varanda quando uma comoção surge do outro lado da garagem. Viro-me para o barulho e vejo Hannah Ditmer abrindo caminho no meio da multidão de policiais.

"É verdade?" ela pergunta a todos e a ninguém. "Você encontrou minha irmã?"

Ela avista a maca com o saco para cadáveres e seu rosto fica imóvel.

“Quero vê-la”, diz ela, indo direto para o saco para cadáveres.

Um dos policiais — um garoto de olhos arregalados que provavelmente está trabalhando em sua primeira cena de crime — coloca as duas mãos com luvas azuis nos ombros dela. “Não há mais nada para ver”, diz ele.

“Mas preciso saber se é ela. Por favor."

O tom dessa palavra — que soa tanto com determinação quanto com tristeza — tira o chefe Alcott dos degraus da varanda.

“Abra”, ela diz. "Não vai doer deixá-la dar uma olhada."

Hannah vai até a lateral da maca, com uma das mãos na garganta. Quando o policial com olhos de corça abre suavemente o zíper do saco para cadáveres, o som atrai outras pessoas como moscas para o mel.

Incluindo eu.

Paro a alguns metros de distância, ciente de quão indesejável minha presença pode ser. Mas, como Hannah, preciso ver.

O jovem policial abre a bolsa, revelando os ossos dentro, dispostos aproximadamente da mesma forma que estariam se o esqueleto estivesse intacto. Crânio no topo. Costelas no meio. Braços longos descansando ao lado deles, os ossos ainda conectados por pedaços de tendões enegrecidos.

Os ossos estão mais limpos do que quando os encontrei, parte da sujeira foi removida na cozinha. Isso lhes dá um brilho semelhante ao bronze.

Hannah estuda os restos mortais com intensa concentração.

Ela não chora. Ela não grita.

Ela simplesmente olha e diz: “Você encontrou mais alguma coisa aí?”

Outro policial dá um passo à frente, vestido com roupas civis e um boné de beisebol da polícia estadual.

“Estas estavam na bolsa em que o corpo foi encontrado”, diz ele enquanto segura vários sacos transparentes de evidências.

Dentro deles estão peças de roupa que o tempo transformou em farrapos. Um pedaço do que parece ser flanela xadrez. Uma camiseta escurecida por manchas. Uma calcinha, as tiras de tecido mal grudadas no elástico amarelado, e um sutiã que agora é quase todo de arame. Pedaços de borracha em outra bolsa indicam que já foram um par de tênis.

“É ela”, diz Hannah com um suspiro de tristeza. “É Petra.”

"Como você sabe?" Chefe Alcott pergunta.

Hannah aponta para o menor dos sacos de evidências.

Dentro, claro como o dia, há um crucifixo de ouro.

4 DE JULHO
Dia 9

O dente de ouro de Walt Hibbets estava à mostra enquanto ele olhava boquiaberto para o buraco no teto da nossa cozinha.

“As cobras fizeram tudo isso?” ele disse.

“Você deveria ter visto ontem”, respondi. “Parecia pior então.”

Com a ajuda de Elsa Ditmer, Jess e eu passamos a tarde anterior limpando a cozinha. Enquanto Petra tomava conta de Maggie, retirámos detritos, varremos o chão, esfregamos a mesa e as bancadas. Estávamos exaustos quando terminamos, sem falar que estávamos mais sujos do que jamais estivemos em nossas vidas.

Agora era hora de consertar o formidável buraco no teto. Para isso, convoquei Hibbs, que trouxe um menino da cidade para ajudar porque a tarefa era grande demais para ele sozinho. Juntos, tiraram a mesa da cozinha do caminho e colocaram uma escada sob o buraco. Hibbs subiu até que sua cabeça e ombros desapareceram no teto.

“Passe-me essa lanterna”, disse ele ao seu ajudante.

Com a luz na mão, Hibbs varreu o feixe em torno das profundezas do nosso teto.

O resto de nós assistiu, nossos rostos erguidos. Eu, Jess, a ajudante de Hibbs, e Petra Ditmer, que aparentemente apareceu para ver se precisávamos de alguém para cuidar de Maggie novamente durante a limpeza. Estava claro que a curiosidade mórbida a atraíra. Ela não tinha verificado Maggie nenhuma vez desde sua chegada.

Eu havia retirado a câmera do escritório no dia anterior, tirando algumas fotos caso a seguradora precisasse de prova do dano. Naquela manhã, peguei e tirei uma foto de Petra e Jess olhando para Hibbs em sua escada. Ao ouvir o clique da veneziana, Jess olhou na minha direção, depois para Petra e depois de volta para mim. Ela estava prestes a dizer algo, mas Hibbs chegou antes dela.

“Bem, a boa notícia é que não parece haver nenhum outro dano”, anunciou. “As vigas parecem boas. A fiação está boa. Parece que ainda há algum ninho aqui.”

Ele varreu os restos do ninho no chão. Principalmente poeira, embora eu também tenha visto teias de aranha, fios enrugados de pele de cobra seca e, o que é mais perturbador, ossos de rato.

“Isso é estranho”, disse Hibbs. “Há algo mais aqui.”

Desceu a escada segurando uma caixa de lata que parecia tão antiga quanto a própria casa. Ele o entregou a Jess, que o levou até a mesa da cozinha e usou um pano para tirar a poeira.

“É uma lata de biscoitos”, disse ela, virando-a nas mãos. “Parece que é do final de 1800.”

A lata já tinha visto dias melhores, mesmo antes de de alguma forma chegar ao nosso teto. Um amassado proeminente marcava a tampa e os cantos inferiores estavam enferrujados. Mas a cor era bonita – verde escuro acentuado com arabescos dourados.

“Você acha que é valioso?” Petra perguntou.

“Na verdade não”, disse Jess. “Meu pai vendia uns iguais em sua loja por cinco dólares cada.”

“Como você acha que isso foi parar aí?” Perguntei.

“Piso, provavelmente”, disse Hibbs. “Qual quarto fica acima deste?”

Girei no mesmo lugar, tentando identificar nossa localização exata dentro de Baneberry Hall. Como a cozinha ocupava toda a largura da casa, isso significava a sala grande ou a Sala Índigo.

Acabou sendo o último, como Hibbs e eu descobrimos quando subimos para verificar. Estávamos perambulando pelas duas salas, batendo no chão com a ponta dos sapatos, quando uma seção de tábuas da Sala Índigo fez um som oco.

Nós dois caímos de joelhos perto das tábuas, que estavam parcialmente cobertas por um tapete oriental colocado no centro da sala. Juntos, Hibbs e eu tiramos o tapete do caminho, revelando uma seção de tábuas com cerca de um metro de comprimento e um metro de largura que não estava conectada ao resto do chão. Cada um de nós pegou uma ponta e levantou. Lá dentro havia uma visão clara da cozinha, onde Jess e Petra permaneciam debruçadas sobre a lata de biscoitos.

Isso explicou muito. Não apenas como a lata foi parar no teto, mas também como uma cobra entrou na Sala Índigo em nosso primeiro dia lá. De alguma forma, ele havia deslizado pelas tábuas soltas.

Jess, surpresa ao nos ver olhando maliciosamente para ela do teto, disse: “Volte para baixo. Há algo dentro desta lata.”

Quando Hibbs e eu voltamos para a cozinha, a lata de biscoitos já havia sido aberta e seu conteúdo colocado sobre a mesa. Quatro envelopes, amarelados com o tempo.

Jess enfiou a mão em uma delas e retirou uma folha de papel dobrada em três. A página fez um barulho estalando quando ela a alisou. Como o barulho das folhas no outono.

“É uma carta.” Ela limpou a garganta e começou a ler. “'Minha querida Índigo. Escrevo estas palavras com o coração pesado, depois de falar com seu pai.’”

Petra pegou-o de suas mãos, o papel amassando. “Ah. Ly. Merda”, disse ela. “Estas são cartas de amor.”

“Parece que eles foram enviados para Indigo Garson”, disse Jess.

“Querida Indigo,” Petra disse, corrigindo-a. "Posso tê-los?"

Quase disse não a ela. Que eu queria dar uma olhada neles primeiro. Fui parado por Jess, que me lançou um olhar de advertência, lembrando-me da promessa que fiz.

O passado está no passado.

“Por favor?” Petra disse. “Estou obcecado por coisas antigas como essa.”

“Suponho que está tudo bem”, respondi, arrancando um aceno satisfeito de Jess. Ainda assim, não pude deixar de acrescentar uma ressalva. “Deixe-me saber se há algo de significado histórico neles.”

Petra me deu uma piscadela. “Prometo contar se encontrar algo suculento.”

• • •

Naquela noite, sonhei com envelopes velhos na minha frente. Cada um que abri continha uma cobra que deslizou em minhas mãos e se enrolou em meus dedos. Mesmo assim, continuei abrindo envelopes, rezando para que pelo menos um estivesse vazio. Nenhum foi. Quando o último envelope foi aberto, eu estava coberto de cobras. Um cobertor que se contorcia e sibilava do qual eu não conseguia me livrar.

Acordei suando frio, bem a tempo de ouvir um som familiar encher a casa.

Tocar.

Olhei para Jess, dormindo profundamente ao meu lado.

Toque-toque.

Sentei-me, ouvindo o som percorrer o corredor.

Toque-toque-toque-toque-toque-toque-toque.

Uma enxurrada deles passou voando pela porta do nosso quarto.

Depois desapareceu, substituído pela música, distante mas inconfundível.

“Você tem dezesseis anos, quase dezessete...”

Sentei-me na cama, todas as lembranças daquele sonho horrível foram banidas da minha mente. Eu só conseguia pensar naquela música, tocando apesar de eu ter guardado o toca-discos e os álbuns de volta no armário.

“Querido, é hora de pensar.”

O que se seguiu pareceu um sonho. Um problema recorrente que não iria embora, não importa o quanto eu quisesse.

Eu saí da cama.

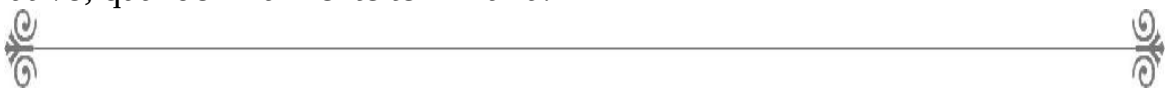
Atravessei o corredor, com os pés descalços na madeira.

Subi os degraus até o terceiro andar, sentindo um frio confuso emanando do escritório.

O déjà vu continuou quando entrei no escritório e vi o toca-discos sobre a mesa, como se nunca o tivesse movido.

“É melhor tomar cuidado, ser astuto e cuidadoso—”

Peguei a agulha do álbum e desliguei o toca-discos. Fiquei então ali, completamente imóvel, me perguntando se era realmente um sonho e, em caso afirmativo, quando finalmente terminaria.



Doze

A placa do lado de fora do Two Pines Motor Lodge já está acesa quando entro no estacionamento, suas árvores de néon lançando uma luz verde doentia que se espalha pelo asfalto como musgo. Quando entro no escritório do motel, a recepcionista não tira os olhos da revista. Uma bênção, considerando que estou suado, desgrenhado e ainda coberto de poeira.

“Um quarto custa cinquenta por noite”, diz ela.

Pego minha carteira e coloco duas notas de vinte e uma de dez na recepção. Presumo que este não seja o tipo de lugar que exige cartão de crédito. Provando que estou certo, a balconista pega o dinheiro, pega uma chave do suporte na parede ao lado dela e a desliza em minha direção.

“Você estará na sala quatro”, diz ela, ainda sem fazer contato visual. “As máquinas de venda automática ficam do outro lado do prédio. O check-out é ao meio-dia.

Pego a chave e uma nuvem de sujeira sobe da minha manga. Como a casa ainda estava cheia de policiais quando saí, não tenho nenhuma muda de roupa limpa. Apenas uma sacola de artigos diversos para viagem que comprei em uma loja de conveniência no caminho para cá.

“Hum, há alguma lavanderia aqui?”

"Desculpe, não." A balconista finalmente olha para mim, com uma expressão distorcida e confusa. “Mas se você enxaguar tudo isso na pia agora, pode estar seco pela manhã. Caso contrário, há um secador de cabelo preso à parede.”

Agradeço a ela e vou para o meu quarto. Ao destravar a porta, me pergunto se é a mesma onde meus pais e eu ficamos depois de fugir de Baneberry Hall. Nesse caso, duvido que muita coisa tenha mudado entre as estadias. O interior parece não ter sido atualizado há pelo menos trinta anos. Entrar é como entrar em uma máquina do tempo e ser levado de volta aos anos oitenta.

Vou para o banheiro, ligo o chuveiro e, ainda completamente vestida, entro sob o chuveiro. Parece mais fácil do que usar a pia.

A princípio, parece a cena do chuveiro de Psicose – água manchada circulando pelo ralo. Quando sujeira suficiente desliza de minhas roupas para considerá-las recuperáveis a curto prazo, eu as tiro pedaço por pedaço.

Só depois de tirar todas as roupas e colocá-las sobre a cortina do chuveiro, pingando água com sabão, é que me jogo na banheira, com os joelhos no peito, e começo a chorar.

Acabo chorando por meia hora, muito triste, irritado e confuso para fazer qualquer outra coisa. Choro por Petra, de luto por ela, embora não tenha lembranças de tê-la conhecido. Choro por meu pai, tentando conciliar o homem que pensei que ele era com a coisa horrível que ele poderia ter feito.

Finalmente, choro por todas as versões de mim mesmo que existiram ao longo dos anos. Criança de cinco anos confusa. Filho taciturno do divórcio. Furiosa criança de nove anos. Inquisitivo eu. Me desafie. Eu sou obediente. Tantas encarnações, cada uma buscando respostas, me levando até aqui, agora mesmo, para uma verdade potencial que não tenho ideia de como lidar.

Eu esperava que o banho e a crise de choro me revigorassem – uma explosão purificadora de catarse. Em vez disso, isso apenas me deixa cansado e com os dedos podres. Como não tenho nada seco para vestir, enrolo-me numa toalha e uso um edredom de uma das camas de solteiro como roupão improvisado. Então me sento na beira da cama despojada e verifico meu telefone.

Allie ligou enquanto eu estava no banho. A mensagem de voz que ela deixou é chocantemente alegre.

“Ei, faz-tudo. Hoje me dei conta de que você não me enviou exatamente nenhuma foto do interior daquela casa. Vá em frente, garota. Eu quero detalhes. Cornijas. Frisos. Lambris. Não deixe uma cadela pendurada.

Quero ligar de volta para ela e contar tudo o que aconteceu nas últimas vinte e quatro horas. Não sei, porque sei exatamente o que ela vai dizer. Que eu deveria ir embora. Que eu deveria voltar para Boston e esquecer tudo sobre Baneberry Hall.

Mas é tarde demais para isso. Mesmo se eu quisesse ir embora, acho que não posso. O Chefe Alcott certamente terá mais perguntas para mim.

Depois, há minhas próprias perguntas – uma lista de um quilômetro de extensão, todas elas ainda sem resposta. Até saber mais sobre o que realmente aconteceu naquela casa, não irei a lugar nenhum.

Eu mando uma mensagem de volta para Allie, tentando igualá-la em termos de vantagens.

> Desculpe! Estive muito ocupado para fotos. Tentarei enviar fotos sensuais de lambris amanhã.

Terminada essa tarefa, resolvo uma segunda – outra ligação para minha mãe. Ao contrário do primeiro, desta vez quero que ela atenda.

Minha esperança é que minha mãe possa esclarecer melhor a associação de meu pai com Petra. Brian Prince estava certo – os dois pareciam próximos no Livro. Isso não significa que seja verdade. Só minha mãe sabe com certeza. Só ela poderá me garantir que meu pai é inocente.

Pela primeira vez na minha vida, preciso da opinião dela.

É por isso que meu coração aperta quando a ligação vai direto para o correio de voz.

"Oi mãe. Sou eu. Ainda estou em Vermont, trabalhando no Baneberry Hall. E, hum, encontramos algo. Faço uma pausa, impressionado com o horror do eufemismo. Petra não era uma mera coisa. Ela era uma pessoa. Uma jovem vibrante. “Precisamos conversar sobre isso. O mais breve possível. Me ligue de volta. Por favor."

Encerro a ligação e examino a sala.

É um lixo.

A parede com painéis de madeira oposta à única janela do quarto foi desbotada pelo sol. Uma placa do teto no canto apresenta uma mancha pior do que a que havia na cozinha de Baneberry Hall, o que não gera bons pensamentos. Eu olho para o tapete. Trepada laranja.

Há uma batida na porta. Duas batidas hesitantes que me fazem pensar que é o recepcionista vindo me dizer que o estado de Vermont considerou o lugar um perigo para a saúde e ordenou a desocupação do local. Em vez disso, abro a porta e encontro Dane parado do lado de fora.

“Sinto muito por ter quebrado seu teto”, diz ele timidamente. “Para compensar, trouxe presentes de desculpas.”

Ele levanta as mãos, revelando uma garrafa de bourbon em uma e um pacote de seis cervejas na outra.

“Eu não sabia o quanto você precisava ficar bêbado”, explica ele.

Pego o bourbon. "Muito."

Dane interpreta corretamente isso como um convite para se juntar a mim. Ele entra e fecha a porta atrás de si. A presença do álcool mascarou momentaneamente o quão bom ele parecia. Ele está de jeans e uma camiseta surrada dos Rolling Stones que fica justa no peito. Há um buraco na camisa, bem onde está seu coração, revelando um pedaço de pele bronzeada.

“Bela camisa,” eu digo quando Dane me pega olhando.

“Eu tenho isso desde que era adolescente.”

"Isto mostra."

“Belo cobertor”, diz Dane.

Eu giro uma ponta do edredom. “Estou fingindo que é um cafetã.”

Dane abre uma cerveja. Abro o bourbon. Não há copos no quarto (não é esse tipo de hotel), então tomo um gole direto da garrafa. O primeiro gole não faz nada além de queimar o fundo da minha garganta. A segunda prova ser uma repetição da primeira. O terceiro gole é o charme. Só então começo a sentir aquele entorpecimento bem-vindo tomar conta de mim.

"Como você me achou?" Eu digo.

"Processo de eliminação." Dane toma um gole de cerveja. “Fui primeiro para casa. A polícia ainda estava lá, o que significava que você estava hospedado em outro lugar. O que em Bartleby significa aqui.

“Sorte minha”, digo antes de mais dois goles de bourbon.

Nós dois caímos em um silêncio confortável, Dane em uma cama, eu na outra, contente em simplesmente beber e assistir ao jogo dos Red Sox passando na televisão de vinte anos atrás.

“Você realmente acha que foi Petra Ditmer no teto?” Dane finalmente diz.

"Sim."

“Deus, sua pobre mãe.”

"Você a conhecia?" Eu pergunto.

“Posso tê-la conhecido numa das vezes em que estive aqui visitando meus avós. Mas se fiz isso, não me lembro.”

“Você disse que conversava com meu pai quando ele vinha aqui em casa todos os anos”, digo. "O que você falou sobre?"

Dane bebe sua cerveja por um momento, pensando. “A casa. Os motivos. Se alguma coisa precisasse de conserto.

"Isso é tudo? Coisas básicas de manutenção?

“Praticamente”, diz Dane. “Às vezes falávamos sobre os Red Sox ou o clima.”

“Ele alguma vez mencionou Petra Ditmer?”

“Ele me perguntou sobre Elsa e Hannah. Como eles estavam. Se eles precisassem de dinheiro.

Uma pergunta estranha para fazer a alguém. Quero pensar que foi meu pai sendo caridoso. Mas suspeito que possa ter sido outra coisa – como um desejo incitado pela culpa de pagá-los.

Bebo mais bourbon, esperando que isso me impeça de pensar dessa maneira. Eu deveria ter certeza da inocência de meu pai. Em vez disso, sou o oposto. Waffling e inseguro.

“Você acha que é possível acreditar em duas coisas ao mesmo tempo?” — pergunto a Dane.

“Depende se essas coisas se cancelam”, diz ele. “Por exemplo, acredito que Tom Brady é o maior zagueiro que já jogou. Eu também acredito que ele é um idiota. Uma crença não nega a outra. Eles podem existir ao mesmo tempo.”

“Eu estava falando sobre algo mais pessoal.”

“Você está na Nova Inglaterra. Os Patriots são pessoais.”

Por um lado, sou grata pela maneira como Dane está tentando distrair minha mente das coisas com a bebida e as brincadeiras, mas também é frustrante – o mesmo tipo de tática de evasão que meus pais usaram.

“Você sabe do que estou falando”, eu digo. “Eu realmente acredito que meu pai não foi capaz de matar ninguém, muito menos uma garota de dezesseis anos. Ele nunca foi violento. Nunca levantei a mão para me machucar. Além disso, eu o conhecia. Ele era amoroso, decente e gentil.

— Você também acha que ele era um mentiroso — diz Dane, como se eu precisasse ser lembrado.

“Ele estava,” eu digo. “É por isso que não consigo parar de pensar que talvez ele tenha feito alguma coisa. Que se o Livro fosse uma mentira, então talvez tudo nele fosse. As coisas que ele disse. A maneira como ele agiu. Toda a sua vida. Talvez ninguém o conhecesse realmente. Nem mesmo eu."

“Você realmente acha que ele matou Petra?”

“Não”, eu digo.

“Então você acha que ele é inocente.”

“Eu também não disse isso.”

A verdade é que não sei o que penso. Embora todos os sinais apontem para o seu envolvimento na morte de Petra, tenho dificuldade em ver o meu pai como um assassino. Igualmente difícil é pensar que ele é completamente inocente. Ele mentiu para mim literalmente até o fim da vida. E as pessoas não mentem a menos que estejam escondendo alguma coisa.

Ou quer poupar alguém da verdade.

Seja qual for a verdade, sei que a morte de Petra fez parte disso.

“Uma coisa é certa”, diz Dane, interrompendo meus pensamentos. “Sua razão para vir aqui mudou. Grande momento."

Meus planos para a casa sim, isso é certo. Mesmo que a polícia me deixe voltar ao Baneberry Hall para reformar, não tenho certeza se ainda quero fazer isso. De um ponto de vista brutalmente prático, é uma tolice. Essa casa será vendida por uma fração do que vale, se é que poderá ser vendida depois deste novo acontecimento trágico.

Mas vejo o projeto através de lentes mais humanas. Petra Ditmer passou mais de duas décadas apodrecendo dentro do Baneberry Hall. Um destino horrível. Quando penso dessa forma, é fácil concordar com o chefe Alcott. Baneberry Hall deveria ser reduzido a escombros.

“Vim aqui para saber a verdade”, digo a Dane. “Esse ainda é meu objetivo. Mesmo que eu não goste do que essa verdade acaba sendo.”

“E a casa?”

“Voltarei lá amanhã.” Abro os braços, apontando para a parede desbotada pelo sol, o teto manchado e o carpete felpudo que cheira a mofo. “Mas esta noite, posso viver no luxo.”

Dane se mexe na beira da cama até ficarmos de frente um para o outro, nossos joelhos quase se tocando. O clima na sala mudou. Uma eletricidade passa entre nós, tingida de calor. Só então percebo que meu gesto de braços abertos tirou o cobertor dos meus ombros, deixando-me sentado apenas com uma toalha.

“Posso ficar aqui com você”, diz Dane, com a voz rouca. "Se você quiser."

Deus, é tentador. Especialmente com um quarto de garrafa de bourbon dentro de mim e Dane com aquela aparência. Meu olhar continua voltando para aquele buraco em sua camisa e seu tentador vislumbre de carne. Isso

me faz querer ver como ele fica sem a camisa. Seria fácil fazer isso acontecer. Bastaria um puxão nesta toalha.

E então o que? Todas as minhas emoções conflitantes e confusão ainda estarão presentes pela manhã, desta vez ainda mais complicadas pela mistura de trabalho e prazer. Depois de amarrar os dois, é quase impossível desembaraçá-los novamente.

“Você deveria ir,” eu digo enquanto puxo o cobertor sobre meus ombros.

Dane acena com a cabeça uma vez. Não me pergunte se tenho certeza absoluta e positiva. Nada de usar o charme na esperança de mudar de ideia.

“Vejo você amanhã, então”, diz ele.

Ele pega a cerveja, mas deixa o bourbon. Outro companheiro imprudente para passar a noite. Quero terminar a garrafa e desmaiar no doce e bêbado esquecimento. Assim como dormir com Dane, machucaria mais do que ajudaria. Então, com muita relutância, aperto o cobertor em volta de mim e levo a garrafa para o banheiro para despejar o resto na pia.

5 DE JULHO

Dia 10

"Você está brincando comigo?"

Mesmo sabendo que era a pior maneira possível de cumprimentar minha esposa pela manhã, não pude evitar. Descobrir o toca-discos em cima da mesa e tocar aquela música infernal me deixou com um humor tão sombrio que passei a noite revirando-me na cama, preocupado que, assim que adormecesse, a música voltasse.

Quando o baque vindo de cima chegou exatamente às 4h54, eu sabia que o sono nunca chegaria.

Minha agitação só aumentou quando desci ao primeiro andar e encontrei o lustre brilhando tanto quanto o sol.

Quando Jess entrou na cozinha, não pude deixar de confrontá-la.

"O que você está falando?" ela disse, sua expressão uma mistura de mágoa e confusão.

“Você sabe muito bem do que estou falando. O toca-discos estava ligado novamente ontem à noite.

“No seu escritório?”

Soltei um suspiro frustrado. “Sim, no meu escritório. Coloquei-o no armário, mas ontem à noite ele estava lá, na minha mesa, tocando aquela música idiota. Então, se isso é algum tipo de pegadinha, preciso que você saiba que não é engraçado. Não mais."

Jess encostou-se no balcão, encolhendo-se. “Não sei por que você acha que tive alguma coisa a ver com isso.”

“Porque você é a única pessoa que poderia ter feito isso.”

"Você está se esquecendo da nossa filha."

No andar de cima, a campainha tocou. Eu ignorei. Quem quer que fosse, poderia esperar.

“Maggie não é tão esperta.”

"Realmente?" Jess disse. “Eu sei que você pensa que ela é a filhinha do papai e não pode fazer nada errado, mas ela não é tão inocente quanto parece. Tenho certeza de que metade dessa coisa de amigo imaginário é só para chamar sua atenção.”

Soltei uma risada tão amarga que surpreendeu até a mim. “Essa é a sua desculpa para essa besteira de toca-discos?”

A essa altura, eu sabia que a luta era mais do que apenas um toca-discos. Era sobre tudo o que aconteceu desde que nos mudamos para Baneberry Hall. Dez dias de dores de cabeça, arrependimentos e tensão que não foram resolvidos até aquele momento. Agora estava apagado, queimando com o calor e a velocidade de um incêndio florestal.

“Eu não toquei no seu toca-discos!” Jess gritou. “E se eu fizesse isso, teria sido justificado, considerando que foi você quem nos forçou a nos mudar para esta casa esquecida por Deus.”

“Eu não te forcei!” Eu gritei de volta. “Você também amou esta casa.”

"Não tanto quanto você. Eu vi isso em seu rosto no momento em que entramos. Que esta era a casa que você queria.

“Você poderia ter dito...”

"Não?" Jess disse, me interrompendo. “Eu tentei, Ewan. Não funcionou. Isso nunca funciona. Você debate e bajula até conseguir o que quer. Sempre. E Maggie e eu não temos escolha a não ser concordar. Agora estamos em uma casa com a porra de um cemitério nos fundos e nossa filha está agindo de forma mais estranha do que nunca e então esse maldito teto...

Ela parou, com o rosto vermelho e soluçando. Lágrimas escorriam por seu rosto – uma visão que eu não suportaria em nenhuma circunstância. Eu estava prestes a puxá-la em meus braços, abraçá-la o mais forte que pudesse e dizer-lhe que tudo ficaria bem. Mas então ela falou de novo, e isso me deixou paralisado.

“E nem me fale sobre Petra.”

Minha coluna enrijeceu. "Então e ela?"

“Eu vi o jeito que você olha para ela, Ewan. Eu vi você tirar uma foto dela ontem.

“Você também estava na foto.”

“Só porque aconteceu de eu estar ali.”

Fiquei incrédulo. Eu tinha tanto interesse sexual por Petra Ditmer quanto por Hibbs.

“Ela é uma criança, Jess. A ideia de que eu tenho tesão por ela é ridícula.

“Quase tão ridículo quanto acordar no meio da noite para ligar um toca-discos que nunca vi.”

Jess enxugou os olhos e saiu da cozinha. Eu a segui, perseguindo-a escada acima até o primeiro andar.

"Jess, espere!"

Ela continuou subindo os degraus dos criados do lado de fora da sala de jantar, subindo as escadas. Parei, surpreendido pela visão de alguém parado na grande sala, emoldurado pela porta que a separava da sala de jantar.

Petra Ditmer.

“Toquei a campainha”, disse ela. "Maggie me deixou entrar."

"À Quanto tempo você esteve aqui?" Eu disse.

“Não muito”, disse Petra, embora o rubor em suas bochechas deixasse claro que ela tinha ouvido, se não tudo, pelo menos uma grande parte da nossa discussão.

“Este não é um bom momento, Petra.”

“Eu sei e sinto muito.” Ela olhou para o chão, nervosa. “Mas eu li as cartas ontem à noite. Aqueles que estavam no teto.”

Petra vasculhou a mochila que carregava e retirou os envelopes, agora lacrados individualmente em sacos plásticos. Colocando-os em minhas mãos, ela disse: — Você vai querer ler estes, Sr. Holt.

Deixei cair as cartas na mesa da sala de jantar. Naquele momento, eles eram a menor das minhas preocupações. “Eu vou, mas—”

Petra os pegou e os colocou de volta em minhas mãos. “Agora”, ela disse. "Confie em mim."

• • •

As cartas estavam abertas no chão da Sala Índigo, onde Petra e eu nos retiramos depois que ela exigiu que eu as lesse. Eram quatro, escritos à mão em uma caligrafia elegante e envolvente.

“Todos eles foram escritos por alguém chamado Callum”, disse Petra. “Eles estão endereçados a Indigo, o que me faz pensar que ela os escondeu no chão depois de lê-los. Você sabe, por segurança.

“Por que ela precisaria escondê-los?”

Petra apontou para a primeira carta. “A resposta está aí.”

Peguei-o, o papel rígido como um pergaminho, e comecei a ler.

3 de julho de 1889

Minha querida índigo,

Escrevo estas palavras com o coração pesado, depois de falar com seu pai. Como ambos temíamos, minha querida, ele se recusou incondicionalmente a me dar permissão para pedir sua mão em casamento. As razões para sua decisão foram exatamente as que havíamos previsto: que não tenho os meios para lhe proporcionar o estilo de vida ao qual você está acostumado e que não provei nada no mundo dos negócios ou das finanças. Embora eu tenha implorado para que ele mudasse de ideia, assegurando-lhe que, se você se tornar minha esposa, não lhe faltará nada, ele se recusou a considerar o assunto. Nosso plano de unir nossas vidas como marido e

mulher da maneira correta — com a bênção de seu pai, diante dos olhos de Deus e testemunhado pelas pessoas mais próximas de nós — chegou a um fim devastador.

No entanto, mantenho a esperança, meu amado, pois existe outra maneira pela qual podemos nos tornar marido e mulher, embora seja uma que eu desejei de todo o coração evitar. Como seu pai deixou bem claro que sua opinião não será influenciada, sugiro corajosamente que desafiemos seus desejos. Conheço um reverendo em Montpelier que concordou em casar connosco sem o consentimento da sua família. Sei muito bem que fugir é uma tarefa drástica, mas se o seu amor por mim é tão forte quanto afirma, então peço-lhe que considere isso. Por favor, responda imediatamente, contando-me sobre sua decisão. Mesmo que seja não, garanto que permanecerei, sempre e para sempre—

Seu fielmente devotado,
Calo

Baixei a carta, meu olhar se voltou para a pintura acima da lareira. Hibbs me contou a história da tentativa fracassada de Indigo de fugir com o homem que criou aquele retrato com amor, e me perguntei se ele e o escritor da carta eram a mesma pessoa.

De pé, aproximei-me da pintura, mais uma vez impressionado com a quantidade de detalhes expostos. A centelha alegre nos olhos de Indigo. A sugestão de um sorriso em seus lábios de rubi. Os fios individuais de pelo do coelho que ela segurava. Tirando a pintura rachada ao redor dos olhos do coelho, o trabalho foi impecável. Não fiquei nem um pouco surpreso quando olhei para o canto inferior direito e encontrei o nome do artista.

Calo Augusto.

“Foi ele”, disse Petra, de repente ao meu lado. “Ele é o cara que escreveu as cartas.”

“Sim,” eu disse, rindo de sua escolha de palavras. “O mesmo cara.”

Voltamos às cartas que estavam no chão, onde comecei a ler o restante, começando por uma datada de três dias depois da primeira.

6 de julho de 1889

Minha querida índigo,

Meu coração tem cantado de alegria desde que recebi sua resposta e continuará a se alegrar pelo resto dos meus dias. Obrigado, meu querido, por concordar com meu plano, apesar do quanto lhe dói desobedecer aos desejos de seu pai. Eu sei que o vínculo entre vocês é mais forte do que o que a maioria dos pais e filhas compartilham. Você é a menina dos olhos

dele e não se pode culpá-lo por querer apenas o melhor para você. A minha maior esperança é que ele em breve compreenda e aceite o que já sabemos: que tudo o que você e eu exigimos é o nosso amor eterno.

Falei novamente com o reverendo que concordou em nos casar em segredo. Ele gostaria de realizar a cerimônia nas próximas duas semanas. Embora eu esteja ciente de que isso não lhe dá tempo suficiente para se preparar para um evento tão transformador, é melhor fazer isso mais cedo ou mais tarde. Adiar mais as nossas núpcias seria arriscar que o seu pai descobrisse o que estamos a planear. Já tomei providências para ter uma carruagem esperando do lado de fora do portão de Baneberry Hall à meia-noite dentro de nove dias. Nas rédeas estará um amigo meu de confiança que já concordou em levá-lo ao local onde trocaremos votos. Um lugar que estou relutante em divulgar nesta carta, por medo de que de alguma forma caia em mãos erradas. Prepare o máximo que puder e da forma mais discreta possível. Quando o relógio bater meia-noite, fuja, esperando que algum dia a opinião de seu pai sobre nosso casamento tenha mudado e você possa voltar para a casa que tanto ama, desta vez como minha esposa.

Para sempre seu,
Calo

10 de julho de 1889

Meu amado Índigo,

Sua carta mais recente me preocupou, mais do que gostaria de admitir. Você suspeita que seu pai de alguma forma recebeu a notícia do nosso plano? Se sim, que razão você tem para acreditar que ele sabe? Rezo para que esta suspeita seja apenas o resultado do nervosismo em relação ao que estamos prestes a fazer, pois nada de bom pode resultar do conhecimento do seu pai. Peço-lhe mais uma vez que faça isto com o máximo sigilo.

Atenciosamente,
Calo

15 de julho de 1889

O medo toma conta de mim enquanto escrevo estas palavras – um medo profundo e assustador de que seu pai planeje impedir nosso casamento iminente por qualquer meio necessário. Deduzo pela sua última carta que ele realmente sabe o que planejamos, embora ainda não tenha admitido isso. Não confie nele, minha querida. A única coisa que me impede de invadir as portas de Baneberry Hall e roubar você é saber que faltam apenas algumas horas entre agora e a meia-noite. Permaneça forte e seguro até então, meu amor.

Seu para a eternidade,
Calo

Baixei a última carta num estado de tristeza, sabendo que Indigo nunca se juntou ao pobre e apaixonado Callum no altar. Petra, percebendo minha dor, disse: “Ela nunca se casou com ele, não é?”

"Não, eu disse. “A história que ouvi é que o pai dela descobriu, impediu-a de fugir e proibiu-a de ver Callum novamente.”

Petra soltou um assobio baixo. "Droga. O que Indigo fez?

"Ela se matou."

"Droga." Sua expressão ficou pensativa. “Indigo tinha quantos anos quando morreu?”

“Dezesseis”, eu disse.

“Eu também. E acredite em mim, se eu estivesse apaixonada por alguém, nada me impediria de vê-lo. Nem mesmo minha mãe. E eu definitivamente não me mataria.”

Ela vasculhou as cartas, ignorando seu estado delicado. Quando ela esfaqueou um deles com o dedo indicador, pequenas lascas caíram da página.

“Bem aqui”, disse ela, lendo em voz alta. “'Seu pai planeja impedir nosso casamento iminente por qualquer meio necessário.'”

Ela me passou a carta e eu a li novamente, prestando muita atenção ao aviso de Callum sobre William Garson.

Não confie nele, minha querida.

“E se...” Petra parou, suas bochechas corando novamente, como se soubesse que o que estava prestes a dizer era estúpido. “E se Indigo Garson não cometeu suicídio? E se ela foi assassinada pelo pai?

Eu estava pensando a mesma coisa. Sempre pensei que faltava na história oficial que recebi de Hibbs um elemento-chave que unia tudo. Isso, percebi, poderia ser isso.

“Acho que você pode estar no caminho certo”, eu disse. “A questão é: o que podemos fazer a respeito?”

Petra arqueou uma sobrancelha, como se a resposta fosse óbvia.

“Fazemos algumas pesquisas”, disse ela. “E veja se podemos provar que William Garson era um assassino.”

Treze

De manhã, passo uma hora secando minhas roupas ainda úmidas antes de sair do motel. Diz muito sobre as acomodações em Bartleby que eu prefiro voltar para uma casa supostamente mal-assombrada que tinha um esqueleto no teto do que passar mais uma noite no Two Pines.

Mas é mais do que apenas o triste estado do motel que me traz de volta a Baneberry Hall. Volto porque preciso. A verdade — sobre o motivo pelo qual partimos, sobre o motivo pelo qual meu pai continuou voltando, sobre o que aconteceu com a pobre Petra — está cada vez mais próxima. Agora é só uma questão de encontrá-lo.

Até recebo uma escolta policial, cortesia do chefe Alcott, que passa no motel enquanto estou fazendo o check-out para me dar permissão para voltar para casa. Ela insiste em dirigir seu Dodge Charger surrado na minha frente durante todo o caminho para casa. Quando chegamos a Baneberry Hall, entendo por quê.

O portão da frente está bloqueado por repórteres da mídia impressa e da televisão. Várias vans de notícias montaram acampamento na beira da estrada, com as portas traseiras abertas e cinegrafistas corpulentos esperando lá dentro como crianças entediadas. Eles saltam de suas vans quando paramos no portão, as câmeras girando em minha direção. Os repórteres se amontoam em volta da minha caminhonete, incluindo Brian Prince, sua gravata-borboleta dando à sua expressão de “eu avisei” um verniz extra de presunção.

“Maggie!” Ele grita. “Você acha que seu pai assassinou Petra Ditmer?”

Continuo dirigindo, avançando lentamente até chegar ao portão. A chefe Alcott sai de sua viatura, armada com as chaves que entreguei a ela antes de deixarmos Two Pines. Ela caminha pela multidão e destranca o portão.

“Vamos lá”, ela diz para o grupo de repórteres, afastando-os com vários movimentos de braços. "Deixe-a passar."

Brian Prince é o último a se mover. Ele bate na janela da caminhonete, me implorando por um orçamento.

“Fale comigo, Maggie. Conte-me o seu lado da história.

Piso no acelerador e a caminhonete avança, deixando Brian se debatendo em uma nuvem de poeira. Não reduzo a velocidade até subir a colina e chegar à frente do Baneberry Hall. Parece mais sinistro agora do que ontem, mesmo sabendo que isso é impossível. As únicas coisas que mudaram foram o que agora sei sobre o lugar e a fita policial quebrada pendurada na porta da frente.

O chefe Alcott para na garagem atrás de mim. Ela sai do Charger e eu saio da caminhonete. Ficamos à distância, encarando um ao outro como cowboys de cinema antes de um tiroteio, ambos plenamente conscientes de que talvez não estejamos do mesmo lado. Tudo depende do quão culpado eu acho que meu pai é, algo que muda a cada minuto.

“Eu esperava que pudéssemos conversar”, diz ela. “O pessoal de Waterbury fez um exame preliminar dos restos mortais ontem à noite.”

“É Petra, não é?”

“Não oficialmente. Eles ainda precisam verificar os registros dentários. Mas os ossos pertenciam a uma mulher no final da adolescência. Então, parece bastante provável que seja ela.”

Mesmo que eu não esteja surpreso, a notícia me deixa sem amarras. Vou até a varanda e sento nos degraus, minha calça jeans úmida irritando minhas coxas. Eu me sentiria mais confortável trocando de roupa, mas ainda não estou pronto para entrar no Baneberry Hall.

“Eles sabem a causa da morte dela?”

“Não definitivamente”, diz o chefe Alcott. “O crânio dela estava fraturado. Esse é o único dano que eles conseguiram identificar positivamente. Eles não podem concluir que foi isso que a matou. Isso será difícil de fazer, considerando as condições em que esses ossos estavam.”

“Por que você achou que Petra fugiu há tantos anos?” Eu digo.

“Quem disse que sim?”

“Brian Príncipe.”

“Figuras”, ela murmura. “A verdade é que eu suspeitava que algo poderia ter acontecido com Petra.”

“Por que você não fez nada a respeito?”

“Eu não estava no comando, então não tomei as decisões. Isso foi há três chefes. Ninguém mais na polícia dava a mínima para uma adolescente. Eu fiz isso, mas fiquei quieto mesmo assim, algo de que me arrependi todos os dias nos últimos vinte e cinco anos. A chefe Alcott respira fundo para se recompor. “Mas agora eu posso dar as ordens. E eu quero saber o que aconteceu com aquela pobre garota. Então, vamos conversar sobre suspeitos. Além do seu pai, quem mais você acha que poderia ter colocado aquele corpo debaixo do seu piso?

“Eu deveria estar perguntando isso a você”, eu digo. “Pensando bem, deveríamos discutir isso?”

A chefe tira o chapéu e passa a mão pelos cabelos curtos e prateados. “Não vejo mal nenhum em conversarmos. Estou apenas tentando cobrir todas as bases. Você não deveria me considerar um inimigo, Maggie.

“Você acha que meu pai assassinou alguém.”

“Você não me deu nenhum motivo para pensar o contrário.”

Se minha mãe tivesse me ligado de volta, eu estaria mais bem equipado para esta conversa. Mas ela não ligou, mesmo depois que liguei para ela novamente esta manhã. Agora só posso lançar teorias cegamente como dardos em um bar.

“Eu sei que meu pai parece culpado”, digo. “E, pelo que sei, ele pode ter feito isso. Mas se ele fez isso, então não faz sentido por que ele mencionou tanto Petra em seu livro. Se ele teve algum tipo de caso com ela, como Brian Prince pensa, ou se a matou, como provavelmente todo mundo pensa, teria feito mais sentido não mencioná-la.”

“Talvez fosse isso que ele esperava que pensássemos”, sugere o chefe Alcott.

“Ou talvez outra pessoa tenha feito isso.”

A chefe aponta a cabeça na direção da porta da frente. “Não havia muita gente com acesso àquela casa.”

“Walt Hibbets”, eu digo. “Ele tinha as chaves do lugar.”

“É verdade”, diz o chefe Alcott. “Mas qual teria sido o motivo dele? Petra viveu do outro lado da rua dele durante toda a sua vida. Ele teria muitas chances de matá-la. Não que o velho Walt fosse do tipo assassino. Mas se estava, por que esperar até então?

“Talvez ele soubesse que o Baneberry Hall estava vazio”, digo, hesitante. “E ele colocou o corpo lá para incriminar meu pai.”

“Esconder um corpo não é a melhor maneira de incriminar alguém. Mas é interessante que você tenha mencionado alguém da família Hibbets.” O tom do chefe é carregado, fazendo-me contorcer de desconforto. Meu jeans range nos degraus. “Fiquei surpreso ao ver Dane aqui ontem.”

“Ele está me ajudando a trabalhar na casa”, digo. “Por que isso é uma surpresa? Afinal, ele é um empreiteiro, embora tenha dito que os negócios estavam leves.

“Você já parou para se perguntar por quê?”

Eu não tinha. Eu não pensei nisso. Eu precisava de ajuda, Dane estava lá, fizemos um acordo.

"O que você quer chegar?" Eu pergunto.

“Estou dizendo que a maioria das pessoas aqui não está muito interessada em contratar um ex-presidiário”, diz o chefe.

Minha respiração fica presa na garganta. Esta notícia não é tão chocante quanto os acontecimentos de ontem, mas poucas coisas são.

"O que ele fez?"

“Agressão agravada”, diz o chefe. “Isso foi em Burlington. Cerca de oito anos atrás. Houve uma briga de bar. Dane ficou com excesso de zelo e bateu no outro cara até ele ficar inconsciente. Cortei-o muito, para começar. Sua vítima passou um mês no hospital e Dane passou um ano na prisão.”

Minha mente se apodera da imagem de Dane em um bar, batendo repetidamente com o punho no rosto atordoado e ensanguentado de um estranho. Quero pensar que ele não é capaz de tanta violência, mas não tenho certeza de tudo, pelo menos no que diz respeito aos homens da minha vida.

O chefe Alcott percebe isso e diz: “Eu não me preocuparia com isso, se fosse você”. Ela se levanta, mas não antes de dar um tapinha amigável no meu joelho. “Você tem coisas maiores com que se preocupar.”

Ela coloca o chapéu de volta, volta para sua viatura e vai embora, deixando-me sozinho na escada para considerar três coisas. Primeiro, aquele Dane – o homem com quem estive tão perto de dormir na noite passada – tem uma tendência violenta. Segundo, que nunca encontrei uma boa razão para o chefe Alcott não suspeitar do meu pai. E terceiro, é possível que ela tenha mencionado o primeiro para me impedir de fazer o último.

Isto suscita um último pensamento: apesar das suas garantias em contrário, talvez a Chefe Tess Alcott tenha a sua própria agenda.

Só entro em casa trinta minutos depois da partida do chefe Alcott. Parte desse tempo é gasto conversando com Allie, compreensivelmente irritada.

“Por que você não me contou que uma garota morta foi encontrada dentro de Baneberry Hall?” ela diz assim que atendo o telefone.

“Eu não queria que você se preocupasse.”

“Bem, eu estou”, ela diz. “Até porque tive que ver no Twitter. ‘Corpo encontrado na mansão da Casa dos Horrores.’ Era o que dizia a manchete. E por um segundo, pensei que fosse você.

Meu coração afunda, por vários motivos. Odeio o fato de Allie, mesmo que por um momento, ter pensado que algo ruim tinha acontecido comigo. Depois, há a questão de Baneberry Hall ser mais uma vez notícia nacional. Porque se Allie viu, muitas pessoas também viram.

“Sinto muito”, eu digo. "Eu deveria ter contado a você."

"Com certeza, você deveria ter feito isso."

“Mas está tudo uma loucura agora. Encontrei o corpo daquela pobre menina, e a polícia acha que foi meu pai e que alguém invadiu a casa.

“Houve um intruso?” Allie diz, incapaz de esconder seu alarme. "Quando?"

“Duas noites atrás. Eles não fizeram nada. Apenas perambulei um pouco pela casa.

“Isso parece alguma coisa”, diz Allie.

“Não estou em perigo.”

"Ainda." Allie faz uma pausa para respirar fundo, o que posso ouvir pelo telefone. “Maggie, entendo que você precisa de respostas. Eu realmente quero. Mas isso não vale a pena.”

“Será”, eu digo. “Algo aconteceu naquela casa na noite em que saímos. E passei a maior parte da minha vida me perguntando o que era. Não posso sair agora. Eu tenho que ver isso até o fim.

Allie diz que entende, embora esteja claro que não. Eu não espero que ela faça isso. A maioria das pessoas que enfrentam uma situação tão complicada ficaria contente em ir para casa, deixar a polícia cuidar do

assunto e esperar por respostas. Mas respostas precisas sobre como Petra morreu me contarão apenas metade da história.

Eu preciso de contexto.

Eu preciso de detalhes.

Eu preciso da verdade.

Se meu pai matou Petra, quero saber, principalmente porque assim saberei o que sinto por ele.

Vim aqui esperando perdoar meu pai.

Não serei capaz de perdoar um assassino.

É por isso que também não consigo abandonar a ideia de que ele é inocente. Eu sou filha do meu pai. Escolhemos caminhos diferentes e tivemos muitas divergências, mas eu tinha mais coisas em comum com ele do que com minha mãe. Ele e eu éramos muito mais parecidos do que diferentes. Se ele é um assassino, o que isso faz de mim?

Depois de encerrar a ligação com Allie, levo mais dez minutos antes de ter coragem de entrar no Baneberry Hall. Ao entrar, arranco o resto da fita policial, que se esvoaça como uma folha levada pelo vento. Paro no vestíbulo, hesitante. Uma repetição da minha chegada. A única diferença é que agora Baneberry Hall parece realmente assombrado.

Eu ando silenciosamente mais fundo na casa. Por respeito a Petra, suponho. Ou talvez um medo subconsciente de que seu espírito ainda persista. Na Sala Indigo, o tapete foi enrolado contra a parede. A polícia pegou as tábuas do piso que ficavam embaixo dele como prova. Agora há um buraco no chão, aproximadamente do mesmo tamanho e formato de um caixão de criança.

Olho através dela para a cozinha abaixo, que foi limpa de todos os detritos do teto. Provavelmente isso também é evidência agora, varrido em caixas de papelão e levado para fora de casa.

Vou para a sala em seguida. Na enorme mesa da secretária está a foto da minha família em sua moldura dourada. Eu me viro e encaro a imagem de nós dois juntos, felizes e completamente alheios ao que estava por vir. Meu lindo e encantador pai. Minha mãe sorridente. Eu com dentes vazios. Todos eles estranhos para mim agora.

Passo um momento olhando melancolicamente para a foto.

Então eu bato contra a mesa.

De novo.

E de novo.

E de novo.

Continuo batendo até que o vidro se quebre em cem pedaços, o metal se entorte e a imagem da minha família fique irreconhecível.

Uma representação mais precisa.

Minhas ações, embora catárticas, deixaram a mesa repleta de cacos de vidro. Tento juntá-los com o pedaço de papel mais próximo que consigo encontrar, que acaba sendo a nota dobrada com aquela palavra única e interrogativa.

ONDE??

Eu tinha esquecido disso na agitação dos últimos dias. Na época, eu não tinha ideia do que isso significava. Ver isso novamente traz um lampejo de compreensão.

Petra.

Alguém estava procurando por ela, mesmo que a polícia não estivesse. E eles foram direto à fonte: meu pai.

Procuro na mesa mensagens semelhantes. Eu os encontro em uma gaveta inferior. Enfiadas dentro, sem nenhuma ordem discernível, estão dezenas de folhas de papel. Alguns estão dobrados. Outros ficam deitados. Algumas bordas de urso ficaram nítidas com o tempo. Outros são tão brancos quanto penugem.

Pego um, com a mensagem escrita em uma letra larga e confusa.

POR QUE?

Pego outra página. Um com bordas amarelas. A caligrafia é a mesma, embora um pouco mais nítida. As linhas não são tão instáveis. O roteiro menos frenético.

DIGA-ME ONDE ELA ESTÁ

Recolho cada página que foi enfiada na mesa, organizando-as em uma pilha plana. Eu então os folheio, lendo cada um deles. Todos eles carregam mensagens semelhantes.

O QUE VOCÊ FEZ COM ELA????

Remexo a pilha novamente, colocando as páginas umas em cima das outras, como um caixa de banco contando dinheiro.

Existem vinte e quatro deles.

Um para cada ano desde o desaparecimento de Petra Ditmer.

E o último que vejo me diz exatamente quem os escreveu.

ONDE ESTÁ MINHA IRMÃ?

6 DE JULHO

Dia 11

O interior da biblioteca de Bartleby tinha uma estranha semelhança com Baneberry Hall. Grande e encantadoramente gótico, era uma profusão de janelas em arco e cornijas esculpidas. Entrar literalmente foi como voltar para casa. Não fiquei surpreso quando vi a placa de bronze logo após a porta anunciando que a biblioteca havia sido paga por William Garson.

Um retrato dele estava pendurado do outro lado do corredor. Reconheci seu rosto daquele que estava na grande sala, embora o pintor deste retrato tenha sido muito mais gentil. As feições do Sr. Garson eram mais suaves, seus olhos não tão escuros. Com cartola e barba branca, ele parecia mais um velho gentil do que alguém capaz de matar sua filha.

A sala de leitura principal da biblioteca era um octógono revestido de madeira no meio do prédio. O balcão de circulação ficava no centro da sala – o coração pulsante da biblioteca. Afastando-se da mesa como raios de uma roda, havia estantes de madeira que se estendiam do chão ao teto em dois níveis separados. Escadas que flanqueavam a porta subiam até o segundo andar.

Foi onde encontrei Petra.

Ela havia confiscado uma mesa inteira, coberta de livros sobre a história de Bartleby e diversas pastas de arquivos volumosas. “Você está aqui”, ela disse quando me viu. "Eu não pensei que você fosse aparecer."

Quase não consegui, pelo bem de Jess. Embora ela tivesse se desculpado pelo que disse ontem – um exausto “Sinto muito pelo negócio de Petra. Eu estava apenas sendo ciumento e ridículo” – eu sabia que ela não gostaria da ideia de eu me encontrar a sós com Petra. Especialmente quando a nossa intenção era aprofundar a história de Baneberry Hall, algo que prometi à minha esposa que não faria. Mas minha curiosidade sobre o destino de Indigo Garson superou qualquer apreensão que eu tivesse sobre nosso encontro. Sempre venceu o bom senso.

“Parece que você esteve ocupado,” eu disse enquanto me sentava ao lado de Petra.

“Eu tive ajuda.” Petra deu um tapinha na pilha de pastas. “O bibliotecário de referência me deu isso. Disse que muitas pessoas vêm querendo saber mais sobre sua casa. É estranho viver em um lugar famoso?”

“Não estou lá há tempo suficiente”, eu disse, deixando de lado como Baneberry Hall parece estranho por uma série de outros motivos. “É estranho

viver quase literalmente à sua sombra?”

Petra pegou uma mecha de cabelo loiro e a girou distraidamente. "Na verdade. Não morei em nenhum outro lugar para saber a diferença, mas minha mãe às vezes fica estranha.”

"Como assim?"

“Ela sempre reza antes de subir lá. Beija seu crucifixo. Coisas assim. Ela me disse uma vez que era mal-assombrado.

"Ela realmente pensa isso?"

“Ela é simplesmente supersticiosa”, disse Petra enquanto pegava uma pasta e me entregava outra. “É o alemão nela. Muito rigorosa. Muito cristão. Tipo, se ela soubesse que eu estava fazendo isso, ela me diria que nada de bom poderia resultar disso. Que isso só me levará a ser assombrado pelo espírito maligno de William Garson ou algo assim.

A pasta que ela me deu estava cheia de recortes de jornais. A maioria delas vinha do jornal local, o Bartleby Gazette, que parecia ser quase tão antigo quanto Baneberry Hall. O primeiro recorte era uma fotocópia de uma primeira página irregular datada de 3 de setembro de 1876. A notícia principal — com a manchete CASA ABERTA EM GARSON MANSE — era sobre a noite em que William Garson convidou toda a cidade para visitar sua grande propriedade.

Muitos outros artigos da pasta tinham uma tendência igualmente fofa. Manchetes sobre bailes e aniversários e visitantes famosos do Baneberry Hall. Gostei especialmente de um de 1940. HOLLYWOOD ROYALTY VERÃO EM BARTLEBY. O artigo incluía uma foto manchada de Clark Gable e Carole Lombard tomando coquetéis no Indigo Room.

Mas histórias de morte também espreitavam entre histórias de glamour e frivolidade. Muito mais do que fui levado a acreditar. Uma série de tragédias que começou com a morte de Indigo Garson. Um acidente de carro em 1926 que matou outro membro do clã Garson. Um afogamento na banheira em 1941. Dois hóspedes de uma pousada morrendo misteriosamente, um em 1955 e o outro um ano depois. Uma queda fatal nas escadas em 1974.

Classificá-los me fez pensar no que Hibbs havia dito.

Baneberry Hall lembra.

Também me fez pensar por que ele nunca se preocupou em me contar sobre todas as outras mortes que aconteceram lá. Era impossível pensar que ele simplesmente não sabia sobre eles. Sua família trabalhava naquela área há gerações. O que significava que havia uma razão para ele ter omitido essas outras mortes.

Talvez ele não quisesse nos assustar.

Ou talvez ele nunca quis que soubéssemos.

Cheguei ao artigo do Gazette sobre Curtis e Katie Carver, a tragédia mais recente ocorrida lá. O escritor não perdeu tempo em chegar aos detalhes terríveis.

> Um homem e sua filha estão mortos no que a polícia de Bartleby chamou de bizarro assassinato-suicídio em Baneberry Hall, um dos endereços mais antigos e infames da cidade. A polícia diz que Curtis Carver, 31 anos, sufocou sua filha de seis anos, Katie, antes de se matar – um crime que causou ondas de choque na comunidade normalmente tranquila.

A foto que acompanhava o artigo era a mesma que Jess havia encontrado durante nosso passeio pela casa. Marta Carver e a jovem Katie em vestidos e sorrisos combinando, Curtis mantendo distância, parecendo ao mesmo tempo bonito e sinistro.

Coloquei o recorte em uma pilha de artigos sobre as outras mortes de Baneberry Hall. Eu queria ler mais – sobre todos eles. Mas estávamos lá para aprender sobre William e Indigo Garson. Os outros teriam que esperar.

“Vou fazer cópias destes”, disse a Petra. "Eu volto já."

A única fotocopiadora da biblioteca ficava grande e pesada do lado de fora da porta da sala de leitura octogonal, oferecendo cópias por dez centavos cada. Tirando alguns trocados do bolso, comecei a trabalhar, fazendo cópias de cada artigo.

Meu último exemplar — uma reprodução do artigo sobre a família Carver, com a foto deles manchada e escura — estava saindo da máquina quando uma mulher passou e entrou na sala de leitura. O clima dentro da biblioteca mudou com a presença dela. Era como se um pulso elétrico percorresse todo o lugar, silencioso, mas profundamente sentido por todos. As pessoas ergueram os olhos dos livros. As conversas sussurradas pararam repentinamente.

Virando-me, vi o mesmo rosto que estava na fotocópia.

Marta Carver.

Tentando ignorar a atenção indesejada, ela folheou uma estante de novos lançamentos, com a cabeça erguida. Mas então ela me pegou olhando, e não tive escolha a não ser me aproximar dela. Nervosamente, eu disse: “Com licença. Sra.

Ela piscou para mim por trás dos óculos. "Sim?"

“Eu sou Ewan Holt.”

Sua postura se endireitou. Estava claro que ela sabia quem eu era.

"Olá, Sr. Holt."

Apertamos as mãos. O dela era pequeno e continha o menor tremor.

“Lamento incomodá-lo, mas gostaria de saber se ainda há alguma coisa em Baneberry Hall que você gostaria de manter. Nesse caso, ficarei feliz em entregá-lo a você.

“Tenho tudo que preciso, obrigado.”

“Mas todos aqueles móveis...”

“É seu agora”, disse ela. “Você pagou por isso.”

Embora sua voz não fosse cruel, senti algo não dito zumbindo logo abaixo de suas palavras. Era, percebi, medo.

Marta Carver tinha pavor de Baneberry Hall.

“Não são apenas os móveis”, eu disse. “Encontrei outras coisas que acho que pertencem a você. Uma câmera. Um toca-discos. Acho que ainda há algumas fotografias lá.

À menção das fotografias, Marta Carver olhou para as cópias recém-feitas que ainda segurava em minhas mãos. O principal, percebi, era o artigo sobre o marido assassinando a filha. Virei a cópia contra o meu corpo, mas era tarde demais. Ela já tinha visto e reagiu com um estremecimento involuntário.

“Eu preciso ir”, disse ela. "Foi um prazer conhecê-lo, Sr. Holt."

A Sra. Carver passou por mim e saiu rapidamente da biblioteca. Tudo o que pude fazer foi murmurar um pedido de desculpas pelas costas dela, sentindo-me não apenas estúpido, mas rude. Voltei, jurando nunca mais incomodá-la.

“Olhe isso”, disse Petra quando voltei para a mesa.

Ela estava lendo um artigo do Gazette sobre a morte de Indigo Garson, escrito alguns meses depois do ocorrido. Olhei por cima do ombro dela para a manchete.

GARSON CONSIDERADO INOCENTE NA MORTE DA FILHA

“De acordo com isso, uma empregada disse à polícia que na noite do suicídio de Indigo, ela viu o Sr. Garson na cozinha colocando o que parecia ser um monte de amoras em uma tigela. Ela estava vindo do porão, então ele não a viu. Ela disse que ele levou as frutas e uma colher para cima. Uma hora depois, Indigo estava morta. Só sei que ele a matou, Sr. Holt.

“Então por que ele não foi levado a julgamento pelo assassinato dela?”

“É disso que trata todo esse artigo de merda. Como não havia nenhuma evidência e como, mesmo que houvesse, um homem como William Garson nunca faria tal coisa. ‘Um membro exemplar da comunidade.’ Essa é uma citação direta da polícia.” Petra apontou as palavras com uma facada do dedo indicador. “Eu sei que as coisas eram diferentes naquela época, mas é como se eles nem tentassem. ‘Oh, um adolescente está morto. Quem se importa?’ Mas você pode ter certeza de que se fosse o contrário – se Indigo tivesse sido vista trazendo uma maldita tigela de amoras para seu pai – ela teria sido enforcada na praça da cidade.”

Ela afundou na cadeira e respirou fundo, seu discurso encerrado. Eu entendi sua raiva. Chegamos a um beco sem saída. Embora nós dois acreditássemos que William Garson havia matado a filha, provavelmente não havia como provar isso.

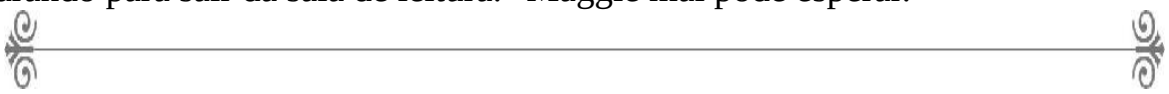
“Eu vou”, disse Petra. “Estou muito irritado. Preciso pegar um sorvete. Ou grite em um travesseiro. Eu ainda não decidi. Vejo você amanhã."

Olhei para ela, confuso. "Amanhã?"

“A festa do pijama. Ainda estamos vindo, certo?

Depois de todo o caos no teto e da briga com Jess, eu tinha esquecido o plano de Hannah e Petra passarem a noite no Baneberry Hall. Não era um bom momento para uma festa do pijama. Parecia o pior momento, na verdade. Mas Maggie precisava desesperadamente de amigos. Eu não poderia negar isso à minha filha.

“Ainda está”, eu disse enquanto colocava os artigos debaixo do braço, me preparando para sair da sala de leitura. "Maggie mal pode esperar."



Quatorze

Os repórteres ainda estão no portão da frente.

Vejo-os quando chego ao fim da entrada, do outro lado do ferro forjado, esperando que eu saia. Agora que o fiz, eles avançam, enfiando as mãos que seguram o microfone através das barras do portão, como uma horda de mortos-vivos em um filme de zumbi.

Entre eles está Brian Prince, com a gravata borboleta torta enquanto ele empurra os outros para fora do caminho, buscando uma posição privilegiada.

“Maggie!” Ele grita. "Fale comigo! Quais são seus planos agora para Baneberry Hall?

Atrás dele, flashes brilham com brilho de fogos de artifício. Apanhada pelo olhar deles, recuo, lentamente no início, recuando antes de virar as costas para a multidão. Logo estou correndo pela entrada de automóveis, subindo a encosta em direção a Baneberry Hall.

Para sair deste lugar, vou precisar de uma rota de fuga diferente. Para minha sorte, conheço um. Também tivemos sorte: Brian Prince e os outros repórteres ainda não o encontraram.

Saindo da entrada, mergulho na floresta e começo a descer a colina novamente, desta vez sob a cobertura das árvores. Avanço pela floresta até chegar ao muro de pedra que cerca a propriedade. Uma caminhada ao longo da parede me leva à seção que está em ruínas. Passo por ela e, cinco minutos depois, encontro-me emergindo da floresta atrás da casa de Elsa Ditmer.

Como também pode haver repórteres esperando na frente, continuo no quintal, atravessando-o rapidamente antes de pular para a varanda dos fundos. A porta dos fundos se abre antes que eu tenha a chance de bater. Hannah está lá dentro, com a mandíbula cerrada.

"O que você quer?" ela diz.

“Para dizer que sinto muito. Pela sua perda.

“Isso não vai trazer minha irmã de volta.”

“Eu sei”, eu digo.

Hannah morde a parte interna da bochecha e pergunta: “Você tem mais alguma coisa a dizer?”

"Na verdade sim." Enfio a mão na bolsa e retiro as notas, todas as vinte e quatro. “Eu queria saber se você poderia explicar isso.”

Ela sai do caminho, permitindo-me entrar na cabana. Eu a sigo até a cozinha. No caminho, passamos pela sala de estar, onde um game show está tocando em um console de televisão. Tenho um vislumbre de Elsa Ditmer envolta em uma poltrona reclinável, com um cobertor de tricô puxado até o queixo.

Eu me pergunto se Hannah contou a ela que Petra foi encontrada. Se sim, me pergunto se Elsa entende.

Na cozinha, sinto cheiro de fumaça de cigarro e óleo de cozinha. Sentamo-nos à mesa da cozinha com uma perna mais curta que as outras. A mesa se inclina quando Hannah pega um cigarro e acende. Ele se inclina para trás quando coloco as notas na frente dela.

Hannah não se incomoda em olhar para eles. É claro que ela já os viu antes.

“Comecei a escrevê-los um ano depois que vocês foram embora e Petra desapareceu”, diz ela. “Aquele maldito livro que seu pai escreveu tinha acabado de ser lançado e eu estava bravo.”

"Que vocês três estavam nisso?"

Hannah me lança um olhar incrédulo. “Que ele fez algo com Petra e escapou impune. Quando seu pai apareceu do nada, literalmente um ano depois do desaparecimento de Petra, bem, eu não consegui mais lidar com isso.

Ela pega as anotações, examinando-as até encontrar aquela que me levou até sua porta.

ONDE ESTÁ MINHA IRMÃ?

“Fiquei com muita raiva quando escrevi isso”, diz Hannah, achatando o bilhete contra a mesa inclinável. “Achei que seria terapêutico ou algo assim. Para finalmente escrever a pergunta na qual estive pensando durante um ano inteiro. Não ajudou. Isso só me deixou com mais raiva. Com tanta raiva que marchei até Baneberry Hall e o deixei na varanda da frente.

Desapareceu depois que seu pai foi embora no dia seguinte. Foi quando eu soube que ele tinha visto.”

“E então se tornou uma tradição anual”, digo.

Hannah exala uma torrente de fumaça. “Achei que se fizesse isso várias vezes, poderia finalmente obter uma resposta. E depois de alguns anos, acho que seu pai já esperava por isso.

"Ele alguma vez confrontou você sobre isso?"

“Não”, diz Hannah. “Ele nunca falou conosco. Acho que ele estava com medo do que eu diria.”

"Mas ele ainda pagou a sua mãe?" Perguntei.

"Todo mês." Hannah bate o cigarro num cinzeiro de cerâmica e dá outra longa tragada. “Ele pagava um pouco mais a cada ano, depositado diretamente na conta da minha mãe. Por culpa, provavelmente. Não que eu me importasse qual era o motivo dele. Quando você tem uma mãe doente para cuidar, não importa de onde vem o dinheiro. Ou por quê.

“Mesmo que seja de um homem que você acha que matou sua irmã?”

Hannah se recosta na cadeira, os olhos semicerrados. “Especialmente então.”

“Disseram-me que a maioria das pessoas pensava que Petra tinha fugido. Por que você achou que meu pai teve algo a ver com o desaparecimento dela?

“Porque eu o vi voltar para Baneberry Hall”, diz Hannah.

"Quando?"

“Cerca de duas semanas depois que Petra partiu.”

Chocada, me inclino sobre a mesa, que faz outra inclinação brusca. "Duas semanas? Tem certeza?"

"Positivo. Tive muita dificuldade para dormir nas primeiras semanas em que Petra se foi. Eu ficava acordado a noite toda, esperando que ela voltasse. Certa manhã, acordei de madrugada e fui caminhar pela floresta, pensando que ainda poderia encontrá-la se continuasse procurando com bastante atenção. Hannah solta uma risadinha triste. “Então, lá estava eu, vagando pela floresta atrás de nossa casa. Quando cheguei ao muro ao redor de sua propriedade, segui até o portão da frente. Eu estava quase chegando à estrada quando vi um carro parar.”

“Meu pai”, eu digo.

"Sim. Eu o vi claramente como o dia. Ele saiu do carro, destrancou o portão e seguiu em frente.”

"Ele viu você?"

"Eu não acho. Eu ainda estava na floresta. Além disso, ele parecia bastante focado em entrar o mais rápido possível.”

“Quanto tempo ele ficou lá?”

"Não sei. Eu já tinha ido para casa quando ele saiu.

“O que você acha que ele estava fazendo?”

Hannah apaga o cigarro. “Na época, eu não tinha ideia. Agora, entretanto? Acho que ele estava se livrando do corpo de Petra.”

A chefe Alcott me disse que foi ao Baneberry Hall na noite em que partimos e não encontrou nada fora do comum. Se meu pai matou Petra e enfiou o corpo dela no chão, isso significa que ele fez isso bem antes de o chefe revistar a casa ou muito depois.

Talvez duas semanas depois.

Nesse caso, o corpo de Petra deveria ter sido guardado em outro lugar. Algo em que não quero pensar.

"Você contou a alguém que o viu em casa?" — pergunto a Hanna.

“Não, porque achei que ninguém iria me ouvir”, diz ela. “A polícia não estava realmente interessada. A essa altura, a história do seu pai sobre Baneberry Hall ser assombrado estava se espalhando. Já havíamos começado a ver curiosos dirigindo-se até o portão da frente, tentando dar uma olhada no local. Quanto a Petra, eles estavam convencidos de que ela fugiria e voltaria quando tivesse vontade. Ela nunca fez isso.

“Isso é o que sua mãe também pensou, certo?”

“Ela fez”, diz Hannah. “Porque foi isso que eu disse a ela que tinha acontecido.”

Ela acende outro cigarro e traga. Uma longa e faminta tragada durante a qual ela decide me contar tudo o que sabe.

“Petra tinha namorado. Ou alguma coisa."

Hannah deixa a palavra pairar ali, insinuando. Isso me faz pensar se Brian Prince compartilhou com ela sua teoria sobre meu pai.

“Não sei quem foi ou há quanto tempo isso estava acontecendo”, diz ela. “Mas ela escapou à noite. Eu sei porque dividíamos um quarto. Ela esperaria até pensar que eu estava dormindo antes de sair pela janela.

Quando eu acordasse de manhã, ela estaria de volta na cama, dormindo. Perguntei a ela sobre isso uma vez e ela me disse que eu estava sonhando.

“Por que a necessidade de fugir?”

“Porque minha mãe não permitia namoro. Ou meninos. Ou qualquer coisa que desagradasse a Deus.” Hannah ergue o cigarro como exemplo e dá outra tragada diabólica. “O que você precisa saber sobre minha mãe é que ela era rígida. Assim como sua mãe. E a avó dela. As mulheres Ditmer eram pessoas trabalhadoras e tementes a Deus. Há uma razão pela qual todas elas se tornaram governantas. A limpeza está próxima da divindade."

Um pouco de cinza do cigarro de Hannah cai na mesa da cozinha. Ela não ignora isso. Um pequeno ato de rebelião.

“Quando criança, Petra e eu não tínhamos permissão para fazer nada. Não há bailes escolares. Nada de ir ao cinema com os amigos. Era escola, trabalho e oração. Era apenas uma questão de tempo até que Petra se rebelasse.”

"Há quanto tempo ela estava fugindo?"

“Apenas uma ou duas semanas, pelo que eu sabia. O início de julho foi quando a vi fazer isso pela primeira vez.”

Meu coração afunda. Eu esperava que tudo tivesse começado semanas antes de minha família se mudar para Baneberry Hall. Mas não, estávamos lá no início de julho.

“Na noite em que Petra desapareceu, você a viu sair?”

Hannah balança rapidamente a cabeça. “Mas presumi que sim, porque ela se foi na manhã seguinte.”

“E foi então que você contou à sua mãe que ela havia fugido?”

"Sim."

"Por que?"

“Porque Buster também se foi.”

Hannah vê a confusão em meu rosto e explica.

“Ele era o ursinho de pelúcia de Petra. Ela pegou isso anos antes de eu nascer e ainda dormia com isso como se tivesse a minha idade. Se ela passasse a noite em algum lugar, Buster ia com ela. Você não se lembra disso, mas ela estava com ele quando fomos à sua casa para aquela festa do pijama.

Hannah se levanta e sai da cozinha. Ela retorna um minuto depois com uma fotografia, olhando para ela enquanto volta a falar.

“Ela nunca sairia de casa sem ele. Sempre. Quando percebemos que Buster também havia partido, presumimos que ela tivesse fugido. Provavelmente com esse garoto que ela estava saindo.”

Esse menino poderia ter sido meu pai, uma possibilidade que me deixa tão vacilante quanto a mesa da cozinha. A sensação piora quando Hannah finalmente me mostra a fotografia. São ela e Petra, provavelmente no quarto delas. Petra está sentada em uma cama. Ao lado dela está um ursinho de pelúcia perturbadoramente familiar.

Pele marrom.

Olhos de botão.

Uma gravata borboleta vermelha circulando no pescoço.

É o mesmo urso que Dane e eu encontramos no escritório do meu pai. Agora desapareceu. Embora eu não saiba — e provavelmente nunca saberei — quem o pegou, só consigo pensar em dois motivos pelos quais ele estava em Baneberry Hall.

“Você mencionou que Petra trouxe Buster naquela hora que você passou a noite,” eu digo.

“Sim”, diz Hannah. “Mesmo que nunca tenhamos conseguido passar a noite inteira.”

Estou bem ciente disso, graças ao Livro.

“Existe alguma chance de Petra ter deixado isso para trás?” Eu digo, esperando não estar revelando muito. Hannah não precisa saber que, até algumas noites atrás, Buster ainda estava dentro do Baneberry Hall. “Talvez tenha se perdido.”

“Ela o trouxe para casa com ela”, diz Hannah. “Tenho certeza disso.”

Isso deixa apenas a outra razão pela qual Buster poderia estar na casa. O que eu esperava não era verdade.

Petra trouxe o urso com ela porque pensou que iria embora para sempre. Provavelmente com meu pai. A ideia suga todo o ar do meu peito.

Com falta de ar, não me resta mais nada a fazer a não ser ficar de pé e sair da casa atordoado. Hannah me segue pela sala de estar, onde a televisão mudou de game show para sitcom. Risadas forçadas ecoam na TV.

Só quando estou na porta dos fundos é que me viro para perguntar mais uma coisa a Hannah. Uma pergunta suscitada não apenas pela foto de Petra e seu urso, mas também pela lembrança da manhã de ontem. O senhor Shadow no armário, olhando para mim, aproximando-se sorrateiramente.

“Você parece se lembrar muito da noite em que vocês dois foram ao Baneberry Hall para aquela festa do pijama.”

“Foi muito difícil esquecer.” Hannah solta uma risada sem humor, como se não pudesse acreditar que, com tudo o mais acontecendo, é sobre isso que eu quero falar. Faz todo o sentido para mim. Ela estava lá. Ela lembra. Eu não.

“As coisas sobre as quais meu pai escreveu naquela noite”, digo. “Isso foi besteira, certo?”

“Acho que não”, diz Hannah.

Eu a estudo, procurando saber que ela está mentindo. Ela olha para mim, indicando que está falando sério.

“Então, o que meu pai escreveu sobre aquela noite...”

“É tudo verdade”, diz Hannah, sem hesitar um momento. “Cada maldita palavra.”

7 DE JULHO

Dia 12

O dia da festa do pijama começou como qualquer outro no Baneberry Hall.

Baque.

Saí da cama sem olhar o relógio – não havia necessidade – e desci, onde o lustre estava aceso. Desliguei-o com um suspiro pesado e desci até a cozinha para preparar um bule de café extraforte. Tornou-se minha rotina matinal habitual.

A essa altura, a exaustão era uma realidade na vida em Baneberry Hall. Quase como se a casa estivesse me negando propositalmente uma noite inteira de sono. Eu neutralizei isso da melhor maneira que pude com cochilos no meio da tarde e indo para a cama cedo.

Mas neste dia, não haveria cochilo. A tarde foi passada preparando-se para duas pessoas extras na casa. Fazer compras, limpar e fazer com que o lugar parecesse um lar feliz, o que definitivamente não era.

O objetivo de ter a festa do pijama supervisionada por Petra era dar a Jess e a mim algum tempo de relaxamento muito necessário a sós. Mas quando Hannah e Petra chegaram trazendo mochilas, sacos de dormir e uma bandeja de biscoitos da mãe, percebi que a presença delas só aumentou nosso estresse. Especialmente quando Maggie pediu para falar a sós comigo e Jess no meio do jantar.

“Não pode esperar?” Eu disse. “Você tem convidados.”

“É importante”, Maggie nos disse.

Nós três fomos para a sala grande, deixando Hannah e Petra comendo espaguete com almôndegas em um silêncio constrangedor.

“É melhor que isso seja bom”, disse Jess. “É rude deixar seus amigos assim.”

A expressão de Maggie era mortalmente séria. O corte em sua bochecha havia cicatrizado o suficiente para que ela não precisasse mais de curativo. Agora exposto, dava-lhe uma aparência desgastada e enrugada.

“Eles precisam ir embora”, disse ela. “A senhorita Pennyface não os quer aqui. Ela não gosta deles. Ela ficou com raiva a noite toda. Maggie apontou para um canto vazio. "Ver?"

“Agora não é hora para isso”, disse Jess. “Não com seus amigos aqui.”

“Eles não são meus amigos.”

“Mas poderiam ser”, eu disse com minha voz mais encorajadora. “Apenas dê uma noite. Ok, garoto?

Maggie considerou isso, seus lábios formando uma linha reta enquanto pesava os prós e os contras da amizade com Hannah.

“Tudo bem”, ela disse. “Mas eles provavelmente ficarão bravos.”

“Quem vai ficar bravo?”

“Todos os fantasmas.”

Ela voltou para a mesa, deixando Jess e eu sem palavras. Maggie, porém, estava mais falante do que nunca e assim permaneceu durante o resto do jantar. E os sundaes de sorvete feitos para sobremesa. E os jogos de tabuleiro jogados depois disso. Quando Maggie saiu vitoriosa após um jogo de Mouse Trap, ela correu pela sala de jantar torcendo como se tivesse acabado de ganhar a Copa do Mundo.

Foi tão bom vê-la se divertindo com outras garotas. Pela primeira vez desde que chegamos a Baneberry Hall, Maggie parecia feliz, mesmo quando lançava olhares ocasionais para os cantos da sala.

Esses olhares de medo ficaram mais pronunciados quando as meninas se prepararam para dormir. Enquanto Petra se envolvia em uma briga de travesseiros instigada por sua irmã, Maggie apenas ficou ali sentada, com o olhar voltado para o canto do armário. E quando os alinhei para tirar uma foto com a câmera Polaroid, ela parecia mais focada na parede atrás de mim do que nas lentes da câmera.

“Eles estão dormindo”, anunciei a Jess depois de apagar as luzes do quarto de Maggie e ir para o meu. “Tudo o que eles precisarem, Petra pode cuidar daqui.”

Desabei na cama, um braço sobre os olhos. Eu teria adormecido imediatamente se algo não estivesse pesando em minha mente desde o jantar.

“Acho que deveríamos levar Maggie para ver alguém.”

Jess, que estava aplicando hidratante na penteadeira, me olhou no espelho. “Como em um psiquiatra?”

“Um terapeuta, sim. Claramente, algo está acontecendo com ela. Ela está lutando com esse movimento. Ela não tem amigos e parece não querer fazer nenhum. E toda essa conversa sobre amigos imaginários não é normal. E também não é um pedido de atenção.”

No espelho, o rosto de Jess assumiu uma expressão magoada. “Você planeja jogar isso de volta para mim toda vez que discutirmos sobre nossa filha?”

“Essa não era minha intenção”, eu disse. “Eu estava apenas argumentando por que deveríamos mandá-la para alguém que pudesse ajudar.”

Jess não disse nada.

“Ou você não tem opinião sobre o assunto”, eu disse, “ou não concorda comigo e simplesmente não quer dizê-lo”.

“A terapia é um grande passo”, ela finalmente disse.

“Você não acha que Maggie tem algum problema?”

“Ela tem amigos imaginários e dificuldade em fazer amigos reais. Não acho que deveríamos puni-la por isso.”

“Não é punição. É dar a ela a ajuda que ela precisa.” Sentei-me e fui até a beira da cama. “Esses não são amigos imaginários típicos, Jess. Senhorita Pennyface e Senhor Sombra. São nomes assustadores, dados a eles por uma garotinha assustada. Você ouviu como ela os chamou: fantasmas. Imagine como ela deve estar apavorada.

“É uma fase”, insistiu Jess. “Provocado por esta mudança e por todas as coisas que aconteceram com esta casa. Temo que mandar Maggie a um psiquiatra a faça se sentir uma pária. Para mim, isso é uma preocupação muito maior do que algo que ela superará assim que se acostumar com este lugar.”

“E se ela não superar isso? E se este for um transtorno mental legítimo que...

Um grito me interrompeu.

Veio do quarto de Maggie, disparando pelo corredor como uma bala. Quando o segundo grito chegou, Jess e eu já estávamos fora do quarto e correndo pelo corredor.

Fui o primeiro a chegar ao quarto de Maggie, esbarrando em Petra, que havia invadido o corredor. Ela envolveu-se com os braços finos, como se tentasse afastar um calafrio repentino.

“É Maggie”, disse ela.

"O que está errado?" Jess perguntou enquanto nos alcançava.

“Eu não sei, mas ela está pirando.”

Dentro do quarto, Maggie começou a gritar. "Vá embora!"

Corri para a sala, confuso com o que vi.

As portas do armário estavam abertas e todos os vestidos que Jess pendurara ali estavam agora espalhados pelo quarto. Hannah estava enfiada até o pescoço no saco de dormir, muda de medo, recuando como uma lagarta.

Maggie estava na cama, gritando para o armário aberto.

"Vá embora! Vá embora!"

No corredor, ouvi Petra contando a Jess o que havia acontecido.

“Eu estava dormindo”, ela disse, as palavras saindo. “Hannah me acordou gritando, dizendo que Maggie tinha acabado de puxar o cabelo. Mas Maggie disse que não. Que era outra pessoa. E então ouvi a porta do guarda-roupa abrir e coisas voando para fora dela e Maggie gritando.”

Maggie permaneceu na cama. Seus gritos se transformaram em um lamento ensurdecedor que se recusava a diminuir. No canto, as mãos de Hannah saíram do saco de dormir e taparam as orelhas.

"Maggie, não há ninguém aqui."

"Há!" ela chorou. “Eles estão todos aqui! Eu disse que eles ficariam bravos!

“Querido, acalme-se. Está tudo bem."

Estendi a mão para ela, mas ela deu um tapa na minha mão.

"Não é!" Maggie chorou. “Ele está aí embaixo!”

"Quem?"

“Senhor Sombra.”

Só quando a voz dela diminuiu é que ouvi um barulho não identificável vindo de debaixo da cama.

“Não há nada lá embaixo”, eu disse, na esperança de convencer a mim mesmo e a Maggie.

“Ele está aí!” Maggie gritou. "Eu vi ele! E a senhorita Pennyface está bem ali!

Ela apontou para o canto atrás da porta do armário, que vi também havia sido aberta. Não me lembrava de ter sido assim quando entrei na sala, embora tivesse que ser assim.

“E depois há a menina”, disse ela.

"Onde ela está?" Perguntei.

"Bem ao seu lado."

Mesmo sabendo que era minha mente pregando peças em mim, ainda sentia uma presença ao meu lado. Era a mesma maneira que você poderia dizer que alguém estava se esgueirando por trás de você. Uma perturbação no ar os denunciou. Eu ansiava por olhar para o meu lado, mas temia que isso fizesse Maggie pensar que eu acreditava nela.

Então, eu não olhei, mesmo quando senti – ou pensei que senti – alguém roçou minha mão. Em vez disso, olhei para Hannah do outro lado da sala, esperando que a reação dela me dissesse se havia algo ali. Mas os olhos de Hannah estavam bem fechados enquanto ela continuava a deslizar para trás até o canto onde Maggie disse que a senhorita Pennyface estava.

Ela não estava, é claro. Não havia senhorita Pennyface. Mas quando Hannah chegou à esquina, ela começou a gritar.

“Algo me tocou! Algo me tocou!

Entre seus gritos, ouvi novamente o barulho debaixo da cama.

Um deslizamento abafado.

Como uma aranha gigante.

Sem pensar, caí de joelhos.

Acima de mim, Maggie voltou a gritar, igualando o volume de Hannah. Mais barulho começou na porta. Jess me perguntando o que diabos eu estava fazendo.

Eu a ignorei.

Ignorei tudo.

Eu estava focado apenas na cama. Eu precisava ver o que havia ali embaixo.

Com as mãos trêmulas, toquei a saia da cama, afastando-a.

Então espiei na escuridão debaixo da cama de Maggie.

Não havia nada lá.

Então as molas da cama afundaram – uma visão chocante que me fez gritar e pular para longe da cama. Olhei para cima e vi que era Hannah, fora do saco de dormir e agora de pé na cama. Ela puxou os braços de Maggie, tentando tirá-la de qualquer feitiço que ela estivesse sofrendo.

“Faça isso parar, Maggie!” ela gritou. "Faça parar!"

Maggie parou de gritar.

Sua cabeça virou na direção de Hannah.

Então ela deu um soco nela.

O sangue espirrou do nariz de Hannah, voando por Maggie, pela cama, pelo chão.

Um olhar atordoado cruzou o rosto de Hannah quando ela se inclinou para trás e caiu da beirada da cama. Ela bateu no chão com força, chorando no momento em que pousou. Jess e Petra correram até ela.

Fiquei onde estava.

Também no chão.

Olhando para minha filha, que parecia não ter percebido o que acabara de fazer. Em vez disso, ela olhou para o canto do armário. A porta estava fechada, embora eu não tivesse ideia de como ou quando isso poderia ter acontecido.

Foi o mesmo com o armário. Ambas as portas estavam completamente fechadas.

Maggie olhou para mim e, com uma voz cheia de alívio, disse: “Eles se foram”.

Quinze

Fecho o exemplar do Livro do meu pai, depois de ler o capítulo sobre a festa do pijama. Enquanto olho para a vista aérea do Baneberry Hall na capa, o que Hannah disse sobre aquela noite se repete na minha cabeça.

É tudo verdade.

Mas não é. Não pode ser. Porque se a parte sobre a festa do pijama for verdadeira, então o resto do Livro também é. E eu me recuso a acreditar nisso. O Livro é uma merda.

Certo?

Balanço a cabeça, decepcionada com minha própria incerteza. Claro que é besteira. Eu sei disso desde os nove anos.

Então por que ainda estou aqui na mesa da sala de jantar com o Livro na minha frente? Em primeiro lugar, por que me senti compelido a sentar e ler o capítulo sobre a festa do pijama? Por que estou prestes a lê-lo pela segunda vez?

Quero pensar que é porque mergulhar fundo na Casa dos Horrores é mais fácil do que encarar a ideia de que meu pai pode ter matado Petra. É uma distração muito necessária. Nada mais.

Mas eu sei melhor. Já vi muitas semelhanças entre a vida real e o Livro para descartá-las completamente, e não consigo afastar a sensação de que algo estranho está acontecendo. Algo estranho o suficiente para fazer minhas mãos tremerem ao abrir o Livro.

Em seguida, feche-o.

Em seguida, abra-o novamente.

Em seguida, jogue-o pela sala de jantar, onde ele bate na parede com um movimento raivoso de páginas.

Pego meu telefone, verificando se minha mãe retornou minha ligação enquanto eu estava lendo. Ela não fez isso. Eu ligo novamente. Quando vai direto para o correio de voz dela, desligo sem deixar mensagem. O que vou

dizer? Olá, mãe, você sabia sobre o corpo no teto, foi papai quem fez isso, e eu realmente vi fantasmas quando criança?

Deixo o telefone na mesa e pego meu jantar: um saco de tortilhas e uma lata de nozes. Embora haja comida suficiente em casa para várias refeições, cozinhar não está nos planos. Depois do que aconteceu na cozinha, quero passar o mínimo de tempo possível lá. Então coloco algumas batatas fritas na boca e engulo com uma cerveja. Seguem-se algumas nozes, que mastigo enquanto olho para o Livro, agora espalhado no chão. Estou tentado a pegá-lo. Em vez disso, pego as Polaroids que encontrei no escritório do meu pai.

A primeira é a foto minha e minha mãe entrando na floresta. Do outro lado da moldura está aquela forma escura que pensei que pudesse ser uma pessoa, mas é claramente uma árvore na sombra.

O próximo é o da festa do pijama, comigo e Hannah como atores secundários no Petra Show. Eu estudo sua pose – a mão no quadril, a perna dobrada, os lábios entreabertos em um sorriso sedutor. Não posso deixar de pensar que ela estava se exibindo para meu pai.

Petra tinha namorado, Hannah dissera. Ou alguma coisa.

Poderia ter sido meu pai? Ele era capaz de trair minha mãe daquele jeito? Embora uma vez ele tenha me dito que minha mãe era a única mulher que ele amou, às vezes o amor não tem nada a ver com isso.

Passo para a próxima foto: o conserto do teto da cozinha, que tem um significado novo e mórbido depois dos acontecimentos dos últimos dias. Agora é a foto de uma menina de dezesseis anos olhando diretamente para o local onde seus restos mortais seriam descobertos vinte e cinco anos depois. Ver isso me faz tremer tanto que a cadeira treme.

Empurro a Polaroid para longe e olho para mim, parada na frente do Baneberry Hall, impressionado com algo interessante. Não tenho curativo embaixo do olho esquerdo, o que me levou a presumir que ele foi tirado logo depois que nos mudamos. Mas quando dou outra olhada na foto da festa do pijama, também não há curativo ali. Também não há corte, hematoma ou qualquer outro sinal de dano, embora, de acordo com o Livro, a festa do pijama tenha acontecido depois que eu me machuquei na lápide na floresta.

Reúno todas as Polaroids e deslizo-as pela mesa como peças de mahjong, colocando-as em ordem cronológica com base nos acontecimentos do Livro.

Primeiro sou eu do lado de fora do Baneberry Hall, sorridente e inocente. A garota que eu nunca pensei que fosse, mas agora me preocupo se realmente poderia ter sido.

Em segundo lugar, minha mãe e eu entramos na floresta atrás da casa.

A terceira é a festa do pijama e a quarta é a foto tirada na cozinha.

A quinta, a selfie do meu pai, poderia ter sido tirada a qualquer momento, embora me pareça que foi no final da nossa estadia. Ele parece abatido. Como se algo estivesse pesando em seus pensamentos.

Eu sei que houve um curativo em algum momento porque a Chefe Alcott me disse que percebeu isso quando entrevistou meu pai em Two Pines. Além disso, tenho a cicatriz para provar isso.

Se não foi no nosso terceiro dia aqui, que é o que o Livro afirma, então quando aconteceu?

E como consegui isso?

E por que meu pai falsificou os fatos?

Uma pergunta retórica. Eu já sei a resposta. Ele fez isso porque o Livro é besteira—

Sou interrompida no meio do pensamento por uma voz de outro lugar da casa, cantando uma música que revira meu estômago.

“Você tem dezesseis anos, quase dezessete...”

Agarro-me à borda da mesa, zumbindo de medo. As palavras de Hannah novamente invadem meus pensamentos: É tudo verdade. Cada maldita palavra.

A música continua tocando, agora mais alta, como se alguém tivesse aumentado o volume.

“Querido, é hora de pensar.”

Besteira. Isso é o que eu acho.

Não há fantasma nesta casa.

Mas há um ghoul.

“É melhor tomar cuidado, ser astuto e cuidadoso—”

Saio correndo da sala de jantar e passo pela grande sala. O lustre está ligado novamente, embora eu tenha certeza de que não toco no interruptor há dias.

Quando chego à porta da frente, descubro que ainda está trancada. O pedaço de papel que enfiei no batente da porta quando voltei da casa dos Ditmers permanece no lugar.

“Querido, você está no limite.”

As janelas também estão trancadas. Eu os verifiquei antes. Se este é um ghoul – e é claro que é – como eles entraram?

Só há uma maneira de descobrir.

A música continua tocando enquanto subo as escadas na ponta dos pés, tentando não fazer barulho. Se vou pegar quem está fazendo isso, preciso de uma surpresa da minha parte.

A música fica mais alta quando chego ao segundo andar, o que na verdade funciona a meu favor. Ela cobre o som dos meus passos enquanto entro no meu quarto e pego a faca na mesa de cabeceira.

Ando pelo corredor, segurando a faca com tanta força que os nós dos dedos ficam brancos. Eles permanecem assim enquanto subo os degraus até o terceiro andar. Do outro lado da porta fechada do escritório, a música continua pulsando.

Abro a porta e entro, anunciando minha presença com um grito primitivo e um golpe de faca.

O escritório está vazio.

Quase.

Na mesa, de repente de volta, está Buster.

—

Fico na entrada da garagem, me abraçando contra o frio da noite enquanto a Chefe Alcott termina sua varredura em Baneberry Hall. Liguei para ela imediatamente após encontrar Buster e a encontrei no portão da frente. Todos os repórteres já haviam pago a noite, graças a Deus. Se tivessem ficado, teriam me visto destrancar o portão com as mãos trêmulas, pálido como um fantasma.

Ao chegar, o chefe Alcott verificou primeiro o exterior da casa, circulando-a com uma lanterna que apontava para frente e para trás nas paredes externas. Agora ela está lá dentro, verificando as janelas. Eu a vejo da entrada da garagem — uma figura escura emoldurada por uma janela em forma de olho no terceiro andar.

Quando termina, ela vai até a varanda e diz: — Não há sinal de arrombamento.

É exatamente o que não quero ouvir. Algo que apontasse para uma entrada forçada – digamos, uma janela quebrada – seria uma alternativa muito melhor para a realidade que enfrento agora. Ou seja, não há explicação racional para o toca-discos ser ligado ou para o súbito reaparecimento de Buster.

“Você tem certeza de que o que você acha que realmente aconteceu, você sabe, aconteceu?” ela pergunta.

Eu me abraço com mais força. “Você acha que estou inventando isso?”

“Eu não disse isso”, responde o chefe. “Mas não estou descartando a possibilidade de que sua imaginação esteja um pouco selvagem agora. Não me surpreenderia, considerando o que você encontrou na cozinha outro dia. Isso deixaria qualquer um nervoso.”

“Eu sei o que vi”, digo. “E eu sei o que ouvi.”

“Maggie, eu procurei em todos os lugares. Não há absolutamente nenhuma maneira de um intruso ter entrado nesta casa.”

“E se...” Tento me conter, sabendo que vai parecer absurdo. Mas é muito tarde. As palavras já estão saindo da minha língua. “E se não for um intruso?”

O chefe Alcott semicerra os olhos para mim. "O que mais pode ser?"

“E se as coisas que meu pai escreveu fossem verdade?”

Desta vez não consigo nem tentar parar o que estou dizendo. As palavras surpreendem até a mim. O chefe Alcott parece menos surpreso do que zangado. Percebo que suas narinas se dilatam.

“Você está me dizendo que agora acha que Baneberry Hall é mal-assombrado?”

“Estou lhe dizendo que algo profundamente estranho está acontecendo aqui”, digo. "Eu não estou mentindo para você."

No começo, acho que pareço exatamente como meu pai fez nos capítulos posteriores de House of Horrors. Confuso, assustado e quase louco por causa da privação de sono. Mas então me ocorre uma constatação tão desorientadora quanto um soco.

Pareço o eu sobre quem meu pai escreveu.

Eu me tornei a Maggie do livro.

“Eu gosto de você, Maggie”, diz o chefe Alcott. “Você parece inteligente. Boa cabeça em seus ombros. É por isso que estou lhe dando a chance de parar com isso agora e não ir mais longe.”

"Parar o que?"

“Fazendo a mesma coisa que seu pai fez”, diz o chefe. “Ele machucou esta cidade. Ele machucou os Ditmers. E tenho certeza de que ele matou Petra Ditmer. Ele escapou porque contou aquela história estúpida de fantasmas e muitas pessoas se distraíram com isso. Incluindo eu. Mas não vou deixar você fazer a mesma coisa. Agora que descobrimos o que ele fez, não permitirei que você turve as águas novamente com histórias sobre esta casa ser mal-assombrada. Eu me recuso a deixar você escrever a porra de uma sequência.”

Ela corre para sua viatura e desaparece segundos depois, as luzes traseiras do carro brilhando em um vermelho furioso enquanto desaparecem colina abaixo.

Eu a sigo pela entrada longa e sinuosa e tranco o portão, me perguntando se isso por si só é suficiente para impedir que o que quer que esteja acontecendo continue acontecendo. Espero que sim, embora duvide. Neste momento, o Livro é mais real do que nunca.

E não quero reviver isso.

Não quero ser aquela garota assustada sobre a qual meu pai escreveu.

Quando volto para casa, a única outra medida preventiva que consigo pensar é marchar até o terceiro andar, pegar o toca-discos e carregá-lo para o gramado da frente. Então pego a marreta na pilha de equipamentos próxima. Coloco-o no ombro, meus tríceps tremendo com o esforço.

Então, com um golpe poderoso, desço a marreta e quebro o toca-discos em pedaços.

8 DE JULHO

Dia 13

Jess e eu ficamos sentados na sala de espera, sem falar. Algo que havíamos feito muito nas doze horas anteriores. Não havia muito a dizer. Nós dois já sabíamos que algo estava profundamente errado com nossa filha.

As únicas palavras que disse à minha esposa desde o fiasco da noite anterior foram: “Encontrei um psicólogo infantil que pode consultar Maggie hoje. A consulta é às onze.

“Ótimo”, Jess respondeu, a terceira das três palavras que ela disse para mim. Os outros dois foram depois que Elsa Ditmer pegou suas filhas em meio a uma enxurrada de desculpas de nós dois. “Eles se foram”, ela disse, repetindo sem querer a mesma coisa que Maggie disse depois de dar um soco em Hannah Ditmer.

Essas palavras se repetiram na minha cabeça muito depois de Maggie e Jess as terem falado. Eu ainda os ouvia — tanto na voz da minha esposa quanto na da minha filha — enquanto olhava taciturnamente ao redor da sala de espera da Dra. Lila Weber.

Como ela era psicóloga infantil, eu esperava que o consultório do Dr. Weber fosse mais adequado para crianças do que era. Brinquedos perto da porta e os Wiggles brincando ao fundo. Em vez disso, a sala de espera era tão bege e insípida quanto um consultório de dentista. Uma decepção, ver como eu precisava de algo para me distrair do fato de que Maggie estava conversando com o Dr. Weber há quase uma hora e que em poucos minutos descobriríamos o quão confusa ela realmente estava. Uma garota que se comportasse daquele jeito durante a festa do pijama teria que ser. E me perguntei se Jess e eu éramos os culpados.

Maggie foi um acidente. Aconteceu que foi feliz, mas mesmo assim foi um acidente. Uma das razões pelas quais Jess e eu nos casamos tão rapidamente foi porque ela engravidou. Como eu amava Jess completamente e tínhamos planejado nos casar de qualquer maneira, não víamos razão para adiar o inevitável.

No entanto, a ideia de ser pai era assustadora para mim. Meu próprio pai era, como ele mesmo admitiu, um homem péssimo e maldito. Ele bebeu demais e ficou com raiva rapidamente. Embora eu soubesse que ele amava minha mãe e a mim, ele raramente demonstrava isso. Eu me preocupei em me tornar exatamente como ele.

Mas então Maggie nasceu.

O último mês de gravidez de Jess foi difícil para ela, e as dificuldades continuaram na sala de parto. Quando Maggie apareceu, ela anunciou sua chegada em silêncio. Não houve choro. Nenhum olhar encantado das enfermeiras. Eu soube então que algo havia dado errado.

Descobriu-se que o cordão umbilical estava enrolado no pescoço de Maggie, quase a estrangulando até a morte no momento do nascimento. Aquele tenso momento de silêncio enquanto as enfermeiras trabalhavam para salvar Maggie foi o momento mais assustador da minha vida. Incapaz de fazer qualquer coisa além de esperar - e ter esperança -, agarrei a mão de Jess e orei a um Deus em que não tinha certeza se acreditava. Fiz uma promessa a ele de que, se Maggie sobrevivesse, eu seria o melhor pai possível. .

Então, finalmente, Maggie começou a chorar — um lamento a plenos pulmões que encheu meu coração de alegria. Minha oração foi respondida. Naquele momento, prometi fazer o que fosse necessário para protegê-la.

Enquanto esperava no consultório do Dr. Weber naquela manhã, tive medo de que minha proteção não fosse suficiente e que o que quer que houvesse de errado com Maggie estava além do meu controle. No entanto, ela parecia normal quando saiu do consultório interno do Dr. Weber, chupando um pirulito e exibindo um adesivo na mão.

“Você esteve tão bem hoje, Maggie”, disse a psicóloga. “Agora preciso que você fique bem por mais alguns minutos enquanto converso com seus pais, ok?”

Maggie assentiu. "OK."

O Dr. Weber deu a Jess e a mim um sorriso caloroso. "Mamãe e papai, venham por aqui."

Nós dois entramos em seu consultório e nos sentamos no sofá bege reservado aos pacientes. A Dra. Weber estava sentada à nossa frente, com o rosto uma máscara de calma. Procurei sinais de que nossa filha estava gravemente ferida e foi tudo culpa nossa.

“Primeiro, Maggie está bem”, disse ela.

"Tem certeza?" Perguntei.

"Cem por cento. Ela tem uma imaginação extraordinária, o que é um dom maravilhoso. Mas também traz seu próprio conjunto de dificuldades.”

A principal delas, conforme exposta pelo Dr. Weber, era uma incapacidade ocasional de distinguir entre o que era real e o que não era. A imaginação de Maggie era tão vívida que às vezes, quando ela interagia com seus amigos imaginários, ela realmente acreditava que eles estavam ali.

“Isso é o que parece ter acontecido ontem à noite”, disse o médico. “Ela pensou que aqueles amigos imaginários...”

“Fantasmas”, interrompi. “Ela os chamou de fantasmas.”

A Dra. Weber assentiu em resposta, semicerrando os olhos levemente para mostrar o quanto ela estava ouvindo. Achei isso insuportável.

“Chegaremos a isso”, disse ela. “De volta à noite passada. Ela pensou – realmente pensou – que havia outras pessoas na sala, e seu comportamento seguiu o exemplo.”

“É por isso que Maggie bateu na vizinha?” Jess perguntou.

“É”, disse o Dr. Weber. “Pela forma como Maggie descreveu, acho que foi mais um reflexo do que qualquer sentimento inato de violência ou tentativa de causar danos. A melhor maneira que posso descrever isso é como um cachorro atacando alguém quando ele está encurralado e aterrorizado. Naquele momento, Maggie simplesmente não sabia o que fazer e atacou.”

Isso não explicava tudo. A porta do armário, o armário, Hannah gritando que alguma coisa a havia tocado.

E esse barulho.

Aquele debaixo da cama.

Isso não foi apenas imaginação de Maggie. Eu tinha ouvido isso.

“Quero saber mais sobre os fantasmas”, eu disse.

O sorriso do Dr. Weber ficou tenso. “Eles não são realmente fantasmas, é claro. No futuro, acho que seria melhor referir-me a eles como imaginações.”

“Maggie acha que eles são reais”, eu disse.

“É algo em que teremos que trabalhar”, disse Weber.

"Ela contou a você sobre eles?"

“Ela fez, sim. Ela tem três imaginações consistentes.” Ela colocou ênfase extra na palavra para meu benefício. “Uma delas é uma garotinha com quem ela conversa ocasionalmente. Outra é uma jovem que ela chama de senhorita Pennyface.

“Não se esqueça do senhor Shadow,” eu disse, porque Maggie com certeza não poderia.

“Ele é quem ela mais teme”, disse Weber.

“Se tudo isso for apenas...” Parei antes de dizer amigos imaginários, escolhendo em vez disso o termo preferido do Dr. “Se isso é imaginação, por que Maggie tem tanto medo deles?”

“As crianças também têm pensamentos sombrios”, disse Weber. “Assim como os adultos. Eles também são bons ouvintes. Eles captam muito mais do que pensamos. Quando problemas como esse ocorrem é porque a criança tem

dificuldade em processar o que ouviu. Algo ruim aconteceu em sua casa. Algo trágico. Maggie sabe disso, mas não sabe como lidar com isso."

"Então o que deveríamos fazer?" Eu disse.

"Meu conselho? Seja honesto com ela. Explique – em termos que ela possa entender – o que aconteceu, como foi uma coisa triste e como isso nunca mais acontecerá."

• • •

Naquela noite, seguimos o conselho do Dr. Weber e sentamos Maggie à mesa da cozinha, munidos com algumas de suas guloseimas favoritas. Chocolate quente. Biscoitos de açúcar. Um pacote de minhocas de goma azeda.

Também sobre a mesa, ligeiramente afastado de todo o resto, estava o artigo do Gazette sobre Curtis e Katie Carver que eu havia fotocopiado na biblioteca.

"Antes de nos mudarmos", disse Jess, "algo aconteceu nesta casa. Algo ruim. E muito triste."

"Eu sei", disse Maggie. "Hannah me contou."

Eu gemi. Claro.

"Ela te contou exatamente o que aconteceu?" Eu disse.

"Um homem mau matou sua filha e depois se matou."

Ouvir essas palavras saindo da boca da minha filha quase partiu meu coração. Olhei para Jess do outro lado da mesa, que me deu um pequeno aceno de apoio. Não foi muito, mas significou tudo para mim. Isso me disse que, apesar dos nossos confrontos recentes, ainda estávamos juntos nisso.

"Isso mesmo", eu disse. "Foi terrível e deixou todo mundo muito triste. Coisas ruins acontecem às vezes. Mas não o tempo todo. Na verdade, nem sempre. Mas sabemos que o que aconteceu pode assustá-lo e queremos que você entenda que tudo isso ficou no passado. Nada disso vai acontecer enquanto estivermos aqui."

"Promessa?" Maggie disse.

"Eu prometo", respondi.

Jess estendeu a mão sobre a mesa para pegar nossas mãos e apertou-as suavemente. "Nós prometemos."

"Se você tiver alguma dúvida sobre o que aconteceu, não tenha medo de perguntar", eu disse a Maggie. "Podemos conversar sobre isso quando você quiser. Na verdade, tenho um artigo de jornal sobre isso, se você quiser ver.

Esperei até que Maggie assentisse antes de deslizar o artigo na frente dela. Como as suas capacidades de leitura ainda eram limitadas, o seu olhar dirigiu-se imediatamente para a fotografia.

“Ei”, ela disse, pressionando um dedo no rosto fotocopiado de Katie Carver. "Essa é a garota."

Eu fiquei tenso. “Que garota, querido?”

“Aquele com quem eu brinco às vezes.”

“Hanna?” Jess disse esperançosamente.

Maggie balançou a cabeça. “A garota que não pode sair do meu quarto.”

Ela então olhou para o outro lado da foto e para o rosto carrancudo de Curtis Carver. Imediatamente, ela começou a choramingar.

“É ele”, disse ela, subindo no meu colo e pressionando o rosto contra meu peito.

"Quem?"

Maggie lançou um último olhar assustado para Curtis Carver.

“Ele”, ela disse. “Ele é o Senhor Sombra.”

Dezesseis

Os repórteres voltam bem cedo. Eu sei porque fiquei acordado a noite toda. Às vezes andando pela grande sala. Outras vezes verificando a porta da frente e todas as janelas, certificando-se pela segunda, terceira, quarta vez de que estão seguras. Passei a maior parte da noite na sala, sentado em posição de sentido com a faca na mão, esperando por mais estranheza.

O fato de nada ter acontecido não tornou tudo menos estressante. Cada sombra na parede fazia meu pulso acelerar. Cada rangido da casa provocava um salto assustado. A certa altura, enquanto andava pela sala, me vi no espelho da mesa da secretária, assustado não pela minha presença repentina ali, mas pela minha aparência enlouquecida.

Sempre achei que não era nada parecido com a criança medrosa do livro do meu pai. Acontece que fui eu o tempo todo.

Agora estou nas janelas do terceiro andar, espiando por entre as árvores a fila de vans de notícias chegando ao portão da frente. Eu me pergunto quanto tempo eles ficarão lá antes de desistir. Espero que sejam apenas mais algumas horas e não dias.

Porque preciso sair de novo, e desta vez passar pela parede de pedra quebrada não vai adiantar. Para esta viagem, preciso de um carro.

Considero a ideia de simplesmente entrar na minha caminhonete e dirigi-la direto para o meio da multidão, que se danem as vítimas. Mas o pensamento é mais uma fantasia de vingança do que um plano real. Primeiro, precisarei sair da caminhonete para destrancar e abrir o portão – dando a Brian Prince e sua turma tempo suficiente para atacar. Em segundo lugar, mesmo que eu consiga partir em paz, não há nada que os impeça de me seguir.

Minha única maneira de fazer uma fuga tranquila é pegar carona com outra pessoa. Isso significa um telefonema para Dane, embora não tenhamos nos falado desde que ele deixou Two Pines. É claro que nos evitamos, embora as razões não pudessem ser mais diferentes. Suspeito que

Dane está envergonhado por eu ter rejeitado seus avanços e quer colocar algum espaço entre nós.

Minha desculpa é que ainda estou tentando processar o que o chefe Alcott me contou sobre seu tempo na prisão. Acredito que as pessoas cometem erros. Mas também não posso deixar de me sentir enganado. Até que ele me convença de que não é o mesmo homem que entrou naquela prisão, minha confiança em Dane se limitará a uma carona até a cidade.

“Preciso de um favor”, digo quando ele atende o telefone. “Você pode me dar uma carona na sua caminhonete?”

“Claro”, ele diz. "Eu já vou."

“Isso é exatamente o que eu não quero que você faça. Leve sua caminhonete a oitocentos metros de sua casa e espere por mim na beira da estrada.

Dane, para seu crédito, não me pergunta por quê. “Estarei aí em dez.”

Assim como ele prometeu, sua caminhonete está parada na beira da estrada quando saio da floresta, depois de passar pela abertura na parede.

“Para onde, senhora?” ele diz enquanto entro.

Forneço a ele o endereço do consultório do Dr. Weber, que encontrei online. Surpreendentemente, ela ainda pratica e ainda está em Bartleby.

O motivo da minha visita é simples: perguntar-lhe se eu era mesmo seu paciente e, em caso afirmativo, o que eu disse. Como tenho poucas lembranças de Baneberry Hall que não tenham sido influenciadas pelo Livro, preciso das lembranças de terceiros para me ajudar a entender o que está acontecendo. No entanto, parte de mim já sabe o que está acontecendo.

É tudo verdade. Cada maldita palavra.

Não é seguro lá. Não para você.

"Como vai tudo?" Dane pergunta depois de dirigir em silêncio por vários minutos.

“Tudo bem”, eu digo.

Ele me lança um olhar de soslaio. “Isso é tudo que eu consigo? Multar? Na outra noite, você não conseguia parar de falar.

"As coisas mudaram."

Segue-se mais silêncio. Uma pausa longa e tensa tornada ainda mais insuportável pelo fato de Dane estar certo. Eu não conseguia parar de conversar naquela noite no Two Pines. Porque era fácil conversar com ele,

quando eu não sabia o que ele tinha feito e o que ainda seria capaz de fazer. Agora só quero passar por esta viagem dizendo o mínimo possível.

Dane se recusa a deixar isso acontecer.

“Isso é sobre a outra noite?” ele diz. “Se eu deixei você desconfortável, me desculpe. Eu estava apenas respondendo à vibração na sala. Caso contrário, eu nunca teria sugerido isso. A última coisa que eu queria era fazer isso...

“Por que você não me contou que estava na prisão?” Eu pergunto, incapaz de manter a pergunta reprimida.

Dane não reage, exceto por um leve pigarro na garganta. Ele claramente estava antecipando esse momento.

“Isso nunca apareceu.”

"Então você não está negando?"

“Não quando é verdade”, diz Dane. “Passei um ano na Correcional Estadual do Norte. A comida era ruim, a companhia era pior e nem me fale sobre os chuveiros.”

A piada – que não é boa para começar – desaparece em meio ao clima tenso dentro do caminhão.

“E é verdade que você quase matou um homem?” Eu digo.

“Não intencionalmente.”

Acho que Dane espera que isso me faça sentir melhor. Isso não acontece.

“Mas você pretendia machucá-lo”, respondo.

“Não sei o que pretendia”, diz Dane, com a voz tensa. “Tudo saiu do controle. O outro cara começou, ok? Não que isso importe, mas isso é um fato. Eu estava bêbado? Sim. Eu fui longe demais? Absolutamente. E me arrependo de cada maldito soco. Cumpri minha pena e mudei meus hábitos, mas as pessoas sempre vão me julgar por esse erro terrível.”

"É por isso que você não me contou?" Eu digo. "Porque você pensou que eu iria julgar você?"

Dane funga. “É isso que você está fazendo, não é?”

“Eu não faria isso se você tivesse sido honesto comigo. Eu sei muito bem como é quando as pessoas pensam que você está preso. Eu teria entendido.”

"Então por que você está tão magoado com isso?"

“Só porque eu merecia saber. Eu contratei você para um trabalho, Dane.

“Então agora somos apenas patrão e empregado?”

“Isso é o que sempre fomos”, digo, com uma voz estranhamente parecida com a da minha mãe. Eu ouço – aquela formalidade resumida, a agressividade passiva – e me estremeço.

“Não me senti assim naquela noite”, diz Dane. “Inferno, nunca me senti assim.”

O tom da minha mãe novamente se infiltra na minha voz. “Bem, é assim que vai ser agora.”

“Só porque você descobriu que eu estava na prisão?”

“Não, é por causa de tudo que estou lidando agora. O Livro, meu pai, o que ele poderia ter feito. Não preciso de outro mentiroso em minha vida.”

Entramos em Bartleby propriamente dito, a cidade ainda acordando. As pessoas saem de suas casas com expressões sonolentas e canecas de café fumegantes. A um quarteirão de distância, o sino de uma igreja toca a hora: nove da manhã.

Dane para no meio-fio e me lança um olhar impaciente. “Você pode sair daqui. Considere isso minha demissão. Encontre outra pessoa para resolver os problemas do seu pai.

Salto da caminhonete sem hesitar, murmurando para Dane um “Obrigado pela carona” antes de bater a porta e ir embora.

Dane me chama. "Maggie, espere."

Eu me viro e vejo a cabeça dele esticada para fora da janela da caminhonete. Cem pensamentos parecem passar por sua cabeça, todos eles não ditos. No final, ele se contenta com um tranquilo e preocupado “Você vai precisar de uma carona de volta?”

Quase digo a ele que sim. Que preciso de mais do que uma carona: preciso que ele me ajude a entender o que diabos está acontecendo e o que posso fazer a respeito, se houver alguma coisa. Mas não consigo dizer isso. É melhor terminar as coisas agora.

“Não”, eu digo. “Posso encontrar meu próprio caminho para casa.”

—

Também posso encontrar meu próprio caminho até o consultório do Dr. Weber, que fica a um quarteirão da Maple Street, em uma rua bem cuidada que parece residencial, mas é principalmente comercial. As casas em estilo

artesanal ficam em meio a pátios compactos, a maioria com placas indicando os negócios contidos nelas. Um dentista. Um escritório de advocacia. Uma funerária. Com o Dr. Weber não é diferente.

Por dentro, o escritório é reconfortante ao ponto da suavidade. Tudo é creme ou bege, incluindo uma mulher inclinada sobre uma mesa para verificar o calendário. Pele cremosa. Saia bege. Blusa esbranquiçada. Ela olha para cima quando eu entro, seus olhos gentis, mas curiosos. Definitivamente Dr. Weber. É o tipo de expressão que só pode surgir após décadas de escuta intensa.

“Achei que não tinha consulta marcada esta manhã”, diz ela. "Você é pai?"

“Não há hora marcada”, eu digo. “Eu esperava que pudéssemos conversar.”

“Receio não aceitar visitas. Também não trabalho com adultos. Mas eu ficaria feliz em lhe dar nomes de terapeutas mais apropriados.”

“Não estou procurando terapia”, digo. “Já estive lá, fiz isso.”

“Então não tenho certeza de como posso ajudá-lo”, diz o Dr. Weber gentilmente.

“Sou um ex-paciente”, digo. “Tivemos uma sessão. Que eu saiba.

“Tive muitos pacientes ao longo dos anos.”

“Eu sou Maggie Holt.”

O Dr. Weber permanece completamente imóvel. Sua expressão nunca muda. A única coisa que indica sua surpresa é uma mão que chega ao seu coração. Ela percebe e tenta disfarçar ajustando o botão de cima da blusa.

“Eu me lembro de você”, ela diz.

“Sobre o que conversamos?” — digo, imediatamente em seguida com outra pergunta mais urgente. “E como eu era?”

A Dra. Weber dá outra olhada rápida em seu calendário antes de me levar para um escritório interno cheio de mais bege e creme, incluindo os diplomas universitários pendurados na parede em molduras de bom gosto. Isso me faz pensar se a médica tem sua própria fobia – medo da cor.

“Presumo que esta visita foi motivada pelo recente incidente em Baneberry Hall”, diz a Dra. Weber enquanto nos sentamos, ela na cadeira do médico e eu na cadeira reservada aos pacientes. “Imagino que tenha sido um grande choque para você.”

“Isso é para dizer o mínimo”, eu digo.

“Você acha que seu pai matou aquela garota?”

“Não consigo pensar em mais ninguém que pudesse ter feito isso.”

“Então isso é um sim?”

“Mais como um não sei.” Uma vantagem surge em minha voz. A discussão com Dane me deixou na defensiva. Ou talvez a atitude defensiva resulte de estarmos sentados sob o olhar atento do Dr. Weber. “Eu esperava que você pudesse me ajudar a preencher os espaços em branco.”

“Sinceramente, não tenho certeza de quanta ajuda posso oferecer”, diz o Dr. Weber. “Só tivemos aquela sessão que seu pai mencionou em seu livro.”

Isso é uma surpresa. Não esperava que o Dr. Weber o tivesse lido.

“O que você achou da Casa dos Horrores?” Eu digo.

A médica cruza as mãos no colo. “Como literatura, achei que faltava. Do ponto de vista psicológico, achei fascinante.”

"Como assim?"

“Embora superficialmente fosse sobre uma casa mal-assombrada e espíritos malignos, vi o livro como ele realmente era: a tentativa de um pai de compreender sua filha.”

Parece algo que o Dr. Harris teria me contado. Besteira analítica típica.

“Eu tinha cinco anos”, eu digo. “Não havia muito para ele tentar entender.”

“Você ficaria surpreso com a complexidade das mentes jovens.”

Começo a me levantar da cadeira, tomada por uma vontade repentina de sair. Isso não vai a lugar nenhum. Certamente não na direção que eu quero. O que me mantém aqui, pairando sobre o estofamento bege da cadeira, é a necessidade de respostas.

“Tudo o que aquele livro fez foi tornar a vida da minha família muito difícil”, digo. “Eu, especialmente.”

“Então por que você voltou para Baneberry Hall?”

“Eu herdei isso. Agora tenho que prepará-lo para ser vendido.”

“Você não precisa”, diz o médico. "Na verdade. Tudo relacionado à casa poderia ser cuidado remotamente. Movers e designers e assim por diante.”

“Eu sou um designer”, eu digo, irritado. “Eu precisava ver as condições da casa.”

“Essa é a palavra-chave, eu acho.”

"Casa?"

Dr. Weber me dá um sorriso paciente. "Ver. Você precisava ver as condições da casa. É muito parecido com aquela frase 'Vou acreditar quando ver'. O que me faz pensar que você voltou não para ver o estado da casa, mas para descobrir se, apenas talvez, seu pai estava falando a verdade em seu discurso. livro."

Eu me inclino para frente na cadeira. “O que eu te disse durante aquela sessão?”

“Então você é um designer”, diz o Dr. Weber, ignorando minha pergunta. "Sobre o que?"

“Interiores.”

"Fascinante."

Eu sabia que ela iria se interessar por essa informação. Dr. Harris certamente tinha. Ela disse que Baneberry Hall é a razão pela qual faço o que faço. Que a história da breve passagem da minha família por lá me levou a buscar outras histórias em outras casas. Uma busca constante pela verdade.

“O que você realmente espera conseguir reformando aquela casa?” Dr. Weber diz.

“Para obter lucro.”

“Tem certeza de que não é realmente uma tentativa de mudar sua experiência lá? Vire a casa, vire o seu passado.

“Acho que é um pouco mais complexo do que isso”, digo.

"É isso? Você acabou de me dizer que aquela casa tornava a vida muito difícil para você.

“Não, eu disse que o livro do meu pai sim. Aquela casa não tem nada a ver com isso.

“É verdade”, diz a Dra. Weber, o brilho recém-descoberto em seus olhos sinalizando que ela acha que me entendeu tudo. “Está tudo interligado, Maggie. A casa. O livro. Sua família. Não estou surpreso que você diga que o livro do seu pai o machucou. Só posso imaginar como deve ter sido estranho crescer com tamanho fardo. Agora aqui está você, reformando o Baneberry Hall. Você não acha que este projeto é, em essência, agora uma tentativa de reescrever essa história?”

“Não estou aqui para ser analisado”, digo, mais uma vez atingido pela vontade de ir embora. Desta vez, eu fico. A Dra. Weber permanece sentada. Nossa súbita diferença de altura me encoraja. “Se você não quiser me

contar o que eu disse naquela sessão que tivemos, tudo bem. Mas não vou deixar você perder meu tempo no processo.”

Dou um passo em direção à porta, parando apenas quando o Dr. Weber diz: “Seus pais me contataram, dizendo que você estava tendo problemas para se adaptar à sua nova casa. Quando descobri onde você morava, não fiquei surpreso.

Ela gesticula para que eu volte para a cadeira. Sentada mais uma vez, digo: — Por causa do que aconteceu com a família Carver?

“E outras coisas”, diz o Dr. Weber. "Histórias. Rumores. Cada cidade tem uma casa mal-assombrada. Em Bartleby, é Baneberry Hall. E foi assim muito antes de o livro do seu pai existir.

Penso nas passagens do Livro sobre a história da casa. Todos aqueles artigos que meu pai teria encontrado sobre mortes ocorridas lá além da tragédia da família Carver. Presumi que ele os tivesse inventado.

“Quando seus pais trouxeram você para me ver, eu estava preparado para conversar com uma garotinha com medo do escuro. Em vez disso, conheci uma menina de cinco anos inteligente e obstinada, convencida de que havia presenças sobrenaturais em sua casa.”

“Eu mencionei fantasmas?”

"Oh sim. Uma garotinha, senhorita Pennyface, e senhor Shadow.

Uma fina lasca de medo sobe pela minha espinha como uma haste de titânio. Eu me sento mais ereto na minha cadeira.

“Meu pai os inventou.”

“É possível”, diz o Dr. Weber. “As crianças são impressionáveis. Se um adulto lhes disser algo, por mais impossível que pareça, a criança tenderá a acreditar. Veja o Papai Noel, por exemplo. Então, sim, seu pai poderia ter plantado a ideia dessas pessoas na sua cabeça.”

Pela primeira vez desde que nos sentamos, detecto incerteza na voz do Dr. Weber.

“Você não acha que foi isso que aconteceu”, eu digo.

"Eu não." A médica se mexe na cadeira. “Posso dizer quando o pensamento de uma criança foi manipulado. Esse não foi o seu caso. É por isso que me lembro tão vividamente daquela sessão depois de todos esses anos. Você falou com total convicção.

“Sobre fantasmas?”

O Dr. Weber assente. “Você disse que eles entraram no seu quarto à noite. Um deles sussurrou para você na escuridão, avisando que você iria morrer.”

“Provavelmente eram terrores noturnos. Eu os tenho desde que era uma garotinha.

“Não me lembro de seus pais terem mencionado nada sobre isso”, diz o Dr. Weber. “Você ainda os tem?”

“É o que diz na minha receita de Valium.”

O Dr. Weber não sorri diante da minha piada reconhecidamente de mau gosto. “O que acontece com as pessoas que sofrem de terrores noturnos é que elas só pensam que são reais quando estão acontecendo. Assim que acordam, eles sabem que foi apenas um pesadelo.”

Penso no terror noturno que tive três noites atrás. Eu na cama e o senhor Shadow me observando do armário. Mesmo dias depois, ainda me deixa desconfortável.

“Então, aquelas coisas que eu afirmei ter visto – pensei que fossem reais?”

“Mesmo quando você estava bem acordado”, diz o Dr. Weber.

A cadeira parece ceder embaixo de mim. Como se eu estivesse afundando nisso, prestes a deslizar para o nada. A sensação é tão forte que preciso olhar para baixo para confirmar que não está realmente acontecendo. Mesmo assim, a sensação de afundamento persiste.

“Então, as coisas do Livro, as coisas que você contou aos meus pais...”

“É principalmente verdade”, diz o Dr. Weber. “Não posso garantir a autenticidade do resto do livro, mas essa parte aconteceu. Você realmente acreditou que esses seres existiam.”

“Mas eles não fizeram isso”, eu digo, ainda me sentindo afundando. Baixo baixo Baixo. Mais fundo na toca do coelho.

“Não acredito em fantasmas”, diz o Dr. Weber. “Mas você acreditou que algo estava entrando em seu quarto à noite. Se foi real ou imaginário, não posso dizer. Mas isso pesou em sua mente. Algo estava assombrando você.

Eu me levanto, aliviado por estar fora daquela cadeira. Uma olhada para trás confirma que a almofada ainda está lá. Que a sensação de afundamento estava toda na minha cabeça.

Eu gostaria de poder dizer o mesmo sobre os fantasmas que afirmei ter visto quando criança. Mas não há nada que prove que não foram

inventados, nem por mim nem por meu pai.

Tudo o que sei é que, pelo menos para a minha mente jovem, aqueles três espíritos, incluindo o Senhor Shadow, eram absolutamente reais.

9 DE JULHO

Dia 14

Parte do novo trabalho de Jess exigia que ela lecionasse na escola de verão, que começou naquela manhã. Deixados por conta própria, Maggie e eu fomos ao mercado local e depois ao supermercado.

Foi bom sair de casa, mesmo que fosse apenas para fazer algumas tarefas. Depois do que Maggie dissera na noite anterior, eu queria passar o mínimo de tempo possível em Baneberry Hall.

“Lembre-se do que o Dr. Weber nos disse”, disse Jess antes de sair para o trabalho, como se consultar um psicólogo tivesse sido ideia dela. “Esta é apenas a maneira de Maggie processar o que aconteceu.”

Mas eu estava preocupado. Tanto que fiz Maggie sentar à mesa da cozinha com alguns lápis de cor e papel enquanto eu guardava as compras. Eu estava colocando comida enlatada em um armário, de costas para Maggie, quando um dos sinos na parede tocou de repente – um meio toque metálico que parou tão repentinamente quanto começou.

“Por favor, não faça isso, Mags.”

"Fazer o que?"

A campainha tocou novamente.

“Isso”, eu disse.

“Eu não fiz nada...”

A campainha tocou pela terceira vez, interrompendo-a. Afastei-me do armário, esperando ver Maggie na parede, ficando na ponta dos pés para alcançar um dos sinos de baixo. Mas ela permaneceu à mesa, com giz de cera na mão.

A campainha tocou novamente e desta vez eu a vi se mover. A espiral de metal inclinou-se levemente, levando consigo o sino até que aquele toque familiar soou novamente. Foi quando eu soube que não era coisa de Maggie e que a corda presa ao sino havia sido puxada propositalmente.

Olhei para a etiqueta acima do sino, que agora estava silencioso e imóvel.

A Sala Índigo.

“Fique aqui,” eu disse a Maggie. "Não se mexa."

Subi os degraus até o primeiro andar, de dois em dois, esperando que a velocidade me ajudasse a pegar quem estava fazendo isso em flagrante. Depois de correr pela grande sala e chegar à frente da casa, entrei na Sala Índigo.

Estava vazio.

Uma sensação desconfortável tomou conta de mim enquanto eu girava lentamente no centro da sala. Uma sensação de que algo estranho estava acontecendo. Algo além da imaginação de Maggie. Enquanto continuava a girar, certificando-me de que a sala estava realmente completamente vazia, uma coisa que não senti foi surpresa.

No fundo, eu esperava que a Sala Indigo estivesse vazia.

A essa altura, a ideia de que alguém continuava a entrar sorrateiramente em Baneberry Hall parecia mais uma ilusão do que uma realidade possível. As pessoas não invadiam as casas apenas para tocar sinos e ligar toca-discos. Nem essas coisas foram causadas por ratos, correntes de ar ou mesmo cobras.

Outra coisa estava acontecendo.

Algo inexplicável.

Passando por baixo do lustre, vi que ele estava inexplicavelmente aceso, embora não estivesse mais cedo naquela manhã.

Apertei o interruptor, escurecendo mais uma vez, e continuei até a cozinha. Eu estava na metade da escada quando um coro de sinos soou na cozinha, me fazendo correr o resto do caminho. Lá dentro, vi que todos os sinos da parede tremiam, como se tivessem tocado ao mesmo tempo.

Também tremia Maggie, que não estava mais sentada à mesa da cozinha. Em vez disso, ela se agachou contra a parede oposta aos sinos, encurralando-se em um canto. O terror brilhou em seus olhos.

“Ele estava aqui,” ela sussurrou.

“Senhor Sombra?” Eu sussurrei de volta.

Maggie deu um único e solene aceno de cabeça.

"Ele se foi agora?"

Ela assentiu novamente.

"Ele disse alguma coisa para você?"

Maggie olhou de mim para a parede de sinos agora silenciosa. "Ele disse que quer falar com você."

• • •

Naquela noite, deixei cair o tabuleiro Ouija na mesa da cozinha, onde ele caiu com um baque tão alto que assustou Jess da taça de vinho que ela estava olhando. Não havíamos conversado muito sobre o que aconteceu com os sinos porque Maggie estava sempre conosco. Mas agora que nossa filha estava na cama, pude dar a Jess um relatório completo, seguido pela recuperação do tabuleiro Ouija.

"Onde você conseguiu isso?"

“Eu encontrei no escritório.”

“E o que você pretende fazer com isso?”

“Se o senhor Shadow quiser conversar, então acho que deveríamos tentar.”

Jess olhou para o vinho, parecendo querer engolir o copo inteiro. "Seriamente?"

“Eu sei que parece estúpido”, eu disse. “E quase ridículo.”

“Acho que ultrapassa essa fronteira, não é?”

“Foi você quem andou por este lugar queimando sálvia.”

“Isso foi diferente”, disse Jess. “Era apenas superstição. O que você está falando é...

“Fantasmas”, eu disse. “Sim, estou sugerindo que Baneberry Hall é mal-assombrado.”

Lá estava. A palavra que andamos na ponta dos pés por dias. Agora não havia como evitar usá-lo.

“Você sabe o quão louco você parece, certo?”

“Sim, e não me importo”, eu disse. “Algo estranho está acontecendo aqui. Você não pode negar isso. Algo que não seremos capazes de parar até sabermos com o que estamos lidando.”

O rosto de Jess se contorceu de indecisão enquanto ela olhava para a caixa. Quando se decidiu, ela tomou um gole de vinho e disse: “Tudo bem. Vamos fazer isso."

O tabuleiro Ouija era mais antigo do que eu esperava inicialmente. Muito diferente daquele que eu usava quando era adolescente, quando meus amigos e eu ficávamos chapados e tentávamos assustar uns aos outros. Para começar, era um tabuleiro de verdade. Madeira maciça que bateu na mesa quando a tirei da caixa.

O verniz deu à madeira um tom laranja. Pintadas nele havia duas fileiras de letras, formando um arco uma sobre a outra como um arco-íris duplo. Em linha reta abaixo deles havia números.

1234567890

Cada um dos cantos superiores continha uma única palavra. SIM no canto esquerdo, NÃO no direito. Duas palavras percorreram a parte inferior do quadro.

ADEUS

Assim como a prancha, a prancheta também era diferente da minha juventude. Não era de plástico, mas de marfim verdadeiro, com uma extremidade afilada até uma ponta.

Acendi uma vela, coloquei-a sobre a mesa e apaguei as luzes da cozinha.

“Romântico”, Jess comentou.

“Você pode, por favor, levar isso a sério?”

“Honestamente, Ewan, acho que não consigo.”

Sentamo-nos frente a frente, tomando lados opostos do tabuleiro. Em seguida, colocamos nossos dedos na prancheta, prontos para começar.

“Existe um espírito presente?” Eu disse, dirigindo-me à área acima da mesa da cozinha.

A prancheta não se mexeu.

— perguntei novamente, desta vez entoando as palavras como um médium faria nos filmes. “Existe um espírito presente?”

A prancheta começou a se mover lentamente – um deslizamento trêmulo pelo quadro até a palavra no canto superior direito.

NÃO

Olhei para Jess do outro lado da mesa, que mal conseguia conter o riso. “Sinto muito”, disse ela. “Eu não pude evitar.”

“Por favor, mantenha a mente aberta”, implorei. “Pelo bem de Maggie.”

Jess ficou séria com a menção de nossa filha. Ela sabia tão bem quanto eu que isso era sobre Maggie. Se houvesse fantasmas em Baneberry Hall, só ela poderia vê-los. O que significava que ela continuaria fazendo isso até eles partirem.

“Eu vou”, disse ela. "Promessa."

Mais uma vez perguntei se um espírito estava presente. Desta vez, a prancheta deu um pulo para frente – com tanta força que pensei que ela fosse escorregar completamente para fora dos meus dedos. Eles permaneceram com ele, porém, seguindo até a palavra no canto superior esquerdo.

SIM

“Você precisa ser mais sutil do que isso”, eu disse a Jess. “Pare de forçar.”

"Você está forçando."

Olhei para o quadro, onde a prancheta continuava circulando SIM, embora meus dedos mal a tocassem. Foi o mesmo com Jess. Seu toque era tão leve que parecia que seus dedos pairavam sobre o marfim.

Um calafrio entrou na cozinha – uma queda repentina de temperatura que senti nos ossos. Eu não sentia tanto frio desde a noite em que ouvi pela primeira vez a música vinda do terceiro andar. Quando exalei, vi minha respiração.

Tremendo, cuspi outra pergunta antes que a prancheta parasse de se mover.

“Espírito, você já morou em Baneberry Hall?”

A prancheta continuou a circular a palavra.

SIM

“Espírito, qual é o seu nome?”

A prancheta estremeceu novamente. Tão rápido que Jess engasgou audivelmente. Fiquei olhando para ela, estupefata, enquanto ela se movia aparentemente sozinha até uma carta no centro do quadro.

C

Então outro.

você

E outro.

R

“É este o espírito de Curtis Carver?” Perguntei.

A prancheta deu outra guinada para o SIM no canto superior esquerdo. Do outro lado da mesa, Jess me lançou um olhar preocupado. Ela estava prestes a tirar os dedos da prancheta, mas balancei a cabeça, pedindo-lhe que os mantivesse ali.

"Curtis, você também é quem minha filha chama de Senhor Shadow?"

A prancheta continuou circulando.

SIM

“Nossa filha disse que você falou com ela”, eu disse. "Isso é verdade?"

Mais investidas e círculos se seguiram em torno da palavra.

SIM

“Você tem algo a nos dizer?”

A prancheta deslizou rapidamente de volta para a letra C. Seguiram-se seis outras letras, a prancheta se movendo com tanta força que eu podia ouvi-la arranhando o tabuleiro. Jess e eu mantivemos nossos dedos em cima dele, nossos pulsos balançando para frente e para trás com cada letra.

A

Então R.

Então E.

Então F.

Então você

Então L.

"Cuidadoso?" Eu li em voz alta.

A prancheta disparou de volta para o SIM, tocando-o brevemente antes de retornar ao duplo arco-íris de letras e soletrar a mesma palavra.

CUIDADOSO

"O que isso significa?" Perguntei.

A prancheta nunca parava de se mover, repetindo o padrão de sete letras mais três vezes.

CUIDADOSO
CUIDADOSO
CUIDADOSO

Assim que a ponta estreita da prancheta atingiu o L final, ela balançou para a parte inferior do tabuleiro em um movimento brusco.

ADEUS

O frio saiu da cozinha. Eu senti isso passar – um aquecimento instantâneo.

"O que diabos aconteceu?" Jess perguntou.

Eu não sabia. Nem tive tempo de pensar nisso, pois naquele momento um grito perfurou o silêncio da casa.

Maggie.

Fazendo o mesmo lamento de sereia que ela soltou durante a festa do pijama.

Jess e eu corremos escada acima, subindo os dois degraus até chegarmos ao segundo andar e ao quarto de Maggie. Mais uma vez, ela ficou de pé na cama, gritando na direção do armário.

Suas portas estavam abertas.

“Senhor Sombra!” ela chorou. "Ele esteve aqui!"

Dezessete

Depois de sair do consultório do Dr. Weber, volto para Maple Street em busca da biblioteca pública de Bartleby. A menção do médico à história de Baneberry Hall além da família Carver me deixou curioso para saber mais. Como um benefício adicional, isso vai tirar minha mente do Senhor Shadow. Algo que preciso desesperadamente. Anseio pela camaradagem tranquila que só uma biblioteca pode proporcionar.

Exceto que a biblioteca de Bartleby não existe mais – um fato que descubro quando entro em um salão de beleza para pedir informações.

"Isso fechou há anos", diz o cabeleireiro, sem olhar tão sutilmente para minhas pontas duplas. "Houve um incêndio que destruiu quase tudo. A cidade votou pela não reconstrução."

Agradeço a ela e sigo em frente, recusando sua oferta de corte. Sem uma biblioteca, só há outro lugar que conheço para obter informações: a Bartleby Gazette.

A sede do jornal está localizada em um prédio comercial despretensioso no extremo sul da Maple Street. Do lado de fora, uma caixa de jornais exibe a última edição. A manchete que aparece na primeira página está em letras tão ousadas que praticamente gritam.

CORPO ENCONTRADO NO BANEBERRY HALL

Se a manchete de cada artigo era tão sensacional, não é de admirar que Allie estivesse preocupada. Eu também ficaria alarmado.

Um subtítulo fica abaixo do título principal, não tão grande, mas igualmente intrigante.

Restos mortais descobertos em casa notória, supostamente menina desaparecida há 25 anos.

Incluídas no artigo, escrito por ninguém menos que Brian Prince, estão três fotos. Uma delas é uma imagem de arquivo do Baneberry Hall, provavelmente tirada na época do lançamento do livro. As outras duas são a

foto antiga do autor do meu pai e uma foto desbotada de Petra Ditmer no anuário.

Ver aquela primeira página me faz detestar entrar no escritório. Mas a triste verdade é que preciso mais de Brian Prince do que ele de mim. Então entrei, encontrando-me em um escritório que parece menos um jornal em funcionamento e mais um hobby. Um solitário. A redação, se é que se pode chamar assim, está cheia de mesas vazias sobre as quais ficam computadores provavelmente não utilizados desde o governo Clinton.

Sentada em frente à porta da frente está uma recepcionista que parece uma avó com a tigela de rebuçados necessária. Quando ela me vê, sua boca forma um O tenso de surpresa. "Senhor. Príncipe é—”

Eu a acalmo com a mão levantada. “Ele vai querer falar comigo.”

Ao ouvir minha voz, Brian coloca a cabeça para fora de um escritório claramente marcado como EDITOR. “Maggie”, ele diz. “Isso é certamente uma surpresa.”

Eu não posso discutir isso. Fico tão surpreso quanto ele, especialmente quando digo: “Preciso da sua ajuda”.

O sorriso malicioso de Brian é mais brilhante do que sua gravata borboleta. "Com o que?"

“Quero pesquisar seus arquivos.”

“Tudo o que a Gazette publicou nos últimos vinte anos está arquivado online”, diz ele, sabendo muito bem que não é isso que procuro.

Nós nos encaramos por um momento – um confronto silencioso. Eu pisco primeiro. Eu não tenho muita escolha.

“Ajude-me e lhe darei uma entrevista exclusiva”, digo. “Nada está fora dos limites.”

Brian finge que está pensando, embora já esteja decidido. O brilho implacável em seus olhos denuncia isso.

“Siga-me”, ele diz.

Sou levado a uma porta no canto traseiro da redação. Além dele há um pequeno corredor e uma escada que dá acesso ao porão.

“Este é o necrotério”, anuncia Brian enquanto descemos as escadas. “Todas as nossas edições antigas estão aqui. Cada um."

Ele acende um interruptor de luz quando chegamos ao porão, iluminando uma sala do tamanho de um trailer duplo. Ao longo das duas paredes mais longas há fileiras de prateleiras de metal. Volumes

encadernados os preenchem, cada um com a altura e a largura de uma página de jornal. Impressos nas lombadas estão os anos de publicação, começando em 1870.

Vou direto para aquele marcado com 1889. O ano em que Indigo Garson morreu.

“Que outros anos você está procurando?” Brian diz.

Já li o Livro tantas vezes que consigo recitar todas as datas que meu pai mencionou. Brian coleciona todos eles. Cinco volumes de quatro décadas diferentes – uma carga que o deixa com o rosto vermelho e bufando.

“Quando vamos fazer essa entrevista?” ele diz enquanto os coloca em uma mesa de metal no outro extremo do necrotério.

Sento-me e abro o primeiro volume – 1889. "Agora."

Enquanto Brian Prince, claramente perturbado, corre escada acima para pegar uma caneta e um caderno, folheio exemplares frágeis de jornais cem anos mais velhos do que eu. Como o Gazette sempre foi um jornal semanal, não demorei muito para encontrar um artigo sobre Indigo Garson — A CIDADE LORA A HEIRESS DE GARSON.

Fico irritado com as muitas indignidades e implicações da manchete. Aquela herdeira tinha um nome e teria sido decente da parte deles usá-lo. Depois, há como a manchete desvia o foco de Indigo e o direciona para Bartleby, como se um jovem morto de dezesseis anos não importasse tanto quanto a dor da cidade.

O artigo é igualmente frustrante. Revela poucos detalhes sobre como Indigo Garson morreu, mas faz muito esforço para mencionar que seu pai permaneceu trancado em seu quarto, inconsolável. A essência da história só chega algumas edições depois, com o relato chocante de que uma empregada de Baneberry Hall alegou ter visto William Garson levar as frutas homônimas da casa para sua filha. Duas semanas depois disso foi a manchete que meu pai mencionou no Livro.

GARSON CONSIDERADO INOCENTE NA MORTE DA FILHA

Ele não estava mentindo. Tudo isso era verdade.

Já estou passando para o próximo volume – 1926 – quando Brian retorna ao necrotério. Apoiando-se em uma prateleira com sua caneta e caderno, ele diz: “Você está pronto para começar?”

Concordo com a cabeça enquanto folheio páginas cheias de anúncios de chapéus femininos, carros Modelo T e os últimos filmes em exibição no

Teatro Bijou da cidade. Só em maio é que vejo um artigo sobre um membro da família Garson morto em um acidente de carro.

Verdade número dois.

“Você acha que seu pai matou Petra Ditmer?” Brian pergunta.

"Espero que ele não tenha feito isso."

“Mas você acha que foi ele?”

“Se eu fizer isso, você será o primeiro a saber.” Abro os jornais coletados de 1941. “Próxima pergunta.”

“Você acha que a morte de Petra foi o motivo pelo qual sua família deixou Baneberry Hall tão de repente?”

"Talvez."

Encontro o artigo sobre o afogamento na banheira que ocorreu naquele ano. Uma terceira verdade. O quarto e o quinto chegam alguns minutos depois, enquanto examino os volumes de 1955 e 1956. Dois hóspedes da pousada morreram, um em cada um desses anos.

Enquanto isso, Brian Prince continua me fazendo perguntas. “Você conhece outro motivo pelo qual você e sua família fugiram de casa?”

“Era mal-assombrado”, digo enquanto pego os papéis de 1974. “Ou foi o que me disseram.”

Acabei de encontrar o artigo que estava procurando — QUEDA FATAL NO BANEBERRY HALL — quando Brian bate a página com a palma da mão aberta, bloqueando minha visão. Não importa. Só de ver a manchete confirma que meu pai não estava mentindo sobre nenhuma das mortes em Baneberry Hall.

“Você não está cumprindo sua parte no nosso acordo”, diz ele.

“Você está me entrevistando, não está?”

“Não é uma entrevista se você se recusar a responder às minhas perguntas.”

Levanto-me e saio da mesa, indo para outra prateleira de volumes de jornais. “Estou respondendo a eles. Eu realmente espero que meu pai não tenha matado Petra Ditmer. E, sim, talvez a morte dela tenha sido o motivo de termos partido. Se você quiser detalhes, precisará conversar com outra pessoa.”

“Apenas me dê algo que eu possa usar na edição da próxima semana”, diz Brian enquanto me segue até uma fileira de volumes encadernados que abrangem duas décadas atrás. “Uma citação legítima.”

Pego mais dois volumes, um de vinte e cinco anos atrás, outro do ano anterior, e os carrego de volta para a mesa.

“Aqui está a sua citação: como todos em Bartleby, estou chocado e triste com a recente descoberta dentro do Baneberry Hall. Minhas mais profundas condolências vão para a família de Petra Ditmer.”

Enquanto Brian anota em seu caderno, abro o volume do ano em que minha família fugiu de Baneberry Hall. O artigo sobre nossa partida é fácil de encontrar – está estampado na primeira página da edição de 17 de julho.

A ASSOMBRO DE BANEBERRY HALL

Temendo por suas vidas, os novos proprietários fogem da propriedade histórica.

A história que deu início a tudo.

Eu já vi isso antes, é claro. As digitalizações do artigo estão por toda a Internet. Aquela manchete de tablóide e a foto de Baneberry Hall – assustadoramente semelhante à que está atualmente na primeira página do Gazette – foram preservadas para sempre.

O mesmo aconteceu com o nome do homem que o escreveu.

“Ainda é meu melhor momento”, diz Brian Prince enquanto espia por cima do meu ombro para ver sua assinatura.

“E a mais sombria da minha família”, respondo.

Li o artigo provavelmente pela centésima vez, imaginando como teria sido minha vida se ele nunca tivesse sido escrito. Eu teria tido uma infância mais normal, isso é certo. Não seja um pária. Nada de ser provocado e atormentado. Nenhum maluco gótico tentando fazer amizade comigo porque eles erroneamente pensaram que eu era um deles.

Talvez eu tivesse me tornado o escritor que meu pai queria que eu fosse. Nenhum artigo significaria nenhum livro, e foi isso que me afastou da profissão em primeiro lugar.

E talvez meus pais tivessem permanecido felizes no casamento, nossa família intacta, minhas férias e verões não passados sendo transportados tensamente de uma casa para outra.

Mas o artigo existe. Desejar o contrário não mudará isso. Até o dia da minha morte, estarei associado ao meu pai e ao que ele alegou ter acontecido em Baneberry Hall.

Paro em uma citação escolhida que ele deu a Brian.

“As pessoas vão rir”, disse ele. “As pessoas vão nos chamar de loucos. Mas tenho certeza de que há algo naquela casa, algo sobrenatural, que nos quer mortos.

Ao lê-lo, não consigo deixar de pensar na minha conversa com o Dr. Weber. Ela estava convencida de que eu estava dizendo a verdade. Que acreditei no que vi dentro daquela casa.

Algo estava assombrando você.

Bato o volume, não querendo mais ler aquele artigo, embora provavelmente consiga recitá-lo de memória.

Pego o segundo livro que tirei da estante. O ano passado.

Novamente, não é difícil localizar o artigo que desejo. Eu também conheço essa data. Quando chego lá, a primeira coisa que vejo é uma manchete brutal em sua simplicidade.

ASSASSINATO-SUICÍDIO NO BANEBERRY HALL

Abaixo está uma fotografia de toda a família Carver – uma visão regular durante minha obsessiva pesquisa adolescente no Google. Só que desta vez fiquei impressionado com o quão parecidos os Carvers eram com a minha família. Basta alterar um pouco os rostos e eu poderia estar olhando para uma foto minha e dos meus pais durante nosso tempo em Baneberry Hall.

Mas o verdadeiro choque surge quando vejo a assinatura que acompanha o artigo.

Brian Príncipe.

Duas famílias com duas experiências muito diferentes no Baneberry Hall. E Brian escreveu sobre os dois.

Viro-me para o repórter que ainda está atrás de mim. A entrevista está prestes a ser retomada. Só agora serei eu quem fará as perguntas.

10 DE JULHO

Dia 15

Jess enfiou o tabuleiro Ouija na lata de lixo, fingindo enfiá-lo mais fundo no lixo que já estava dentro da lata de lixo. Ela cobriu com os restos do nosso café da manhã: aveia líquida, ovos mexidos e migalhas de torrada raspadas dos pratos.

“Acabamos com isso, Ewan”, disse ela. “Chega de falar de fantasmas. Chega de falar com fantasmas. Chega de fingir que não há uma explicação lógica para tudo isso.”

“Você não pode negar o que está acontecendo”, eu disse.

“O que está acontecendo é que nossa filha agora passa todo o tempo nesta casa aterrorizada.”

Isso eu não poderia discutir. Passamos a maior parte da noite consolando Maggie, que se recusou a voltar para o quarto. Entre crises de choro e crises de pânico, ela nos contou que estava dormindo quando as portas do armário se abriram. Então o Senhor Shadow saiu dela, sentou-se na beira da cama e disse que ela iria morrer em breve.

A história nunca mudou, não importa quantas vezes ela a contasse.

Minha reação foi ficar mais preocupada do que nunca. Eu estava convencido de que alguma forma de entidade fantasmagórica estava ocupando nossa casa e temia pela segurança de nossa filha.

Jess teve uma reação diferente: negação.

“Você não pode continuar pensando que tudo isso é real”, disse ela enquanto se preparava para um dia de trabalho quase sem dormir. “Até você parar, Maggie continuará pensando que o Senhor Shadow é real.”

“Mas ontem à noite...”

“Nossas mentes estavam pregando peças em nós!” Jess gritou, sua voz ecoando nas paredes da cozinha.

“Nossas mentes não mudaram essa coisa completamente.”

“Éramos nós, Ewan. Especificamente você. Eu não sou um idiota. Eu sei como funcionam os tabuleiros Ouija. É tudo uma direção sutil e poder de persuasão. Tudo escrito naquele quadro era exatamente o que você queria ver.”

Jess estava errada sobre isso. Eu não queria nada disso. Mas estava acontecendo de qualquer maneira. Por exemplo, quando ela e Maggie conseguiram adormecer, enroladas juntas na nossa cama, fiquei acordado, ouvindo. Primeiro veio um som familiar no corredor.

Toque-toque-toque.

Foi seguido por um trecho de música do estudo acima.

“Você tem dezesseis anos, indo…”

A música foi então interrompida pelo barulho que sempre chegava às 4h54.

Baque.

Esses sons eram reais. Eles estavam acontecendo. E eu precisava de respostas sobre o que estava acontecendo e como impedir isso.

“Não podemos ignorar isso”, eu disse. “Não temos escolha.”

Jess tomou um gole de café com raiva e olhou para a caneca cerrada em sua mão.

“Sempre há uma escolha”, disse ela. “Por exemplo, posso optar por ignorar minha vontade de jogar esta caneca na sua cabeça. Essa seria a coisa racional a fazer. Isso manteria a paz e evitaria uma grande bagunça que um de nós teria que limpar. É assim que quero lidar com esta situação. Mas você continuar pensando que esta casa é mal-assombrada seria assim.”

Sem aviso, ela jogou a caneca em frustração. Ele navegou pela sala, deixando um rastro de café antes de explodir contra a parede.

“A escolha é sua”, disse ela. “Mas você pode ter certeza de que, se for o errado, não vou ficar por aqui para ajudá-lo a limpar a bagunça.”

• • •

Jess foi trabalhar. Limpei a caneca quebrada e os respingos de café. Eu tinha acabado de jogar os cacos de vidro no lixo, até então sem sorte, quando os sinos na parede começaram a tocar.

Quatro deles.

Não de uma vez, mas individualmente.

Primeiro foi a Sala Indigo. Nenhuma surpresa aí. Sempre foi o mais ativo.

Em seguida vinha o quinto sino da primeira fileira da parede – a grande sala.

Depois disso veio o último sinal da primeira fila, que tocou duas vezes. Dois repiques curtos em rápida sucessão.

O último sino a tocar foi o único repique da segunda fila. O terceiro sino da esquerda.

O toque continuou dessa maneira. Quatro sinos tocando um total de cinco vezes. Repetindo-se em um padrão distinto. Depois de observar a mesma combinação de sinos, comecei a suspeitar que não se tratava apenas de um toque fantasmagórico aleatório.

Parecia um código. Como se os sinos — ou o que quer que os estivesse controlando — estivessem tentando me dizer alguma coisa.

Retirei o tabuleiro Ouija do lixo, limpando uma mancha teimosa de aveia antes de colocá-lo na mesa da cozinha. Enquanto os sinos continuavam com seu padrão insistente, estudei o tabuleiro à minha frente. Percebi que se atribuísse uma letra a cada sino, talvez conseguisse decifrar o que os sinos tentavam dizer.

Um tabuleiro Ouija do tamanho de uma parede.

Comecei com o primeiro sino da primeira fila. Esse era A. Continuei combinando os sinos com as letras da primeira linha, que terminava em L. Depois comecei na segunda linha, começando com M. A única desvantagem nessa minha teoria era que o alfabeto tem vinte e seis letras mas a parede tinha apenas vinte e quatro sinos. Para resolver esse problema, atribuí ao último sino da segunda linha as três últimas letras do alfabeto.

XYZ

Eu não tinha garantia de que funcionaria. Presumi que não. Era ridículo pensar que um fantasma estava soletrando palavras para eu decodificar. Por outro lado, também era ridículo acreditar em fantasmas. Como já havia superado essa impossibilidade há muito tempo, decidi manter a mente aberta.

O primeiro sinal tocou. Oitavo da esquerda na primeira linha.

H

O segundo sino também estava na primeira fila, cinco pontos à esquerda.

E

Em seguida veio a campainha que sempre tocava duas vezes. Último da primeira linha.

LL

Quando o único sino da segunda fileira tocou, eu já havia combinado a campainha com a letra correspondente, soletrando a palavra completa.

OLÁ

"Olá?" Eu disse, ignorando o fato absurdo de que não só eu estava certo sobre um espírito soletrando palavras, mas agora também estava falando em voz alta com esse espírito. "Quem é?"

Os sinos tocaram novamente, desta vez com uma configuração diferente.

Terceiro da esquerda na primeira linha.

C

Quarto da direita na segunda fila.

você

Vários sinos continuaram a tocar, soletrando o nome que eu já suspeitava.

CURTIS CARVER

"Curtis, você falou com minha filha ontem à noite?"

O último sino da segunda fila tocou. Seguiram-se mais dois, um no primeiro e outro no segundo.

SIM

“Você disse a ela que ela iria morrer aqui?”

Os mesmos três sinos tocaram na mesma ordem.

SIM

Tomei um gole, me preparando para a pergunta que não queria fazer, mas precisava fazer.

"Você planeja matar minha filha?"

Houve uma pausa que pode ter durado apenas cinco segundos, mas pareceu uma hora. Durante esse tempo, pensei no que Curtis Carver tinha feito à filha. O travesseiro sobre o rosto enquanto ela dormia. Deve ter sido horrível para ela se ela acordasse, e tenho certeza de que antes do fim chegar, Katie Carver acordou. Imaginei a mesma coisa acontecendo com Maggie e entrei em pânico.

Então uma campainha tocou.

Segunda linha.

Não no final, mas do outro lado, o segundo da esquerda.

N

O sino imediatamente à sua direita tocou em seguida.

Ó

Exalei – um longo e pesado suspiro de alívio, no qual outra pergunta me ocorreu. Um que eu nunca havia considerado porque pensei que sabia a resposta antes mesmo de nos mudarmos para Baneberry Hall. Mas depois de ver aqueles dois sinos cantando, comecei a duvidar que o que me disseram fosse verdade.

“Curtis”, eu disse. "Você matou sua filha?"

Novamente houve uma pausa. Então dois sinos tocaram – os últimos sons que qualquer um deles faria durante o resto do dia. Mas foi o suficiente. A resposta de Curtis Carver foi absolutamente clara.

NÃO



Dezoito

Eu não sabia que você escreveu o artigo original sobre Curtis Carver", digo.

"Eu fiz." Brian Prince sorri de um jeito que faz meu estômago revirar. Ele está orgulhoso desse fato. "Foi minha primeira grande história."

Volto meu olhar para o artigo, preferindo a foto da família Carver à presunção mórbida de Brian. "Quanto você se lembra daquele dia?"

"Muito", diz Brian. "Como eu disse, eu era bastante novo no Gazette, embora tenha morado em Bartleby a vida toda. O papel era maior naquela época. Todo jornal era maior naquela época. Como muitos dos repórteres mais velhos e veteranos ainda estavam por aí, fui relegado a pedaços fofos. Exposições caninas e concursos de panificação. Entrevistei Marta Carver alguns dias antes do assassinato. Ela me levou para conhecer Baneberry Hall e me contou todas as coisas que planejava fazer com o lugar. Eu queria fazer uma história semelhante com sua mãe, mas sua família não esteve lá por tempo suficiente para que eu tivesse a chance."

"Suponho que você não viu nenhum fantasma em sua turnê", digo.

"Nenhum. Agora isso teria sido uma história.

"Como era Marta Carver quando você a entrevistou?"

"Ela era legal. Amigável. Falante. Ela parecia feliz. Brian faz uma pausa, um olhar pensativo tomando conta de suas feições. Pela primeira vez hoje, ele parece quase humano. "Penso muito naquele dia. Como pode ter sido um dos últimos dias felizes que ela já teve."

"Ela nunca se casou novamente? Ou teve outro filho?

Brian balança a cabeça. "Ela nunca saiu da cidade, o que surpreendeu a todos. A maioria das pessoas pensava que ela se mudaria para algum lugar onde ninguém soubesse quem ela era ou o que havia acontecido com ela."

"Por que você acha que ela ficou?"

"Ela estava acostumada com a cidade, eu acho", diz Brian. "Katie está enterrada no cemitério atrás da igreja. Talvez ela tenha pensado que, se se

mudasse, deixaria a filha para trás.”

Olho para a foto na página à minha frente: Curtis Carver afastado da família. "Curtis não foi enterrado com ela?"

“Ele foi cremado. A pedido da Marta. O boato é que ela jogou as cinzas dele no lixo.”

A urna que contém as cinzas do meu pai está no fundo de um armário no meu apartamento em Boston, ainda na caixa que a funerária me entregou quando saí do serviço fúnebre. O plano era espalhá-los no porto de Boston em algum momento deste verão. Se ficar provado que ele matou Petra Ditmer, posso abandonar essa ideia e seguir o exemplo de Marta Carver.

“Deve ser difícil para ela”, eu digo. “Mesmo todos esses anos depois.”

“Toda cidade tem aquela pessoa a quem algo ruim aconteceu. Aquele que todo mundo tem pena”, diz Brian. “Em Bartleby, essa é Marta Carver. Ela lida com isso com dignidade. Eu vou dar isso a ela. O que ela suportou teria esmagado a maioria das outras pessoas, e a cidade a admira por isso. Especialmente agora."

É algo em que eu não tinha pensado: como as notícias atuais sobre Baneberry Hall também afetam Marta Carver. Outra menina morta foi descoberta na mesma casa onde sua própria filha morreu. Isso deve trazer à tona muitas lembranças ruins.

“Meu pai escreveu que ela deixou a maior parte de seus pertences dentro de Baneberry Hall”, digo. "Isso é verdade?"

“Provavelmente”, diz Brian. “Ela nunca mais voltou para aquela casa, eu sei disso. Depois de encontrar o marido e a filha mortos, Marta chamou a polícia histérica. Quando os policiais chegaram lá, encontraram-na atordoada na varanda da frente e a levaram para o hospital. Uma de suas amigas me disse que desde então ela nunca mais pôs os pés em Baneberry Hall.

Inclino-me, aproximando-me da foto, estudando o rosto de Marta Carver. Não há muito para ver. Suas feições estão borradas. Nada além de pontos de tinta envelhecida. Mas ela tem uma história para contar.

“Preciso ir”, anuncio enquanto me levanto da mesa, deixando para trás todos os volumes encadernados de jornais do passado. "Obrigado pela ajuda."

“Obrigado pela entrevista”, diz Brian, colocando aspas no ar ao redor da palavra para enfatizar seu sarcasmo.

Finjo não notar. Eu tenho um problema mais urgente. Um que eu esperava evitar. Mas não há como escapar disso.

Preciso falar com Marta Carver.

Sobre Baneberry Hall.

E como suspeito que a história dela esteja mais próxima da do meu pai do que qualquer um imagina.

Como é hora do almoço, há muitas pessoas por aí. Um homem entra no restaurante de sushi na Maple Street enquanto, ao lado, uma mulher sai do restaurante vegetariano com várias sacolas de comida para viagem. Mas é a padaria de Marta Carver que mais chama a atenção. Do lado de fora, as pessoas lotam as mesas dos cafés, verificando seus telefones enquanto tomam café gelado. Lá dentro, uma fila se forma logo além da porta e serpenteia pela parede de pássaros.

Quando chega a minha vez no balcão, Marta me cumprimenta com a mesma formalidade educada de antes. "O que posso oferecer para você, senhorita Holt?"

Ocorre-me que deveria ter elaborado um plano antes de vir para cá. Ou pelo menos pensou em algo para dizer. Em vez disso, tudo que faço é hesitar sem jeito antes de dizer: “Estava me perguntando se poderíamos conversar. Em algum lugar privado.

Não digo a ela exatamente sobre o que quero conversar e Marta não pergunta. Ela já sabe. A grande questão é se ela concordará com isso. O Livro deu a ela todos os motivos para dizer não. É por isso que fico surpreso quando ela acena rapidamente com a cabeça.

"Gostaria disso."

"Você poderia?"

Devo parecer tão surpreso quanto me sinto, pois Marta diz: “Somos muito parecidos, Maggie. Nós dois fomos definidos por Baneberry Hall.”

O convidado na fila atrás de mim pigarreia, anunciando sua impaciência.

“Eu deveria ir,” eu digo. “Posso voltar mais tarde. Depois que a padaria fechar.”

“Eu irei até você”, responde Marta. “Afinal, eu conheço o caminho. Além disso, já é hora de encarar aquele lugar novamente. Vou me sentir melhor sabendo que você está aí comigo.

Saio da padaria aliviada. Foi melhor do que eu esperava.

Também me sinto feliz por, após minha saída repentina da redação do Gazette, Brian Prince não ter decidido me seguir. Ele teria tropeçado em outra história enorme se tivesse.

Marta Carver está prestes a retornar ao Baneberry Hall.

11 DE JULHO

Dia 16

Depois que Jess saiu para o trabalho naquela manhã, convenci Petra Ditmer a tomar conta de Maggie por algumas horas. Ela estava relutante em fazer isso. Compreensível, considerando o que aconteceu na última vez que ela esteve em Baneberry Hall. Ela concordou somente depois que eu dobrei sua taxa habitual de participação.

Com Petra cuidando de Maggie, fui até a padaria de propriedade de Marta Carver, no centro da cidade. Encontrei-a atrás do balcão, onde ela esboçou um sorriso educado e disse: “Como posso ajudá-lo, Sr.

“Preciso conversar”, eu disse.

Marta acenou com a cabeça em direção ao cliente que estava atrás de mim. “Sinto muito, mas estou muito ocupado no momento.”

“É importante”, eu disse. “É sobre o seu tempo no Baneberry Hall.”

“Eu realmente não gosto de falar sobre esse lugar.”

Seus ombros estavam caídos, como se ela estivesse literalmente sobrecarregada pela dor. Eu queria deixá-la em paz. Ela já tinha problemas suficientes e eu não estava ansioso para acrescentá-los. Foi apenas a minha necessidade de saber mais sobre o que estava acontecendo em Baneberry Hall que me manteve falando.

“Estou preocupado com minha filha”, eu disse. “Ela está experimentando coisas. Coisas que estou tentando entender, mas não consigo.”

A coluna de Marta se endireitou de repente. Depois de olhar novamente para o cliente que esperava atrás de mim, ela sussurrou: “Encontre-me na biblioteca em dez minutos”.

Retirei-me para a biblioteca e esperei na sala de leitura. Marta chegou exatamente dez minutos depois, ainda de avental e com uma mancha de glacê no antebraço. Alguns pedaços de farinha polvilharam as lentes dos seus óculos, fazendo parecer que ela tinha acabado de correr no meio de uma tempestade de neve.

“Conte-me mais sobre sua filha”, disse ela. “O que ela está experimentando?”

“Ela está vendo coisas. Quando você e sua família moravam em Baneberry Hall, alguém testemunhou algo estranho?

“Estranho como?”

“Ocorrências incomuns. Ruídos inexplicáveis.

“Você está sugerindo que a casa é mal-assombrada?”

"Sim." Era inútil negar. Essa foi exatamente a minha sugestão. “Acho que existem entidades sobrenaturais dentro do Baneberry Hall.”

“Não, Sr. Holt”, disse Marta. “Nunca vi nada que sugerisse que havia fantasmas naquela casa.”

“E quanto a Katie e Curtis?”

Marta piscou com força ao ouvir a menção de sua família, como se seus nomes fossem uma lufada de ar contra a qual ela precisava se preparar.

“Acho que não”, disse ela. “Meu marido afirmou ter ouvido batidas no corredor à noite, mas eu tinha certeza de que eram apenas os canos. É uma casa antiga, como você bem sabe.

Presumi que fosse o mesmo som que ouvi no corredor.

Toque-toque-toque.

Eu pensei que fosse o espírito inquieto de Curtis Carver, mas o fato de ele também ter ouvido isso significava que era outra coisa. Ou outra pessoa. Porque eu ainda não achava que a culpa era dos canos.

“De volta à sua filha”, disse Marta. "Ela está doente?"

“Fisicamente, não. Mentalmente, talvez. Estava... — consegui me impedir de dizer o nome de Katie. Pela forma como Marta reagiu à primeira menção, achei melhor não fazer isso de novo. “Sua filha estava doente?”

“Ela estava doente, sim”, disse Marta. "Bastante. Fraqueza e náusea constantes. Não sabíamos o que estava causando isso. Nós a levamos a médico após médico, esperando que um deles pudesse nos dizer o que estava errado. Até fomos a um oncologista, pensando que poderia ser algum tipo de câncer.”

Ter um filho doente e não poder fazer nada a respeito é um pesadelo para qualquer pai. Eu já tinha experimentado o menor indício disso com Maggie e sua visita ao Dr. Weber. Mas o que Marta descreveu foi muito pior.

“Todos os testes deram negativo”, disse ela. “Katie era, pelo menos no papel, uma criança perfeitamente saudável. O mais próximo que chegamos de um possível diagnóstico foi a sugestão de um médico de que poderia haver mofo na casa. Algo a que ela era alérgica e que não afetou o resto de nós. Combinamos de testar a casa. Isso nunca aconteceu."

Ela não disse mais nada, deixando-me inferir o motivo disso.

“Entendo que seja extremamente difícil para você falar sobre isso”, eu disse. “Mas eu queria saber se você poderia me contar o que aconteceu naquele dia.”

“Meu marido assassinou minha filha e depois se matou.” Marta Carver me olhou bem nos olhos enquanto dizia isso, desafiando-me a me virar.

Eu não.

“Preciso saber como isso aconteceu”, eu disse gentilmente.

“Eu realmente não vejo como descrever o pior dia da minha vida irá ajudá-lo.”

“Não se trata de me ajudar”, respondi. “Trata-se de ajudar minha filha.”

Marta respondeu com um leve aceno de cabeça. Eu a convenci.

Antes de falar, ela se mexeu na cadeira e colocou as palmas das mãos contra a mesa. Toda emoção deixou seu rosto. Entendi o que ela estava fazendo: retirar-se para um lugar seguro enquanto contava a destruição de sua família.

“Encontrei Curtis primeiro.” Sua voz também mudou. Estava sem vida, quase frio. Outra técnica de enfrentamento. “Ele estava no terceiro andar. Naquele quarto dele. Uma caverna de homem. Foi assim que ele chamou. Não são permitidas meninas. Eu teria considerado ridículo se Baneberry Hall não fosse tão grande. Havia espaço suficiente para cada um de nós ter vários quartos.

“Naquela manhã, fui acordado por um barulho vindo da caverna humana de Curtis. Quando vi que o lado dele da cama estava vazio, fiquei imediatamente preocupado. Achei que ele poderia ter caído e se machucado. Subi correndo os degraus até o terceiro andar, sem perceber que a vida que conheci e amei estava prestes a acabar. Mas então vi Curtis no chão e soube que ele estava morto. Havia um saco de lixo sobre sua cabeça e um cinto em volta do pescoço, e ele não se movia. Nem um pouco. Acho que gritei. Eu não tenho certeza. Lembro-me de gritar para Katie ligar para o 911. Quando ela não respondeu, corri de volta para o segundo andar, gritando que ela precisava sair da cama, que eu precisava da ajuda dela, que ela não poderia em nenhuma circunstância suba para o terceiro andar.

“Eu realmente não pensei por que ela não estava respondendo até que eu estava a alguns centímetros da porta do quarto dela. Foi quando me dei conta. Que ela também estava morta. Eu sabia disso antes de chegar à porta. E quando o fiz, vi que era verdade. Ela estava deitada ali, tão imóvel. E um travesseiro...

A tristeza cortou sua voz como uma machadinha. A expressão de máscara em seu rosto se despedaçou. Em seu lugar havia uma combinação dolorosa de dor, tristeza e arrependimento.

“Não posso mais fazer isso”, disse ela. "Sinto muito, Sr. Holt."

“Sou eu quem está arrependido”, eu disse. “Eu não deveria ter insistido nisso.”

No entanto, havia mais uma coisa que eu precisava saber. Algo que relutei em perguntar porque sabia que só aumentaria a dor de Marta.

"Eu tenho uma última pergunta."

"O que é?" Marta respondeu com compreensível exasperação.

“Você disse que foi acordado por um som vindo do terceiro andar.”

"Sim. Percebi mais tarde que era o som do corpo de Curtis caindo no chão. Um baque alto e horrível.

“Você sabe que horas eram?”

“Olhei para o relógio quando percebi que Curtis não estava na cama. Eram quatro e cinquenta e quatro da manhã.

Eu já tinha assumido isso. Mesmo assim, isso não evitou o arrepio que senti em todo o corpo ao ouvi-lo.

Baneberry Hall se lembra, dissera Hibbs.

E assim aconteceu.

Lembrou-se de eventos importantes e os repetiu. O que eu estava tentando entender era por quê. Tinha que haver uma razão para eu ouvir aquele baque terrível lá em cima todas as manhãs. Assim como havia uma razão para o toque dos sinos e as visitas quase constantes de Maggie do homem que ela conhecia como Senhor Shadow.

Ele diz que vamos morrer aqui.

Vindo de segunda mão da minha filha, parecia uma ameaça. Que o espírito rebelde de Curtis Carver planejou nos fazer mal.

Então por que ele ainda não tinha feito isso? Em vez disso, ele continuou tentando se comunicar conosco. O que me fez pensar que ele não estava nos ameaçando.

Ele estava tentando nos avisar.

“Além das batidas que seu marido ouviu, houve mais alguma coisa que ele possa ter experimentado que fosse suspeita?” Perguntei a Marta.

“Eu já te disse que ele não fez isso”, disse ela.

“E ele nunca falou sobre se sentir desconfortável em casa?”

"Não."

“Ou que ele estava preocupado de alguma forma com a segurança da sua família?”

Marta cruzou os braços e disse: “Não, e eu agradeceria se você me contasse o que está sugerindo, Sr.

“Que outra pessoa – ou alguma outra coisa – matou seu marido e sua filha.”

Marta Carver não poderia ter ficado mais chocada se eu tivesse dado um tapa nela. Seu corpo ficou imóvel por um momento. Toda a cor desapareceu de seu rosto. Sua aparência era tão alarmante que fiquei com medo de que ela desmaiasse no meio da biblioteca. Mas então tudo se endireitou pouco antes de ela responder: "Como você ousa?"

“Sinto muito”, eu disse. “É que estou começando a suspeitar que o que aconteceu naquele dia não é o que você acha que aconteceu.”

“Não me diga o que eu sei e o que não sei sobre a destruição da minha família”, disse Marta com evidente desgosto. “Como você saberia melhor do que eu sobre o que aconteceu?”

Hesitei, sabendo que estava prestes a dizer algo que parecia colossalmente estúpido. Insano, até. Sem mencionar que sou completamente insensível à situação da mulher que estava sentada à minha frente.

"Seu marido me contou."

Marta saltou da cadeira como uma flecha. Ela olhou para mim, seu rosto contorcido tanto pela raiva quanto pela pena.

“Eu sabia que você era ingênuo, Sr. Holt”, disse ela. “Isso ficou claro no momento em que soube que você comprou o Baneberry Hall. O que eu não sabia, até agora, é que você também é cruel.

Ela virou as costas para mim e começou a andar. Longe da mesa, fora da sala de leitura e, finalmente, fora da biblioteca.

Permaneci à mesa, sentindo todo o peso e culpa das palavras de Marta. Sim, foi cruel da minha parte sobrecarregá-la com minhas perguntas. E, sim, talvez eu também tenha sido ingênuo quanto às intenções de Curtis Carver. Mas algo estava para acontecer em Baneberry Hall. Outro lembrando e repetindo. Ingênuo ou não, eu acreditava que Curtis Carver estava tentando nos salvar do mesmo destino que se abateu sobre sua família. Para evitá-lo, eu precisava saber quem era o responsável.

Depois de mais dez minutos de culpa e preocupação, saí da biblioteca. Ao sair, passei pela placa dedicada a William Garson e, em frente a ela, pelo retrato mais gentil e gentil do que aquele em Baneberry Hall.

Fazendo uma pausa na pintura, percebi que a aparência mais suave do Sr. Garson não era a única diferença entre os dois retratos.

Neste, segurado com a mão direita, havia uma bengala.

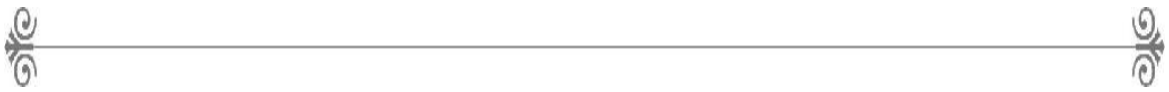
Eu me concentrei nisso, observando cada detalhe. O cajado de ébano. A alça prateada. A maneira firme como William Garson o agarrou, com os nós dos dedos entrelaçados, como se nunca tivesse planejado soltá-lo. Vê-lo me trouxe à mente um som que ouvi várias vezes nos dias anteriores.

Toque-toque-toque.

A frieza percorreu meu corpo. Tão gelado quanto na noite em que ouvi pela primeira vez o toca-discos.

Não, pensei. Você está sendo ridícula. O fantasma de William Garson não está perambulando por Baneberry Hall, sua bengala batendo para cima e para baixo nos corredores.

No entanto, o frio permaneceu comigo, mesmo quando saí para o calor de julho, o som das batidas ecoando em meus pensamentos durante todo o caminho para casa.



Dezenove

Marta Carver chega pouco antes do pôr do sol, com um sorriso tímido e uma torta de cereja.

“É da padaria”, explica ela. “Nós assamos fresquinhos todas as manhãs, então gosto de dar as sobras aos meus amigos.”

Aceito o presente inesperado, genuinamente emocionado. "Nós somos amigos?"

“Espero que possamos ser, Maggie. Nós temos...” Ela faz uma pausa, sem saber como vou reagir ao que está por vir. “Temos mais em comum do que a maioria.”

Presumo que isso signifique que ela acha que meu pai é culpado. Ela pode estar certa, embora eu esteja começando a duvidar disso. O fato de o Livro ter provado ser verdadeiro em quase todos os momentos sugere que outra pessoa causou a morte de Petra Ditmer.

Ou alguma outra coisa.

Algo que me assusta profundamente.

Se alguém tivesse me dito na semana passada que eu começaria a acreditar no Livro, eu teria dito que eles estavam loucos. Mas, pela primeira vez na vida, suspeito que meu pai sabia de algo que só agora estou prestes a compreender.

Espero que Marta Carver possa me ajudar a cruzar essa linha.

“Parece delicioso”, digo, olhando para a torta. “Entre e comeremos uma fatia.”

Marta não se mexe. Ela olha para a porta da frente do Baneberry Hall. Por trás dos óculos redondos, seus olhos ardem de medo. De uma forma que me causa culpa, ver sua apreensão me faz sentir melhor. Isso justifica meu próprio medo.

“Achei que poderia entrar lá”, diz ela. “Eu quero entrar lá. Para mostrar a esta casa que não tenho medo. Como você consegue fazer isso, Maggie?

“Eu disse a mim mesmo que o que aconteceu aqui não era real.”

“Eu não tenho esse luxo.”

“Então conversaremos aqui”, eu digo. “Apenas deixe-me levar isso para dentro.”

Levo a torta para a cozinha e volto com duas garrafas de cerveja. Embora eu não saiba se Marta bebe, está claro que ela precisa de algo para superar esta visita. De volta à varanda, ela aceita a garrafa e toma um gole hesitante. Observo os anéis em sua mão direita — um anel de noivado e uma aliança de casamento — e me lembro de como Brian Prince me disse que ela nunca se casou novamente. Só posso imaginar o quão solitária ela tem sido nos últimos vinte e cinco anos.

“Sinto muito por mais cedo”, diz Marta depois de outro gole de cerveja. “Achei que tinha coragem de entrar. Mas esta casa tem um poder para isso. Não consigo parar de pensar nisso, apesar de tudo que quero é esquecer tudo o que aconteceu aqui.”

Levanto minha cerveja em um brinde sombrio. “Eu conheço bem esse sentimento.”

“Achei que você faria isso”, diz Marta. “É por isso que fiquei feliz por você ter passado na padaria hoje. Na verdade, eu estava esperando por isso. Quase entrei em contato com você, mas depois de tudo o que aconteceu nos últimos dias, não sabia se você gostaria de conversar. Há muito o que discutir.”

“Vamos começar com meu pai”, eu digo.

“Você quer saber se aquele livro dele é verdadeiro. Pelo menos meu papel nisso.”

Marta me olha de soslaio, verificando se fico surpreso ao saber que ela leu o Livro. Eu sou.

“Eu li seguindo o conselho do meu advogado”, diz ela.

“A sua parte da história está correta?”

“Até certo ponto, sim. Eu me encontrei com seu pai, exatamente da mesma forma que acontece no livro. Ele veio à padaria e depois eu o encontrei na biblioteca.”

"O que você falou sobre?"

Marta segura a garrafa de cerveja com as duas mãos, apoiando-a no peito. Isso a faz parecer uma flor de parede em uma festa de fraternidade. Tímido e tímido. “Muito do que eventualmente acabou no livro. Nosso tempo em casa. O que aconteceu naquele dia horrível. Ele me disse que

estava trabalhando em um livro sobre Baneberry Hall, e foi por isso que concordei em conversar. Eu queria que ele soubesse a verdade. Fui muito honesto sobre tudo, desde a doença de Katie até como descobri os corpos dela e de Curtis."

"E toda aquela história de pensar que não foi seu marido quem fez isso?"

"Nunca discutimos isso", diz Marta. "Essa parte é inteiramente ficção."

Olho para minha garrafa de cerveja, envergonhada demais pelas ações de meu pai para olhar Marta nos olhos.

"Lamento que meu pai tenha feito isso. Foi errado da parte dele.

O que meu pai escreveu sobre Curtis Carver é uma das muitas razões pelas quais tenho lutado com o legado do Livro. Uma coisa é inventar uma história estranha e dizer que é real. Os tablóides fazem isso toda semana. Reescrever a história de outra pessoa não é tão fácil de ignorar. Ao afirmar abertamente que Curtis Carver não matou a filha nem a si mesmo, meu pai distorceu a verdadeira tragédia de Marta até que ela começou a parecer ficção. O fato de ela estar aqui agora mostra um nível de perdão que não tenho certeza se possuo.

É por isso que me dói tanto pensar que agora há um indício de verdade no que meu pai escreveu. Não apenas sobre Baneberry Hall ser assombrado.

Sobre tudo.

Não é seguro lá. Não para você.

"Meu pai alguma vez mencionou fantasmas?" Eu digo.

"Claro", diz Marta. "Até então, a história da sua família já estava em todos os noticiários."

"Vocês dois não conversaram até sairmos de Baneberry Hall?"

"Isso foi cerca de duas semanas depois", diz Marta. "Lembro porque era a única coisa que as pessoas falavam quando vinham à padaria. Eles temiam que eu estivesse angustiado por ver tanto Baneberry Hall no noticiário."

"Você estava?"

"No começo", ela admite. "Mas também estava curioso para saber o que sua família viveu aqui."

"Por que?"

"Porque não me surpreenderia se este lugar fosse mal-assombrado." Marta sai da varanda para olhar para o exterior do Baneberry Hall. Um reflexo da casa preenche as lentes dos seus óculos, escondendo a

curiosidade assustadora que tenho certeza que está em seus olhos. “Eu não acredito em fantasmas. Mas esta casa... e o que aconteceu aqui... bem, isso poderia me fazer mudar de ideia.

Permaneço na varanda, observando-a observar Baneberry Hall. O que preciso perguntar a seguir é um momento decisivo. Algo que poderia fazer com que Marta Carver pensasse que sou exatamente como meu pai.

Cruel.

“Você já se perguntou, mesmo que por um segundo, se meu pai estava certo?” Eu digo. “Sobre aquelas coisas que ele sugeriu no Livro. E se o seu marido não matou a sua filha?

Espero que Marta fique com raiva. Ela acaba sendo o oposto. Voltando para a varanda, ela me puxa para um abraço forte.

“Oh, Maggie, eu sei o que você está sentindo agora. Eu também estive lá. Querer acreditar em qualquer coisa além do que está bem na sua frente. Durante meses - até anos - eu alimentei essa esperança de que Curtis não tivesse feito isso. Que ele não poderia ter sido tão monstro. Mas ele fez isso, Maggie.

“Como você tem tanta certeza?”

“Ele deixou um bilhete”, diz Marta. “Ficou fora do boletim oficial da polícia, por isso não apareceu em nenhuma matéria sobre o crime. Curtis sofria de depressão, da qual não se falava tanto na época como agora. A doença de Katie o deixou em uma espiral. Ele escreveu que não aguentava mais. Que tudo o que ele queria era acabar com o sofrimento que ele e Katie estavam enfrentando. A polícia confirmou que era a letra dele e as evidências forenses provaram que ele matou Katie e a si mesmo.

Ela faz uma pausa, como se apenas dizer essas palavras a tivesse tirado o ar. Isso é o que ouvi-los fez comigo. Mal consigo respirar.

“É difícil aceitar o fato de que alguém que você amava era capaz de tanta crueldade”, ela finalmente diz.

Não estou pronto para iniciar esse processo. Como posso, quando muito do que aconteceu naquela noite permanece desconhecido?

Mas a Marta já está decidida e diz: “Sempre me perguntei porque é que o teu pai escreveu aquele livro. Sempre me incomodou porque alguém se esforçava para espalhar tais mentiras. Só quando ouvi que você encontrou a garota Ditmer dentro do Baneberry Hall é que tudo fez sentido. Foi a maneira dele de justificar isso.”

“Justificando o quê?”

“Matando ela”, diz Marta. “Ao exonerar meu marido nas páginas de seu livro, seu pai também estava tentando exonerar a si mesmo. Acontece que, até recentemente, nenhum de nós sabia qual era o seu crime.”

Não posso culpá-la pelo pensamento. Em retrospectiva, grande parte do Livro parece uma confissão secreta. Meu pai chegou ao ponto de apontar o local no chão onde o corpo de Petra estava escondido, quase como se desafiasse alguém a olhar para lá.

“Não te culpo por nada disso, Maggie”, diz Marta. “Não as coisas que seu pai disse. Ou as coisas que ele escreveu. Posso até entender por que você está fazendo isso nos sites de leilão.”

Pelo que parece ser a vigésima vez durante a nossa conversa, lanço para Marta um olhar de total confusão. "Que coisa? Em quais sites de leilão?”

“Você tem vendido coisas online. Itens do Baneberry Hall. Artefatos autênticos do Baneberry Hall. É assim que você os chama.

“Mas eu não tenho.”

“Alguém fez isso”, diz Marta. “Várias pessoas chamaram minha atenção para isso, incluindo meu advogado. Ele me aconselhou a processar parte dos lucros, alegando que isso estava explorando minha tragédia.”

Tiro meu telefone do bolso e abro o navegador da web. Três palavras de pesquisa depois – artefatos de Baneberry Hall – me levam a um site de leilões que lista pelo menos uma dúzia de itens que afirmam ser do que o vendedor chama de “a casa mais mal-assombrada da América”. Eu folheio os produtos em oferta, vendo uma caneta-tinteiro, vários pratos, um par de castiçais e, a adição mais recente, um abridor de cartas de prata.

Toco na imagem para ampliá-la, prestando muita atenção na alça. Só quando vejo duas letras conhecidas gravadas na prata – W.G. – é que percebo que o vendedor não está mentindo. Este abridor de cartas é o mesmo que desapareceu do Baneberry Hall.

E eu sei exatamente quem o pegou.

“Sinto muito”, digo a Marta. "Eu preciso ir."

"Eu disse algo errado?"

"De jeito nenhum. Na verdade, você me ajudou mais do que imagina.

Marta está com uma expressão confusa enquanto eu a levo até o carro. Agradeço a torta e digo que explicarei tudo mais tarde. Porque agora preciso falar com um fantasma.

Ou, para ser mais preciso, um ghoul.

12 DE JULHO

Dia 17

Não contei a Jess sobre os sinos, nem sobre minha conversa com Marta Carver, nem sobre meu medo de que algo terrível estivesse acontecendo dentro de Baneberry Hall. Eu sabia que ela não iria querer ouvir isso. Ela decidiu que tudo o que acontecia ali era, se não normal, pelo menos benigno. A negação era uma força poderosa e Jess foi totalmente dominada por ela.

Depois que Jess saiu para o trabalho, fui com Maggie até a casa de Elsa Ditmer para convencer novamente Petra a ser babá. Mas em vez de Petra, foi a própria Elsa quem atendeu a porta. Não nos falávamos desde a noite da festa do pijama e detectei traços residuais de raiva em sua expressão contraída.

"Você precisa de algo, Sr. Holt?" ela disse, olhando não para mim, mas para minha filha.

Expliquei que precisava fazer algum trabalho em meu escritório e me perguntei se Petra poderia cuidar de Maggie por algumas horas.

“Petra está sendo punida”, disse Elsa, sem explicar o porquê. Mas estava claro como ela estava sendo punida. A voz de Petra, vinda de algum lugar no fundo da casa, saiu pela porta aberta.

“Senhor, tenha piedade de mim”, ouvi-a murmurar. “Não olhe para os meus pecados, mas tire toda a minha culpa.”

Elsa fingiu não ouvir. Em vez disso, ela finalmente olhou na minha direção e disse: “Posso cuidar de Maggie, se você quiser. Mas apenas por uma hora.

“Obrigado”, eu disse. "Eu realmente gostei disso."

Elsa recuou para dentro de casa por um minuto antes de retornar. Quando ela fechou a porta da frente, ainda pude ouvir a oração febril de Petra.

“Cria em mim um coração limpo e renova dentro de mim um espírito reto.”

Juntos, nós três partimos para Baneberry Hall, caminhando pela estrada sinuosa e arborizada em relativo silêncio. Elsa só falou quando o telhado da casa apareceu.

“Sua filha ainda está vendo coisas, certo?”

“Ela é”, respondi. “O médico dela disse que ela tem uma imaginação muito ativa.”

“Se ao menos isso fosse verdade.”

Olhei para Elsa, surpreso. "Você acha que Maggie está mentindo?"

"Pelo contrário. Acho que ela consegue ver coisas que a maioria de nós não consegue.”

Fantasmas.

Era disso que Elsa estava falando. Que Maggie estava vendo fantasmas. Eu já sabia daquilo. O que eu não sabia — e o que não consegui aprender com Marta Carver — era se precisava ficar preocupado. Quando chegamos em casa, ficou claro que eu havia falado com a pessoa errada. Eu deveria ter procurado Elsa Ditmer o tempo todo.

“Você acha que minha filha está em perigo?”

Elsa fez um aceno solene na direção de Baneberry Hall. “Nesta casa, todas as filhas estão em perigo.”

Pensei nos artigos que encontrei na biblioteca. “Você conhece sua história, então?”

“Sim”, disse Elsa. “Minha mãe trabalhava aqui. Assim como sua mãe. Estamos bem familiarizados com as tragédias que aconteceram dentro destas paredes.”

"O que devo fazer?"

“Você quer minha opinião honesta?”

"Sim."

“Eu partiria o mais rápido que você pudesse”, disse Elsa. “Até então, observe sua filha de perto. E seja o mais cuidadoso possível.”

Em vez de entrar, Elsa sugeriu que ela e Maggie brincassem no quintal. Depois do que acabei de ouvir, achei uma ótima ideia. Parte de mim queria proibir Maggie de entrar naquela casa novamente, mesmo sabendo que isso era impossível.

Enquanto eles brincavam, fui até o escritório e sentei-me à mesa, examinando os artigos que havia fotocopiado na biblioteca. Não apenas aqueles sobre as mortes de Indigo Garson e Katie Carver, mas de todos os outros também. Aqueles incidentes enervantes sobre os quais ninguém se preocupou em nos contar.

O acidente em 1926 aconteceu quando um carro que fazia uma curva descendo a encosta de repente saiu da garagem e entrou na floresta. O motorista alegou que um borrão branco apareceu na frente do carro, forçando-o a desviar para não perceber. O carro bateu em uma árvore, matando a passageira – a neta de quatorze anos de William Garson.

O homem ao volante era seu pai.

Em 1941, quem se afogou na banheira era filha do produtor de Hollywood que comprou o local da família Garson.

Ela tinha quatro anos, era jovem demais para ficar sozinha na banheira.

É por isso que seu pai estava lá com ela.

Ele disse à polícia que, sem motivo aparente, desmaiou repentinamente. Ele acordou com a visão do corpo sem vida de sua filha flutuando na banheira. A polícia considerou apresentar queixa, mas não havia provas suficientes.

Depois, duas mortes em dois anos, depois que Baneberry Hall se tornou uma pousada. Uma convidada, de quinze anos, inexplicavelmente pulou pela janela do segundo andar e caiu para a morte. Outra — uma menina de treze anos — foi encontrada morta em sua cama, vítima de um problema cardíaco desconhecido.

Ambas as meninas estavam hospedadas com seus pais.

A morte em 1974 foi outro aparente acidente. A vítima, única filha da família que comprou a casa depois de encerrado o período de alojamento e pequeno-almoço, caiu da escadaria principal.

Ela tinha cinco anos.

A mesma idade de Maggie.

A única testemunha foi o pai dela, que não conseguiu fornecer uma boa razão para a queda da filha, que havia subido e descido aqueles degraus centenas de vezes.

Adicionando Indigo Garson e Katie Carver, sete pessoas morreram em ou perto de Baneberry Hall.

Todas elas meninas.

Todos eles dezesseis anos ou menos.

Todos eles na presença de seus pais.

Algo entrou na sala naquele momento. Eu senti isso – uma presença adicional sentida imperceptivelmente.

“Este é Curtis Carver?”

Silêncio.

“Se for você, me dê um sinal.”

O toca-discos ao meu lado ligou-se sozinho. Eu observei isso acontecer, meus olhos não acreditando muito no que estavam vendo. Num momento, o toca-discos parou. No próximo, ele estava girando, as ranhuras do álbum em cima dele se confundindo à medida que ganhava velocidade.

Ainda mais incrível foi quando o braço do toca-discos se moveu sozinho, como se fosse empurrado por uma mão invisível. A agulha caiu no lugar habitual e a música começou a tocar.

“Você tem dezesseis anos, quase dezessete...”

Examinei a sala, procurando um vislumbre do próprio Curtis Carver. Se Maggie podia vê-lo, então parecia razoável que eu também pudesse.

Eu não vi nada.

Mesmo assim, Curtis estava lá. O toca-discos confirmou.

"Você matou sua filha?" Eu perguntei a ele.

A música continuou a tocar.

“Querido, é hora de pensar.”

Achei que isso significava que sua resposta era não. Talvez porque comecei a acreditar que ele era inocente. Afinal, ele não estava presente em todas as outras mortes. Mas William Garson estava. Ele estava no Baneberry Hall desde o início, mesmo que durante a maior parte do tempo fosse apenas literalmente em espírito.

“Foi William Garson?”

“É melhor tomar cuidado, ser astuto e cuidadoso—”

O disco começou a pular, uma única palavra se repetindo.

"cuidadoso"

"cuidadoso"

"cuidadoso"

A mensagem de Curtis foi clara. William Garson estava fazendo os pais assassinarem suas filhas, assim como ele fez.

E se eu não conseguisse encontrar uma maneira de detê-lo, Maggie seria a próxima.

Vinte

Hannah Ditmer não parece surpresa quando me encontra batendo na porta dos fundos da casa de sua mãe. Ela parece mais impaciente do que qualquer outra coisa, lançando-me um olhar que diz: Por que você demorou tanto?

“Desde que cheguei, quantas vezes você esteve dentro do Baneberry Hall?” Eu digo. “E há quanto tempo você está roubando de nós?”

“Não é roubar se ninguém quiser”, diz Hannah.

“Só porque aquela casa estava vazia não significava que essas coisas eram suas.”

Hannah dá de ombros e concorda em discordar. “Posso devolver as coisas que não foram vendidas. Mas a maior parte do que tirei daquela casa já se foi há muito tempo. E boa sorte tentando recuperá-lo.”

Ela se afasta da porta aberta, me dando a opção de entrar ou não. É óbvio que ela não se importa. Opto por segui-la, passando pela sala de estar – a TV agora transmitindo um programa de culinária – e entrando na cozinha.

“Você nunca respondeu minha pergunta,” eu digo. “Há quanto tempo isso está acontecendo?”

“Alguns anos.” Hannah se senta à mesa da cozinha e pega seu maço de Marlboro Lights. “Desde que minha mãe ficou doente.”

Isso também responde à minha segunda pergunta – por quê. E eu entendo. Elsa Ditmer estava doente, eles precisavam de dinheiro e Baneberry Hall estava vazio. Um tesouro em forma de casa no topo da colina.

“E quantas vezes você entrou furtivamente desde que estive lá?”

Agora sei que foi ela quem continuou entrando no Baneberry Hall e não algum ghoul aleatório da cidade. Ela é a figura sombria que vi lá fora na noite em que cheguei. E aquele que vi fugindo de casa na noite seguinte. O toque dos sinos, o lustre e o toca-discos — tudo isso era Hannah.

Ela acende um cigarro. A fumaça sai de seus lábios entreabertos. “O suficiente para que eu esteja surpreso por você não ter me pegado antes.”

"Por que você fez isso?" Eu digo. “Eu não me importo com a maior parte do lixo daquela casa. Se você quisesse, bastaria pedir. Você certamente não precisava me distrair com sinos tocando e um toca-discos.

“Não foi uma distração”, diz Hannah. “Foi mais uma tentativa de fazer você sair. Aquela casa tem sido uma mina de ouro. Eu não queria correr o risco de perdê-lo.”

“Então tudo isso foi apenas um truque do Scooby-Doo para me assustar?”

“Achei que deveria tentar.” Hannah exala uma nuvem de fumaça, satisfeita consigo mesma. “E eu teria escapado impune se não fosse por vocês, crianças intrometidas.”

“Presumo que seja por isso que você também me contou que o que meu pai escreveu sobre aquela festa do pijama era verdade.”

“Parte disso foi”, diz Hannah. “Você realmente achou que alguém estava naquele guarda-roupa e começou a pirar. E você me deu um soco. Embora eu estivesse sendo uma vadia naquela noite e provavelmente merecia isso. Então, sim, seu pai inventou muito, mas o resultado foi o mesmo: saímos mais cedo e minha mãe ficou tão chateada que nos proibiu de ir à sua casa novamente.”

“Você não precisava mentir sobre isso”, eu digo. “Nem você precisava fazer toda aquela merda de casa mal-assombrada. O toca-discos e aquele ursinho de pelúcia estúpido.”

Hannah apaga o cigarro. “Que urso?”

“Você sabe o que é urso”, eu digo. “Destruidor.”

“Não vejo Buster desde a noite em que Petra desapareceu.”

Eu fico olhando para ela, procurando sinais de que ela está mentindo. Mas o rosto de Hannah agora é como uma máscara, escondendo todas as emoções.

“Acho que é melhor você me dar suas chaves”, digo. “Para o portão e para a própria casa.”

“Se você insiste”, diz Hannah.

Ela sai da cozinha e desaparece escada acima, com passos pesados nos degraus. Momentos depois, uma sombra desliza pela parede da cozinha, escurecendo a bancada de fórmica. Viro-me e vejo Elsa Ditmer na porta,

usando a mesma camisola que usava na noite em que voltei para Baneberry Hall. O crucifixo em seu pescoço brilha à luz da cozinha.

“Você não é Petra”, diz ela, arrastando os pés em minha direção.

“Eu não estou,” eu digo. “Eu sou Maggie Holt.”

“Maggie.” Elsa está em cima de mim agora, com as mãos frias nas minhas bochechas enquanto ela olha nos meus olhos. “Não fique naquela casa. Você vai morrer lá.

Hannah entra na cozinha com um chaveiro na mão. Seu rosto cai quando ela vê sua mãe.

“Mamãe, você deveria estar descansando”, diz ela, puxando Elsa gentilmente para longe de mim.

“Eu quero ver Petra.”

“Eu te disse, Petra se foi.”

"Onde?" A voz de Elsa está tão cheia de tristeza que me dá vontade de tapar os ouvidos. “Para onde ela foi?”

“Falaremos sobre isso amanhã.” Hannah olha em minha direção, preocupada com a possibilidade de julgá-la por não ter contado a verdade à mãe. Eu não ousaria. Sei muito bem o quanto a verdade pode doer. “Agora vamos levar você para a cama.”

As duas mulheres saem da cozinha. Alguns minutos depois, Hannah retorna e desaba na cadeira. Não posso deixar de ter pena dela. Ela é uma ladra. Ela é uma mentirosa. Mas ela também teve uma vida muito mais difícil do que a minha. Muitas vezes esqueço que, apesar de todo o sofrimento que isso nos trouxe, o tempo que minha família passou no Baneberry Hall nos enriqueceu.

Quando Hannah desliza as chaves para mim, empurro-as de volta sobre a mesa.

“Escute”, eu digo, “não pretendo manter a maior parte das coisas dentro daquela casa. Na próxima semana, se quiser, você pode vir e levar o que quiser para vender. Há um monte de antiguidades lá. E muito dinheiro que poderia ser ganho.”

“Tudo é seu”, diz Hannah.

"Na verdade. A maior parte veio com a casa. Não pertence a ninguém. Então considere isso seu.

"Vou pensar sobre isso." Hannah pega as chaves e, com um aceno agradecido, as coloca de volta no bolso. “Mas, só para você saber, não usei

isso para entrar furtivamente desde que você voltou.”

Eu inclino minha cabeça. "O que você está dizendo?"

“Que existem outras maneiras de entrar naquela casa.”

"Onde?"

Hannah pega outro cigarro, mas decide não fazê-lo. Em vez disso, ela olha para as próprias mãos e diz baixinho: “Entrei pela porta dos fundos da casa”.

“Não há porta dos fundos para Baneberry Hall.”

“Está escondido”, diz ela. “Minha mãe me mostrou isso anos atrás.”

Mais uma vez, procuro sinais de que ela esteja mentindo. Eu não vejo nenhum. Naquele momento, Hannah Ditmer parece a mais sincera que já vi.

"Por favor. Diga-me onde?

“Nos fundos da casa”, diz Hannah. “Atrás da hera.”

13 DE JULHO

Dia 18

Naquela manhã, fui acordado por uma série de golpes no rosto e no peito. Perdido no cinza entre os sonhos e a vigília, a princípio pensei que fosse o fantasma de William Garson, me batendo com sua bengala. Mas quando abri os olhos, vi que era Jess, me socando com os dois punhos.

"O que você fez?" ela gritou. "Que porra você fez?"

Ela sentou em cima de mim, com o rosto vermelho e furioso. Embora eu tenha conseguido tirá-la de cima de mim, Jess conseguiu acertar um feno antes de cair de lado. A dor pulsou em minha mandíbula enquanto invertíamos as posições – eu montando em suas pernas se debatendo e segurando os pulsos que vibravam de raiva.

"Que diabos está errado com você?" Eu gritei.

"Meu? O que você tem?"

Dominada e oprimida – de raiva, de desespero, de exaustão – Jess desistiu de lutar. Meu coração quebrou ao sentir seu corpo ficar mole debaixo do meu, vê-la afundar na cama, gemendo. Eu teria preferido mil socos a isso.

“Como você pôde fazer isso, Ewan?” ela gemeu. "Como você pôde machucar Maggie?"

A menção de nossa filha me deixou em pânico total. Pulei da cama e corri até o quarto de Maggie, pensando em Katie Carver e Indigo Garson e em todas aquelas outras garotas que morreram dentro destas paredes.

Quando cheguei ao quarto dela e vi Maggie sentada na cama, o alívio que senti foi mais forte do que qualquer coisa que já experimentei antes ou depois. Minha filha estava segura. William Garson não a atingiu.

Então vi o pescoço dela e meu pânico voltou.

Estava circulado com marcas tão vermelhas que pareciam ter sido gravadas em sua pele. Para piorar as coisas, elas se pareciam com impressões de mãos. Eu conseguia distinguir as formas ovais das palmas e as colunas vermelhas deixadas pelos dedos.

Maggie olhou para mim da cama, apavorada, e começou a chorar. Comecei a ir até ela, mas senti algo se aproximando atrás de mim — uma força repentina, tão forte quanto uma rajada de vento. Era Jess novamente, sua raiva voltando ao máximo. Num instante ela me empurrou para o chão.

"Não se atreva a tocá-la!" ela gritou.

Eu me arrastei para trás pelo chão, caso Jess tentasse me chutar. Ela parecia tão zangada que eu esperava uma a qualquer momento. "O que aconteceu com ela?"

Jess olhou para mim com uma expressão de ódio indescritível no rosto. Não havia mais nada que pudesse ter sido. Naquele momento, minha esposa me desprezou.

“Maggie me acordou chorando. Eu vim aqui e a encontrei ofegante. O rosto dela estava roxo, Ewan. E então eu vi aquelas marcas no pescoço dela...”

“Jess, você sabe que eu nunca iria machucá-la. Você tem que acreditar em mim."

“A dor de nossa filha é o que acredito”, disse Jess. "E já que eu não a machuquei, isso deixa você."

Maggie começou a chorar ainda mais, o som tão alto que a princípio pensei que Jess não pudesse me ouvir quando eu disse: “Isso não acontece”.

Ela ouviu. Ela só levou um segundo para reagir. Quando ela o fez, foi com um rosnado “Claro que foi você!”

“Pense nisso, Jess”, eu disse. "Eu estava dormindo. Foi você quem me acordou.”

“Você não estava dormindo”, disse ela. “Você tinha acabado de voltar para a cama um segundo antes de eu ouvir Maggie chorando.”

O pânico tomou conta de mim – uma onda que me consumia. Fiquei no chão, com a cabeça apoiada nas mãos, sentindo-me aterrorizado e culpado. Eu tinha machucado minha filha e nem sabia disso.

“Não fui eu, Jess”, eu disse. “Eu preciso que você acredite nisso.”

“Ewan, eu vi você voltar para a cama.”

“Pode ter sido eu, mas não foi intencional”, eu disse, sabendo que parecia maluca. “William Garson me obrigou a fazer isso.”

Ele veio atrás de Maggie, assim como veio atrás dos outros. Cada método era diferente: amoras silvestres para a filha, um travesseiro sobre o rosto de Katie Carver. Afogamentos, quedas e acidentes. Cada morte provocada por seus pais, mesmo não tendo controle sobre suas ações.

“Ele tem matado pessoas ao longo da história desta casa. Todas elas meninas. Todos eles com dezesseis anos ou menos. Ele matou sua filha, Jess. E agora ele está fazendo outros pais matarem os deles. Ele faz isso há anos.”

Jess olhou para mim como se eu fosse um estranho. Eu não poderia culpá-la. Naquele momento, eu estava irreconhecível até para mim mesmo.

“Ouça você mesmo, Ewan”, disse ela. “Jorrando esse jargão, tentando desculpar o que você fez. Você tem sorte de eu não chamar a polícia.

"Chame-os." Essa teria sido uma saída para a situação: me trancar onde eu não pudesse chegar até Maggie e William Garson não pudesse chegar até mim. “Por favor, ligue para eles.”

“Você está doente, Ewan”, disse Jess antes de tirar Maggie da cama e sair do quarto.

Eu os segui pelo corredor até o nosso quarto, meu corpo ficando mais dormente a cada passo. Eu não conseguia acreditar que meu maior medo estava prestes a se tornar realidade. Eu estava prestes a perder minha família.

“Eu não tive a intenção de fazer isso.”

Jess bateu a porta do quarto na minha cara. Estendi a mão para a maçaneta e, encontrando-a trancada, comecei a bater na porta.

“Jess, por favor! Você tem que acreditar em mim!"

Tudo o que ouvi do outro lado da porta foi o som de gavetas sendo abertas e portas de armários batendo. Dez minutos depois, Jess apareceu com uma mala pronta, que ela arrastou atrás dela enquanto ainda carregava Maggie. Eles entraram no quarto de Maggie para repetir o processo.

Bater.

Trancar.

Pacote.

Andei pelo corredor, me perguntando o que fazer. A resposta me ocorreu quando Jess finalmente saiu do quarto de Maggie com outra mala menor.

Nada.

Deixe-os ir embora. Deixe Jess levar Maggie o mais longe possível de Baneberry Hall. Não importava que ela estivesse com raiva de mim e pudesse ficar por muito tempo. Talvez para sempre. O que importava era que Maggie não estaria dentro destas paredes.

“Apenas me diga onde você está indo,” eu disse enquanto os seguia escada abaixo.

“Não”, disse Jess com uma ferocidade que não achei possível.

Alcancei-os no final da escada e passei na frente de Jess, interrompendo brevemente a fuga deles.

“Olhe para mim, Jess.” Fiquei diante dela, esperando que ela ainda reconhecesse meu verdadeiro eu. Esperando que alguns pequenos vestígios daquele homem permanecessem. “Eu nunca machucaria intencionalmente nossa filha. Você sabe disso."

Jess, que vinha mantendo uma cara corajosa pelo bem de Maggie, deixou tudo desmoronar. “Não sei mais de nada.”

“Saiba que eu te amo. E eu amo Maggie. E vou consertar isso enquanto você estiver fora. Eu prometo. Esta casa não vai mais machucar Maggie.

Jess olhou nos meus olhos, mil emoções passando por seu rosto. Vislumbrei tristeza, medo e confusão.

“Não é da casa que tenho medo”, disse ela.

Ela passou por mim, carregando nossa filha e duas malas. Todos os três foram colocados no chão apenas o tempo suficiente para ela abrir a porta da frente. Jess pegou sua mala. Maggie levantou a dela. Então, juntos, os dois, ainda de pijama, deixaram Baneberry Hall.

Observei a saída deles do vestíbulo, sem piscar enquanto o carro desaparecia de vista. Em quaisquer outras circunstâncias, eu teria ficado arrasado. Minha esposa e meu filho me abandonaram. Eu não sabia para onde eles estavam indo. Eu não sabia quando eles voltariam. No entanto, não senti nada além de alívio depois que eles partiram. Isso significava que Maggie estava longe de Baneberry Hall.

Não era seguro lá. Não para ela.

E nunca seria seguro com o espírito de William Garson ainda presente. Embora eu soubesse que precisava livrá-lo daquele lugar, não tinha ideia de como. Na verdade, só havia uma pessoa a quem eu poderia recorrer para obter conselhos.

E ele nem estava vivo.

Sem outra opção, fui até a cozinha e sentei-me de frente para os sinos na parede.

Então esperei.



Vinte e um

Na minha linha de trabalho, cruzei com muitos paisagistas. Alguns são verdadeiros artistas, criando paisagens elaboradas com atenção à cor, forma e textura. Outros são trabalhadores básicos, treinados apenas para arrancar ervas daninhas e remover palha. Mas todos me disseram a mesma coisa: plante hera por sua própria conta e risco. Se não for controlada, ela se espalha, sobe e persiste mais do que qualquer outra videira.

A hera por trás do Baneberry Hall faz todas as três coisas há décadas. É denso - denso como uma selva - e escala a parte de trás da casa em uma faixa verdejante que passa pelas janelas do segundo andar. Se houver uma porta ali atrás, a hera a esconde completamente.

No começo, tento acertar algumas vinhas, esperando que caiam da parede. Se fosse assim tão fácil. Quando isso não funciona, enfio as mãos no meio dele e tateio cegamente, meus dedos roçando nada além da parede externa.

Mas então eu sinto isso.

Madeira.

Puxo e escovo mais até que uma porta começa a tomar forma nas profundezas das vinhas. Curto e estreito, é menos uma porta e mais uma placa plana onde uma porta adequada deve ser colocada. Não há sequer uma alça – apenas um parafuso enferrujado que deslizo para o lado.

A porta se abre e eu puxo, alargando-a até que haja uma abertura grande o suficiente para eu passar. Então, como um mergulhador prestes a submergir, respiro fundo e atravesso a cortina de hera.

Uma vez lá dentro, mal consigo ver. Não consigo encontrar nenhuma luz no teto, e a hera lá fora permite apenas a passagem de raios de luar. Felizmente, antecipei isso e vim preparado com uma lanterna.

Ligo-o e sou saudado por uma parede de tijolos escorregadia de umidade. Uma milípede corre por ela, fugindo da luz. À minha esquerda há mais parede. À minha direita está uma escuridão que se estende além do

brilho da lanterna. Eu passo por ela, chegando logo a uma escada de madeira.

A visão me confunde.

Como eu nunca soube que isso estava aqui?

Isso me faz pensar se meus pais sabiam disso. Provavelmente não. Gostaria de pensar que se meu pai tivesse conhecimento de uma escada secreta nos fundos do Baneberry Hall, ele a teria colocado no Livro. Teria sido apropriadamente gótico demais para resistir.

Subo os degraus lentamente, um de cada vez. Não tenho ideia de onde eles levam, e isso me deixa nervoso. Tão nervoso que a lanterna que estou segurando treme, lançando um brilho nervoso nas paredes da escada.

Depois de uma dúzia de passos, chego a um patamar que poderia ter saído de um filme do Hammer. É pequeno e barulhento, com um emaranhado de teias de aranha no canto. Paro ali, desorientado, sem ideia de até onde subi ou onde estou dentro de casa.

Tenho uma ideia melhor quando subo mais doze degraus e um segundo patamar, o que me colocaria firmemente no segundo andar. Há uma porta aqui também – semelhante àquela escondida atrás da hera. Suave e sem características, exceto por outro parafuso que o mantém fechado.

Eu deslizo o parafuso.

Eu puxo a porta.

Além disso, há algum tipo de armário.

O facho da lanterna atinge vários vestidinhos brancos pendurados lá dentro. Atrás deles há uma fina fatia de luz.

Mais portas.

Passando pelos vestidos, abro-os e vejo um quarto.

Meu quarto.

Tropeço pelas portas e giro pelo quarto, vendo minha cama, minhas malas, a faca em cima da minha mesa de cabeceira.

Então vejo o armário.

A porta pela qual acabei de sair.

O choque me oprime. Olho para o armário, sem compreender, quando na verdade a situação é fácil de entender.

Existe uma rota direta de fora para o quarto.

Foi por isso que meu pai achou necessário pregar aquelas tábuas nas portas do armário.

Foi assim que Hannah Ditmer entrou em casa despercebida e sem mexer nas portas e janelas.

É assim que qualquer pessoa com conhecimento da passagem pode entrar.

Outra onda de ataques de choque. Um verdadeiro golpe que me deixa tombado para o lado, prestes a ser derrubado.

Esta entrada no Baneberry Hall não é nova. Já existe há décadas. Provavelmente desde que o local foi construído.

Alguém teve acesso a este quarto quando morávamos aqui.

Quando eu dormi aqui.

Não foi o senhor Shadow quem entrou no meu quarto à noite, sussurrando para mim.

Foi outra pessoa.

Alguém de verdade.

14 DE JULHO

Dia 19

O primeiro sinal só tocou pouco depois das duas da tarde.

O som disso me tirou do estupor do qual eu estava acordado desde que me sentei no dia anterior. Em todo esse tempo, eu mal me movi. Eu não tinha comido. Eu certamente não tinha tomado banho. Quando deixei meu posto, foi apenas para me aliviar. No meio da manhã, eu até parei de fazer isso, com medo de perder o toque de um sino muito importante. Agora havia duas garrafas da minha urina num canto da cozinha.

Entendi — o melhor que pude num estado de exaustão tão extrema — que provavelmente estava enlouquecendo. Estas não foram as ações de um homem são. Mas cada vez que eu estava prestes a sair da cozinha, algo acontecia para me lembrar que eu não estava louco.

Baneberry Hall era.

Durante minha vigília de vinte horas na cozinha, a casa estava cheia de barulho. Parece que nenhuma casa deveria emitir em circunstâncias normais. Sons que eu já estava acostumado a ouvir.

Música escorrendo do escritório do terceiro andar e vagando silenciosamente pelas salas vazias acima.

“Você tem dezesseis anos, quase dezessete.”

O som de William Garson andando de um lado para outro no corredor do segundo andar, pontuando cada passo com um golpe de bengala.

Toque-toque-toque.

E às 4h54 da manhã, um barulho familiar vindo do escritório, tão alto que reverberou pela casa até a cozinha.

Baque.

Curtis Carver, eu agora sabia. Caindo no chão quando a vida deixou seu corpo. Uma ação que seu espírito estava condenado a repetir todos os dias enquanto Baneberry Hall ainda estivesse de pé.

Mas nenhum som chamou mais minha atenção do que aquele único toque às duas da tarde. Afinal, era o que eu estava esperando.

"Olá?" Eu disse.

A mesma campainha tocou novamente. A Sala Índigo.

Outros sinos começaram a tocar quatro vezes no total, repetindo o padrão que me fez entender o toque em primeiro lugar.

OLÁ

Mais sinos tocaram. Quatro deles. Um na primeira fila. Um no segundo. De volta ao primeiro, onde tocou o primeiro sinal da fila. Então, novamente no segundo, com o toque do segundo sino da linha.

Juntos, soletravam meu nome.

EWAN

“Olá, Curtis.” Eu tossi uma risada triste. Sim, agora eu estava tratando um fantasma pelo primeiro nome. "Eu estive esperando por você."

Um sino.

EU

Mais quatro sinos vindos de todo o muro.

SABER

“Então você também sabe que preciso da sua ajuda.”

O último sino da segunda fila tocou – o início de uma resposta de três toques que eu conhecia bem.

SIM

“Então me ajude, Curtis”, eu disse. “Ajude-me a deter William Garson.”

Um sino tocou.

N

Então outro.

Ó

Esperei por mais, avançando na cadeira. Depois de dez segundos sem o som de nenhum outro sino, eu disse: “Por que não?”

Os mesmos dois sinos tocaram novamente.

NÃO

“Mas ele matou sua filha.”

Recebi esses mesmos dois toques em resposta.

NÃO

"Ele não fez isso?"

Um anel. Dois anéis.

NÃO

"Então quem fez?"

Três sinos tocaram quatro vezes no total, o segundo soou duas vezes na segunda fila.

OLHAR

“Em quê?” Eu disse, ficando cada vez mais frustrado. “O que devo olhar?”

Houve uma pausa durante a qual fiquei sentado olhando para a parede, esperando uma resposta. Quando chegou — seis sinos tocando por toda a parede, dois deles tocando duas vezes — eu mal conseguia acompanhar. Foi só depois

que eles se acalmaram que tive tempo de combinar os sinos com as letras correspondentes.

A palavra escrita era RETRATO.

“Retrato de William Garson?” Perguntei.

O segundo e o terceiro sinos da segunda fila tocaram pela última vez.

NÃO

Eu estava prestes a responder, mas então os sinos ganharam vida novamente. Três toques seguidos pela mais curta das pausas e depois a mesma sequência de seis sinos e oito letras que acabei de ver. Mais uma vez, levei um momento para descobrir.

Quando o fiz, soltei um suspiro tão alto e repentino que ecoou pelas paredes da cozinha.

SEU RETRATO

Corri escada acima e atravessei a grande sala. Quando cheguei à escadaria da frente, olhei para cima e vi o lustre brilhando, embora estivesse escuro da última vez que passei por baixo dele.

Um sinal de que os espíritos estavam ativos. Eu me senti um tolo por não perceber isso antes.

Continuei me movendo. Depois da escada. Na Sala Índigo. Não parei até estar perto da lareira, olhando para o retrato ao qual Curtis estava se referindo.

Indigo Garson.

Olhei para a pintura, me perguntando o que eu deveria estar vendo. Nada parecia errado nisso. Era o retrato de uma jovem pintado por um homem que estava apaixonado por ela.

Não achei nada de estranho nisso.

Mas então olhei para o coelho branco que Indigo segurava nas mãos. Eu já havia notado a falta de tinta no olho esquerdo do animal. Considerando que era a única falha do retrato, era difícil não perceber. Mas também desviou a atenção do fato de que o coelho havia sido representado de uma maneira ligeiramente diferente de todo o resto. Não era tão detalhado quanto o resto da pintura, como se fosse obra de um artista totalmente diferente.

Aproximei-me, estudando o pelo do coelho, que não tinha as pinceladas individuais do cabelo brilhante de Indigo. A tinta ali também era mais espessa. Não abertamente. Apenas aumentado um pouco mais alto do que todo o resto. Quando me concentrei no olho perdido do coelho, vi dentro da órbita outra camada de tinta atrás dele.

Alguém havia pintado o retrato.

Usando uma unha do polegar, raspei a tinta ao redor do olho do coelho. Caiu em pequenas partículas que espanaram a cornija da lareira. Cada pedaço lascado revelava um pouco mais do retrato original. Cinzas, vermelhos e marrons.

Continuei raspando até que uma lasca de tinta se alojou sob a unha do polegar – uma pontada de dor que percorreu toda a minha mão. Depois disso, mudei para uma espátula retirada da gaveta da cozinha e continuei raspando.

Devagar.

Metodicamente.

Cuidado para não raspar também a tinta abaixo, que emergiu como uma Polaroid recém-tirada. Cor aparecendo de uma extensão branca até que a imagem completa fosse formada.

Só depois que o coelho foi completamente despedaçado é que meu corpo sucumbiu à exaustão. Tudo começou com uma tontura que me atingiu em uma velocidade alarmante. Cambaleei para trás, a sala girando.

Tudo ficou cinza e percebi que estava caindo. Caí no chão e permaneci lá, esparramado de costas, o cinza que fervilhava em minha visão escurecendo até a escuridão.

Antes de desmaiar, dei uma boa olhada no retrato original, agora recém-exposto.

Indigo Garson, parecendo tão angelical como sempre. A mesma pele de alabastro, cachos dourados e expressão beatífica.

Mas não era mais um coelho segurado em suas mãos delicadamente enluvadas.

Era uma cobra.

Vinte e dois

Eu preciso de sua ajuda."

Há silêncio do lado de Dane – uma incerteza evidente mesmo por telefone. Eu não o culpo. Não depois das coisas que eu disse. Eu entenderia se ele não quisesse mais nada comigo.

Depois desta noite, ele poderá realizar esse desejo.

"Com o que?" ele finalmente diz.

“Movendo um armário.”

Não digo a ele que o armário não precisa ser movido, mas sim desmontado completamente. E que o buraco na parede do quarto que ele deixará precisa ser selado. E que há uma porta nos fundos da casa que também precisará ser fechada com tábuas para que ninguém possa entrar no Baneberry Hall sem chave. Tudo isso pode esperar até ele chegar aqui. Caso contrário, ele pode desligar.

“Não pode esperar até amanhã?” Dane diz.

“Não pode. Eu preciso de sua ajuda. Por favor. Eu não posso fazer isso sozinho.”

“Tudo bem,” Dane diz com um suspiro épico. “Estarei aí em dez.”

"Obrigado."

Dane não ouve essa parte. Ele já encerrou a ligação.

Enfio meu telefone no bolso e me preparo para o trabalho que tem pela frente. O plano é simples: bloquear a passagem secreta para o quarto, juntar minhas coisas e sair de Baneberry Hall.

Desta vez, não voltarei.

Quando voltar a Boston, vou listar a casa e vendê-la como está, seja qual for a oferta que receber, por menor que seja. Não quero mais nada com esse lugar. Nem quero a verdade sobre o que aconteceu aqui.

Eu só quero ir embora.

Não é seguro aqui. Não para mim.

Na sala de jantar, reúno as cinco Polaroids sobre a mesa e o exemplar do Livro do meu pai, ainda estendido no chão, com a lombada para cima. Eles voltarão para onde os encontrei. Em breve será problema de outra pessoa.

Com as mãos ocupadas, marcho até o escritório do terceiro andar e vou direto para a escrivaninha, onde deixo o livro e as fotos. Então pego Buster e o jogo no armário onde ele foi descoberto pela primeira vez.

Assim como Baneberry Hall, nunca mais quero ver aquele urso.

Volto-me para a mesa, onde o Livro está aberto.

Estava fechado quando o deixei cair lá.

Tenho certeza disso.

No entanto, lá está ele, aberto, como se alguém tivesse acabado de lê-lo.

Aproximo-me do Livro lentamente, considerando todos os caminhos que ele poderia ter aberto sozinho. Não consigo pensar em nenhum. Pelo menos nada que não chegue ao sobrenatural. Ou, para usar um termo da avó de Dane, o estranho.

Besteira, eu acho.

Digo então em voz alta, na esperança de que pronunciar a palavra a torne verdadeira.

"Besteira."

Mas não é. Eu sei disso no momento em que vejo a página em que o Livro está aberto. É o capítulo que acontece no dia 4 de julho. O dia em que o teto da cozinha foi remendado. Examino a página, e uma passagem em particular me chama a atenção.

Agora era hora de consertar o formidável buraco no teto. Para isso, convoquei Hibbs, que trouxe um menino da cidade para ajudar porque a tarefa era grande demais para ele sozinho.

Meu coração bate mais rápido quando leio novamente e deixo todo o peso das palavras penetrar.

Um garoto da cidade.

Que esteve nesta casa ao mesmo tempo que Petra.

Quem provavelmente a conhecia.

Quem poderia ter sido o namorado dela. Ou alguma coisa.

Quem poderia tê-la persuadido a sair furtivamente pela janela do quarto.

Quem poderia ter sugerido que eles fugissem juntos e se tornassem violentos quando Petra mudou de ideia.

Que então invadiu Baneberry Hall e jogou o corpo sob as tábuas do chão porque sabia que havia um esconderijo ali.

Percebo que é um menino que está em uma das Polaroids que meu pai tirou.

Pego a foto da mesa. Quando o vi pela primeira vez, pensei que fosse meu pai atrás de Walt Hibbets e sua escada. Eu deveria ter percebido que meu pai provavelmente estava por trás da câmera – e que era outra pessoa escondida no fundo da imagem.

Não consigo ver muitos detalhes, mesmo depois de aproximar a foto do rosto e apertar os olhos. Apenas uma estreita fatia de roupa e um pedaço ainda menor de rosto aparecem além da escada. A única maneira de obter uma visão maior e melhor é ter uma lupa.

O que percebo com um sobressalto de prazer que sim.

Há um na gaveta de cima da mesa. Eu o vi lá durante minha primeira caminhada até o escritório. Ainda está lá, entre canetas e clipes de papel. Agarro-o e seguro-o na frente da Polaroid, o homem misterioso agora exponencialmente maior. Vejo cabelos escuros, metade de um rosto bonito, um braço robusto e um peito largo.

E eu vejo a camiseta dele.

Preto e estampado com uma imagem que é apenas parcialmente visível.

O logotipo dos Rolling Stones.

Minha mente volta para aquele quarto sujo no Two Pines. Dane entrando, parecendo tão bem que não pude deixar de olhar. Quando ele me pegou, elogiei sua camisa. Ouço sua voz alta em minha memória.

Eu tenho isso desde que era adolescente.

E ouço a voz dele agora, vinda da porta do escritório, onde ele está com os braços ao lado do corpo e uma expressão severa no rosto.

“Eu posso explicar”, diz ele.

15 DE JULHO
Dia 20 – Antes de Anoitecer

Acordei no chão.

Em que parte da casa eu não sabia.

Tudo o que sabia quando recuperei a consciência foi que estava em algum lugar dentro de Baneberry Hall, com as costas apoiadas no chão, as articulações rígidas e a cabeça latejando. Só quando abri os olhos e vi o retrato de Indigo Garson olhando para mim é que tudo voltou rapidamente.

Eu na Sala Índigo.

Raspando a pintura.

Vendo a cobra nas mãos de Indigo.

Uma cobra que, quanto mais eu olhava para ela, mais nervoso ficava. Eu queria acreditar que a pose de Indigo com a cobra era uma daquelas excentricidades da era vitoriana. Como máscaras mortuárias e pássaros taxidermizados em chapéus. Mas meu instinto me disse que havia algo muito mais sinistro por trás disso.

Que a cobra representava a verdadeira natureza de Indigo.

Um predador.

Presumi que foi William Garson quem ordenou a pintura. Uma tentativa de esconder a verdade sobre sua filha. Suspeitei que ele não suportaria pintar o retrato inteiro. O artista – o pobre e apaixonado Callum Auguste – fez um trabalho bom demais para isso. Assim, o coelho substituiu a cobra, uma inversão irônica não encontrada na natureza.

Agora a cobra foi exposta novamente. Com isso, veio a compreensão sombria de que eu estava errado sobre tantas coisas.

Não foi William Garson que fez os pais matarem as filhas dentro do Baneberry Hall.

Era Índigo.

Eu entendi isso com uma clareza gelada. Assim como a cobra em suas mãos, ela deslizou pelas mentes dos homens que viviam aqui, deixando-os obcecados com o que aconteceu com ela. Eu não sabia se ela morreu pelas próprias mãos ou pelas mãos do pai. No final, isso não importava. Indigo estava morta, mas seu espírito permaneceu. Agora ela passava os dias buscando vingança pelo que seu pai havia feito. Ela não se importava que ele também tivesse partido há muito tempo. Para ela, todo pai merecia punição.

Então ela os fez matar suas filhas.

Seis vezes isso aconteceu.

Não haveria um sétimo.

Voltei para a cozinha lentamente, muito dolorido da noite no chão para me mover rapidamente. Depois de descer os degraus mancando, me vi diante dos sinos mais uma vez.

“Curtis,” eu sussurrei, com medo de que Indigo também estivesse por perto. À espreita. Audição. "Você está aí?"

Três sinos familiares tocaram.

SIM

“Era Indigo, não era? Ela fez você matar Katie.

Mais três toques.

SIM

"O que posso fazer?" Eu disse. “Como posso impedi-la? Como posso saber se ela está aqui?

Cinco sinos tocaram um total de seis vezes. Ao toque final — o primeiro sino da primeira fila — percebi que ele havia soletrado uma palavra nova para essa estranha forma de comunicação.

CÂMERA

Eu sabia a que ele estava se referindo. A câmera Polaroid no escritório.

“Obrigado, Curtis.” Enquanto sussurrava, percebi que nunca mais teria notícias dele. Ele me contou tudo o que pôde. O resto dependia de mim. Então, antes de deixar os sinos, acrescentei um sombrio e sincero “Espero que isso liberte você deste lugar. Eu realmente quero. Espero que você encontre paz.

Com isso, subi três lances de escada, minhas juntas rangendo durante toda a subida. No escritório do terceiro andar, encontrei o que procurava no armário.

Uma caixa de sapatos azul cheia de Polaroids.

Eu os examinei, procurando aqueles que deixei de olhar no dia em que descobri a caixa. Foto após foto do rosto cada vez mais assombrado de Curtis Carver. Eu me perguntei se, quando ele os pegou, ele se sentiu tão impotente quanto eu. Se ele estivesse tão preocupado e atormentado pela mesma culpa que pesava sobre mim.

As imagens de Curtis eram tão parecidas que precisei olhar as datas rabiscadas abaixo delas para indicar quais eu ainda não tinha visto. 12 de julho. Esse era novo. Assim como as fotos dos dias 13 e 14 de julho.

A última Polaroid estava virada para baixo no fundo da caixa. Virando-o, vi que, como os outros, a data em que foi tirada estava escrita na parte inferior da foto.

15 de julho.

Hoje faz um ano desde que Curtis Carver se suicidou.

Meu olhar passou da data para a própria imagem. No início, parecia com os outros. Mas uma segunda olhada revelou algo diferente do resto das fotos. Algo profundamente, profundamente errado.

Mais alguém estava na sala com Carver.

Uma figura escura escondida em um canto distante do escritório.

Embora Maggie a chamasse de Senhorita Pennyface, eu a conhecia por outro nome.

Indigo Garson.

Ela se parecia exatamente com a mulher do retrato. O mesmo vestido roxo e brilho etéreo. A única diferença entre sua pintura e seu fantasma eram os olhos.

Eles estavam cobertos por moedas.

No entanto, estava claro que ela ainda podia ver. Na fotografia, ela olhava para a nuca de Curtis Carver, quase como se pudesse ler seus pensamentos.

Eu ainda estava estudando a imagem quando uma presença entrou na sala, invisível, mas sentida de forma palpável.

"Curtis, é você?"

Não recebi resposta.

Mas a presença aumentou, enchendo a sala com um calor tão forte que era quase sufocante. Dentro daquele calor ameaçador havia algo ainda mais perturbador.

Raiva.

Queimou a sala como fogo.

Peguei a câmera na mesa e tirei um autorretrato semelhante aos que Curtis havia tirado.

O obturador clicou.

A câmera zumbiu.

Uma imagem deslizou para fora, sua brancura imaculada lentamente dando lugar a uma imagem.

Meu.

Braços estendidos. Olhando para a câmera. Extensão de estudo atrás de mim.

Também atrás de mim estava Indigo Garson, entrando no quadro. Vi um braço esbelto, a curva de seu ombro, mechas pegajosas de cabelo loiro.

Ela estava lá.

E ela estava esperando.

Não para mim.

Para Maggie.

“Continue esperando, vadia,” eu disse em voz alta.

Levantei a câmera e tirei outra foto.

Clique.

Zumbir.

Deslizar.

Nessa foto, Indigo mudou-se para o outro lado do escritório. Ela se encostou na parede, ligeiramente curvada, os olhos cobertos de moedas me espiando através de um véu de cabelo. Seus lábios estavam torcidos em um sorriso tão sinistro que fez meu sangue gelar.

A única coisa que me impediu de fugir de casa foi saber que ela não queria me machucar. Ainda não, embora esse momento certamente chegaria. Mas por enquanto, ela precisava que eu chegasse até Maggie.

Convencido de que estava fora de perigo no curto prazo, fui até o armário, peguei todos os pacotes de filmes que estavam lá dentro e os levei de volta para a mesa.

Permaneci ali enquanto a luz pálida da manhã se transformava no sol dourado da tarde. De vez em quando, eu tirava outra foto, só para acompanhar o paradeiro de Indigo na sala. Às vezes ela ficava num canto distante, de frente para a parede. Outras vezes, ela era apenas uma faixa roxa na borda da moldura. Em algumas fotos, ela não estava visível.

Mas eu sabia que ela ainda estava lá.

Senti o calor furioso de sua presença.

Continuei a sentir isso até que a luz do dia, do lado de fora das viúvas do escritório, deu lugar à melancolia solitária do crepúsculo. Foi então que Indigo desapareceu de repente – um resfriamento instantâneo.

Peguei a câmera e tirei outra foto.

Clique.

Zumbir.

Deslizar.

Peguei a Polaroid da câmera e a segurei na minha frente, observando a imagem tomar forma.

Era igual a todos os outros: eu e uma mulher ao fundo.

Só que desta vez não foi Indigo.

Foi Jess. Parado dentro do escritório. Cada músculo de seu corpo ficou tenso. A confusão percorreu suas feições como um raio.

Virei-me lentamente, esperando que ela fosse apenas uma imaginação provocada pela fome, pela sede e pela necessidade de dormir. Mas então Jess falou: “Ewan? O que você está fazendo aqui?” — e meu coração afundou.

Isso significava que ela era real e que a paciência de Indigo valeu a pena.

Maggie tinha voltado para casa.



Vinte e três

Dane dá um passo para dentro do escritório. Dou um passo para trás, pressionando-me contra a borda da mesa.

“Não é o que você pensa”, diz ele.

Eu seguro a Polaroid. "Você a conhecia."

“Eu fiz”, diz Dane. “Eu estava morando com meus avós naquele verão. Meus pais pensaram que isso me faria bem. Eu tinha dezessete anos e era um idiota e precisava ficar longe deles por um tempo. Então eu vim para cá.”

“E conheci Petra. Você é a razão pela qual ela escapou à noite.

Um aceno de Dane. “Nós nos encontraríamos na floresta atrás da sua casa e brincaríamos. Não foi nada sério. Apenas uma aventura de verão.

Ele se aprofundou na sala enquanto falava, esperando que eu não notasse. Eu faço.

“Se não foi sério, por que você a matou?”

“Eu não fiz isso”, diz Dane. “Você tem que acreditar em mim, Maggie.”

Isso não vai acontecer. Especialmente quando me lembro de como encontramos Petra. Dane empurrando o teto manchado, testando-o. Empurrando e empurrando até que cedesse, o que – agora suspeito – era exatamente o que ele queria que acontecesse. Acho que ele sabia que os restos mortais de Petra seriam descobertos em algum momento durante a reforma e decidiu que seria melhor se fosse ele quem os encontrasse. Dessa forma, todas as suspeitas passariam para o meu pai.

Dane avança novamente até que apenas alguns pés nos separem.

“Dê mais um passo e chamo a polícia”, aviso.

“Você não pode fazer isso, Maggie”, diz ele. “Isso me mandará imediatamente de volta para a prisão. Ninguém vai acreditar em mim. Eles verão apenas um ex-presidiário que quase matou um homem. Não terei a menor chance.”

“Talvez você não mereça um.”

Dane se aproxima. Tento arrancar meu telefone do bolso, mas ele o tira de minhas mãos com um tapa. Ele bate na parede e cai no chão a vários metros de distância.

Ele agarra meus ombros, me sacudindo. “Me escute, Maggie. Você precisa fingir que nunca descobriu sobre mim e Petra.”

Ele olha para mim com uma carranca malvada e olhos ainda mais malvados. Há raiva neles. Uma escuridão que me faz pensar se foi a última coisa que Petra viu. Desvio o olhar, vejo a faca que trouxe comigo ainda sobre a mesa e a pego.

Dane também vê e se lança em direção a ele.

É quando eu corro.

Começa com um empurrão na mesa, seguido por um rápido arco ao redor de Dane. Quando ele vem até mim, eu o empurro no peito.

Duro.

Ele cai para trás em uma das estantes, agitando os braços, livros soltos caindo ao seu redor.

Eu corro.

Descendo as escadas.

No corredor do segundo andar, onde posso ouvir Dane vindo atrás de mim, seus passos rápidos e pesados descendo as escadas do terceiro andar.

Eu continuo me movendo. Respire fundo. Coração martelando.

Cheguei à escadaria principal a toda velocidade, descendo com força, tentando ignorar o som de Dane correndo pelo corredor atrás de mim. E quão rápido ele está se movendo. E como ele certamente está me conquistando.

Ele também está nas escadas agora. Ouço suas botas baterem no último degrau e sinto o tremor da escada enquanto ele troveja atrás de mim.

Aumento a velocidade, meus olhos no vestíbulo e, logo depois dele, na porta da frente. No tempo que leva para descer os dois últimos degraus, tento avaliar se consigo chegar até aquela porta antes que Dane me alcance.

Eu decido que não posso.

Mesmo que eu consiga passar por aquela porta – o que é discutível – ainda precisarei escapar do aperto de Dane por tempo suficiente para sair da varanda e entrar na minha caminhonete.

Isso não é tempo suficiente. Não com o jeito que ele está atacando atrás de mim.

Eu mudo de tática. Uma decisão de fração de segundo que, ao pé da escada, me tira do vestíbulo e me leva para a sala.

Dane não diminui o passo enquanto vira na mesma direção, ofegando meu nome tão forte e tão perto que sinto sua respiração na minha nuca.

Eu o ignoro enquanto atravesso a sala e entro na Sala Índigo.

Esta escuro dentro.

Bom.

Eu preciso assim.

Há luz suficiente para eu ver o buraco onde costumava ficar um pedaço de tábuas do piso. Mesmo assim, uma pessoa precisaria saber que ele está lá para evitar perdê-lo completamente.

Dane não.

Eu pulo a abertura no chão e paro antes de me virar para encará-lo.

Dane diminui a velocidade, mas continua avançando.

Um passo.

Dois.

Então ele cai, mergulhando pelo buraco e desaparecendo tão completamente que o único sinal de que esteve lá é o som de seu corpo batendo no chão da cozinha lá embaixo.

15 DE JULHO

Dia 20 – Depois do Anoitecer

“Precisamos ir embora”, eu disse a Jess. "Agora mesmo."

"Por que? O que está acontecendo?"

“Maggie não está segura aqui.”

Peguei a câmera da mesa, junto com duas caixas de filme. Então tirei Jess do escritório e desci as escadas.

“Não entendo o que está acontecendo”, disse ela.

Chegamos ao segundo andar e me virei, tirando uma foto da escada atrás de nós.

Clique.

Zumbir.

Deslizar.

“Há um fantasma em nossa casa”, eu disse enquanto esperava a imagem se revelar. “Índigo Garson. Ela tem feito pais matarem suas filhas. Curtis Carver não assassinou Katie. Indigo o forçou a fazer isso.”

Empurrei a Polaroid para Jess, certificando-me de que ela visse a figura de Indigo flagrada mancando escada abaixo, as moedas sobre seus olhos refletindo o flash da câmera. Jess tapou a boca com a mão, tentando reprimir um grito. De qualquer maneira, vazou, rangendo entre seus dedos.

“Onde está Maggie?” Eu disse.

Jess, com a mão ainda cobrindo a boca, lançou os olhos arregalados e chocados na direção do quarto de Maggie. Atrás de nós, um calor volátil vinha das escadas do terceiro andar. Indigo anunciando sua presença.

“Precisamos tirá-la de lá,” eu sussurrei. "Rápido."

Nós dois corremos pelo corredor, a presença de Indigo quente em nossas costas. Dentro do quarto, Maggie estava sentada na cama, com os joelhos no queixo. Chamas de medo dançaram em seus olhos.

“Você terá que carregá-la”, eu disse a Jess. “Eu não... eu não confio em mim mesmo para fazer isso.”

Não houve dúvidas por parte de Jess. Ela foi direto para a cama e pegou Maggie nos braços.

“Mamãe, estou com medo”, disse Maggie.

Jess beijou sua bochecha. "Eu sei querido. Mas não há nada para ter medo.”

Era mentira. Havia muito o que temer.

Especialmente quando as portas do armário se abriram. Uma rajada de ar quente explodiu de dentro, fazendo Jess cambalear para trás. Maggie levantou-se dos braços, como se tivesse sido levantada pelo vento escaldante. Ela foi então puxada em direção ao armário, cavalgando no ar, um emaranhado de membros e cabelos gritando e chorando.

Indigo teve nossa filha.

Cheguei ao armário no momento em que Maggie desaparecia nele. Quando as portas começaram a fechar, me joguei entre elas. A madeira apertou minhas costelas quando alcancei o armário – agora um espaço escuro e insondável. Gritei o nome de Maggie e agitei os braços até que um dos nós dos meus dedos roçou seu tornozelo.

Prendi meus dedos em torno dele e comecei a puxar, mão após mão, subindo por sua perna. Quando cheguei ao joelho dela, puxei com mais força até que Maggie se libertou abruptamente do armário. Caímos no chão, Maggie em cima de mim, ainda gritando, ainda chorando.

Atrás de nós, Jess começou a mover a cama, empurrando-a contra o armário para bloquear as portas. Embora não fosse o suficiente para prender Indigo lá dentro, eu esperava que pelo menos nos deixasse escapar nos próximos minutos.

Feito o trabalho, saímos da sala e corremos pelo corredor. Jess com Maggie, eu com a câmera, tirando uma foto do corredor vazio atrás de nós.

Clique.

Zumbir.

Deslizar.

Verifiquei a foto enquanto ela se espalhava à vista.

Nada.

Descemos as escadas, Jess na liderança. Maggie ficou mole em seus braços, congelada pelo choque. No final da escada, tirei outra foto.

Clique.

Zumbir.

Deslizar.

Nada ainda.

“Acho que ela se foi”, anunciei.

"Tem certeza?" Jess disse.

"Eu não a vejo." Levantei a mão, vendo se conseguia sentir a presença incandescente de Indigo. “Eu também não a sinto.”

Tirei uma última foto: Jess segurando Maggie na base da escada.

Clique.

Zumbir.

Deslizar.

“Não podemos ficar aqui”, disse Jess. “Precisamos fazer as malas e sair antes que ela volte.”

"Eu sei."

Verifiquei a foto ainda em revelação em minhas mãos, a imagem de Jess e Maggie emergindo da brancura.

Atrás deles – pairando bem nas costas de Jess – estava Indigo Garson.

Olhei da foto para minha esposa e filha, ainda na mesma posição.

Então Maggie voou para o teto.

Aconteceu em um piscar de olhos.

Num segundo ela estava nos braços de Jess. No momento seguinte ela estava no teto, sendo arrastada por uma força invisível.

Jess e eu só pudemos assistir com terror enquanto Maggie se debatia contra o teto, gritando enquanto continuava a ser movida contra sua vontade. Quando ela chegou ao alcance do lustre, ela agarrou-o e segurou-o com toda a força. O lustre balançou para frente e para trás. Alguns de seus globos de vidro se soltaram e caíram no chão ao nosso redor, espalhando os cacos.

Acima de nós, Maggie havia sido arrancada do lustre que ainda balançava e estava mais uma vez sendo puxada pelo teto. Jess continuou gritando o nome dela, como se isso pudesse libertá-la.

Mas eu sabia que só havia uma maneira de fazer Indigo largar Maggie. Como o objetivo dela era me machucar tanto quanto seu pai a machucara, eu precisava me retirar da equação.

Ou pelo menos fingir.

Caí de joelhos, cercado por cacos de vidro do lustre quebrado.

Fragmentos trazem sorte.

Agarrando o maior pedaço de vidro que encontrei, pressionei-o contra o pescoço e gritei para o teto: “Indigo, deixe-a ir ou eu me mato!”

Jess olhou para mim, horrorizada. “Ewan, não!”

“Confie em mim, Jess,” eu sussurrei. "Eu sei o que estou fazendo."

Indigo não deixaria isso chegar tão longe. Se ela queria Maggie morta, então ela precisava que eu fizesse isso. Isso não seria possível se eu já estivesse morto.

"Estou falando sério!" Eu gritei. “Você sabe que não pode fazer isso sem mim!”

Pressionei o caco mais fundo contra meu pescoço, torcendo-o levemente até que a ponta do vidro perfurou minha pele. Uma fina linha de sangue escorreu pelo meu pescoço.

Maggie caiu sem aviso, sua descida vertiginosamente rápida. Jess e eu nos lançamos sobre ela, nossos braços se entrelaçando, formando um berço acidental no qual nossa filha caiu.

Ela estava em nossos braços há apenas um segundo quando uma onda de calor veio de cima sobre nós. Mais quente do que antes. Uma explosão completa de fúria.

O barulho aumentou ao nosso redor – um assobio repentino e violento que parecia vir de todos os cantos da casa. Um momento depois, cobras começaram a encher a sala.

Barrigas vermelhas.

Eles apareceram instantaneamente, emergindo de cantos escuros e saindo de debaixo das tábuas do piso. Eu os vi no segundo andar também, deslizando pelo patamar enquanto desciam as escadas.

Em segundos, estávamos cercados, as cobras vindo de lado em nossa direção. Muitos sibilaram seu descontentamento, suas bocas abertas expondo dentes tão afiados quanto lâminas de barbear.

Empurrei Maggie para os braços de Jess, ainda com medo do que poderia fazer se continuasse a abraçá-la. Comecei então a lutar contra as cobras, tentando abrir caminho em direção ao vestíbulo. Eu chutei. Eu pisei. Algumas cobras recuaram. Outros atacaram meus pés.

Um deles atacou Jess. Eu o chutei para fora do caminho antes que ele pudesse fazer contato.

“Precisamos nos apressar”, eu disse. "Correr!"

Foi exatamente isso que fizemos. Nós três corremos pelo vestíbulo. Em direção à porta da frente. Na varanda.

As cobras o seguiram, saindo pela porta aberta da frente em uma massa contorcida e abundante.

Indigo Garson estava com eles, invisível, mas definitivamente sentido. O ar incandescente queimava nas minhas costas enquanto eu guiava Jess e Maggie pelos degraus da varanda e entrava no carro.

“E as nossas coisas?” Jess perguntou enquanto subia no banco de trás com Maggie.

“Precisamos deixá-los”, respondi. "É muito perigoso. Não podemos voltar aqui.

Liguei o carro e desci a calçada. Atrás de mim, Maggie se ajoelhou no banco e olhou pela janela traseira.

“Ela ainda está nos seguindo!” ela chorou.

Olhei pelo retrovisor e não vi nada. "Senhorita Pennyface?"

"Sim! Ela está bem atrás de nós!

Só então, algo bateu na traseira do carro. Um choque forte e chocante.

Jess gritou e estendeu a mão para Maggie. Agarrei o volante, tentando não sair correndo da estrada e entrar na floresta, que era exatamente o que Indigo queria. Pisei no acelerador e continuei a acelerar pela estrada sinuosa, os pneus cantando o tempo todo.

O carro foi atingido por outra força invisível, desta vez na porta do passageiro. Por um breve momento, perdi o controle do carro. Ele derrapou na grama ao lado do caminho, perigosamente perto das árvores. Foi somente através de pura força de vontade que consegui nos endireitar e continuar pela estrada.

Jess, felizmente, deixou o portão da frente aberto quando ela e Maggie voltaram, permitindo-me passar por ele. Assim que saímos da propriedade, saltei do carro e bati o portão.

O calor tomou conta de mim enquanto eu me atrapalhava com as chaves, tentando freneticamente trancar o portão. Atravessou as barras de ferro forjado do portão, aquecendo-as. Se o inferno existe, suspeito que seja muito parecido com o calor furioso que experimentei no momento em que girei a chave e tranquei o portão.

Foi nesse momento que o espírito vingativo de Indigo Garson percebeu que havia falhado.

Havíamos escapado de Baneberry Hall, nossa família ainda intacta.

E não havia nada que ela pudesse fazer para nos atrair de volta para lá.

Outros poderiam um dia passar por aquele portão, subir aquele caminho sinuoso através da floresta e entrar em Baneberry Hall. Nesse caso, desejo-lhes nada além de sorte. Eles precisarão disso para sobreviver em um lugar assim.

Quanto a mim e à minha família – minha doce Jéssica, minha amada Maggie – ainda não voltamos. Nem pretendemos jamais colocar os pés naquele lugar.

Para nós, Baneberry Hall é uma casa de horrores. Um lugar onde nenhum de nós pode ousar entrar novamente.

Vinte e quatro

Meia dúzia de veículos de emergência estão parados em frente ao Baneberry Hall, suas luzes piscando pintando a casa em tons alternados de vermelho e branco. Além da viatura do chefe Alcott, há uma ambulância, mais três carros de polícia e, caso as coisas realmente saiam do controle, um caminhão de bombeiros.

Observo da varanda enquanto Dane é colocado na ambulância. Ele está amarrado a uma maca, com uma cinta em volta do pescoço. Sua queda no chão não causou muitos danos, considerando todas as coisas. Enquanto os paramédicos o levavam para fora, ouvi murmúrios de ossos quebrados, talvez uma concussão. O que quer que tenha acontecido com ele, ele ficou ferido o suficiente para me permitir fugir de casa e chamar a polícia.

Agora Dane está a caminho do pronto-socorro e depois, provavelmente, da prisão. Ele me encara enquanto a maca é empurrada para a traseira da ambulância, com expressão de dor e olhos acusadores.

Então as portas da ambulância são fechadas e Dane desaparece de vista.

Quando a ambulância parte, o chefe Alcott sai da casa e se junta a mim na grade da varanda.

"Ele confessou?" Eu digo.

"Ainda não. Mas ele irá. Dá tempo a isso." A cacique tira o chapéu e passa a mão pelos cabelos prateados. “Eu lhe devo desculpas, Maggie. Por dizer essas coisas sobre seu pai. Por pensar que ele fez isso.

Não posso ficar bravo com ela por isso. Eu pensei a mesma coisa durante toda essa provação. Se alguém deveria ter vergonha, sou eu.

“Nós dois somos culpados nesse aspecto”, eu digo.

“Então por que você continuou procurando?”

Estou me perguntando a mesma coisa há dias. A resposta, suspeito, está em algo que o Dr. Weber me contou. Que foi a minha maneira de escrever minha própria versão da história. E embora tenha feito isso por motivos

completamente egoístas, percebo agora que a história não é exclusivamente minha.

Petra também faz parte disso. Isso não muda o que aconteceu. Elsa ainda está sem a filha mais velha e Hannah não tem mais irmã.

Mas eles têm a verdade. E isso é valioso.

Eu deveria saber.

O chefe Alcott parte com o resto dos veículos de emergência. Eles formam uma fila na entrada da garagem, as sirenes ligadas, mas as luzes ainda piscando.

Outro carro chega antes que eles desapareçam completamente colina abaixo, seus faróis aparecendo inesperadamente no horizonte. Por um breve e ofuscante momento, é um caleidoscópio de luzes enquanto os dois carros diminuem a velocidade e passam um pelo outro. Azul e vermelho e branco. Tudo brilhando por entre as árvores em uma fúria giratória como uma discoteca. As luzes de emergência desaparecem. Os faróis ficam mais brilhantes à medida que o carro contorna a entrada e para, esmagando o cascalho.

Não consigo ver quem está lá dentro. Está muito escuro e meus olhos ainda ardem por causa das luzes dos veículos de emergência. Tudo o que consigo distinguir é uma pessoa ao volante, sentada em completa imobilidade, quase como se estivesse tentada a começar a dirigir novamente.

Mas então a porta do motorista se abre e minha mãe sai do carro.

"Mãe?" Eu digo, chocado. "O que você está fazendo aqui?"

“Eu poderia te perguntar a mesma coisa.”

Ela permanece na entrada, parecendo exausta com suas roupas de viagem: calça branca, blusa estampada e um par de sandálias de tiras. Tirando os óculos escuros, seus olhos estão vermelhos. Meias-luas escuras caem abaixo deles. Ela não carrega bagagem. Apenas uma bolsa que está prestes a escorregar de seu ombro.

“Pelo amor de Deus, Maggie”, diz ela. “Por que você voltou aqui? O que você achou que isso iria conseguir?

“Eu precisava da verdade.”

“Eu te disse a verdade”, diz minha mãe. “Mas você não poderia deixar tudo em paz. Por causa disso, tive que voar meio mundo, e aí chego aqui e vejo todos aqueles carros de polícia. O que diabos você tem feito?

Eu a trago para dentro. Há um momento de hesitação na porta da frente, deixando claro que ela não tem vontade de entrar no Baneberry Hall, mas está cansada demais para resistir. Uma vez lá dentro, a única coisa que ela insiste é descer até a cozinha.

“Eu não quero ficar aqui”, ela diz. “Não neste andar.”

Descemos até a cozinha, sentando-nos um de frente para o outro na mesa de açougue. Aí eu conto tudo para ela. Por que decidi voltar. O que aconteceu quando cheguei aqui. Encontrar o corpo de Petra e suspeitar do meu pai e perceber que o verdadeiro culpado era Dane.

Quando termino, minha mãe simplesmente me encara. Ela parece tão velha sob a luz forte e implacável da cozinha. Ele ilumina a devastação do tempo que ela geralmente tenta tanto encobrir. As rugas, manchas da idade e fios grisalhos brotando ao longo da linha do cabelo.

“Ah, Maggie”, ela diz. “Você realmente não deveria ter feito isso.”

A inquietação atinge meus ombros com tanta força que todo Baneberry Hall parece tremer.

"Por que?" Eu digo.

O olhar da minha mãe percorre a sala, fazendo-a parecer um pássaro preso. “Precisamos ir embora”, diz ela.

"O que você não está me contando?"

“Precisamos sair e nunca mais voltar.”

Meu desconforto cresce, derramando-se sobre mim, pesando sobre mim. Quando minha mãe se levanta, preciso de todo o esforço que posso reunir para também me levantar e empurrá-la de volta para a cadeira.

“Nós vamos ficar aqui mesmo. Vamos sentar aqui e conversar, como fazem as famílias normais.” No caminho de volta para o meu lugar, vejo a torta de cereja no balcão. “Olha, tem até sobremesa.”

Pego a torta e a coloco na mesa. É seguido por dois garfos, que batem no tampo da mesa. Para mostrar, pego um, corto um pedaço enorme de torta e coloco na boca.

"Ver?" Eu digo, engolindo em seco. “Isso não é legal? Apenas um bate-papo entre mãe e filha que já vem de muito tempo. Agora fale.

Dou outra mordida enorme, esperando minha mãe falar. Em vez disso, ela pega um garfo e tira um pedacinho de torta. Ela tenta dar uma mordida, mas suas mãos tremem tanto que a torta cai do garfo. Uma bolha gelatinosa da cor de sangue cai sobre a mesa.

“Não sei o que você quer de mim”, diz ela.

"A verdade. Isso é tudo que eu sempre quis.” Dou uma terceira mordida na torta. Provando que sou capaz de fazer algo que ela não pode. “Você precisa me contar todas as malditas coisas que você escondeu de mim nos últimos vinte e cinco anos.”

“Você não quer saber a verdade. Você acha que sim, Maggie. Mas você não.

O olhar de pássaro da minha mãe para no buraco no teto da cozinha. É quando percebo que estava errado sobre Dane. Posso estar errado sobre tudo.

“Isso é sobre o papai?”

"Eu não quero falar sobre isso."

“Ele matou Petra Ditmer?”

“Seu pai nunca iria...”

“Certamente parece que sim”, eu digo. “Todo esse sigilo. Todas essas mentiras. Isso me faz pensar que ele realmente matou uma garota de dezesseis anos e que você o ajudou a encobrir isso.

Minha mãe afunda na cadeira. Sua mão, colocada com a palma voltada para baixo sobre a mesa, cai num deslizamento longo e exausto.

“Oh, querido,” ela diz com uma voz irregular por uma centena de emoções diferentes. "Meu querido bebê."

“Então é verdade?” Eu digo.

Minha mãe balança a cabeça. “Seu pai não matou aquela garota.”

"Então quem fez?"

Ela enfia a mão na bolsa e tira um envelope grande, que desliza pela mesa em minha direção. Abro e dou uma olhada. Dentro há uma pilha de páginas. O de cima traz um título inesperado.

Para Maggie

“Seu pai e eu rezamos para que esse dia nunca chegasse”, diz ela.

"Por que?"

“Nenhum de nós queria lhe contar a verdade.”

"Por que?"

“Porque não foi seu pai quem matou Petra.”

Meus olhos permanecem fixos na página à minha frente. "Então quem fez?"

“Você fez isso, Maggie”, diz minha mãe. "Você a matou."

Para Maggie

Estou escrevendo isso para você, Maggie, mas espero em Deus que você nunca veja isso. Se você fizer isso, significa que sua mãe e eu falhamos.

Por isso, lamentamos profundamente.

A esta altura, você já sabe um pouco da verdade sobre o que aconteceu na noite em que saímos de Baneberry Hall. Este é o resto. E embora seja minha maior esperança que você não leia além deste parágrafo, já sei que o fará. Afinal, você é minha filha.

Nunca planejamos deixar Baneberry Hall daquele jeito. Nunca planejamos partir. Apesar dos problemas de manutenção e das tragédias anteriores, era uma casa adorável. E poderia ter sido feliz se eu não tivesse ficado fascinado pela história da casa.

Admito que tive um motivo oculto quando convenci sua mãe a comprá-lo. Eu queria uma casa com um passado sobre o qual pudesse pesquisar e escrever e, com sorte, acabar com um relato de não ficção sobre ser um escritor freelance sitiado que restaurou o conserto que ele comprou imprudentemente.

Mas assim que descobri as circunstâncias que rodearam a morte de Indigo Garson, percebi que tinha encontrado uma ideia ainda melhor para um livro. Eu seria o freelancer sitiado que resolveu um assassinato no consertador que ele comprou imprudentemente.

Acabei escrevendo um livro bem diferente.

Uma palavra sobre House of Horrors: muito disso é verdade. Muito disso não é. Descobrimos cartas escritas para Indigo Garson pelo homem que desejava fugir com ela. Petra Ditmer e eu pesquisamos essas cartas, descobrindo outras tragédias que ocorreram na casa ao longo dos anos.

Mas para cada verdade, havia uma mentira.

Não existiam fantasmas, é claro, embora você tivesse vários amigos imaginários. Senhor Shadow era um deles. Senhorita Pennyface era outra.

Embora fossem fruto da sua imaginação, pareciam assustá-lo e fasciná-lo na mesma medida. Tanto que procuramos a ajuda do Dr. Weber.

Também não havia retratos de William e Indigo Garson sobre a lareira. Além das mortes de Katie Carver e Indigo – que acredito ter sido morta pelo pai e foi o que pretendi provar em meu livro – todas as outras mortes em Baneberry Hall foram simplesmente acidentes trágicos e completamente não relacionados.

Todos eles, exceto Petra Ditmer.

A culpa que sinto pelo que fizemos não diminuiu nem um pouco nos vinte e quatro anos desde que ela morreu. Ela era uma jovem brilhante. Ela merecia coisa melhor.

Sei que nunca esquecerei aquela noite, embora seja tudo o que quero fazer. Suspeito que será necessária a minha morte para apagar aquela noite horrível da minha memória. Mesmo assim, não tenho tanta certeza. Eu sei que deixamos nossos corpos quando falecemos. Espero que possamos escolher deixar certas memórias para trás também.

Aquela noite deveria ser boa – uma pausa muito necessária da luta diária de Baneberry Hall. A casa e todos os seus problemas afetaram sua mãe e eu. Podíamos nos sentir nos distanciando um pouco mais a cada dia. A faísca do nosso casamento havia desaparecido e precisávamos desesperadamente recuperá-la.

Para isso, decidimos fazer um “encontro noturno”, que é uma forma educada de dizer que alugamos um quarto no Two Pines com a intenção de foder como adolescentes. Precisávamos ficar longe não apenas da casa e de seus inúmeros problemas, mas também de você. Só por uma noite. Isso parece mais duro do que realmente é. Você também pode ser pai quando ler isto e, nesse caso, certamente entenderá.

Para fugir, contratamos Petra Ditmer para ser babá. Graças às suas travessuras na noite em que ela e a irmã foram passar a festa do pijama, Petra foi proibida de visitar Baneberry Hall e nos disse que precisaria sair escondida para ser babá. Sua mãe e eu debatemos a ética disso, decidindo que, como durou apenas algumas horas, um pouco de desonestidade por parte de Petra valia uma noite para nós. Nós precisávamos disso. Nós dois concordamos sobre isso. Precisávamos de um tempo sozinhos, para sermos nós mesmos novamente.

Petra saiu de casa e chegou pouco depois das oito. Sua mãe e eu fomos para o motel, onde nosso objetivo foi alcançado diversas vezes. Saímos do hotel à meia-noite, relaxados e felizes. O mais feliz que estivemos em semanas.

Terminou no momento em que entramos no Baneberry Hall e vimos o corpo de Petra Ditmer.

Ela estava deitada no final da escada, com os braços e as pernas torcidos como um pretzel. Tão distorcido que a princípio não consegui dizer o que eram pernas e o que eram braços. Nada parecia estar no lugar certo.

Eu sabia que ela estava morta, no entanto. Era óbvio. Seu pescoço também estava torcido. Virado em um ângulo tão antinatural que me sinto mal só de pensar nisso. Sua bochecha direita estava apoiada no chão e seu cabelo cobria a maior parte do rosto. Mas eu vi os olhos dela espiando por entre os fios. Dois olhos grandes, chocados e mortos.

Eu não conseguia parar de olhar para eles. Era horrível demais desviar o olhar. Eu já tinha visto pessoas mortas antes, é claro. Mas não alguém tão jovem. E definitivamente não alguém tão certamente morto. Todos os outros cadáveres que vi pareciam estar dormindo.

Petra definitivamente não estava dormindo.

Você sentou no topo da escada, soluçando baixinho. Quando perguntamos o que aconteceu, você olhou para nós e disse: “Não fui eu”.

Você ficava repetindo isso, quase como se estivesse tentando se convencer tanto quanto a nós.

“Não fui eu. Não fui eu. Não fui eu.

No começo, eu acreditei em você. Você era minha filha, afinal. Eu te conhecia melhor do que ninguém, até mesmo sua mãe. Você foi doce e gentil. Você não machucaria ninguém de propósito.

Mas então pensei em como você deu um soco na cara da irmã de Petra durante a festa do pijama. Isso me chocou então e me chocou novamente com a lembrança. Foi a prova de que a raiva fervia logo abaixo do seu comportamento plácido.

Também havia evidências físicas. A camisa de Petra estava rasgada. Havia uma abertura na costura do ombro, expondo a pele pálida. Logo acima havia três marcas de arranhões no pescoço, como se ela tivesse sido atacada. Você também teve um corte — um corte feio embaixo do olho

esquerdo. Eu só poderia presumir que foi causado por Petra, lutando contra você.

Mesmo assim, você continuou negando.

“Não fui eu. Não fui eu.

"Então quem foi, Maggie?" — perguntei, desejando com todas as minhas forças que você nos desse uma resposta lógica.

Mas você apenas nos olhou nos olhos e disse: “Senhorita Pennyface”.

Lembro-me daquele momento como se tivesse acontecido. Foi o momento em que percebi que meus medos estavam corretos. Como a senhorita Pennyface não existia, isso significava que foi você quem matou Petra.

As coisas teriam sido muito diferentes se a mãe de Petra soubesse que ela estava em Baneberry Hall. Não teríamos outra escolha senão recorrer às autoridades. Mas ninguém mais sabia que ela estava lá. Ninguém além de nós.

Então, quando sua mãe tentou ligar para o 911, eu a interrompi antes que ela pudesse discar.

Eu disse a ela que precisávamos pensar muito antes de fazer isso. Que pode não ser do nosso interesse envolver a polícia.

“Uma garota está morta, Ewan”, disse ela. “Eu não me importo com o nosso melhor interesse.”

“E quanto ao de Maggie?” Perguntei. “Porque o que quer que façamos a seguir, isso irá afetá-la pelo resto da vida.”

Expliquei que se ligássemos para o 911, a polícia levaria ainda menos tempo do que levamos para ver se não foi um acidente. A camisa rasgada de Petra e os arranhões no pescoço indicavam algo muito pior.

Mostrou que você a empurrou escada abaixo.

Eu não sabia o que precipitou isso. Eu não queria saber. Percebi que quanto menos eu soubesse, melhor. Mas eu sabia que ainda te amava, apesar do que você tinha feito. Achei que não havia nada que você pudesse fazer que me fizesse te amar menos. Mas temia que conhecer os detalhes do que aconteceu tivesse o potencial de mudar esse pensamento. E eu não queria ver você como um monstro, que é o que todo mundo teria pensado se se espalhasse a notícia de que você matou Petra.

Foi essa discussão que finalmente convenceu a sua mãe a concordar com o meu plano. Eu disse a ela que a percepção é uma coisa complicada.

Quando as pessoas pensam em você de uma determinada maneira, é quase impossível colocar aquele gênio de volta na garrafa. E quando o mundo considera alguém um monstro, as pessoas o tratam como tal, e não demora muito para que essa pessoa também comece a acreditar nisso.

“É isso que queremos para Maggie?” Eu disse. “Para ela ficar trancada em algum centro de detenção juvenil até os dezoito anos? Então passar o resto da vida sendo julgada pelas pessoas? Não importa o que ela faça, pelo resto da vida as pessoas olharão para ela e só verão um assassino. O que você acha que isso fará com ela? Que tipo de vida será essa?”

Não estou orgulhoso do que fiz naquela noite. A vergonha que carrego pesa no meu coração e me mantém acordado à noite. Mas preciso que você saiba que fizemos isso por você. Queríamos poupá-lo da existência brutal que certamente teria se a polícia se envolvesse.

Então decidimos manter isso em segredo.

Enquanto sua mãe levava você para cima para fazer um curativo no rosto, eu me livrava do corpo. Embora escrever essas palavras agora tenha me deixado enjoado, foi exatamente o que fiz. Este não foi um ato de enterro. Era descarte, puro e simples. Coloquei o corpo de Petra em uma mochila de lona que sobrou dos meus tempos de repórter itinerante. Deixei-o cair no buraco no chão onde encontramos as cartas para Indigo Garson, recoloquei as tábuas e desenrolei o carpete sobre elas.

Só assim, Petra se foi.

Foi sua mãe quem exigiu que saíssemos de Baneberry Hall. Vocês dois desceram, você com um curativo na bochecha e ela carregando o ursinho de pelúcia que Petra trouxera naquela noite.

Suspeito que foi o urso que causou o que aconteceu a seguir. Isso tirou sua mãe do estado de choque, fazendo-a perceber que não era apenas uma pessoa aleatória que enterramos sob as tábuas do chão, mas uma jovem. Alguém inteligente e doce que ainda dormia com um ursinho de pelúcia.

“Eu não posso estar aqui”, sua mãe engasgou quando todo o peso de nossas ações foi absorvido. Não depois do que fizemos com ela. Eu simplesmente não posso.”

Compreendi então que não tínhamos escolha senão partir. Atordoado, escondi o urso no armário do meu escritório. Em seguida, entramos no carro sem arrumar nada e voltamos para o motel Two Pines. Graças a uma mudança de turno, havia um novo funcionário na recepção. E como

pagamos em dinheiro, não havia registro de que alguma vez estivemos lá naquela noite.

“Nunca mais voltarei para lá”, disse sua mãe quando entramos em nosso quarto. “Eu não posso, Ewan. Desculpe."

Eu também achei sensato não voltar. Tínhamos escapado impunes de um ato hediondo. Voltar para Baneberry Hall nos lembraria diariamente do que havíamos feito. Tudo que eu queria era esquecer.

“Nunca mais voltaremos”, eu disse a ela. “Nenhum de nós jamais voltará para lá.”

“Mas as pessoas vão procurar Petra”, disse sua mãe. “Quando perceberem que ela está desaparecida, vão perguntar por que estamos aqui e não em Baneberry Hall. Precisamos dar-lhes uma razão.”

Eu sabia que ela estava certa. Precisávamos encontrar uma explicação para o motivo de termos saído. Um sólido. Um que parece inocente. Mas isso não foi fácil. Especialmente quando as pessoas começaram a procurar Petra. Eu sabia que a polícia iria revistar a casa para respaldar nossa afirmação. Bastaria meia hora e um mandado de busca.

Mas inventar outra calamidade na casa estava fora de cogitação. Não poderia haver um cano estourado ou outra infestação de cobras. Nosso motivo para partir tinha que soar apropriadamente extremo e ao mesmo tempo ser completamente invisível.

Foi você, ironicamente, quem teve a ideia. Meio adormecido em frente à TV do motel sem som, você disse: “Quando vamos para casa?”

“Não estamos”, respondeu sua mãe.

Sua resposta motivou tudo o que se seguiu.

"Porque a senhorita Pennyface nos assustou?" você disse.

A princípio, a ideia de alegar que abandonamos Baneberry Hall porque era mal-assombrada me pareceu absurda. Ninguém acreditaria. Mas quanto mais eu pensava sobre isso, mais sentido fazia. Seria impossível provar que estávamos mentindo. Além disso, àquela altura eu já conhecia o suficiente da história de Baneberry Hall para contar uma história decente. Depois havia o fato de que, por ser tão ridícula a ideia de uma assombração, ela poderia desviar a atenção do segredo maior escondido dentro da casa.

Nós fomos com isso. Não tivemos outra escolha.

Não que houvesse muito tempo para pensar nisso. Eu sabia que, para desviar as suspeitas de nós, precisávamos deixar registrado que Baneberry

Hall era assombrado antes que se espalhasse a notícia de que Petra havia desaparecido.

Liguei para a polícia para relatar um distúrbio na casa. O policial Alcott chegou ao motel logo depois. E durante a hora seguinte, contei a ela sobre o senhor Shadow e a senhorita Pennyface e os horrores que havíamos suportado. Eu sabia que a policial não acreditava em mim, principalmente depois que ela foi até a casa verificar as coisas.

Quando ela voltou para dizer que tudo parecia bem, eu sabia que havia uma chance de realmente escaparmos impunes. Iríamos nos mudar para outra cidade. Instale-se em um lugar distante e finja que o incidente em Baneberry Hall nunca aconteceu.

O que eu não esperava era tudo o que veio depois. A entrevista ao jornal, que me senti obrigado a dar, para que a polícia não pensasse que não estávamos falando sério. Esse foi o problema, Maggie. Não nos importávamos se as pessoas acreditassem em nós. Só precisávamos que eles pensassem que acreditávamos nisso.

Então mantivemos o estratagema, mesmo quando a história começou a ser notícia em todo o estado e além. Depois veio a oferta do livro, que foi tão inesperada e lucrativa que tivemos que aceitá-la.

Sua mãe não queria que eu escrevesse House of Horrors. Principalmente quando tive que voltar a Baneberry Hall duas semanas depois do crime para buscar minha máquina de escrever. Mas eu sabia que não havia como evitá-lo. Sua mãe parou de trabalhar como professora e eu não tinha nenhum trabalho de redação agendado. Precisávamos desesperadamente de dinheiro. Eu não pensei que nada aconteceria com isso. Considerei um trabalho temporário que, com sorte, levaria a outras tarefas de redação. Nunca, nem por um segundo, pensei que isso iria explodir nessa coisa indisciplinada que não poderíamos mais controlar. Quando isso aconteceu, a sorte estava lançada. Sua mãe e eu fomos forçados a passar o resto de nossas vidas fingindo que as ficções daquele livro eram verdadeiras. Foi uma mentira que acabou por nos separar.

Durante tudo isso, sua mãe e eu debatemos como ajudá-lo a seguir em frente. Você matou alguém, seja com raiva ou acidentalmente, e estávamos preocupados em como isso afetaria você e que tipo de pessoa você se tornaria. Eu queria mandar você para terapia, mas sua mãe – com razão – temia que você revelasse o que havíamos feito durante uma de suas sessões.

Ela queria lhe contar a verdade, algo de que eu queria desesperadamente protegê-lo. Eu nunca, jamais quis que você sentisse a culpa que eu carregava.

Como você parecia se lembrar muito pouco do nosso tempo em Baneberry Hall e não se lembrava da noite em que partimos, sua mãe e eu decidimos que a melhor coisa a fazer era deixar você esquecer. Optamos por ficar em silêncio, ficar atentos ao seu humor e mentalidade e tentar educá-lo da melhor maneira possível.

Eu sei que foi difícil para você, Mags. Eu sei que você tinha perguntas que nenhum de nós poderia responder com sinceridade. Tudo o que queríamos fazer era protegê-los da verdade, mesmo sabendo que a falsidade que havíamos criado em seu lugar estava causando seus próprios danos. Esse livro machucou você. Nós machucamos você também.

Poderíamos ter feito melhor. Deveríamos ter feito melhor. Mesmo que cada vez que você pedia a verdade fosse um lembrete da culpa que todos nós carregamos.

Suponho que essa seja outra razão pela qual estou escrevendo isto, Maggie. Para me livrar da culpa que senti por quase um quarto de século. Considere isso minha confissão tanto quanto sua.

Agora são cinco da manhã e o sol nascerá em breve. Passei a noite inteira escrevendo isto em meu escritório em Baneberry Hall. Você pode ou não saber disso agora, mas nunca vendemos a casa. Nós nunca sequer consideramos isso. Sabendo o que havia embaixo do chão, vendê-lo era um risco muito grande.

A culpa me traz de volta aqui todos os anos, no aniversário da noite em que aconteceu. Venho prestar meus respeitos a Petra. Para pedir desculpas pelo que fizemos com ela. Minha esperança é que, se eu fizer isso várias vezes, talvez ela nos perdoe.

Cada vez que estou aqui, me pergunto a mesma coisa: tomei a decisão certa naquela noite?

Sim, se você considerar como cresceu e se tornou uma jovem inteligente e obstinada.

Serei julgado severamente por isso na vida após a morte?

Sim. Eu realmente acredito que vou.

Suponho que descobrirei em breve.

Tudo o que sei com certeza é que você sempre foi minha realização de maior orgulho. Eu amei você antes de colocarmos os pés em Baneberry Hall, e amei você tanto depois que saímos de lá.

Você é o amor da minha vida, Maggie.

Você sempre foi e sempre será.

Vinte e cinco

Ler a carta do meu pai é como mergulhar em mil alçapões. Um após o outro. Gota após gota após gota chocante. E não consigo parar a sensação. Não há luta neste outono.

"Você está mentindo." Minha voz parece distorcida, como se eu estivesse falando debaixo d'água. "Você está mentindo para mim."

Minha mãe vem em minha direção. “Eu não estou, querido. Isso é o que aconteceu."

Ela envolve seus braços em volta de mim. Eles parecem tentáculos. Estrangeiro. Frio. Tento afastá-la. Quando ela se recusa, eu me contorço e caio da cadeira. Minha mão desliza pela mesa, levando consigo as páginas que meu pai escreveu. Caí no chão, papel flutuando ao meu redor.

“É mentira”, eu digo. "É tudo mentira."

Embora eu continue repetindo isso, sei no fundo do meu coração que não é. Meu pai não inventaria algo assim. Nem minha mãe. Não há razão para isso. O que significa que o que li é verdade.

Eu quero gritar.

Eu quero vomitar.

Quero alcançar o objeto pontiagudo mais próximo e rasgar minhas veias.

“Você deveria ter contado à polícia”, digo, soluçando de tristeza. “Você não deveria ter encoberto isso.”

“Fizemos o que achamos que era melhor para você.”

“Uma menina estava morta, mãe! Ela era apenas uma criança!

“E você também!” minha mãe diz. "Nossa criança! Se tivéssemos chamado a polícia, sua vida estaria arruinada.”

“E eu teria merecido”, digo.

"Você não fez isso!" Minha mãe se junta a mim no chão, rastejando em minha direção da maneira lenta e cautelosa com que alguém se aproxima de um animal preso. “Você é doce, lindo e inteligente. Seu pai e eu sabíamos

disso. Sempre soubemos disso. E nos recusamos a destruir sua vida porque você cometeu um erro.”

“Eu matei alguém!”

Dizer isso desencadeia a onda de emoção que venho tentando conter. Isso flui de mim. Em lágrimas. Com meleca. Na saliva que escorre da minha boca enquanto gemo.

“Você não queria”, diz minha mãe. "Estou certo disso."

Eu olho para ela com olhos nublados de lágrimas. “Temos que dizer a verdade.”

“Nós não, Maggie. O que precisamos fazer é arrumar suas coisas e ir embora. Venderemos este lugar e nunca mais voltaremos. Desta vez para sempre.

Eu olho para ela, horrorizado. Não acredito que ela ainda se recusa a fazer a coisa certa. Que depois de todos esses anos e de todas essas mentiras, ela ainda quer fingir que nada disso aconteceu. Eles tentaram isso uma vez e quase nos destruiu.

Algo quebra dentro de mim. Surpreendente, já que não achei que alguma parte de mim tivesse ficado ilesa. Mas meu coração ainda estava intacto, apenas esperando que minha mãe o quebrasse. Posso senti-lo se desintegrando – um arrepio que faz meu peito arfar.

“Saia,” eu digo.

"Maggie, apenas me escute."

Minha mãe estende a mão para mim e eu recuo. Quando ela vem atrás de mim novamente, eu golpeio, minha palma aberta chicoteando sua bochecha.

"Sair!" Eu grito desta vez, as palavras ecoando na parede de sinos. Continuo gritando até ficar com o rosto vermelho e espumando.

"Sair! Saia da porra da minha casa!

Minha mãe fica congelada no chão, com a mão no rosto. As lágrimas brilhando em seus olhos me dizem que seu coração também está partido.

Bom.

Agora estamos quites.

“Se você quer jogar sua vida fora, não posso impedi-lo”, diz ela. “Mas eu me recuso a ver você fazer isso. Seu pai não foi o único que te amou incondicionalmente. Eu sinto o mesmo que ele. Sobre tudo."

Ela se levanta, alisa a calça e sai da cozinha.

Não me movo até que o som da porta da frente se fechando chega até a cozinha. A essa altura já decidi o que vou fazer.

Vou esperar.

A esta altura, o Chefe Alcott provavelmente está interrogando Dane sobre a noite em que Petra morreu. Ao contrário de mim, ela vai perceber que não faz sentido. Que há mais nesta história. Então ela voltará aqui, armada de perguntas.

Responderei a cada uma delas.

Sem minha mãe, levanto-me e subo os degraus da cozinha. É uma luta. O choque deixou minhas pernas pesadas e meu corpo lento. Não melhora no primeiro andar. A grande sala parece mudar a cada passo. As paredes balançam, como se fossem atingidas por um vento forte, balançando para frente e para trás. Sob meus pés, o chão cede. Eu tropeço, mesmo que o chão não esteja realmente empenado. Nem as paredes estão realmente balançando.

Sou eu quem está fazendo a mudança.

Uma mudança interna em que tudo que eu pensava saber sobre mim mesmo é subitamente destruído.

Vim aqui querendo saber a verdade. Agora eu faço.

Eu sou um assassino.

Um fato com o qual preciso me acostumar. Porque neste momento a constatação é tão pesada que não aguento mais. Acabo subindo as escadas até o segundo andar. Há mais rastejamento no corredor. Mesmo assim fico tão tonto que esbarro continuamente na parede a caminho do meu quarto.

Lá dentro, me jogo na cama, exausta demais para me mover. Quero dormir muito tempo. Dias e dias.

Talvez para sempre.

Antes de fechar os olhos, olho para o armário em frente à cama.

Ocorre-me que há apenas algumas horas eu planejei demoli-lo. No entanto, aqui está, ainda de pé, um som estranho vindo de dentro.

Ouvir isso corta minha tontura o suficiente para me fazer sentar, assustado.

As portas do armário se abrem lentamente, revelando alguém parado lá dentro.

Quero acreditar que estou sonhando. Que toda essa experiência nada mais é do que um terror noturno do qual acordarei a qualquer momento.

Mas não é um pesadelo.

É a realidade e não há nada que eu possa fazer para impedir isso.

As portas do armário continuam a se abrir, revelando mais da figura escura em suas profundezas.

Senhor Sombra.

Ele é real.

Eu sei disso agora.

Ele sempre foi real.

No entanto, quando a figura finalmente emerge do armário, vejo que estou errado. Não é o senhor Shadow entrando cautelosamente na sala.

É a senhorita Pennyface.

Ela dá mais um passo e as moedas caem de seus olhos. Só que não há moedas. Nunca houve. A luz da lua entrava pela janela do quarto e refletia em um par de óculos.

Agora que acabou, vejo a Srta. Pennyface como ela realmente é.

Marta Carver.

“Olá, Maggie”, ela diz. “Já faz muito tempo que não nos conhecemos assim.”

Vinte e seis

Marta para ao pé da cama, pairando sobre mim, e tenho uma sensação de déjà vu.

Não.

É mais do que isso.

É uma memória.

Ela está assim, só que nós dois somos mais jovens. Vinte e cinco anos mais jovem. Tenho cinco anos e tremo debaixo das cobertas, fingindo que estou dormindo, mas observando-a secretamente com os olhos semicerrados.

Observá-la me observar enquanto o luar brilha novamente em seus óculos.

Pior ainda é que isso aconteceu mais de uma vez. As memórias continuam, acumulando-se, uma após a outra, como uma horrível apresentação de slides projetada na parte de trás das minhas pálpebras.

Senhorita Pennyface me visitando à noite novamente.

E de novo.

E de novo.

Marta deve ver a lembrança em meus olhos, pois diz: “Quando Katie estava viva, eu entrava neste quarto quase todas as noites, só para vê-la dormir. Eu a amava tanto, Maggie. Muito mesmo. Nunca percebi o quão forte o amor de uma mãe poderia ser até que eu mesma me tornei uma. Então eu soube. O amor de uma mãe é feroz.”

Ela me lança um sorriso maternal antes de se aproximar da cama.

“Mas então meu marido levou tudo embora. Primeiro Katie, depois ele mesmo. E eu não sabia mais o que fazer com todo aquele amor feroz. Então sua família chegou. “Eles têm uma filha”, disse-me Janie June. ‘Uma linda garotinha.’ Quando ouvi isso, soube que precisava ver você com meus próprios olhos.

Ela aponta a cabeça em direção ao armário, não apenas seu esconderijo, mas também sua passagem secreta para entrar e sair de Baneberry Hall. Ela morava aqui há tempo suficiente para saber de sua existência. Minha família não tinha.

“Voltei aqui noite após noite”, diz ela. “Para não machucar você. Eu não tinha interesse em causar-lhe mal, Maggie. Eu só queria ver você dormir, assim como fiz com minha própria filha. Parecia que ela realmente não tinha partido. Só por alguns minutos. Preciso que você entenda isso, Maggie. Eu nunca quis machucar ninguém.”

Uma última lembrança me atinge como um tapa. Marta parada perto de mim, observando. Só que desta vez não estamos sozinhos. Ouço alguém no corredor, entrando na sala na ponta dos pés para me verificar.

Petra.

Ela grita ao ver Marta, que corre em sua direção.

“Não é o que você pensa”, diz ela.

Petra se move em direção à cama, tentando me alcançar. Marta a intercepta, agarrando seus braços.

"O que você está fazendo aqui?" Petra grita.

"Deixe-me explicar."

“Você pode explicar para a polícia.”

Petra se desvencilha de Marta e sai correndo da sala, descendo as escadas até o único telefone da casa.

Marta segue. Ouço uma briga no corredor. Pés pesados nas tábuas do chão. Um baque forte contra a parede. Aterrorizada, deslizo para fora da cama e sigo os sons. Marta e Petra estão no alto da escada discutindo. Marta segura Petra pelos ombros, sacudindo-a enquanto diz: “Apenas me escute. Por favor, deixe-me explicar.

Corro até eles, apavorado, gritando e implorando para que parem. Agarro o braço direito de Marta. Ela o solta e balança para mim, as costas da mão tocando meu rosto. Seu anel crava-se na carne sob meu olho – um arranhão de dois centímetros de comprimento que instantaneamente começa a sangrar.

Ouve-se outro grito e Petra cai para trás escada abaixo.

A memória acaba e caio de volta na cama, incapaz de ficar de pé. Toda a minha energia se foi. A cama balança como um barco desatracado, à

mercê das ondas. Quando Marta se senta na beira da cama, fica em um ângulo inclinado que não seria possível na vida real.

“Você matou Petra,” eu gemo.

“Eu não queria, Maggie. Foi um acidente. Foi tudo um acidente terrível. Marta pega minha mão e a segura. “Depois que aconteceu, eu não sabia o que fazer. Então eu corri. Eu sabia que a polícia viria atrás de mim eventualmente. Era apenas uma questão de tempo. Passei aquela noite esperando por eles, sentindo-me quase tão assustada quanto quando encontrei o corpo do meu marido naquele escritório dele. Mas algo estranho aconteceu. A polícia nunca chegou. Foi quando eu soube que sua família não havia contado a eles.”

Ela toca minha testa, que está molhada de suor. Tudo de mim é. Um súbito vazamento de suor que me deixa perplexo até que meu estômago começa a doer. É uma dor aguda e pungente que me deixa ofegante.

“Você comeu a torta”, diz Marta. "Bom. Isso torna tudo mais fácil.”

Tento gritar. Não sai nada além de algumas raspagens doloridas.

“Calma, agora”, diz Marta. “Não é nada para se preocupar. Só uma tortinha com algumas amoras misturadas.

Agarro meu estômago e rolo, o quarto rolando comigo. Marta fica ao meu lado, esfregando minhas costas de forma maternal.

“Nunca entendi realmente por que seus pais esconderam a morte de Petra”, diz ela. “Mesmo depois que o livro foi lançado, eu me perguntava qual era o pensamento deles. Levei muito tempo para entender que eles pensavam que você tinha feito isso, Maggie.

Sua mão continua circulando nas minhas costas. Eu me pergunto se ela fez a mesma coisa com Katie quando ela estava se sentindo mal.

“Tenho que admitir, fiquei aliviado. Deus me ajude, eu estava. Eu me senti péssimo com o que aconteceu. Aquela pobre garota. Ela não merecia isso. E houve algumas vezes que pensei em confessar. Apenas marchando até Tess Alcott e contando a verdade. Não o fiz porque ninguém entenderia que foi um acidente. Ninguém veria dessa forma. Eu teria sido punido pelo que aconteceu. Mas, pensando bem, não fui punido o suficiente?

Marta faz uma pausa, como se esperasse que eu concordasse.

Não digo nada.

“Passei os últimos vinte e tantos anos com a certeza de que estava segura”, diz ela. “Que Deus decidiu que eu já sofri o suficiente por uma

vida. Então você voltou. E Petra foi encontrada. E eu sabia que era apenas uma questão de tempo até que a verdade finalmente fosse revelada."

A mão de Marta para nas minhas costas e fica lá. Fico tenso sob isso, temendo o que está por vir.

"Não posso deixar isso acontecer, Maggie", diz ela. "Eu sofri. Muito mais do que a maioria. Perdi minha filha e meu marido no mesmo dia. Poucas pessoas neste mundo conhecerão esse tipo de dor. Mas eu sim. Eu sei disso muito bem. Perdoe-me, mas não vou sofrer mais."

Ela me vira de costas em um movimento brusco e surpreendente. Estou muito fraco para lutar contra isso. Apenas uma boneca de pano nos braços. A sala para de se inclinar o suficiente para eu notar o travesseiro encostado em seu peito.

Marta empurra o travesseiro no meu rosto. Um escurecimento repentino. Minha respiração, já difícil, torna-se quase inexistente. Eu suspiro por ar, sugando a fronha, quase engasgando com o tecido.

Ela sobe em cima de mim, aumentando a pressão do travesseiro. Tento resistir por baixo dela, para bater nas pernas. Mas não tenho mais energia. Os baneberries roubaram de mim. O máximo que posso fazer é rolar novamente para o lado.

Funciona.

Marta perde o equilíbrio e cai para longe de mim.

Eu também caio.

Fora da cama.

Em direção ao chão.

Respiro fundo o ar abençoado e a adrenalina entra em ação, dando-me forças para começar a me arrastar pelo chão. Estou na porta quando Marta agarra um tornozelo e me puxa de volta para a cama.

Eu grito e estendo minha perna livre em um chute enlouquecido e desesperado. Meu pé bate no rosto de Marta, o que a faz começar a gritar também. O som ressoa nas paredes enquanto retomo minha corrida frenética pelo corredor.

Marta só me alcança no topo da escada. Quando ela agarra minha perna novamente, espero outro puxão de volta para o quarto. Em vez disso, ela o levanta, me virando.

Por um momento, toda a casa fica de cabeça para baixo.

Então estou na escada.

Ainda mudando.

Agora rolando.

Agora saltando.

As bordas dos degraus batem nas minhas costas. Minha cabeça bate na parede. Meus olhos se abrem para ver os trilhos do corrimão passando pelo meu rosto.

Quando termina, estou de costas ao pé da escada. Muito acima de mim, Marta está no topo da escada, um pouco inclinada para a frente, olhando para ver se estou morto.

Eu não sou.

Mas acho que estou morrendo.

Uma luz brilhante se forma no topo da escada, ofuscante em sua intensidade. Tão brilhante que faço uma careta e aperto os olhos. Com esse estreitamento dos olhos, consigo ver alguém dentro da luminosidade: uma jovem logo atrás de Marta, pairando sobre seu ombro.

Ela se parece com Petra Ditmer.

Ainda com dezesseis anos e linda, exibindo um sorriso de profunda satisfação.

A luz não dura mais que um piscar de olhos. Definitivamente não o suficiente para confirmar se o brilho era de fato Petra ou apenas um truque da minha mente envenenada.

Tudo o que sei é que, pouco antes de a luminosidade diminuir, Marta Carver salta para a frente, como se tivesse sido empurrada. Ela cai escada abaixo, os ossos quebrando como gravetos. Há um estalo final quando ela pousa – um forte estalo de seu pescoço que sinto em meus ossos.

Seu corpo repousa a trinta centímetros do meu, sua cabeça torcida como um brinquedo elástico.

É quando eu sei que ela está morta.

E isso eu não sou.

E que tudo isso finalmente acabou.

Viro a cabeça, olhando para cima, meu olhar subindo a escada que nós dois acabamos de cair.

É quando vejo alguém parado no topo da escada.

A pessoa que empurrou Marta para a morte.

Não é Petra, como pensei.

É a mãe dela.

Elsa Ditmer olha para mim com olhos selvagens e alertas. É claro que ela sabe exatamente onde está, o que fez e, depois de vinte e cinco longos anos, o que aconteceu com sua filha.

Epílogo

Vermont é lindo em outubro. Nada além de céus cerúleo e folhas ardentes e o cheiro de fumaça de lenha no ar. De manhã, gosto de tomar meu café na varanda da frente do Baneberry Hall e absorver tudo.

É meu primeiro outono em Vermont. Provavelmente também será o meu último.

Não há muito o que fazer em casa. Com a ajuda ocasional de Allie, passei o resto do verão e a maior parte do outono reformando o lugar. Meu plano original em tudo, menos na execução. Em vez do glamour vitoriano que imaginei, optei pela suavidade moderna. Salas abertas e piso laminado e tudo branco. Parecia a melhor opção. Algumas casas não merecem ter suas histórias preservadas.

Não está claro por quanto o Baneberry Hall será vendido quando for listado. A casa está mais uma vez nos noticiários – nem sempre uma coisa boa no mundo imobiliário.

Apesar de ser divulgado em todos os lugares que o Livro era uma mentira para encobrir o que meus pais pensavam que eu tinha feito, persistem rumores de que Baneberry Hall é mal-assombrado. As pessoas também continuam a acreditar que meu pai estava certo e que Curtis Carver nunca assassinou a filha antes de se matar. Na verdade, há uma suspeita crescente de que a própria Marta possa ter feito isso, embora todas as evidências sugiram o contrário.

Tudo isso trouxe à tona os ghouls, que retornaram com vigor renovado. A situação ficou tão ruim que o chefe Alcott teve que voltar a estacionar uma viatura policial do lado de fora do portão da frente. Trago café para a polícia todas as noites.

Mas não me sinto mais inseguro aqui. Ajuda o fato de eu ter reconstruído a parte desmoronada da parede, embora tenham sido apenas os Ditmers e Marta Carver que entraram na propriedade dessa maneira. Também mandei bloquear a passagem secreta e instalei um sistema de

segurança residencial de última geração. Chega de pedaços de papel presos na porta para mim.

Quanto ao armário, felizmente peguei uma marreta, saboreando o estalo da madeira que vinha a cada golpe. Mesmo assim, não durmo mais naquele quarto, tendo me mudado para o antigo quarto dos meus pais.

Acontece que Marta Carver não foi a única pessoa que entrou furtivamente naquele armário para me visitar durante a noite. Elsa Ditmer também. Embora apenas parcialmente lúcida quando entrevistada pelo chefe Alcott, ela confirmou, de maneira vaga e indireta, que havia entrado em meu quarto pelo menos duas vezes quando eu era criança.

Só eu a conhecia como outra pessoa.

Senhor Sombra.

Não um fantasma, mas uma mulher supersticiosa que conhecia a história de Baneberry Hall e vinha à noite para sussurrar um aviso que quase se tornou realidade.

Você vai morrer aqui.

Mas agora Elsa e a filha desapareceram. O Alzheimer da Sra. Ditmer deve ser demais para Hannah, e ela foi internada em um centro de cuidados perto de Manchester. Hannah foi com ela, mudando-se para um estúdio para poder ficar perto dela.

Antes de partirem, minha mãe pediu desculpas a Hannah, que fumava sem parar enquanto ouvia. Quando minha mãe terminou, Hannah disse simplesmente: “Você causou vinte e cinco anos de dor à minha família. Nenhum pedido de desculpas vai compensar isso.”

Foi a última vez que a vi, embora nos dias que antecederam sua partida eu tenha notado cada vez mais itens faltando no Baneberry Hall, incluindo o ursinho de pelúcia de Petra, Buster. Fora isso, tudo o que desapareceu da casa acabou em seu site de leilões online. Graças ao interesse renovado no Baneberry Hall e no Livro, muitas coisas foram vendidas por cinco vezes o que valem.

Dane também se foi.

Passei pela casa dele logo depois que ambos saímos do hospital. Para seu crédito, ele ouviu o que eu tinha a dizer, deixando-me passar uns bons dez minutos em pé na soleira de sua porta e divagando minhas desculpas.

Ele não disse nada quando terminei. Ele simplesmente se virou e fechou a porta.

Uma semana depois, ele se mudou.

Parece-me irônico que eu seja o único que ainda esteja aqui. Eu, que nunca deveria voltar em primeiro lugar. Mas foi mais do que apenas o trabalho na casa que me manteve aqui. Quero permanecer em Bartleby até que todas as questões legais terminem.

Isso deverá acontecer na próxima semana, quando a minha mãe será condenada pelo seu papel no encobrimento da morte de Petra Ditmer.

Acontece que o que ela me disse na cozinha estava errado. Ela poderia me impedir de jogar minha vida fora confessando o assassinato de Petra Ditmer, que foi exatamente o que ela tentou fazer imediatamente depois de me deixar sozinho em Baneberry Hall. Enquanto Marta Carver esfregava minhas costas e me contava como matou Petra acidentalmente, minha mãe conversava com o chefe Alcott.

Depois de ouvir a história da minha mãe, o chefe veio até minha casa para também me levar para interrogatório. Em vez disso, descobriu Elsa Ditmer, perdida mais uma vez numa névoa de Alzheimer na sala, e Marta e eu esparramados em frente à escada.

Marta estava morta.

Eu estava no meu caminho.

Depois de fazer uma lavagem estomacal, restaurar os fluidos e enfaixar um pulso fraturado, contei tudo ao chefe Alcott. Até incluí a parte sobre ver Petra Ditmer no momento em que Elsa empurrava Marta escada abaixo, embora todos concordem que eu estava tendo alucinações.

Espero que não.

Gostaria de pensar que foi o espírito de Petra, ajudando a mãe dela a salvar minha vida.

Depois que o chefe Alcott esclareceu a história de todos, chegou a hora da confissão formal de minha mãe. Em julho, ela se declarou culpada de uma acusação de ocultação de um cadáver. Agora cabe ao juiz decidir sua punição. Embora ela possa pegar até três anos de prisão, seus advogados acham que ela poderia escapar completamente da prisão.

Sempre que pergunto à minha mãe se ela tem medo de ir para a prisão, ela me diz que não.

“Mesmo que tenhamos feito o que achamos certo, ainda assim foi errado”, disse ela ontem ao telefone. “Vou cumprir o horário que o juiz achar adequado. Tudo que me importa é que você me perdoe.

Eu faço.

Eu a perdoei no momento em que ouvi ela confessar o que nós dois pensávamos ser meu crime. Eu não teria deixado ela continuar com isso, é claro. Se tivesse sido eu quem matou Petra, eu teria admitido. Mas o fato de minha mãe estar disposta a se sacrificar daquele jeito me disse que eu estava errado a respeito dela. Ela não era um monstro. Nem meu pai. Eles eram apenas duas pessoas colocadas em uma situação insondável e aterrorizadas com o que poderia acontecer com sua filha.

Isso não desculpa o que eles fizeram.

Mas com certeza explica isso.

Acontece que tudo era para mim. Quanto a quem é, ainda estou descobrindo.

Que o relacionamento entre minha mãe e eu seja o melhor de todos os tempos é outra ironia. Ela gosta de brincar que tudo o que foi necessário para nos darmos bem foi uma sentença de prisão iminente. Mesmo assim, ainda não consigo deixar de pensar no que poderia ter sido. Muitos anos foram desperdiçados em acobertamentos e mentiras. Agora tudo o que podemos fazer é recuperar o tempo perdido. Eu só queria ter sido capaz de fazer a mesma coisa com meu pai. Mas espero que ele saiba, onde quer que esteja agora, que também foi perdoado.

Minha mãe e Carl estiveram muito em Bartleby nos últimos meses, por motivos relacionados ao processo criminal dela. Embora agora ela esteja bem em passar uma tarde em Baneberry Hall, ela se recusa a passar a noite. Ela e Carl sempre reservam um quarto no Two Pines, o que, pelo menos na minha opinião, é provavelmente pior que a prisão.

Quando eles não estão na cidade, passo as noites perambulando por Baneberry Hall, pensando em tudo o que aconteceu dentro destas paredes. Às vezes, apenas sento e espero Petra aparecer. Ao contrário de todas as outras pessoas, não creio que ela tenha sido uma alucinação provocada pela ingestão de amoras silvestres e pela aproximação da morte.

Acredito que ela era real e gostaria de vê-la mais uma vez antes de partir.

Quero dizer a ela que sinto muito e agradecer por ter vindo em meu socorro.

Talvez ela já saiba dessas coisas. Talvez ela finalmente esteja em paz.

Neste momento, estou no escritório do terceiro andar, em pé diante da mesa do meu pai. Tudo o que está aqui agora é sua velha máquina de escrever. Passei várias noites na frente dele, meus dedos tropeçando nas teclas, debatendo se deveria ou não pressionar algumas delas.

Esta noite, decido que é a hora certa. Só porque meu design de interiores não inclui vestígios da história de Baneberry Hall não significa que não vou contá-la. Na verdade, a mesma editora que lançou o livro há tantos anos já me contatou para escrever uma sequência.

A princípio recusei, apesar do adiantamento considerável que ofereceram. Sou designer, não escritor. Mas agora estou pensando em aceitar a oferta deles. Não pelo dinheiro, embora isso mantenha Allie e eu no mercado por muitos anos.

Quero fazer isso porque é o que acho que meu pai teria desejado.

Afinal, sou filha dele.

Então, esta noite, sento-me diante de sua máquina de escrever e digito no teclado, escrevendo o que pode ou não ser a primeira frase do que pode ou não se tornar uma nova versão do Livro.

Cada casa tem uma história para contar e um segredo para partilhar.

CASA DOS SEGREDOS

A VERDADEIRA HISTÓRIA

MAGGIE HOLT

MURRAY-HAMILTON, INC.,
NOVA IORQUE, NY

AGRADECIMENTOS

Cada livro é uma jornada que começa com o germe de uma ideia e termina com um produto final que reflete o trabalho árduo de dezenas de pessoas. Isso inclui todos da Dutton e da Penguin Random House, especialmente a fabulosa Maya Ziv, que me guia em cada livro com carinho, apoio e um olhar editorial aguçado. Um agradecimento especial a Alex Merto e Chris Lin por continuarem a dar capas aos meus livros que são sempre maravilhosamente assustadoras.

Na Aevitas Creative Management, devo um milhão de agradecimentos à minha tenaz agente, Michelle Brower, e a Chelsea Heller e Erin Files, que ajudaram meus livros a voar pelo mundo.

Agradecimentos especiais vão para a Rodgers & Hammerstein Organization por me conceder permissão para usar a letra de “Sixteen Going on Seventeen”. Ser autorizado a deixar a música deles vagar pelos corredores da minha criação assombrada faz meu coração cantar.

Obrigado, como sempre, a Sarah Dutton por ser uma excelente primeira leitora que não faz rodeios, e às famílias Ritter e Livio pelo seu incansável entusiasmo e apoio. Finalmente, devo mais do que agradecimento a Michael Livio, que me acompanhou de boa vontade nesta jornada em cada passo do caminho. Isto é para você. Sempre.

SOBRE O AUTOR

Home Before Dark é o quarto thriller da autora best-seller do New York Times, Riley Sager, pseudônimo de uma autora que mora em Princeton, Nova Jersey. O primeiro romance de Riley, Final Girls, foi um best-seller nacional e internacional que foi publicado em mais de duas dezenas de países e ganhou o ITW Thriller Award de Melhor Romance de Capa Dura. Os romances de Sager, The Last Time I Lied e Lock Every Door, foram best-sellers do New York Times.



O que vem a seguir na sua lista de leitura?
Descubra sua próxima ótima leitura!

Obtenha escolhas de livros personalizadas e notícias atualizadas sobre este autor.
Inscreva-se agora.